UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN.
CAMPUS DE BAURU – SP

OSVANDO JOSÉ DE MORAIS

Hermenêutica Midiática e Humanismo

Media Hermeneutics and Humanism

BAURU - SP
2024

OSVANDO JOSÉ DE MORAIS

Hermenêutica Midiática e Humanismo

Media Hermeneutics and Humanism

Texto de apreciação e sistematização crítica de parte da produção acadêmica para atendimento às normas do Edital 01/2024 – DTA/FAAC de Concurso Público de Títulos e Provas do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Unesp – Campus de Bauru, na disciplina "Hermenêutica do Humanismo e das Relações Humanas nas Mídias Digitais: Fundamentos teóricos e Tecnológicos da obsolescência do SER" para a obtenção do titulo de Livre-Docente em Hermenêutica Midiática e Humanismo.

BAURU - SP

2024

Morais, Osvando José de.
Hermenêutica midiática e humanismo / Osvando José de Morais. – Bauru, 2024
336 f.

Tese (livre-docência) –Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru.

1. Hermenêuticas. 2. Hermenêutica e filosofia prática. 3. Teoria da interpretação. 4. Teoria do diálogo. 5. Filosofia da linguagem. 6. Filosofia das Ciências. 7. Epistemologia. 8. Humanismo. 9. Mediações. 10. Sobreposições. 11. Relações humanas. I. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Título.

Para Paulo Schettino, meu companheiro, sempre presente, visível e invisível. In memoriam.

Agradecimentos

Cabe aqui reconhecer o humanismo dos titulares da banca que souberam perceber muitas das dimensões “humanas e extremamente humanas” palmilhadas, como se fechasse um ciclo, em uma tarde miudamente lenta, sigo vagaroso, como se outro Ser fosse, de mãos pensas, sublime e hermético.

Sylvia Helena Furegatti- IA- UNICAMP, Jane Aparecida Marques- EACH-USP, Luciano Guimarães - ECA-USP, Roseane Andrelo – UNESP, Mauro de Souza Ventura- UNESP.

Aos suplentes da banca:
Rosana de Lima Soares- ECA – USP, Sandra Lúcia Amaral de Assis Reimão- EACH-USP, Ricardo Alexino Ferreira- ECA- USP, João Pedro Albino- UNESP, Eli Vagner Francisco Rodrigues- UNESP.

Aos amigos que participaram, acompanharam e estiveram presentes sempre, em todos os momentos pedregosos e em cada etapa do projeto, como o resultado de uma vida:
Denis Porto Renó, Maria Cristina Gobbi, Keity Brito do Prado, Natália Martin Viola, Ivo Gustavo Lemos de Almeida e Wassili Gonçalves da Silva Freitas.

MORAIS, Osvando José de. Hermenêutica Midiática e Humanismo. Texto de apreciação e sistematização crítica de parte da produção acadêmica para atendimento às normas do Edital 01/2024 – DTA/FAAC de Concurso Público de Títulos e Provas do Departamento de Comunicação. A Pesquisa foi realizada e os textos redigidos entre os anos de 2017-2023, em minha trajetória na UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"), FAAC (Faculdade de Arquitetura, Arte, Comunicação e Design), 2024.

Resumo

Este conjunto de textos traduz o resultado da pesquisa realizada entre os anos de 2017–2023 e agora apresentada à UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"). O projeto, ainda em andamento, tem como objetos as Hermenêuticas da Mídia e o Humanismo, as linguagens nas Relações e Mediações Interculturais, que leva em conta as inúmeras correntes teóricas da Filosofia que se ocupam da existência. Propõe-se, de maneira geral a hipótese de que as Ciências Humanas, em suas dinâmicas e conectividades, podem também ser compreendidas a partir de suas matrizes filosóficas que fornecem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar sobre os aspectos intrincados dos conceitos já conhecidos que possam ser repensados em outros contextos. Discutem-se, ainda, as *Teorias da Interpretação* e do *Diálogo* como parte integrante do projeto e também como método para entender as relações sociais e humanas em sua complexidade que inclui, na dinâmica das trocas, o caráter cognitivo, espiritual, emocional e interativo, mas requerem, acima de tudo, entendimento e compreensão. Propomos, neste trabalho, retomar e aprofundar as análises das ideias de Gadamer, principalmente em *Verdade e Método,* e de Paul Ricouer em *Si-mesmo como um outro e* Teoria *da Interpretação,* com o objetivo de repensar o humanismo e o SER, no sentido heideggerianos e a Ciência da Mídia, no contexto dos estudos contemporâneos que envolvem a hermenêutica, a existência e as linguagens. Fizemos um levantamento de teóricos que constam das referências. Destacamos alguns deles por trazerem discussões mais pertinentes à Mídia e, às vezes, pouco usuais. Por tratar-se de pesquisa teórica, propomos uma reflexão aprofundada acerca dos fenômenos teóricos das Relações Humanas como estratégia de abordagens do objeto de pesquisa e tratamento de seus concernentes problemas.

Palavras-chave: Hermenêuticas**.** Hermenêutica e Filosofia Prática. Teoria da Interpretação. Teoria do Diálogo. Filosofia da linguagem. Filosofia das Ciências. Epistemologia. Humanismo. Mediações. Sobreposições. Relações Humanas.

MORAIS, Osvando José de. Media Hermeneutics and Humanism. Text of critical assessment and systematization of part of the academic production to comply with the rules of Notice 01/2024 – DTA/FAAC for the Public Competition for Titles and Tests of the Department of Communication. The research was carried out and the texts were written between the years 2017-2023, during my career at UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"), FAAC (Faculty of Architecture, Art, Communication and Design), 2024.

Abstract

This set of texts translates the results of research carried out between the years 2017–2023 and now presented to UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"). The project, still ongoing, has as its objects Media Hermeneutics and Humanism, languages in Intercultural Relations and Mediations, which takes into account the countless theoretical currents of Philosophy that deal with existence. In general, the hypothesis is proposed that the Human Sciences, in their dynamics and connectivity, can also be understood based on their philosophical matrices that provide elements of knowledge and theories, justifying thinking about the intricate aspects of already known concepts that can be rethought in other contexts. The Theories of Interpretation and Dialogue are also discussed as an integral part of the project and also as a method to understand social and human relationships in their complexity, which includes, in the dynamics of exchanges, the cognitive, spiritual, emotional and interactive character, but they require, above all, understanding and understanding. We propose, in this work, to resume and deepen the analyzes of Gadamer's ideas, mainly in Truth and Method, and Paul Ricouer's in Oneself as an Other and Theory of Interpretation, with the aim of rethinking humanism and BEING, in the sense Heideggerians and Media Science, in the context of contemporary studies involving hermeneutics, existence and languages. We carried out a survey of theorists included in the references. We highlight some of them because they bring discussions that are more relevant to the Media and, sometimes, unusual. As this is theoretical research, we propose an in-depth reflection on the theoretical phenomena of Human Relations as a strategy for approaching the research object and treating its related problems.

Keywords: Hermeneutics. Hermeneutics and Practical Philosophy. Interpretation Theory. Dialogue Theory. Philosophy of language. Philosophy of Sciences. Epistemology. Humanism. Mediations. Overlays. Human relations.

SUMÁRIO

1 TEORIAS HERMENUTÍCAS 1
1.1 APRESENTAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HERMENÊUTICA. 1
1.2 APRESENTAÇÃO 4
1.3 A HERMENÊUTICA E O HUMANISMO DIALÓGICO 10
1.4 JUSTIFICATIVAS 13
1.5 ENFRENTAMENTOS: MEDIAÇÕES OU O ENCONTRO DE HORIZONTES .. 17
1.6 CIRCUNSTÂNCIAS METODOLÓGICAS 26
1.7 ENQUADRAMENTOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS, SEM PONTOS FINAIS METODOLÓGICOS. 28
2 CONCRETIZAÇÕES HERMENEUTICAS 30
2.1 PRODUÇÕES E REPRODUÇÕES: AMPLIAÇÕES, RECORTES, REDUÇÕES E ATUALIZAÇÕES. 30
2.2 HERMENÊUTICA DOS MEDIA: POLITIZAÇÃO, HEGEMONIA E APARELHAMENTO IDEOLÓGICO DA INFORMAÇÃO 37
2.3 AS CULTURAS, FLUXOS E TROCAS CONTÍNUAS NOS PROCESSOS MIDIÁTICO-DIGITAIS: RECONFIGURAÇÕES, SOBREPOSIÇÕES E FLUTUAÇÕES CONCEITUAIS. 47
2.4 TEORIAS DAS MÍDIAS, A HERMENÊUTICA, O DIÁLOGO, A COMPREENSÃO E A INTERPRETAÇÃO: ESBOÇO PARA UMA CONTRIBUIÇÃO ÀS “NOVAS TEORIAS” E AOS “NOVOS MÉTODOS”. 57
2.5 TEORIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS, INTERPRETAÇÃO, ENTENDIMENTO E DIÁLOGO: UMA HERMENÊUTICA DAS BIFURCAÇÕES E FLUTUAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA. 73

2.6 TEORIA, TÉCNICA E PRÁTICA: DA ATUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS À INFORMAÇÃO GERADA, ARMAZENADA, RECUPERADA, PROCESSADA E TRANSMITIDA. 85
2.7 A DINÂMICA DAS TEORIAS DAS MÍDIAS: NOVOS MÉTODOS COMO PASSAGEM PARA NOVAS PRÁTICAS TEÓRICAS 103
2.8 AMÉRICA LATINA: MEDIAÇÕES PARA O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO COMO PROJETO POLÍTICO E CULTURAL. 125
2.9 HUMANISMOS, MÍDIA, ARTE, CULTURA E HERMENÊUTICA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CINEMA E LITERATURA, O CASO PASOLINI. 136
2.10 ULTIMATUM ÀS TEORIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS: HERMENÊUTICA DAS IDEIAS DE LEV MANOVICH NA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS 147
2.11 ÀS AVESSAS DO MARXISMO OU A OPOSIÇÃO CONCEITUAL COMO A ESSÊNCIA DA TEORIA DAS EXTENSÕES TECNOLÓGICAS E MIDIÁTICAS MCLUHANIANAS. 162
2.12 AS IMAGENS, MEDIUM E MEDIAÇÃO DO SER: REPRODUÇÕES MENTAIS COMO FIGURAÇÕES APROXIMADAS DOS ACONTECIMENTOS MEDIÁTICOS. 176
2.13 O SER COMO MÍDIA E AS OBSOLESCÊNCIAS NO MAL-ESTAR TECNOLÓGICO: SOBRE OS PROCESSOS DIGITAIS 194
2.14 O IMAGINÁRIO, IMAGINAÇÃO E NARRATIVAS: ESBOÇO PARA UMA TEORIA DAS IMAGENS. 207
2.15 ARTE FOTOGRÁFICA DE BENJAMIM ABRAHÃO: RESSONÂNCIAS, TECNOLOGIAS, CULTURA E MEMÓRIA BRASILEIRAS, MEADOS DE 1930. 224
2.16 MCLUHAN DESDOBRADO: TEORIAS, CONCEITOS, TECNOLOGIAS E RUPTURAS. 245
3 LIVRO NO PRELO 256
3.1 FLUXOS CULTURAIS e CONEXÕES MIDIÁTICAS 256

1 TEORIAS HERMÊNUTICAS

1.1 APRESENTAÇÃO: UMA CONSTRUÇÃO HERMENÊUTICA. [1]

Objetivou-se neste conjunto de textos, primeiramente, pensar a sobreposição dos conceitos de humanismo, mídia, mediação e midiatização que traduzem e complementam o mesmo significado. Importante acrescentar que se fazem presentes também nesta sistematização crítica, mas também e diríamos, principalmente, no mundo movente da pesquisa, centrar com mais especificidade em temas e autores brasileiros e da América latina, evidenciando àqueles que não tiveram acesso às ideias aqui reunidas e de maneira mais específica e objetiva manter um diálogo com as gerações de estudiosos da contemporaneidade que ingressam a cada ano no mundo acadêmico e começam a ter contato ou encontram hermeneuticamente a realidade midiática como projeto teórico.

Pensou-se, em um primeiro momento que um simples comentário como apresentação ou prólogo seria suficiente a um tão grande mundo de ideias contidas nas práticas e trabalhos de autores que fizeram estudos midiáticos atualíssimos, característicos dos processos que reforçam a efervescência da pesquisa acadêmica no Brasil sobre o tema. Neste contexto, ficam explícitas as ideias de uma Cultura Latina, mesclada das culturas Lusitana e Hispânica impostas na colonização, e que antes de tudo requerem uma sensibilidade e atenção especiais para se entender as transformações culturais em contínuos movimentos desde os tempos das descobertas até os dias atuais, passando pela revolução tecnológica do século XX. Século, batizado com propriedade como o século de ouro da comunicação, com a valorização e reconhecimento da cultura de massa que, após os anos sessenta, marcou inevitavelmente as manifestações dessa mesma cultura com uma atmosfera inquieta e carregada de contradições.

A edição, ordenamento e o manuseio dos textos aqui presentes traduzem para nós mesmos um importante sentido de que o vivido hoje e a cada dia, concretizado no conjunto dos

[1] Os textos deste relatório pensados, planejados e produzidos de maneira constante e contínua, são o resultado de pesquisas realizadas ao longo dos seis anos de nossa trajetória na UNESP (2017-2023), evidenciando o amadurecimento e a atualização que constam dos vários projetos realizados , como mostra o respectivo resumo e ideias gerais que espelham as produções acadêmicas concretizadas em artigos científicos modificados, transformados, reduzidos ou ampliados, às vezes reescritos. Por fim, incluímos neste relatório um livro não editado/prelo e muitos outros trabalhos que continuam inéditos e em transformação.

artigos e de um trabalhos que compõem esta síntese de textos reunidos crticamente, muitos destes publicados em periódicos de maneira ampliada, reduzida ou transformada, concentrando uma força maior que asseveramos ter resistido à corrosiva ação do tempo com sua pressão paciente e que exerce, imperceptivelmente um poder de contínua necessidade de“esclarecimento” no sentido crítico. Desta maneira, isso provocou novos anseios na construção de um projeto mais abrangente, porém, sem fechar os olhos para as hegemonias dominantes verificadas nas teorias alienígenas que não dão conta da extrema riqueza dos processos midiáticos que interferem de diversos modos na cultura humanista brasileira, em suas manifestações diversas e estas a exigirem outras mediações de diversos tipos, na busca de um sentido ou de um propósito mais forte na atualização ou revisão dos conceitos de mídia e humanismo sobrepostos aos outros processos como correlatos.

Associamos o humanismo à teoria da mídia em um processo de imbricação constante na cultura brasileira, com seus ritos carregados de tradições ibéricas misturadas àquelas inúmeras africanas que nos reconciliam com as nossas origens. Este mesmo humanismo está em contínua atualização em virtude da mediação, no sentido tecnológico e muitas outras teorias que se complementam, pois há discrepâncias e contradições causadas por essas mesmas tecnologias que ainda não chegaram aos mais remotos recantos do país. Nem mesmo a luz elétrica chegou. Nos estudos deste contexto, exigimos de nós mesmos muita cautela para falar de fluxos midiáticos contínuos e concomitantes à realidade dura do país para além da faixa litorânea atlântica. Portanto, nas regiões longínquas e fronteiriças do sertão brasileiro as mediações ainda são feitas face a face, ou ainda se dão essencialmente a partir do corpo, como prática dos ritos que mesclam sons e gestos, em um lento rememorar dos mitos arcaicos.

É neste sentido que uma parcela dos pesquisadores brasileiros se ilude ao fixarem suas pesquisas nos grandes centros, esquecendo-se de que o Brasil e a América Latina são pródigos de infinitas realidades, em que luz elétrica, poços artesianos, equivalendo dizer, água potável, torres de sinais para telefonias são somente promessas e sonhos, a valer ainda a básica luta pela sobrevivência. Por isso, falar de humanismo imbricado em uma teoria da mídia e da cultura genuinamente brasileiras seria lembrar, resgatar ou fazer emergir autores como Gilberto Freire com seu mais do que clássico mundial *Casa Grande e Senzala*, de Sergio Buarque de Holanda, *Raízes do Brasil*, de Guimarães Rosa com *Grande Sertão: Veredas*, somente para citar alguns dos autores que falam de um Brasil que anda muito devagar, de um país que é mais que um Continente, com infinitas desigualdades, econômicas e culturais com pouco acesso tecnológico,

com injustiças crônicas, com um analfabetismo extremamente constrangedor.Sem esquecer de que somos um país extremanete desigual.

Tais contradições assinaladas apontam para o lugar do humanismo acoplado às Mídias com seus objetos, que exigem inúmeras tarefas aplicadas às investigações, especialmente às Culturas que dizem respeito aos excluídos, aos esquecidos e aos marginalizados que obrigatoriamente fazem parte de outra lógica e de uma dinâmica com ritmo de canoa a remo e sempre navegando em maré contrária e desfavorável.

No contexto das práticas humanísticas e mediáticas, verificam-se reflexos diretos nas culturas brasileiras com seus aproveitamentos, cruzamentos e imbricações com temas que ultrapassam os limites geográficos, fronteiras e classes sociais. Como já dissemos, o caráter plural da realidade mediática brasileira é um ponto importante, tornando-se alentador não negligenciar quaisquer aspectos ou sentidos, pois os argumentos centram-se justamente no fato de que há mundos que não são atingidos pela tecnologia massiva mediática. E justamente nesses espaços é que estão as classes pobres, iletradas, semiletradas que vivem abaixo dos limites estabelecidos pelas estatísticas econômicas, mesmo nos grandes centros de concentração humana.

É sobre esse conjunto de complexidades que este trabalho continua a propor discussões sobre a existência de sobreposições como atualização dos conceitos de humanismo, mídia, mediação e midiatização (a grafia ainda é um problema: *medium, media*, mídia e derivações) em um novo contexto em que os meios massivos funcionam em tempo e fluxo contínuos se contrapondo às práticas cíclicas e sazonais que definiam e caracterizavam as culturas midiáticas até o final do século XX. No entanto, longe do mundo tecnológico há muitas e muitas comunidades com outros padrões de comportamentos e percepções enraizadas que resistem, tentando fazer parte desse vasto mundo de que é construída a realidade humana e midiática brasileiras, estas comunidades ainda não estão no século XXI, reproduzidas com sutis semelhanças e suaves diferenças em toda a América Latina.

1.2 APRESENTAÇÃO

As ciências da mídia mesmo em seu início no Brasil sempre foram ancilas das teorias europeias, canadenses e estadunidenses, apreendidas em seus centros de origem e trazidas como novidades pelos pesquisadores brasileiros, após lá serem transformados em professores-doutores, tornando-se delas aqui simples vetores ao se incumbirem da tarefa única de disseminação no país. Este é o ponto de partida nevrálgico de nosso trabalho na leitura hermenêutica do humanismo, mídia e tecnologia. Até agora, ainda não tivemos propostas teóricas capazes de retornar às nossas origens, à nossa história e aos antecedentes de nossa construção como sociedade com justificativas aprofundadas capazes de mostrar o que somos e em que nos tornamos, mais ainda diante das ideias em rotação e da espiral tecnológica aceleradamente ascendente, a busca continua. E, este será o nosso grande desafio, talvez interminável.

Objetivamos repensar as Teorias do humanismo e da mídia de maneira geral a partir dos debates provocados pelas leituras das teorias já consideradas clássicas, com o intuito não somente de construir uma base teórica, mas para pensar criticamente as potencialidades de uma nova teoria. Para tanto, percorremos os sequenciados esforços empreendidos para consolidar o espaço da prática de pesquisa e reflexões acadêmicas teóricas do campo da Comunicação, pretendendo ainda, demarcar o espaço de estudo dentro da grande área do Conhecimento que se constituem como Interdisciplinar, abrangendo também as Ciências Sociais Aplicadas.

Por exemplo, no Brasil, para que as Ciências da mídia consigam obter o reconhecimento de sua unidade e de sua organicidade sistêmica da complexidade científica, norteadora de um segmento importante como o da comunicação, não basta o desejo inato de buscar o conhecimento que se encontra enraizado em todo exemplar de ser humano. Seria, acima de tudo, necessário retornar às ideias, obras e autores, no contexto de nosso passado histórico, voltado agora para o século XXI, avaliando as contribuições ao pensamento comunicacional que vem em movimento contínuo e em amplificação, desde os meados do século passado, caracterizado por usos servis de teorias importadas de outros continentes, que não falam obviamente de nossa experiência, de nós mesmos e, principalmente, de nossa identidade.

O objetivo geral deste trabalho é também abordar as Teorias da mídia à luz da Hermenêutica, situando-as no Brasil em um conjunto de textos clássicos que discutem as práticas brasileiras, não somente do ponto de vista da formação do pensamento crítico, desenvolvido em nosso país, mas também empreender uma tentativa de avaliar as influências advindas destes autores, bem como os modos específicos de amalgamar e deglutir as ideias que

aqui chegaram e avaliar a evolução destes mesmos pensamentos, em um processo de amadurecimento em nossos dias.

O evidente caráter mestiço da cultura brasileira forjada desde os tempos primeiros da primeira colonização que se formou a princípio no convívio com a cultura europeia, e ainda enfrenta obstáculos observáveis, quando se compara com o pensamento dos autores de hoje, analisados e debatidos, no contexto da cultura brasileira, que em suas raízes e convívio com instituições, em suas explicações teóricas, não aprofundam as análises das causas socioculturais, menos ainda, sem refletir no plano das ideias uma sociedade em constante mutação.

Neste momento da história da cultura no Brasil as características subservientes ainda persistem: por exemplo, na carência de orgulho nacional e racial – sentimentos de nativismo e identificações de origem têm recebido aceitação e repúdio (este em maior grau), alternadamente, conforme sopram os coloniais ventos dos modismos. Desvios de olhares aprovadores, ora para a próxima e própria circunstância, ora para a ubiquidade atenta e atraída pelo global.

É no interior desta formação paradoxal que elementos importantes podem ser observados ainda hoje, nos modos de ser, diante de pouca teoria e ainda na tensão entre sociedade e instituições com paradigmas e problemas estranhos, ardilosamente servis para discussões sobre o estágio que se encontram as ciências sociais e humanas no país.

Os teóricos que fundamentam as ideias discutidas na área das Ciências humanas e da mídia formam um corpo substancial com pouco pensamento novo, embora exista muita produção, traduzindo as variadas dimensões da diversidade de pensamentos reciclados e que são aplicados aos meios midiáticos, em um processo continuo sem mudanças, que não ajudam a perceber como essas mesmas mudanças influenciaram as novas gerações a repetir comportamentos que definem politicamente, de maneira marcante, no desenvolvimento de uma área complexa, envolvendo o humanismo e a ciência da mídia.

E eis que surge uma nova realidade no contexto do novo século: desenvolvimento vertiginoso dos *mass media,* reféns da aceleração das pesquisas científicas de base que alimentam as Ciências Humanas e Sociais de maneira geral – as Tecnologias, voltadas para o incremento e produção de instrumentos e artefatos utilizados nos processos midiáticos com rapidez de obsolescência, em razão de curto período de uso e já suplantado por um mais ‘novo’ e atual modelo.

E, neste contexto, as instituições de mídia ganham força e assumem papéis importantes (normativo e na formação do 'juízo' público), a confirmar sua condição de poder junto aos poderes do estado já antevisto pelo historiador inglês, Thomas Carlyle, desde os meados do séc. XIX – notadamente na área de telecomunicação com suas qualidades atuais de portabilidade, simultaneidade e ubiquidade refletidas nas intercomunicações individuais e de grupo viabilizadas pela Internet.

Quase todas as grandes teorias não conseguiram consolidar o campo acadêmico das Ciências Humanas e Sociais no Brasil, pois em seus usos estão contidos imposição de ideias, de valores e de discursos alienígenas e estranhos como consequência da divisão desigual do mundo. O propósito de tais imposições é subsidiar as novas gerações de pesquisadores com elementos que inibam as resistências. A estratégia é mostrar que os espaços não se fortalecem criticamente na área por meio dos modelos de pensamento midiático local, pois, quando demandados pelas transformações e práticas locais, principalmente as de cunho cultural e trocas midiáticas, são inúteis, pois é o global que predomina.

Os processos de intercâmbio de informações em nosso país mudaram no que diz respeito aos *media*, à indústria cultural, à pesquisa e ao ensino. No entanto, as teorias não refletem essas mesmas mudanças. Pode-se afirmar que o humanismo e a mídia de maneira geral no Brasil competiriam para refletir e debater essa visão alienígena antes de sua assimilação imediata; deveria registrar a ausência, o esquecimento e o desprestígio das teorias dos pesquisadores locais, e também do continente Latino Americano. Pouco se vê nas pesquisas das grandes instituições nacionais trabalhos centrados e fundamentados por autores que participaram ou participam dos grandes embates sobre a construção do universo multifacetado do complexo midiático e as causas desta fragmentação. O que se observa é uma repetição de citações e usos dos mesmos autores e ideias, reutilizando conceitos, dispensando reconceituações que deveriam levar em conta elementos e valores das "realidades" locais.

Justificando o embasamento nas hermenêuticas filosóficas e prática, proposta deste conjunto de textos, torna-se contínuo refletir sobre a perceptível cisão observada no meio acadêmico entre os puramente teóricos de um lado e do outro, os tecnólogos, enfatizando a prática; percebe-se ainda existir a mesma cisão entre Universidade e Mercado frente às diferentes habilitações profissionais ofertadas àqueles que buscam o aprendizado na área. Tais discussões, em latência nos projetos acadêmicos de jovens-pesquisadores, afloram por

meio de temas, especificamente, documentados nos projetos e ideias, como resultantes dos trabalhos pouco reflexivos não só desta nova geração.

No entanto, pensar mais e ver mais longe, podendo dizer ainda que, sem sombra nenhuma de dúvida e nenhum medo de errar, trata-se de buscar as grandes referências para projetos que queiram se vincular às práticas atuais, mas que necessitam, acima de tudo, de justificativas teóricas que deem conta de um sentimento ainda impreciso, que muito embora já dê sinais de encontrar-se em construção.

É nítida a presença dessa mistura ambígua nas opções e ênfases colocadas nas disciplinas dos cursos de graduação em comunicação. Acredita-se na necessidade de mapear a Mídia no Brasil, em constante mutação, cheio de armadilhas e contradições. Neste território, há cruzamentos que colocam à mostra os movimentos da academia, os questionamentos e discussões sobre as dificuldades de se ler e lidar com nossos autores, pois os pesos e medidas recaem sempre positivamente nos autores internacionais. São empecilhos aos avanços necessários, envolvendo tanto os teóricos quanto os técnicos, que por sua vez também participam como autores da moda em um mercado de ideias em espiral crescente, estimulados, principalmente, por uma visão não muito clara, deixando emergir inconscientemente o sentimento de uma nação jovem que aceita e recebe com fervor as concessões de presentes sedutores.

A cultura de massa tal como é praticada no Brasil, merece uma abordagem especial, dado que, como dito anteriormente, vivemos e sofremos influências provenientes da Europa, EUA e Canadá, de visíveis consequências. O Cinema, a Televisão, o Jornalismo são o resultado da interação entre teorias e práticas importadas em processos contínuos sem aclimatação, amadurecimentos e adequação à nossa realidade. A antropofagia tão decantada pelos modernistas cedeu seu lugar a uma subserviência sem crítica, predatória e dominadora.

Por isso mesmo, Ciro Marcondes Filho alerta ironicamente, sem perder o rigor científico, que a Academia não gosta de comunicar e de comunicação, preferindo os discursos técnicos e vazios sobre as parafernálias. É neste sentido que as ideias marcondesianas da Nova Teoria da Comunicação ocupam importante espaço em nossas reflexões. Diversas teorias que constam do catálogo, assumidas como matrizes seminais não conseguem justificar um pensamento que tenha sido desenvolvido no Brasil e na América Latina.

As consequências e os resultados dos usos políticos das teorias justificadas nos processos midiáticos com reflexos no humanismo, em quase todas as instituições públicas e privadas geram sentidos perversos no ensino e na pesquisa midiática. Não se trata aqui de

retomar a velha divisão proposta por Umberto Eco, entre apocalípticos e integrados, mas de uma sequência de projetos políticos implantados no Brasil, com resultados perceptíveis na formação de pesquisadores e docentes, cujas identidades e consciência de suas raízes oscilam.

Faz parte da luta reconhecer o trabalho daqueles que palmearam cada espaço, demarcando territórios, como os bandeirantes. Por outro lado, reabilitar os pensadores humanistas brasileiros, é um dever em função não somente da importância de suas ideias, mas também dos desdobramentos provocados pela revolução tecnológica e midiática nos dias atuais.

A construção do Humanismo, no contexto da Ciência da mídia também faz emergir implicações políticas e influências de ideias dominantes que chegaram e chegam até aqui, mudando os modos de pensar e praticar as relações humanas no Brasil, maquiando as especificidades locais, substituindo o processo de vivência e amadurecimento lento que redundaria, no mínimo, na reconstrução dos conceitos.

Por isso, a comunidade acadêmica humanista, representada pelos livros e ideias dos autores analisados ainda briga por estabelecer conceitos como o de cultura, mediação e midiatização, fazendo valer aqueles outros que nos chegam prontos, tarefa segura e facilitadora em todo o processo. E o resultado, como se constata tanto no Brasil como em toda a América Latina, é o mesmo sentimento da atração vertiginosa, diante do conquistador, como o Moctezuma suicida ao receber historicamente, de maneira hospitaleira e cordial, os espanhóis.

O complexo processo humanista, no contexto tecnológico da mediação/midiatização se constitui em um verdadeiro mercado de ideias que circulam na academia, que seria um *locus* hipoteticamente apropriado de reflexão, inclusive sobre o próprio mercado. São polos antagônicos que, por um lado, desvelam uma aquiescência ao pragmatismo, e por outro, uma tentativa de conjugar uma consciência crítica com conhecimento profundo que acabaria garantindo trabalho duradouro, independente das ondas tecnológicas.

As distorções de conteúdos com característics ideológicas sempre existirão, pois, as universidades ainda não aprenderam uma maneira de conviver com a tradição, continuamente em confronto com o universal, exigindo fazer um acurado cotejamento crítico frente às novidades. Por isso mesmo, o clichê da aparição de forças de ação e reação que traduzem as tentativas de ingerências do mercado na academia. Acima de tudo, busca-se preservar, porém, em concomitância ao convívio com o novo, com o sempre novo, sem cair nas armadilhas ideológicas oriundas da crença de que a tecnologia resolve todos os problemas e traz soluções infalíveis, inclusive o da qualidade de tudo, até do ensino e pesquisa.

No contexto geográfico continental que habitamos, a consciência do gigantismo nacional traz discussões para que não se deixe de ressaltar a necessidade de diálogos (hermenêutica) entre as regiões do país, com enfrentamento das suas diferenças e semelhanças nas abordagens dos processos humanísticos e midiáticos, seja do ponto de vista dos conglomerados midiáticos, ou da academia, representando o ensino e a pesquisa. Pensa-se, sobretudo, em uma resistência crítica, necessária à inserção do pensamento universitário e também à convivência pacífica e utopicamente construtiva com o mercado. E justamente nessa problemática é que se localiza um distanciamento em muitos sentidos, inclusive entre Graduação e Pós-Graduação.

As quase sempre sutis diferenças entre as teorias das matrizes estadunidenses, europeias e canadenses produzem seus efeitos e influências de modo também diferenciado e de acordo com cada realidade da América Latina. Neste contexto, as habilitações profissionais que envolvem as práticas culturais e midiáticas de cada país latino-americano ganham contornos que não deixam de se manifestar não somente em diversidade de cores, mas também nas vozes encarregadas de misturar as diferenças. São as culturas que, multiplicadas em comunidades se alimentam paradoxalmente de aparatos midiáticos, ao mesmo tempo em que tentam resistir a seu domínio e, elas próprias, porém, já melhor aparelhadas e preparadas para o enfrentamento da ameaça que representa a força cada vez maior do poder político e econômico. São os choques culturais provocados pelas diferentes realidades socioeconômicas mostradas pelos meios de massa, contrastando com aquela vivida na prática cotidiana.

O século XXI, diante dos avanços tecnológicos e do acesso cada vez maior dos produtores/consumidores de informação e de ideologias, demanda por teorias que abarquem não somente as conexões por meio de redes sociais, mas também por novas práticas que estes usos implicam.

As consequências desta grande mudança, começada no final do século passado e que continua de maneira aprofundada e muito mais acelerada no atual, ainda não foram sequer imaginadas em sua totalidade, muito menos configuradas, no que se refere a conceitos e teorias. Assim, diante das dificuldades naturais de se trabalhar com a contemporaneidade, entendida como fenômeno ainda em processo, a realidade brasileira e as instituições midiáticas podem se constituir em um grande laboratório, fornecendo elementos históricos, funcionando como guia para todos, com o intuito de nos instigar a prosseguirmos um árduo, mas proveitoso trabalho. Portanto, este trabalho que tem o humanismo e a mídia, fundamentados na hermenêutica e em sua essência que é o diálogo em sentido específico e amplo, como o centro de nossa discussão.

1.3 A HERMENÊUTICA E O HUMANISMO DIALÓGICO

As ideias de Hans Georg Gadamer são muito conhecidas e debatidas na filosofia, em quase todo o ocidente, principalmente por aqueles interessados em discutir as questões relacionadas à hermenêutica contemporânea para além de sua aplicação original aos textos religiosos e à tradição jurídica. A grande contribuição de Gadamer pode ser encontrada em seu livro "Verdade e Método" (1960), traduzido para o idioma inglês, italiano, espanhol e português, entre outros. Um exemplo importante a ser mencionado, e de certa forma configura o início da relação das ideias gadamerianas à área de comunicação é a tradução para o italiano por Gianni Vattimo, no início dos anos setenta, que teve obviamente uma grande repercussão, graças também às apresentações e aos estudos do tradutor, dando origem na Itália a muitos outros estudos de diversos pesquisadores.

Nos últimos anos, intensificamos o trabalho de leitura das traduções dos escritos gadamerianos que incluem, entre outras coisas, os importantes estudos sobre o pensamento de Platão, com os quais demos início a uma espécie de aproximação dos dois filósofos às Teorias da mídia, como extensão da Alegoria da Caverna.

A iniciativa não veio ao acaso, mas pela extrema necessidade de se buscar elementos que pudessem justificar novas abordagens das teorias da mídia desde que não coincidissem com as centenas e centenas de estudos realizados nos países ocidentais e repetidos à exaustão por uma grande maioria dos pesquisadores da América Latina. A proposta de realizar e aprofundar estudos midiáticos, usando como base a filosofia de Gadamer tem como propósito, além de fugir da mesmice e das repetições facilitadoras, pensar o que temos de característico na área dos estudos midiáticos no Brasil e tentar extrair ou organizar uma espécie de essência de nossas práticas, de nossas teorias, de nossa cultura e de nossa identidade que possa, pelo menos, oferecer uma direção mais segura e menos subserviente.

A publicação na Alemanha, das "Gesammelte Werke", em dez volumes, encorajou a nossa brasileira Editora Vozes a fazer o mesmo, e isso facilitou muito o nosso trabalho a contribuir para que ficasse muito mais próximo do ideal que nos propomos. As atividades do filósofo de Heidelberg são muito vastas e complexas e esta pesquisa poderia ser e está sendo

um trabalho de décadas para aproximar de tal modo as ideias hermenêuticas à interação midiática, sobrepondo-as de tal modo que se transformariam em uma só, em só objeto. É este o nosso objetivo. Retomar um trabalho realizado por Gadamer ao longo de um século não é uma tarefa fácil e muito menos comum. Ligar essencialmente à realidade de *Wahrheit und methode*, a um trabalho teórico novo relacionado aos processos e procedimentos midiáticos, é sem dúvida, um atrevimento, não muito humilde de se tentar ou pelo menos sonhar com uma *opera magna* dentro da *magnum opus* do filósofo alemão, sendo em grande medida, uma forte recuperação da hermenêutica como debate no pensamento contemporâneo.

Este trabalho, fruto tardio de muitas leituras e de alguma maturidade de pensamento traduz o resultado de pesquisas e reflexões ao longo de anos, representando uma síntese e compêndio de parte e alguns aspectos da obra do filósofo. No entanto, justo por isso, não significa que todo o pensamento de Gadamer está contido nesta pesquisa, não seria possível abarcar tudo o que ele produziu antes e depois *Wahrheit und methode*. No entanto, o mais importante em nosso trabalho é considerar o que a obra filosófica contém como trocas e conjunções de horizontes e o que algo de novo poderá surgir desta relação. Já nos referimos anteriormente que os estudos da mídia no Brasil, na maioria dos seus intentos não apresentam nada de novo, restando apenas obras de alguns poucos pesquisadores tanto como propostas e como atividades de pesquisa acadêmica. E neste sentido, do ponto de vista filosófico, podemos considerar como um grande desafio estarmos diante de tantas possibilidades e desdobramentos nessas atividades de pesquisa.

Neste trabalho, para ser possível seguir cada passo da trajetória de Gadamer, tivemos que adicionar os estudos hegelianos em numerosos escritos, muitos dos quais são dedicados à leitura dos poetas: Rilke, Hölderlin e Paul Celan. O pensamento de Gadamer, pode-se dizer que nasceu gradualmente na interpretação, e sua hermenêutica filosófica cresceu por meio de um diálogo contínuo empreendido com os pensadores tanto do passado quanto do presente, principalmente com Platão e Hegel. No entanto, devem-se às ideias de Heidegger a longevidade de Gadamer, seu discípulo e seguidor. E esta vitalidade como estudioso e pensador tem transformado o seu pensamento em uma referência fundamental para a compreensão do debate, não somente sobre cultura humanista contemporânea, mas também sobre o intérprete e o mediador, no sentido mais denso de uma grande tradição filosófica que justo Gadamer é colocado como o herdeiro legítimo. Por isso mesmo, pode-se falar de muitos conceitos hermenêuticos caros aos estudos midiáticos tais como **Compreensão, Interpretação, Entendimento, Mediação** e, principalmente, **Diálogo** através da obra gadameriana.

Gadamer é parte importante de cultura humanista que corre o risco de extinção já em processo dado ao visível descaso ao Humanismo em nossos dias, e é um dos seus últimos grandes representantes. Obviamente, como não poderia deixar de ser, incluímos em nosso projeto outro desdobramento da pesquisa que terá como centro a *Mídia e o Humanismo,* por meio de pensadores como Marx e pós Marx que inauguraram novas formas de se pensar a mídia, a cultura e as relações humanas.

No contexto alemão, a cultura é entendida essencialmente como *Bildung* que, se aproxima muito, e melhor complementa o que se entende hoje como mediação. Por exemplo, quando a cultura aparece fragilizada, de repente surge uma inesperada vitalidade e capacidade de renovação e poder. Nossa ideia de debate e de leitura da obra de Gadamer, não somente como filosofia, mas, também como mediação, se justifica porque os seus conceitos estão amadurecidos e próximos dos conceitos midiáticos que traduzem os sentidos de maneira muito mais completa do que aqueles adaptados. Acreditamos que a característica mais importante da filosofia gadameriana seja provocar reflexão, vigilância crítica, em um exercício constante de humanismo. Isto quer dizer que a obra é ainda mais significativa porque faz parte de um século que testemunhou falsos humanismos e falsas culturas como construção, teorizadas também como mediação.

Ensinava o filósofo sobre o século XX que passou: devemos começar a reconhecer a razão como a capacidade de reconhecer no Ser o centro de nossos interesses. Trata-se de reconhecer que basta ter vontade e coragem para se chegar à verdade que está em todas as coisas. É preciso trazer de volta a honra e a razão, juntas. Mesmo tendo vivido o século XX inteiro na Alemanha, Gadamer se manteve fiel a esse princípio. É isso que torna seu exemplo importante.

Este trabalho é uma tentativa de ler os textos, as ideias e as características específicas de um autor que vivenciou, debateu e compartilhou com outros grandes pensadores as discussões mais importantes do século XX.

Nossa síntese crítica e consciente de limites, não pretendeu ir muito mais além de um balanço crítico ou uma avaliação, pois o próprio Gadamer já o fez, mas, ver em detalhes nos interstícios de seus textos, minuciosamente mesmo e com paciência, uma maneira de enfrentar o momento atual do humanismo e da mídia, e como quer Gadamer, chegar a um ponto de vista mais verdadeiro sobre as coisas. Este trabalho é especificamente um estudo do pensamento de Gadamer, que objetiva fazer emergir aspectos importantes de seu trabalho que foram pensados como troca, como Cultura e como Arte, no entanto, se mantiveram na penumbra, nem sempre

considerados como mediação como mereciam, não tendo o mesmo espaço humanístico, cultural e midiático que os frankfurtianos tiveram. São os efeitos perversos dos meios massivos.

De maneira pessoal, nossa intenção levou-nos a não descartar a hipótese de se estar em uma encruzilhada do pensamento contemporâneo. Imagem da conexão em rede projetada para simular um lugar em que muitos passam e poucos ficam. Acreditamos, no entanto, que Gadamer deve ocupar com justiça um lugar especial com esse seu pensamento especial, construído no Diálogo como sempre foi feito com a filosofia Grega. É neste sentido dialógico, com as Culturas e para o Humanismo que sua Hermenêutica caminha em direção à Mídia.

1.4 JUSTIFICATIVAS

O século XXI transita da revolução eletrônica para a digital com abrangência planetária na complexidade das relações humanas mediadas, ampliando indefinidamente as Ideias e conceitos sobre as transformações tecnológicas que devem ser mais bem justificadas como um modelo que caminharia para uma proposta de Teoria. Neste contexto, as ideias kantianas concebidas no século XIX e outras tantas até meados do século XX são importantes para se pensar e atualizar os conceitos da linguagem digital tal como a percebemos na atualidade, forjados pela prática. São conceitos emergentes e necessários às análises das questões fundamentais neste momento. O objetivo principal deste trabalho foi e ainda é contribuir a partir das discussões embrionárias e ainda iniciais sobre o conceito de Técnica e Tecnologia, permeados e irmanados pela prática, à luz da Teoria do conhecimento de Kant, que possibilita fundamentar, envolver e retomar o conceito de Contemplação, embrião do conceito de Teoria, para ampliar as discussões e pensar melhor o século XXI, que funciona como um Mapa do desenvolvimento da tecnologia, registrando uma contínua transformação, em muitos processos mediáticos, no sentido de gerar, transformar, armazenar, transmitir, processar e recuperar a informação.

Os resultados reunidos neste trabalho começaram a parecer, mesmo timidamente, a partir da análise da ideia kantiana que está no início da Crítica da Razão Pura de que todo conhecimento começa pela experiência. Em profundidade isso quer dizer que os nossos sentidos são afetados quando experimentamos e somos de certa forma, levados e transformados por uma prática, cada vez mais intensa, como um "convite urgente e necessário" para, não só atualizar os conhecimentos já adquiridos, mas ordenar essa participação em um caminho ou rota, rito importante do processo.

Neste sentido, o conceito de Teoria, como atividade humana, pressupõe antes de tudo um Entendimento hermenêutico não somente como vivência, mas também como vida teórica, não equivalendo exatamente, mas se contrapondo à ideia de vida prática. É neste sentido que Kant alerta que todo conhecimento se inicia com a experiência, mas nem tudo deriva dela.

Neste sentido, nosso propósito maior foi e continua sendo o de falar em produtos midiáticos criados a partir de formatos digitais que transitam em diversos espaços simultaneamente, sem intervalo de tempo e que são compartilhados como uma reconfiguração adaptada às problemáticas temporais e espaciais resultantes desse mesmo processo. Pretendeu-se repensar os vários sentidos do conceito de teorias, juntamente com as novas articulações nas Culturas e no Humanismo nas mídias digitais para avaliar o alcance e os limites desse *topos* contemporâneo. Os procedimentos Inter, Multi e transdisciplinar das Mídias e consequentemente das Culturas que produzem, por seu excesso, dificuldades de apreensão de sentido tanto para os internautas, e profissionais de mercado como para acadêmicos. Deste mesmo modo, os profissionais de mídia, que utilizam as linguagens digitais e tmbém os que a têm como objeto de pesquisa e ensino, necessitam de bases teóricas para fundamentar projetos capazes de acompanhar, por meio de suas práticas, as permanentes mutações. A contração do tempo e a obsolescência precoce das tecnologias contemporâneas dificultam - e requerem – a compreensão de sua natureza na percepção e elaboração do conhecimento crítico dos novos media. Por fim, são esses processos que contribuem para a construção de culturas carregadas de um tecnicismo marcante e por isso necessitam de aprofundadas análises e avaliações permanentes.

Os múltiplos aspectos que envolvem as práticas digitais são discutidos em suas diversas dimensões, seja teórica, histórica, linguística e metodológica, efetivando criticamente reflexões em torno do tempo especial vivido pela experiência e praticado como um todo. As reflexões sobre as linguagens digitais na contemporaneidade complementam e identificam o lugar da

técnica, não somente em relação às teorias, mas também quanto à sua importância como descrição das noções fundamentais no processo de compreensão da técnica e de sua influência.

Nesta busca de afirmações que todos compartilham e se posicionam como atividade técnica, mercadológica, profissional, culminando com sua interface nas pesquisas midiáticas realizadas pela academia, abarcando o ensino de suas práticas e os estudos teóricos. Prega-se neste exato momento a necessidade de se rever e se pensar os princípios éticos no que diz respeito ao compromisso que os estudos têm, de maneira geral, com o seu público que poderá se comportar de maneira maravilhada ou apocalíptica. Trata-se de uma emergência que diz respeito à liberdade e dever de crítica necessária a todo tipo de revolução, mais ainda às tecnológicas.

Nestes processos emergenciais, incluem-se as questões ideológicas que forjam outros tipos de apropriações, outras formas de fazer, outros saberes e, mais ainda, outros receptores, nas várias produções midiáticas digitais sejam de textos verbais, não verbais ou imagéticos e mistos. É a informação que se transforma em cultura em seus vários sentidos: do ético, do bem comum, da verdade, princípios fundamentais de uma sociedade mais humanizada e mais feliz.

As diferentes instâncias, públicas ou privadas, face à revolução tecnológica também enfrentam os mesmos dilemas que começam pela falta de teorias que refletem ou justificam os novos usos ou pela adoção de teorias desgastadas, que carregam ranços de outros contextos geopolítico-culturais e temporais. Desse modo, ambas as instâncias necessitam de atualizações e adaptações, e mais ainda: de modelos que expliquem esse mundo em revolução, ao aglutinar à comunicação seus segmentos como estratégias e linguagem.

Os estudos e os processos relacionados à digitalização ocupam espaço privilegiado na área midiática, pois lidam com as práticas compartilhadas em múltiplos ambientes. Trata-se de gestão de processos digitais, tendo as noções fundamentais de produção e tecnologia que acompanham o homem, traduzidas nas suas relações com a máquina. Deste processo, os dilemas humanos que surgiram na transição do século passado para este novo, obrigaram todos a repensar as práticas e teorias - ponte entre mercado e academia.

O audiovisual, por exemplo, a fotografia, o rádio, o cinema, a televisão, incluindo outras mídias sonoras, discutem o momento presente, promissor tecnologicamente, mas igualmente carente de novos paradigmas nas relações humanas e também de modelos teóricos e metodológicos que espelhem essas constantes mudanças. De certo modo, enfrentam-se as mesmas contradições e dilemas de uma área em plena expansão: os problemas são os mesmos

e a passagem pela encruzilhada tecnológica fornece muito material crítico, no sentido humanista, para pesquisas relacionadas à linguagem e também à técnica.

Quando se fala em multimídia, em ambientes multimidiáticos, nos remetemos basicamente às discussões fundamentais, as várias dimensões da técnica nos estudos da mídia ou dos media a exigirem uma atualização constante. Basta lembrar "os conceitos de "Tecnologia", "Técnica", Máquina criadora", entre outros, para historicamente vincular a revolução vivida hoje com os problemas enfrentados nas últimas décadas do século passado.

Nomes de pioneiros como Marshall McLuhan são retomados metaforicamente como modelo, tendo como propósito a tomada de consciência do tamanho da revolução à nossa volta, os níveis de implicações em nossas pesquisas bem como sua amplitude que buscam respostas teóricas e metodológicas.

As aplicações das tecnologias na América Latina enfrentam questões espinhosas que envolvem, segundo Álvaro Vieira Pinto, certo homem maravilhado, a cidadania, as minorias étnicas e de gênero, as dimensões e diversidades étnicas e culturais e espaciais e os discursos ideológicos sobre o local, o regional e o global.

Demasiado complexo o universo gerado por múltiplas preocupações findadas e assinaladas como importantes por tornarem as questões temáticas aqui apresentadas de grande responsabilidade.

Em nosso contexto geográfico, os latino-americanos viveram durante décadas sob a égide de dois únicos e grandes pesquisadores, que se tornaram referências também únicas e modelos igualmente únicos. É de nossa responsabilidade encontrar outros caminhos teóricos, descobrir ou trazer à luz autores que fazem pesquisas, teorizando e buscando dialogar com as mesmas questões compartilhadas por todo o continente, sem cair no vazio, obrigando-os a usar sempre os mesmos conceitos.

Como já temos dito com certa constância, as teorias da mídia ainda não encontraram seu próprio caminho. Vivemos a síndrome da autoridade estadunidense-canadense e europeia. Nós não nos lemos e, não nos conhecemos. O que parece reverberar a voz e o canto que afirmam que o Brasil não conhece o Brasil.

1.5 ENFRENTAMENTOS: MEDIAÇÕES OU O ENCONTRO DE HORIZONTES

Parece haver uma crise geral de reconhecimento de questões candentes e de fuga ao autorreconhecimento. Nossas pesquisas caem sempre em um vazio mortal. São esquecidas e sequer lidas por nossos pares. Como já dissemos, sofremos do complexo de Montezuma, sentimos uma atração vertiginosa e incontrolável por aquilo - seja o que for - que vem de fora. Não se trata de reivindicar xenofobia – passemos muito longe disso, mas de buscar diacrônica e sincronicamente justificativas em nossas raízes para o que somos ou para o que queremos ser ou escolheremos não ser.

É este o propósito deste texto. Temos mitos, história, ritos, autores: cultura em vários sentidos, inclusive o tecnológico com "apocalípticos e integrados".

Esta pesquisa nasceu há algum tempo atrás, diríamos, faz anos que se engendra. Nasceu de uma vontade de compartilhar, ideias, ansiedades, desejos e sonhos sonhados e por sonhar. Como o personagem de André Gide em seus moedeiros falsos diz que somente os romancistas colocam ponto final. Na vida, tudo sempre continua: as mesmas repetições, mesmos autores, até as mesmices e o lugar comum.

O texto que apresentamos é o resultado de parte da produção, que desenvolvemos na UNESP de Bauru (2017-2023), relativo ao processo formal de pesquisa e resultados que agora apresentamos os resultados que concretizamos, especialmente, sobre o Humanismo as Teorias da comunicação, atualizadas como Teoria das Mídias, pensadas de maneira específica e aplicadas às linguagens, fazendo possíveis e necessárias intersecções com as teorias da comunicação e a filosofia do século XIX e XX Alemãs, principalmente.

A justificativa de nosso trabalho dá-se em função da premente necessidade de se pensar as teorias como fenômenos humnos e midiático que, por meio das práticas ganham outras relevâncias e projetam novas dinâmicas com efervescência motivada, principalmente, pela oferta de novos dispositivos produzidos pelas aplicações tecnológicas em nossa atualidade.

Agregamos alguns autores em torno dos temas, alertando que este é o resultado em que é possivem perceber certo limite ainda tímido de nossas preocupações teóricas.

O trabalho teve como ponto de partida os conceitos de Teoria, Técnica e Prática e suas relações intrincadas com os processos essenciais midiáticos, levando em conta as dificuldades enfrentadas, principalmente em função de inúmeras correntes teóricas e da diversidade de análise e abordagens autorais.

Nesta trajetória a hipótese de que os processos mediáticos, em suas dinâmicas próprias, podem e devem ser repensados a partir de elementos que surgem de uma intensa troca, justificando a vivência da prática para a atualização dos conceitos como resultados destas mesmas experiências, ou seja, as relações sociais e humanas consideradas como um grande laboratório, como processo complexo e dinâmico de trocas interativas, cognitivas, espirituais, emocionais e afetivas propiciadas pela técnica.

Novamente, aproveitamos a clássica definição de Kant de que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana, pressuposto na definição de que a tecnologia, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que as trocas como processos são imperceptíveis, por sua condição subjacente às relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos, resultado das apropriações ideológicas das tecnologias e de como são compradas, vendidas e assimiladas.

De outro modo, a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de diversos produtos, inclusive imagens artísticas, com suas máquinas reprodutoras, mas também mediadoras, foi possível perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social quanto no político e econômico. É neste sentido que entendemos que a técnica como sistema de cultura pode representar as finalidades máximas da Razão como tecnofilia e justifica-la politicamente como tecnofobia.

Neste sentido, a dificuldade de se definir o conceito de razão técnica como processos subjetivos e delicados de percepção, instigou-nos a repensar a mediação como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos já desgastados pelos usos, suscitando a transcendência ou o ir além: o mundo mental seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular. O midiático como corpo também seria parte de um processo mental.

Impossível não ressaltar as discussões sobre o conceito de mídia como a técnica dentro da técnica e uma das grandes contribuições que consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como médium, tradutora e mediadora das experiências humanas, levando em conta não somente a transferência de conhecimento, mas também a participação imediata de **Um** no **Outro** interlocutor, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem, objetivando exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomadas de consciência e, ainda, as condições em que se realizam qualquer mecanismo de linguagem como entendimento prático. Por isso mesmo, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Por outro lado, a linguagem pressupõe fórmulas numéricas tradutoras de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que acrescentamos a necessidade de atualização dos principais conceitos resultados desta nova ordem tecnológica que preconizam a necessidade *sine qua non* do domínio não só dos códigos, mas também dos avanços tecnológicos que de uma forma ou de outra alteram os modos e usos práticos. Mesmo assim, traduz, usando a linguagem como médium, em um processo de trocas de conhecimentos e de consciências, além de experiências entre os interlocutores. Mesmo que o conceito de troca seja questionado por muitos teóricos, ele é essencial.

Esse debate pode acontecer em várias etapas que envolvem decisões dedicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação. Neste sentido, importante reafirmar que a linguagem é o *medium* universal e cada mídia a desenvolve e aprimorar a sua própria elaboração e compreensão de conteúdos, seja na forma escrita, oral ou por imagens, mantendo observância na inclusão de usos e costumes, elementos essenciais da cultura.

Assim, cada meio massivo desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte seu texto em linguagem, que pode ser classificado como "consciência compreensiva" realizada através do que foi compartilhado, incluindo aí a ideia da intervenção tecnológica e de sua relevância nestes mesmos meios massivos.

Neste ponto, a linguagem organiza a possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido. Por isso mesmo, equivale dizer que por mais eficaz que a tecnologia seja, é esta uma reconstrução matemática, no sentido tradutório das intenções que seriam plenamente atingidas. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito, tais como os técnicos, mas isso não quer dizer o absoluto.

Neste contexto, os modernos sistemas como, por exemplo, a complexidade da tecnologia móvel, com todas as suas potencialidades como a Internet que se impõem como base de convergência, ocupando um espaço importante nos estudos dos fenômenos sociais.

O fenômeno da Interação já não se restringe a uma trajetória linear entre fonte, mensagem e destinatário. Não é mais uma mera transferência, mas admite ser pensada também como mistério ou como fenômeno inexplicável, no sentido discutido por Ciro Marcondes. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples transferência ou tradução. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se, ainda, a tecnologia como diz Álvaro Vieira Pinto: "um conjunto de técnicas de que se dispõe uma determinada sociedade em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento". Neste sentido, independente de se ampliar discussões sobre os vários conceitos: homem, máquina, técnica, tecnologia e de como compreender problemas relacionados aos aparatos ou extensões tecnológicas. Alguns autores argumentam, pensam e enfatizam os fenômenos físicos, outros; os fenômenos sociais articulados às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos de que Shannon como engenheiro empregado de uma companhia telefônica, teve como objetivo principal a melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independente do conteúdo. Desse modo, acreditamos que "a teoria matemática" deste autor deve estar situada mais apropriadamente entre as teorias da informação, mesmo que tenha ocupado seu lugar, também, entre as "teorias" da comunicação.

Independente de quaisquer protocolos, a tecnologia está relacionada à construção social da realidade e aos valores das ações e interações, à reconstrução que cada um faz sobre si mesmo e do mundo, e buscar um sentido visto como epistemologia da técnica a justificar reflexões críticas sobre o processo objetivo, direção necessária à teorização, sem qualquer tipo de mistério.

Neste contexto, um de nossos propósitos foi pensar em uma hipótese que sistematizasse as reflexões conceituais de Vieira Pinto sobre as tecnologias, construídas por ele como um processo seletivo e maduro muito particular de ideias antigas e novas, tendo com base, , por exemplo,as ideias de Aristóteles, Kant, Heidegger, como aquilo que foi constituído como um saber necessário, vale dizer, como fundamentação, de maneira mais elaborada e sólida, as concepções sobre o tema.

Portanto, este processo de fundamentação está interligado à distinção entre questões tecnológicas da atualidade como a crença em uma nova história com o surgimento da cibernética e das máquinas processadoras de inteligências. E neste sentido mais categórico

afirmamos: não é possível discutir neste contexto, sem se levar em conta as categorias dialéticas do Ter e do Haver, apontado por Álvaro Vieira Pinto como aspectos importantes no desenvolvimento da razão técnica, reflexo da construção da razão teórica e do caráter simultâneo, contínuo e descontínuo da tecnologia.

Fez-se necessário, neste sentido, ainda, discutir e reexaminar os conceitos de sociedade em face da "era tecnológica", fazendo aparecer ideologicamente a figura do homem maravilhado, que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Isto possibilitou assumir que a compreensão da máquina se dá por sistemas de significação de base social e traz novas perspectivas de ver os objetos como pensantes e criadores.

A partir daí, por exemplo, surgem também abordagens teóricas novas para explicar fenômenos que nascem das relações humanas com as máquinas de diversos modos: analisar o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo tempo como economia, facilidade e comodidade no armazenamento da informação.

Por isso, torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi armazenado, melhor dizendo, o que foi memorizado e o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. Este processo não está dissociado da tecnologia da informação. É a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito que mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Assim, neste conexto tecnológico, há um total controle de informação e das pessoas. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. As instituições alegam o direito de gerar e também o de difundir informações. Por outro lado, há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não as receber. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas.

Neste contexto cultural, também argumentamos sobre a possibilidade de se fazer uma síntese do *homo economicus* com o *homo juridicus* como simples ator do mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo é que recorremos às teorias de Gadamer para afirmar que a linguagem é o sinal da mediação devido a sua natureza processual e pragmática. É na linguagem que os atos mediáticos ganham formas e sentidos e se distinguem entre operar e compartilhar, mas como mediação de uma obra social em contínuo processo. E é este mesmo processo que torna a comunidade culturalmente forte, resistente à reificação mercantil, indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica.

Portanto, os jogos linguísticos elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras, rompendo continuamente com os limites. Seria lícito afirmar que as tecnologias não acompanham todos esses acontecimentos em comunidade.

A comunidade e a mídia são constituídas por indivíduos, e não ao contrário, pois a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando de maneira ilimitada a comunidade. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a mediação desempenham papel importante, pois criam, transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessou discutir, no contexto tecnológico a linguagem, aproximando o conceito de linguagem ao conceito da "fala" social saussuriana como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, composta de múltiplos jogos linguísticos e caracterizam as múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem. Compartilhar jogos linguísticos é dinamizar as práticas. E somente assim, conseguir atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos linguísticos que delimitam e regulam. È este um aspecto do Humanismo.

Discutir a tecnologia como simples transferência através do uso obrigou-nos a retomar em nosso trabalho o debate a respeito da revolução tecnológica, caracterizada pela obsolescência nos contextos físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura e do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial. .

E neste sentido, afirmamos que as práticas tecnológico-midiáticas em rede criam comunidades, coloca os seus participantes em estado de sincronismo, cria identidade coletiva que distingue quem participa de quem não participa. E a comunidade toma forma, cria limites e sentido. É a ação que engloba as pessoas na comunidade e não haveria limites e nem identidades no processo. Por isso mesmo, a linguagem modelada pela tecnologia só ganha sentido dentro de uma comunidade com sua cultura, pois cria comunidade, não somente cria, mas multiplica as comunidades e ao multiplicar as comunidades cria novas formas de interações e trocas, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilidades para interações entre os indivíduos, ainda que a priori sejam pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, as comunidades são constituídas de individualidades, mas a tecnologia se faz essencial para fazer do homem um ser

social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. Assim, perguntamos: de que maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como propostas teóricas? Da discussão acerca dos conceitos vários circundados pelas Tecnologias podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar as questões contemporâneas, com seus desdobramentos multidisciplinares, interdisciplinares e intertextuais.

Nesta mesma discussão linguística e ao mesmo tempo tecnológica, percebe-se uma construção ativa e profunda. Impõe-se fazer uma reflexão sobre todo o processo que, sem esse exercício, torna-se difícil analisar as interações e trocas. Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo de apropriação de tecnologias não eliminam os problemas. As teorias podem esclarecer dúvidas. Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o que está sendo construído como cultura. Encontrar significados divergentes diz respeito à dificuldade de ver o que está próximo temporal e espacialmente. Pouco importa se a linguagem organizada e veiculada se libertou das intenções, ganhou autonomia. O que é fazer uma crítica, tendo como base um pensamento que aponte caminhos e proponha roteiros? Verifica-se que há um abismo entre o novo e o obsoleto. Não há controle das práticas e não se pode saber em que elas resultam.

Deste modo, reconhece-se a dificuldade em lidar e pensar o contemporâneo no sentido teórico. Será possível esclarecer as dúvidas nesta corrida sempre em direção ao novo? A tarefa é objetiva e ao mesmo tempo ativa. A pesquisa dá vida às práticas cotidianas e ao mesmo tempo, de modo claro, tenta encontrar respostas circunstanciais. E nessa procura de respostas, propõe-se preencher o maior número de brechas possíveis. Há, portanto, uma tomada de consciência dos limites materiais de se lidar com máquinas processadoras de atividades intelectuais, por exemplo. Por outro lado, como prever os resultados dessa relação entre homem e máquina é inevitável no contexto?

Se as ações, os acontecimentos e as experiências humanas estão imbricados nos processos tecnológicos, torna-se imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões, diante de verdades parciais de que tudo se liquefaz tanto teoricamente como nos comportamentos e nos modos de pensar o cotidiano, em decorrência de modelos impostos. Há forças, alheias ao processo, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para garantir segurança e validar propostas teóricas, tendo como respaldo os nossos pares acostumados com ideias alienígenas importadas. Neste ponto, não se pode falar

em ideias autônomas: a materialidade do discurso de autoridade científica só tem validade porque repete o ideal e as emergências internacionais.

Neste contexto, o conceito de Teorias, projeto que levanta discussões midiáticas esclarecedoras, é na verdade uma dinâmica sequencial envolvendo e abrindo caminhos para um completo compartilhamento em constante diálogo, como base para determinar a mediação.

Na mediação está explícita uma teoria que dialoga com a tecnologia, incluindo a memória, sem esquecer objetivamente da tradição, da historicidade e o que estes conceitos comportam. O contexto é rico em elementos que possibilitam estabelecer procedimentos metodológicos de abordagem tecnológica. Deve haver sim, um esforço para superar as resistências. É neste sentido que, a mediação enquanto técnica deveria ser entendida e fundamentada na filosofia.

Não se deve esquecer outra influência importante que foi Wilhelm Dilthey ao difundir a memória como o elemento diferencial das ciências humanas em relação às ciências da natureza. Sua proposta era fundamentar um processo rigoroso nas ciências humanas por meio de mediações tecnológicas, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Desse modo, acreditamos que a importância de Schleiermacher e Dilthey encontra-se no fato de direcionar o pensamento humano, centrando-o na atualização de conceitos. A presença de pensadores como Heidegger em um trabalho teórico provoca uma radicalização no tratamento do tema da "compreensão" tecnológica.

Heidegger vê na tecnologia uma volta humana à natureza como um processo possibilitado pela intensificação do conceito diltheyano que marcará definitivamente os caminhos e as mudanças em seu pensamento filosófico sobre o Ser. Nesta importância, coloca-se a dinâmica midiática que se estabelece, justificada nas teorias. O Ser – aí compreende, mas que também se faz compreender em um processo intenso de diálogo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a tecnologia com os vários momentos do Ser no Tempo.

Este mesmo Ser dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de um conhecimento midiático acumulado. Por exemplo, a mediação é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos Técnicos, culturais, sígnicos e histórico-linguísticos.

É dessa interação dialógica entre os elementos que poderíamos aplicar a ideia de fusão de horizontes à mediação, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a

compreensão e apropriação das tecnologias. Difícil não associar todo esse processo aos meios massivos, pois o caráter institucional tão caro à mediação se repete na necessidade das tecnologias, independentemente do número de pessoas envolvidas.

Os horizontes e os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, fez-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam.

As tecnologias envolvem as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se participar do jogo técnico-midiático para se perceber os limites do universo de cada participante desse mesmo jogo. E nesse esforço entram no jogo as trocas repertoriais necessárias, enquanto o modelo racional ganha espaço. O objetivo não é descartado, amenizando o subjetivo. Ressalta-se que o pensamento hermenêutico vê como necessidade a superação do esquema sujeito-objeto.

Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo que surgem novas propostas teóricas nascidas das tentativas de correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda invenção tecnológica, em sua circularidade, é uma realização própria inesgotável de possibilidades de sentidos daquilo que se tenta incluir. Daí as repetições que fazem parte das regras do jogo. O sentido das práticas tecnológicas não se esgota e revela as possibilidades. É nesse sentido que o caráter da tecnologia é aberto, evitando sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade. O que está em jogo é fazer emergir o que precisa ser pensado: fundamento com ideias, eliminando e superando os limites que reforçam com o intuito científico, as distâncias temporal e espacial presentes no objeto experimentado.

Portanto, de maneira específica, estetrabalho é também uma crítica à tecnologia como instrumento de dominação, englobando, inclusive, a sua concepção tanto como técnica quanto como linguagem, e ainda o seu caráter político para além do instrumental.

1.6 CIRCUNSTÂNCIAS METODOLÓGICAS

Fazendo justiça ao célebre começo de Crítica da Razão Pura, de Kant, intensamente comentado por Gadamer, quando associa diretamente conhecimento à experiência, fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem a ciência no século XXI que sofreu e ainda sofre os efeitos do desenvolvimento tecnológico do século XX.

Ainda estamos fazendo a passagem do século passado para o atual, pródigo em experimentações, mas foram esses mesmos movimentos experimentais que contribuíram para que um novo projeto político e social, cuja práxis dividisse o planeta em duas ideologias. É neste sentido que ainda estamos praticando muitas das mesmas ideias, pensadas no século passado ainda a provocar dúvidas quanto às suas validades e aplicabilidades no século atual. Por exemplo, é importante retomar Kant, qundo assume que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano. É caminhar em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de teorias, justificativas e métodos. Pensar esse saber subjetivo e instável, a buscar caminhos científicos seguros para a experiência em nosso contexto espacial e temporal.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar ou atualizar as teorias existentes ou buscar novas que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de determinar/delimitar o objeto, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação da ciência. E deste modo, pressupor na escolha e decisão, o caráter infinito de ciência que, se contrapõe ao imediato da práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do saber sobre o mundo e o ser humano, pois a ciência moderna se traduz em experiência.

Da mídia à mediação, ultrapassando a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir, hermeneuticamente para o Outro e neste Outro o encontro de horizontes, a troca de

experiências que se dá verdadeiramente no diálogo mediado de maneira mais rápida. Nesse intercâmbio, há o acordo como consenso, mas com desfecho ainda ignorado, comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo com a tecnologia se constitui em um processo amplo de atualização dos conceitos aplicados aos processos digitais, às imagens eletrônicas (digitais ou analógicas) pictóricas também como objetos tecnológicos, incluindo as linguagens, ampliando ainda mais o espaço de troca entre mundos, realidades e horizontes.

Especificamente no caso brasileiro e também da América Latina para falar de emabasamento teórico, fez-se necessário realizar uma retrospectiva, retomando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, questões políticas. Por exemplo, os meios massivos, em sua quase totalidade, estão inseridos em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação que nada mais é do que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que, pelo menos, um esboço teórico comece a ganhar forma, justificando o sentido do conceito de *Theoria* que, vista de modo ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade diversas e comuns de justificar as práticas Tecnológico-midiáticas.

E neste sentido, há urgência de cultuar, cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos críticos que possibilitem enxergar o *alien*, o alheio, o estranho, mas também o dominador e enfeitiçador, como o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Portanto, ainda estamos sob a ação de fetiches das Teorias – alienados e encantados que somos. Há que se desencantar para de novo voltar a se reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo: do "Nonada" rosiano a algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez. Resta buscar respostas que poderão estar na arte, na literatura, na cultura e na poesia ou imbricadas em todas. O século XXI, em nosso contexto geográfico, deveria retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário do século passado.

1.7 ENQUADRAMENTOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA: CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS, SEM PONTOS FINAIS METODOLÓGICOS.

Tornou-se necessário retornar aos teóricos que tratam da história da ciência, quando discutem os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, as crises e surgimento constante de tecnologia a exigir também uma atualização constante dos conceitos que é a base para se construir as novas Teorias. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de tecnologias, de práticas, de ideias e de Teorias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar um aspecto importante da cultura do século XX, incluindo o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e contradições.

Importante enfatizar que o acréscimo da informação não acarreta o aumento do conhecimento, mas a inflação da informação que pode significar "deflação do sentido", crise que atinge o auge com a mídia, o computador e a Internet, acabando por se constituir em discussões necessárias para se pensar as tecnologias hoje, envolvendo, por exemplo, o conceito de memória artificial indispensável ao contexto e aos meios de massa.

O tema da memória e da construção de sentidos é pertinente na sociedade conectada, no contexto da Inteligência Artificial com computadores e redes sociais, vistos como máquinas de memória capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo. Estas máquinas inteligentes são insuperáveis, quando comparadas às enciclopédias impressas, que não conseguiam uma atualização instantânea como fazem atualmente as atuais.

Portanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de

atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana de reter os objetos artísticos ou não e também as informações.

Assim, a mediação como processos constantes de atualizações tecnológicas, trocas e compartilhamentos, já a hermnêutica tem a tarefa de fazer interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos face a face e virtuais. Neste sentido, aludimos a alguns pensadores como, por exemplo, Francis Bacon, ao fazer colocações sobre o método científico e a necessidade de isenção de preconceitos, diz ser necessário travar uma luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana.

Bacon aconselha ainda muito cuidado à observação, atenção especial às ideias recebidas da educação e muita precisão no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para a necessidade de se desenvolver experiências específicas, atendendo às interrogações científicas da pesquisa.

De maneira complementar, ao discutir as teorias e os fatos que as acompanham, Popper nega qualquer lógica na descoberta científica. Para este autor, pode-se valer de tudo: insights, intuição, imaginação e observações controladas.

A ideia era fazer leituras atentas da profusão de teorias e discussões metodológicas como atividade constante deste nosso trabalhoque segue em direção ao entendimento e conhecimento das teorias já consolidadas, agora com um pouco mais de ênfases nas tecnologias. Tentamos metodologicamente, aplicar a hermenêutica para entender melhor a relação estreita já conhecida entre mídia e cultura. Trata-se de uma imbricação perceptível das práticas com as trocas e conceitos, estabelecendo uma mistura composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da mediação que poderia ser um novo humanismo.

Desta mistura, pensada como mediação e cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais e midiáticas divididas em países e regiões com suas especificidades como justificativas, incluindo todas as suas contradições observáveis no século atual. Assim, não se pode esquecer, por exemplo, do encontro frutífero da hermenêutica com a desconstrução de Derrida e com a Filosofia alemã contemporânea. Lembramos ainda do tradutor italiano de Verdade e Método, Gianni Vattimo, que associou o pensamento de Gadamer a um niilismo feliz. Acrescente-se o trabalho que R. Rorty fez com as ideias filosóficas e práticas gadamerianas a estabelecer caminhos com vias diretas destas com o pragmatismo norte-americano.

Portanto, são discussões que foram travadas no contexto da modernidade (pós?!?) do século XX que ainda poderão gerar frutos frente às relações humanas e construção de um pensamento sobre o "real" inconstante, na atualidade e de seus efeitos, centro de interesse deste trabalho que reúne as teorias hermenêuticas do diálogo, da compreensão, da interpretação coma sobreposição tecnológica. É a relação do Eu com o Outro, em um processo de mediação e interação constantes, que na verdade é a essência desta síntese como projeto para pensar o humanismo.

2 CONCRETIZAÇÕES HERMENEUTICAS

2.1 PRODUÇÕES E REPRODUÇÕES: AMPLIAÇÕES, RECORTES, REDUÇÕES E ATUALIZAÇÕES.

INTRODUÇÃO

MUITOS HORIZONTES OU CAMINHOS INTROTÓRIOS À SELEÇÃO DOS TEXTOS: A INTERPRETAÇÃO E A EXPERIÊNCIA HERMENÊUTICA.

Impossível escrever esta introdução aos ensaios que virão a seguir, sem antes mencionar o trabalho de Peter Sloterdijk, "O zoológico humano", que na verdade é um título polêmico, mas acreditamos ser importante ler, reler e repensar esse texto que é um diálogo hermenêutico

com o livro as Cartas ao Humanismo de Heidegger para entender pelo menos algumas dimensões do humanismo.

O nosso proósito de retomar o humanismo se depara com os conceitos prontos que estão nos livros, no entanto, devem ser atualizados, sobreponto constatemente humanismo, centrando tudo o que significa o ser: sensível, instável, inseguro, instantâneo e que acabou se tornando, no final do século passado, o grande tema sartreano (existencialismo e humanismo) daquele momento, apesar de Sartre ser um autor da década de 50 do século XX, as ideias do filósofo em "Ser e o Nada", oferecem elementos para que se possa reconstruir esse humano em nosso momento presente,em nosso contexto. Mas afinal, o que é este humano? O que é esse ser instável, incerto, camaleônico, que se transforma a todo tempo?

Sartre o define assim: É o ser que se manifesta por uma série de aparências diferentes. E por isso mesmo, não se consegue falar com certa certeza sobre esse ser que, na verdade, é uma aparição momentânea e instantânea, que não pode ser descrito, no sentido de uma descrição minuciosa porque é instantâneo. A cada minuto, segundos, este ser já é outro, já é outro ser. É essa mesna instabilidade que o humanismo do século XXI usa como modelo para atualizar o conceito de humanismo. Por outro lado, o humanismo no sentido clássico, em que se baseou Peter Sloterdijk significa uma cultura, um conhecimento dos grandes autores antigos, que foi uma experiência com obras literárias, e consequentemente uma tomada de consciência da historicidade do ser, já pensada pelos grandes autores gregos e romanos.

A experiência hermenêutica é intrinsecamente linguística e é um dos grandes momentos na construção do conceito de humanismo já pensada por Aristóteles, Platão, Dante e muitos outros. Isto quer dizer que para ser humanista, no sentido clássico, precisava ter um conhecimento das grandes obras literárias, elaboradas por esses grandes pensadores da antiguidade, esse é o primeiro movimento para a construção do conceito clássico de humanismo que Sloterdijk classifica como civilização.

Do século 12 ao século 14, tem-se o auge desse estágio da cultura humanista ocidental. E o que significava ser humanista naquele conexto? Ter conhecimento dessa cultura e dominar esses clássicos da antiguidade. Faz parte desse humanismo pessoas que têm o domínio da cultura clássica, da cultura grega e Romana.

E no sentido filosófico o que significa humanismo? Qualquer doutrina que se dedica à natureza ou ao destino do ser, esse é o segundo movimento na construção do conceito de

humanismo, seja no sentido de exaltar as culturas clássicas, seja no sentido de se dedicar às questões humanas e nesse conjunto de argumentações conceituais é que encaixamos o sentido de humanismo. Qual é a função da hermenêutica nesse processo interpretativo? Pensar e entender, dialeticamente o ser e suas relações humanas por meio das mídias e das tecnologias, supostamente como uma consciência que percebe os objetos e como uma compreensão que se amplia e se ilumina em um processo de autocompreensão, tendo como objetivo maior entender o ser humano em profundidade: saber como se comporta, como pensa, como reage.

A essência do ser midiático contemporâneo como processo hermenêutico é exatamente o objeto de nossos estudos, que se volta às maneiras como esse ser se comporta, reage, pensa, sente e muda em comunidade. Este é o ser camaleônico, no sentido filosófico abordado por Heidegger e Satre. E para entender esse ser humano, deve-se entender seus valores. No sentido clássico, são os valores do mundo, por exemplo, a beleza, a força, a harmonia, a virtude e o heroísmo. Já na atualidade são outros valores praticados pelas pessoas que habitam o mundo contemporâneo. Podemos até elencar alguns valores, mas seria inútil, pois mudam constantemente. Valorizar a convivência de um ser humano em sociedade pode ser um deles. Será que esse é um valor essencial hoje?

Nesse estágio do atual humanismo, pode-se pensar, por exemplo, os ideais estéticos gregos importados pelos Romanos na ideia do ser perfeito, a forma perfeita, no sentido do belo. O belo, hoje, significa muitas coisas, até mesmo o feio. No contexto da idade média ou do renascimento, esse belo é o belo da harmonia, é o belo da força. Todos os heróis gregos são fortes e aventureiros, como no caso do Ulisses.

Outro viés do humanismo é o cristianismo. Sartre repensou muito as questões humanistas herdadas dos pensadores católico-Cristãos: o ser nasce livre, e seu valor maior é a liberdade, seguida da individualidade, autonomia e responsabilidade. Isto quer dizer, resumidamente, que o livre-arbítrio é relativo, no sentido cristão, pois orientado por Deus. Importante ressaltar a contradição: o ser é livre, desde que seja orientado por Deus.

Nesse sentido, essa carga contraditória do humanismo cristão, difícil de ser resolvida, filosoficamente: o ser é livre, no entanto, existe um Deus orientando para que se usufrua dessa liberdade da maneira mais correta possível, da maneira mais humana possível.

No entanto, na modernidade, no mundo contemporâneo, pode-se rever o humanismo a partir de ideias que ainda permanecem atuais.. Alguns autores introduziram mudanças

importantes e essas mudanças irão persistir até hoje. São três autores básicos humanistas: Descartes, Kant e Hegel. Descartes causa estranhamento, pois é de 1600, mas continua um autor atual. Estes três autores se complementam, pois constroem/pensam cada um a seu modo, os mesmos conceitos aplicados ao humanismo como subjetividade do ser, como uma abstração, por exemplo. Cada ser tem sua subjetividade e cada um constrói a realidade a sua maneira. No sentido do indivíduo único e ao mesmo tempo conectado com a sociedade em que vive. Pode-se associar, de maneira esboçada, em um primeiro momento, as práticas subjetivas mutantes ao conceito de mídia para este ser humano atual que faz parte e é a mídia.

Deste modo, o conceito de mídia como transporte, segundo Harold Innes. As mídias não são apenas os meios de comunicação de massa, mídia é a tecnologia que transporta a informação e como as pessoas também transportam informações, elas são mídias ambulantes, podem ser classificadas como mídia. Nsse conceito mídia está sobreposto o de subjetividade, do ser diferença, do direito de ser diferente. Desde 1600 Descartes fez uma nova leitura do Ser no mundo com o conceito de individualidade única. Assim, um de nossos propósitos, é entender, hermeneuticamente no sentido de existir, o ser no mundo contemporâneo com seus problemas existenciais. A pergunta que se faz é: o ser é único ou não ou, o ser é um constructo conforme a sociedade em que vive?

Essa é mais uma indagação circunstancial do humanismo moderno, mas também contemporâneo, ou moderno com Descartes, Kant e Hegel. Seria temeroso indagar se este humanismo teria começado no ser como um indivíduo que se constrói, que se diferencia, que reage a qualquer acontecimento a sua volta, mas também seria um ser que é o todo no mundo contemporâneo, no mundo moderno? Este ser que é indivíduo, mas também é massa. Não é um ser só, são dois ou mais juntos. Por exemplo, pode-se perceber que isso é verdade quando as pessoas estão em um evento de massa, um show de rock, um comício. As pessoas aglutinadas acabam reagindo como massa, mas continuam sendo também um ser único, continuam sendo um Eu, naquele espeço, acontecem encontros, é um primeiro momento da cisão dessa subjetividade que emerge do estado oculto. É nesse processo em que nao se pode reduzir o Ser no mundo atual, no século XXI, à subjetividade.

Portanto, insistentemente, podemos perguntar o que é o humanismo no mundo contemporâneo? Percebe-se que no mundo contemporâneo o humanismo não tem uma unidade. Não tem a mesma unidade que era praticada na cultura clássica, na cultura grega, por exemplo, que considerava humanista aquele que conhecia todos os clássicos, desde Homero a Dante. Por

isso, ser humanista, não significa ter mais esse conteúdo repertorial e cultural. Cada pensador construia o seu modo humanista de ver o mundo e lidar com o Ser de sua época. Sartre tem no conceito de liberdade a única possibilidade de existência. Ser livre é ser responsável por todos os atos, por todas as decisões do SER.

Albert Camus, o escritor franco-agelino escreveu vários livros importantes, várias peças de teatro importantes. Seu livro mais exemplar sobre a existência é "O Estrangeiro". Há um momento da narrativa: um ser que vive sozinho, sua mãe morre, ele faz o velório e todos observam que ele não sente nada, não fica triste, não chora. Isto causou um alvoroço nas pessoas. Qual a moral hiócrita vigente? Quando alguém morre, independente da subjetividade, seus parentes e amigos têm que chorar. E o personagem não sente nada, não reage a nada, apenas faz o velório da mãe. Gratuitamente não reage ou sente diferente.

Em outro trecho do romance, este mesmo personagem fica sozinho e numa bela tarde, numa praia sente muito calor, em seguida, vê alguns árabes passando, sem motivo algum, ele assassina um deles. Consequentemente, é preso e perguntam por que matou, ele responde que estava com calor. É este outro conceito de liberdade: o humanismo como existencialismo, que é o conceito da liberdade, autoriza a fazer as coisas gratuitamente. Tem-se o direito do ato gratuito. No entanto, há o preço. E qual é o preço? Se você comete um crime, será julgado e condenado, pois, você vive em sociedade com regras. Estar em sociedade é isso, cada ser paga pelos seus atos. Assim, no Estrangeiro de Camus, as pessoas são humanas porque têm algo diferente em relação às outras. Viver em sociedade é viver segundo normas, regras e leis em que seu bem maior, a liberdade, está em jogo.

Albert Camus defende que o humanismo da subjetividade, em que cada ser tem sua característica. Neste sentido, é muito interessante fazer uma relação com o sentido de existência na sociedade midiatizada. Todos os seres têm suas características e especificidades em relação aos outros seres. Isto quer dizer que a extência do ser está relacionada à existência dos outros? Esta pergunta é também uma síntese de todo o pensamento sartreano, principalmente em "O Ser e o Nada"..

Marx não se importa com o sentido do ser como existência, pois falar de exisência pressupõe contemplação. Marx rejeita qualquer processo de contemplação. Para ele, humanismo é estudar o ser humano para transformar e mudar o ser humano. Estudar e transformar, é esse o humanismo de Marx.

O que se pode pensar e concluir do pensamento marxista? A sociedade só é humana quando o humano transforma os outros humanos, por meio “dO Trabalho como Vida”. Há aí um aspecto que pode parecer estranho ao humanismo: nós nascemos para o trabalho, o ser não nasce para não fazer nada, para o ócio, porque o trabalho é vida. É através do trabalho que o humano se transforma, que o ser se realiza em sociedade.

Nesse contexto, por exemplo, Kant, Marx e Marc Shiller concebem o humanismo de maneira quase semelhante, como uma espécie de realização do ser em sociedade, é o ser histórico. Somos históricos o tempo inteiro. Pertencemos ao nosso tempo, não conseguimos negar o nosso tempo.

Nós somos frutos do nosso tempo, cada tempo constroi o humano no seu tempo. É justamente nesse conceito humanista de que depende das nossas relações com os meios, com a mídia que nos cerca. Na verdade, é uma exigência na atualidade, se se quiser sobreviver no mundo contemporâneo deve entrar/participar de seu próprio mundo, sem estar no mundo não se sobrevive, nem como cultura, nem como Ser, fica-se alheio . Repetimos a pergunta: o que é o humanismo hoje? E o que é esse ser construído, mas que participa de uma comunidade midiatizada, lembrando-se das colocações do Castells. O ser é uma construção, é o resultado de uma construção em rede que não tem como e para onde fugir.

Devemos ficar atentos para outra definição para o ser: tudo deve estar subordinado ao ser como indivíduo e não no ser social. Sem pensar neste sentido e não se tomar certo cuidado em explicar e justificar essa afirmação, acaba-se escorregando, para uma espécie de Ser ditador em que se torna o centro do universo, de onde irradia e se resolve tudo. No entanto, há outra explicação que diz o seguinte: o ser não é um meio, é o fim, e é nisso que acreditamos. Ou seja, o ser está acima de qualquer coisa, mas não de qualquer valor.

Se o Ser é um fim em si mesmo, estaria acima das suas relações em sociedade, acima de tudo, porque ele seria um fim. Seria o ser humano acima de tudo, independentemente de suas qualidades e defeitos. O humanismo.

Assim. Sartre e Camus, existencialistas, pregam a liberdade em seu extremo, defendemos liberdade, juntamente com a responsabilidade como essência para se viver em uma sociedade e não lutar contra essa sociedade.

Dos anos 1930 em diante, muitas coisas aconteceram, mas o humanismo não mudou profundamente em quase nada. Da última década do século XXI até o momento, foi visível e crescente outro tipo de humanismo, falta de empatia pelo outro, por exemplo. Para responder a pergunta sobre o que significa ser humano, hoje, teremos que voltar um pouco no tempo. Na antiguidade o humano era aquele que consumia livros. Hoje, este ser consome imagens, todos os tipos de magens, sem possibilidades de escolhas, em todos os sentidos. Tudo é metabolizado, seja como processo mental ou na cultura.

Portanto, há "realidades" existenciais no mundo digital/midiático que ainda estão sendo construídas, engendras e que podem ser classificadas como algo que atinge a essência do humano. Quanto à existência, são valores que se constroem, por meio de uma base volátil e versátil que se mantém apenas no momento presente, nessa atmosfera que se faz e desfaz a qualquer tempo, que se desmancha a todo instante. Este seria um humanismo passageiro? O que sobrou da essência verdadeiramente humana? Lembramos-nos de Sartre quando afirma que a existência precede a essência. A essa reflexão o existencialista acrescenta que o ser humano no mundo contemporâneo entrou em colapso. Por isso mesmo, não se pode conseguir uma resposta rápida sobre o humanismo e sua essência. Por exemplo, Platão nos Diálogos Políticos define de maneira aproximada um sentido de essência como o ser com alma e o ser sem alma que é construído através de técnica e que acaba se tornando qualquer coisa técnica, uma Antropotécnica. Pode se aproveitar essa reflexão para tentar justificar que não se tem ainda uma definição do conceito central e dos varios sentidos do humanismo nos dias atuais, como nass teorias platônicas, no mundo as ideias, tudo é representação, o próprio ser humano é uma representação dele mesmo, é o ser como ideia. Portanto, ser e existir, são representações, são abstrações midiáticas, uma utopia teórica. O ideal mais elevado é, juntamente com a hermenêutica, trazer para a vida comum, o diálogo como algo que sobrou da convivência como parte do humanismo como civilização, retomando o contexto clássico do mundo dos autores e livros em conecção com a antropotécnica do momento midiático atual. Por fim, não se pode negar que a essência de um modelo civilizatório digital é a convivência e o diálogo.

2.2 HERMENÊUTICA DOS MEDIA: POLITIZAÇÃO, HEGEMONIA E APARELHAMENTO IDEOLÓGICO DA INFORMAÇÃO[2]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Propomos, neste trabalho, primeiramente, retomar, aprofundar e interrogar em nossas análises do conceito de mídia, *media*, *medium*, no contexto dos estudos midiáticos contemporâneos que envolvem não somente a atualização dos velhos usos e sentidos, mas também a reunião de argumentos para se analisar os avanços tecnológicos como uma discussão não somente sobre a técnica, mas também de seus usos políticos, ideológicos e mediáticos. Entendemos os *media*, no sentido técnico de Marshal McLuhan, como um imediatismo técnico que faz interface com a Técnica que abrange todo o seu entorno a um ou vários *media*, traduzidos nas próteses que substituem a função natural ou fisiológica como a grande questão que ultrapassa o século XX e se mantém de maneira mais intensa no XXI. Os vários conceitos que se sobrepõem se referem a um mesmo conjunto de fenômenos (BASTOS, 2012). É este o sentido técnico-conceitual que usamos para entender as complexidades contemporâneas e as subserviências e servilismos com propósitos ideológicos e também como práticas políticas executadas pelos *media*.

Impossível pensar os *media* sem começar pelas grandes instituições corporativas, no Brasil, visto que é importante fazer discussões e debates sobre as ideias e ações que circulam nestes meios que representam, não somente uma elite dominante, mas também a sua associação com muitos outros *media* também hegemônicos para construir, manter e ampliar o poder em nível nacional, estadual e local, realizando campanhas para criminalizar quaisquer grupos ou pessoas que possam , mesmo sutilmente, atrapalhar seus planos e poderes. Repetem a velha tática de que uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade.

O tema deste trabalho é o da discussão atual sobre os *media* e o do eterno diálogo entre estes mesmos *media* e os poderes, sejam aqueles que se escondem por detrás de mensagens enigmáticas, sejam instituições que, por meio das leis e de suas brechas ou por outras vias e aplicação, mostram caminhos diversos, fazendo perceber valores e concepções de mundo e de vida, sobre diferentes aspectos. De fato, estamos sempre a observar as

[2] Comunicação apresentada no congreso ALAIC 2020 que consta dos ANAIS do evento. Ensaio ainda em construção.

estratégias jurídicas, *mediáticas* e militares interligadas, na busca de prováveis respostas para as inquietações suscitadas pelo que consideramos, por excelência, o principal fenômeno do atual século: os *media* e sua condição privilegiada de produção e distribuição de conteúdos, em um contínuo processo de aparelhamento ideológico da informação. É este um sistema que decide quais serão os candidatos, que em seguida autoriza entre os escolhidos em quem a população deve votar ou quem pode ser eleito.

TEMA CENTRAL E OBJETIVOS.

As ideias aqui presentes, sem exceção, consideram como ponto de partida a possibilidade de pensar aspectos dos *media* no século XX, como passagem ampliada, atualizada e recrudescida para os de hoje, com seus desdobramentos e mudanças no atual momento vivido. Estes *media* se mantém como porta-vozes do alto empresariado antinacional, latifundiários e militares defensores dos interesses norte-americano: é esta a imagem dos *media* no século XXI em sua segunda década. São os Jornais tradicionais os principais protagonistas desse processo, fazendo com que todos os clássicos conceitos de jornalismo sejam questionados, impondo com urgência uma revisão crítica e atualização.

Busca-se não somente pensar os *media* como um todo, mas também analisar algumas das experiências acumuladas por estes mesmos *media* na super-manipulação da informação para avaliar o alcance dos efeitos como forma de continuar nossas investigações, colocando questões e também as situando no contexto do atual século onde são explorados novos experimentos *mediáticos*. Ruy Mauro Marini (2005), por exemplo, reelaborou o conceito de superexploração do trabalho operário para mostrar a intensificação e o prolongamento do período de trabalho, incluindo a expropriação de parte considerável das forças gastas nestas jornadas. Agora o mesmo acontece no contexto jornalístico. Exploram ao máximo a força de trabalho e impõem ao mesmo tempo exploração ideológica, em níveis extremos, das notícias que funcionam como uma espécie de explosão informacional, causando mudanças nos comportamentos, na percepção e na cognição como guerra política. Neste sentido, como exemplo importante, a imprensa de maneira geral não mais fiscaliza o poder judiciário, em um conluio promíscuo com essa instituição: é abastecida com informações que são publicadas de maneira acrítica, avalizando as decisões dos procuradores e tribunais, incluindo neste processo a dependência financeira.

Esta tarefa de analisar os *media* hegemônicos instigou-nos a deslindar os atos *mediáticos* com precisos recortes no âmbito da cultura política, compreendidos como política e também como jogos de poder e ainda aqueles outros jogos tão importantes como, por exemplo, os verbalizados e não percebidos, os não verbalizados e silenciados, a comporem um universo de fenômenos que esperam por respostas. São visíveis as conexões dos *media* com o sistema penal punitivista, como foi com a Lava Jato, a imprensa atuou como guarda especial, naturalizando todos os excessos.

É nesse sentido que acrescentamos as questões midiáticas relacionadas aos debates críticos para detectar e analisar os elementos e demarcar algumas das atuais formas de autoritarismos na América Latina, especificamente no Brasil, usado como um grande laboratório em relação aos outros países do continente, exemplificado na forte união e participação dos media hegemônicos com o judiciário, governos federal e estadual. São estratégias de um novo tipo de guerra em um país como o Brasil, exercício prático importante para os interesses dos EUA.

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO OU DISCUSSÃO TEÓRICA PROPOSTA

Insistimos na necessidade de se pensar criticamente as possibilidades que surgem diante das constantes mudanças, explicitando as posições ideológicas complexas em função das práticas e usos políticos dos *media* institucionais hegemônicos. Estes usos exigem atualizações circunstanciais constantes, tanto dos conceitos essenciais ao jornalismo como das teorias que fazem com que as "verdades" também mudem por estarem conectadas a todos os artifícios e engenhos pressupostos nos vínculos, trocas, intercâmbios e interações forjadas pelas elites como operações psicológicas e divisões sociais, maquiavelicamente fomentadas que impedem qualquer pacto social.

Percebemos que novos cuidados são necessários para se analisar esta realidade sempre flutuante no cenário político brasileiro que é pouco animador. Adotaram-se modelos já intensamente testados, não se ignoram referências de obras importantes sobre essas realidades e atividades inter-relacionadas aos diferentes modos de subserviências dos poderes nacionais, atrelados aos internacionais, exigindo pensar perspectivas diversas objetivas e racionais, politicamente, como atividade constante e necessária ao enfrentamento do complexo que envolve a juristocracia, o militarismo e os media hegemônicos aliados de sempre.

A principal estratégia norte-americana é um conhecido roteiro testado com excelentes resultados na América do Sul que possibilita ver o grau de servilismo que o sentido do conceito ganha dimensões nunca imaginadas, englobando completamente os significados de entreguismo e colaboração. Adotam-se esquemas planejados e construídos como se fossem propostas democráticas com tamanha naturalidade, fazendo crer na insignificância dos valores das práticas políticas nacionais. Assim, sob a ideologia extremamente conservadora e reacionária existe um mercado de ideias que representam segmentos da elite brasileira que ainda mantém mentalidade escravocrata. Por isso mesmo, há muito a se discutir sobre uma sociedade controlada e carece ressaltar os arremedos das propostas rasas que cumprem muito bem o seu papel servil. É a ideologia do império que alimentou e fundamentou a aventura golpista e transformou o Brasil numa colônia norte-americana e que funciona somente como país consumidor. A regra é simples: os donos dos *media* hegemônicos se alimentam das produções noticiosas que eles mesmos manipulam, com o intuito de corromper e destruir a frágil democracia brasileira, concretizando os projetos geopolíticos e imperialistas do país da América do Norte. Já os outros países Sul Americanos parecem obedecer à mesma lógica: interagem, seguindo a mesma lógica, trocam ideias e adotam o mesmo roteiro. A tática mais visível, além da fluidez necessária, é a superficialidade no tratamento das informações como catalisador de opiniões, potencializando a construção de outra realidade social.

Os exemplos brasileiros são muitos na produção jornalística e os casos emblemáticos são apenas uma parte mapeada e estudada para entender os papéis desempenhados por essa "elite do atraso", facilmente detectável nos *media* tradicionais impressos e televisivos. As omissões providenciais, esquecimentos premeditados e falta do contraditório traduzem a urgência de se construir argumentos críticos sobre os valores éticos e culturais puramente estranhos, formais ou informais praticados pela imprensa, voltados sempre aos interesses alheios sob a aparência de democracia. É claro que essa conjuntura política interna usa os modos de ser do outro e também o outro como espelho: a aventura golpista dos EUA articula governos de extrema direita antidemocráticos, sempre subservientes e liberais na aparência para atenuar e enganar. Por isso, impõem-se reavaliar os movimentos, hábitos, usos e práticas mediáticas para se pensar a cultura e os *media* sem desvinculá-los das questões políticas. Nesta perspectiva é necessário reforçar a crítica a essa onda "ultraconservadora", que tem ganhado espaços em ambientes mediáticos instituídos nas sociedades no Brasil e na América Latina com muitos exemplos importantes e escancarados da desagregação dos laços entre os

países que facilitou os golpes organizados pelos EUA: Honduras, Equador, Colômbia, Chile, Bolívia.

Neste sentido, em tempos de polarização de ideias e de "fake information" é fundamental avaliar o papel desempenhado pelos *media* tradicionais e também por parte das redes sociais, pelos blogs e *think thanks* ultraliberais financiados pelos estadunidenses, produzindo notícias comprometidas que não dão mais voz aos temas e fatos da vida cotidiana, mas favorecem os interesses de grupos, ignorando as interações sociais e políticas já enfraquecidas, impondo seus princípios ideológicos, embora possam, em algum momento, refleti-los, em que se estabelecem simplesmente o silêncio, não mostrando ou veiculando quaisquer comentários em suas programações.

A América Latina ainda não conseguiu encontrar um caminho próprio em direção à independência. Vivem imersos em imagens exógenas construídas pelos *media*, que assimiladas sem críticas, criam inadequadamente outro imaginário também estranho. Estas elites representadas pelos *media* fingem desconhecer tais estratégias, não levam em conta as inúmeras e diferentes culturas de cada país latino ou de seu próprio país, sempre agem com um grau maior ou menor de servidão, desconstroem os processos de consciência das realidades em quase todos os países do continente. Por isso, nosso intuito é o de estudar e compreender as políticas culturais e seus reflexos ainda pouco explorados, dispersas, de maneira intencional, nos grandes *media* corporativos, que inadvertidamente nos fornecem elementos novos importantes, possibilitando, inclusive, pensar sobre os aspectos intrincados de conceituações e suas atualizações: o entrelaçamento entre os *media*, cultura e política.

Faz-se necessário discutir, ainda, neste ambiente altamente tecnológico (PINTO, 2005), na tentativa de entender os processos complexos, que incluem as especificidades culturais que comportam também um modo singular de ver o mundo, de compartilhar ideias, objetos e ações, no entanto, os *media* interferem nesses mesmos modos e usos políticos, obtendo resultado prático, diferenciando os efeitos, independente dos valores que se queiram atribuir a eles. Assim, impõe-se aprofundar as análises do aparelhamento ideológico *mediático* no contexto da América Latina, principalmente, diante da existência de uma grande maioria subserviente e partícipe à produção de um imaginário favorável à entrega de riquezas, construído desde o controverso *impeachment* em 2016 no Brasil.

O essencial é pensar os *media hegemônicos* no Brasil e refletir sobre possíveis exemplos comparáveis na América Latina, a partir de levantamento dos principais acontecimentos no Brasil pós-impeachment de 2016 e em outros países do continente que no

mais das vezes mostram uma falta de cultura política, comprovadamente, estas realidades se repetem como pautas que são muito reaproveitadas politicamente. Estas realidades são instigadoras e espelham as preferências ideológicas, as releituras e repetições simplificadoras dos acontecimentos comandados pelos *media* que também revelam um alto grau de politização à direita, por exemplo, todos os golpes no Brasil, desde o suicídio de Getúlio Vargas, tiveram participação direta dos *media* do país.

Por tratar-se de pesquisa teórica, faz-se neste trabalho, uma reflexão acerca dos fenômenos iniciados com os protestos de 2013 com a participação decisiva dos *media. É esta a* estratégia de abordagem, delimitação e tratamento dos problemas, que em escala crescente, ano a ano, culmina com o afastamento da presidenta Dilma Rousseff e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Deste modo, as principais referências do *corpus* teórico que sustentam nosso trabalho são de autores que fazem intersecções com mídia, com a política, Cultura, Filosofia, Antropologia, Sociologia e também com as Literaturas. Detectamos, ainda, a necessidade de se pensar as novas possibilidades que surgem diante das constantes discussões sobre as tecnologias aplicadas aos *media.* É delas que emergem as construções ideológicas complexas em função das práticas e usos dos novos dispositivos ou conexões, exigindo atualizações constantes, tanto dos conceitos como das teorias que fazem com que as "verdades" voláteis ganhem um peso ideológico por estarem conectadas à velocidade e obsolescência da tecnologia da informação e de todos os artifícios e engenhos pressupostos nas múltiplas dimensões de que já falamos. A ruptura trágica no cenário local brasileiro é pouco animadora. Há poucas atividades críticas relacionadas aos *media* sobre a perspectiva da superexploração da informação. Como já dissemos, o modelo ardilosamente implantado possibilita ver um grau de servilismo que se repete em muitos países do continente. Um exemplo importante e essencial: Octavio Paz mostra as tentações de Moctezuma, a sedução irracional e injustificável do estrangeiro como se fosse uma trama sagrada. É a solidão e desorientação políticas provocadas pela desunião entre os países e consequentemente falta de consciência e engajamento. É o alienígena como espelho. São os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Neste processo político, nada escapa: impõe-se desde a língua até os pequenos hábitos e práticas alimentares. No sentido cultural, inseparável do mediático, deve-se pensar a informação superexplorada ideologicamente sem desvinculá-la das outras questões citadas acima, essencialmente políticas. É com esse objetivo que relemos as obras clássicas da cultura da América Latina, na tentativa de encontrar respostas às questões históricas que nos

acompanham desde os tempos da primeira colonização "oficial", e Cem anos de solidão de Gabriel García Márques é um exemplo especial.

Por outro lado, como ênfase, foi importante analisar especificamente o caso brasileiro, comparado de maneira delicada a alguns exemplos da América Latina, aprofundando os estudos dos últimos acontecimentos, tendo como parâmetro as denúncias de parte da imprensa internacional, por exemplo, New York Times e Le Monde, que podem falar mais livremente, pois estes veículos de comunicação não dependem de acordos políticos com o governo brasileiro e tampouco de apoio financeiro camuflado em verbas publicitárias para sobrevivência, por isso mesmo, apenas um pouco mais objetiva e "honesta". Neste sentido, acreditamos ser necessário fazer e refazer continuamente uma retrospectiva, abordando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, questões políticas. Reforçamos mais uma vez: Por exemplo, os *media* oligárquicos brasileiros, em sua totalidade, estão inseridos em um jogo político e ideológico com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação hipócrita esta que nada mais é do que fruto de cumplicidade duradoura. São as contradições Latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas. Esta análise crítica começou a ganhar forma e fazer sentido a partir da censura inconstitucional imposta pelo Supremo Tribunal Federal e das primeiras entrevistas do ex-presidente Lula da Silva, após denúncia geral, autorizadas pelo mesmo STF quando ainda estava preso *que*, vistas de maneira distanciada e mais ampliada, traduzem o ritual político organizado com diversas nuances, mostrando, inclusive, os objetivos políticos que justificam as práticas mediáticas.

É neste sentido que pensar as atuais práticas como instrumentos mediáticos que possibilitam enxergar o *aliens*, o alheio, o estranho, mas dominador e enfeitiçador, como o colorido das miçangas trocadas no velho e contínuo processo de colonização, como mostra Octavio Paz (O Labirinto da Solidão, 1984).

Continuamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos. Há que se "desencantar" para de novo voltar a "reencantar". No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo. Algo próximo do conceito de realismo mágico de Gabriel García Márquez e também das ideias de Guimarães Rosa: tudo é e não é ao mesmo tempo, são respostas que estão na arte, na literatura, na cultura e na poesia: uma verdadeira encruzilhada.

Assim, para estudar os *media* no século XXI, em nosso contexto geográfico, deve-se retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário.

Nosso propósito é dinâmico e pressupõe uma reflexão contínua de ordem teórica sobre a bibliografia ampla que envolve os temas presentes neste trabalho, destacando o conceito marxista da teoria da dependência (TMD) de Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotonio dos Santos e muitos outros. Queremos dizer ainda que há necessidade de se incluir também estudos de autores e obras mais recentes, conforme levantamento apresentado nas referências, com o objetivo específico de atualizar as constantes mudanças do pensamento crítico midiático da última década do século XXI. Já as questões hermenêuticas no sentido metodológico estão centradas nas obras Verdade e método de Hans-Georg Gadamer e Verdade e interpretação de Luigi Pareyson.

Sabe-se que a velocidade dos acontecimentos não estritamente tecnológicos exige respostas também rápidas em vários sentidos, envolvendo, principalmente, mudanças profundas nos modos de apropriação das tecnologias, não só como ferramentas, mas também como construtoras de ideologia e culturas. Faz-se necessário, por isso mesmo, examiná-las, esclarecê-las e comprová-las como processo contínuo de dominação.

PRINCIPAIS RESULTADOS, REFLEXÕES E CONCLUSÕES.

O ponto central deste trabalho não poderia ser outro senão o conceito da Teoria Marxista da Dependência, atualizado e adaptado ao conceito de *media* e suas ações mais visíveis e aplicáveis ao jornalismo, refletindo uma relação direta com o sistema jurídico e empresarial, atrelados a uma elite subserviente e entreguista e também aos interesses alienígenas. Estes temas estão disponíveis não somente na bibliografia levantada, mas também nos trabalhos recentes cuja compreensão vai muito mais além dos próprios textos, englobando também o contexto político atual. Deste modo, diante da necessidade de se reunir esforços para enfrentar os problemas relacionados aos *media*, que são muitos, constamos que as mudanças contínuas não foram acompanhadas de pesquisas e debates em relação às transformações, usos e efeitos. Por exemplo, o golpe político brasileiro concretizado na queda da presidenta Dilma Rousseff e prisão sem provas do ex-presidente Lula da Silva são provas cabais da subserviência aos mandos do atual governo norte-americano. Deve-se ressaltar ainda que os golpistas criaram nos *media* institucionais dependências doentias, principalmente de verbas publicitárias que, estrategicamente os mantiveram presos como sobreviventes. Já a imprensa internacional não depende tanto desses acordos e ficam apenas um pouco mais

independentes das visões fascistas, mas nem por isso estão livres de serem contaminadas pelos planos colonialistas. As obras de caráter teórico sobre os *media*, tecnologias, cultura, Interações, Interatividades e de artigos em periódicos completam o aprofundamento e ordenamento das questões concretizadas neste ensaio. Pretendeu-se ainda realizar um debate planejado conforme o andamento e desdobramento das leituras e análises a serem complementadas em futuros projetos, textos e discussões e ainda na realização de alguns Encontros e Colóquios com a cooperação e participação de pesquisadores de Universidades Brasileiras e Latino-americanas.

Bibliografia

AMARAL, M. S. (2006). *A investida neoliberal na América Latina e as novas determinações da dependência.* Dissertação (Mestrado em Economia) – Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

AMARAL, M. S. (2012). *Teorias do imperialismo e da dependência: a atualização necessária ante a financeirização do capitalismo.* Tese (Doutorado em Economia do Desenvolvimento) – Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo.

AMARAL, M. S.; CARCANHOLO, M. D. (2009*). A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes.* Katalysis, Florianópolis, v. 12, n. 2, 2.

BAMBIRRA, V. (1978). *Teoría de la dependencia: una anticrítica*. México: Era.

BASTOS, Marco Toledo. Medium, media, mediação e midiatização: a perspectiva germânica. In: MATOS, MA., JANOTTI JUNIOR,e JACKS, N., orgs. Mediação & midiatização[on line]. Salvador:EDUFBA, 2012, pp 53-77.

BONENTE, B. I. (2012*). Desenvolvimento em Marx e na teoria econômica: por uma crítica negativa do desenvolvimento capitalista.* Tese (Doutorado em Economia) – Programa de Pós-graduação em Economia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BOURDIEU, P. (2004). *A economia das trocas simbólicas.* São Paulo: Perspectiva.

CAPUTO, O.; PIZARRO, R. (1970). *Imperialismo, dependência y relaciones económicas internacionales.* Santiago: Centro de Estudios Socioeconómicos; Universidad de Chile. (Cuadernos de Estudios Socioeconómicos, 12-13).

CASTELO, R. (org.). (2010). *Encruzilhadas da América Latina no século XXI*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas.

DUARTE, P. H.; GRACIOLLI, E. (2007). *A teoria da dependência: interpretações sobre o (sub)desenvolvimento na América Latina*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX/ENGELS, 5. Anais... Campinas: Unicamp.

FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. S. (2012). *Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência*. São Paulo: Boitempo.

FUENTES, C. (1989). *Eu e os Outros: ensaios escolhidos*. Rio de Janeiro, Rocco.

GADAMER, H. G. (2005). *Verdade e Método* 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S. Francisco.

GARCÍA MÁRQUEZ, G.; FUENTES, C. (2007). *"Cién años de soledad" y un homenaje*. Discursos de Gabriel Garcia Marquez e Carlos Fuentes. México, FCE.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. (2010). *Cem Anos de Solidão*. Rio de Janeiro, Record.

GARCÍA CANCLINI, N. (2006). *Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp.

GARCÍA CANCLINI, N. (2005). *Consumidores e Cidadãos*. Rio de Janeiro.

HALL, E. T.; HALL, M. R. (1990). *Understanding cultural differences: germans, french and americans.* Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press.

LUCE, M. S. (2011). *A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital.* 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARINI, R. M. (1992). *América Latina: dependência e integração.* São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

MARINI, R. M. (2005). *Dialética da dependência.* In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (org.). Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular.

MARINI, R. M. (2005). *Sobre a dialética da dependência*. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro (Org.). Ruy Mauro Marini: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular.

MARINI, R. M. (2012). *Subdesenvolvimento e revolução*. Florianópolis: Insular.
MARTINS, C. E. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINS, C. E.; VALENCIA, A. S. (2009). *A América Latina e os desafios da globalização: ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Boitempo.

MARTÍN-BARBERO, J. (2002). *Ofício de Cartógrafo: Travesias latinoamericanas de la comunicación em la cultura.* México, FCE.

MARX, K. (1983). *O capital: crítica da economia política*. São Paulo: Abril Cultural.

MILEK, Camila e RIBEIRO, Ana Júlia, Orgs, (2020). Relações indecentes: São Paulo: Tirant Lo Blanch.

MOLES, A. (1974). *Sociodinâmica da cultura*. São Paulo: Perspectiva.

OSORIO, J. (2004). *Crítica de la economía vulgar: reproducción del capital y dependencia.* México (D.F.): Miguel Ángel Porrua; Zacatecas (México): Universidad Autónoma de Zacatecas.

PAZ, O. (1984). *O labirinto da Solidão*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PAREYSON, L. (2005). *Verdade e Interpretação*. São Paulo: Martins Fontes.

PRADO, F.; MEIRELES, M. (1994). *Teoria marxista da dependência: elementos para a crítica ao novo-desenvolvimentismo dos atuais governos de centro-esquerda latino-americanos.* In: POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel.

RICOEUR, P. (1994). *Etica y cultura. Buenos Aires*/Argentina: Editorial DOCENCIA.

SANTOS, T. (1970). *The Structure of Dependence.* Nova York: The American Economic Review.

STRECK, Lenio e CARVALHO, Marco Aurélio de, Orgs. (2020). O livro das Suspeições. São Paulo: Grupo Prerrogativas.

VALENCIA, A. S. (2005). *América Latina: de crisis y paradigmas*. La teoría de la dependencia en el siglo XXI. México (D.F.): Plaza y Valdés.

VALENCIA, A. S. (2007). *El mundo del trabajo en tensión: flexibilidad laboral y fracturación social en la década de 2000.* México (D.F.): Plaza y Valdés.

VALENCIA, A. S. (2003). *La reestructuración del mundo del trabajo: superexplotación y nuevos paradigmas de la organización del trabajo*. México (D.F.): Ítaca.

PINTO, A. V. (2005). O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto.

PINTO, A. V. (1998). Ideologia e desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro: ISEB. Papirus.

2.3 AS CULTURAS, FLUXOS E TROCAS CONTÍNUAS NOS PROCESSOS MIDIÁTICO-DIGITAIS: RECONFIGURAÇÕES, SOBREPOSIÇÕES E FLUTUAÇÕES CONCEITUAIS.[3]

INTRODUÇÃO

A cultura como conceito ambíguo, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizado. Isto porque as práticas culturais não estão isoladas de todo um

[3] Texto inédito reestrurado a partir dos conceitos de cultura de Bauman, repensado no contexto das trocas digitais.

conjunto de outras práticas como aquelas de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de suas mensagens. No entanto, essa ordem linear é apenas uma maneira didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que faz crescer entropicamente sua complexidade.

Em uma longa introdução à reedição de seu livro "Ensaios sobre o conceito de Cultura" (2012), Bauman atualiza não só o conceito, mas também suas ideias, amadurecidas nos últimos trinta anos, que, como ele diz, estão sob o impacto da obsolescência filha da instantânea mutação. Ademais, sugerimos aqui talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas. "[...] ponderar o que o autor teria alterado no texto caso o estivesse escrevendo pela primeira vez (p. 7)". Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, o autor parece não ter se dado conta de todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica. E o quanto as relações das pessoas com as outras pessoas e com o mundo mudaram.

Nosso objetivo neste trabalho é discutir as questões relacionadas à cultura que não podem ser dissociadas da produção de conteúdos simbólicos dos sistemas culturais e sociais e dos meios de como instituições dedicadas *a priori* a esse fim.

No entanto, acreditamos não se pode dizer de maneira generalizante que todas as culturas têm uma relação imediata com os *media* mesmo reconhecendo ser o corpo um *medium* usado nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação dos meios artificiais de forma paradoxal quando se pensa em sua veloz evolução ainda é limitada, e que esta é uma realidade a ser pensada preferencialmente em longo prazo. Sabemos ser o desenvolvimento cultural e social refém de aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento que as culturas inventam estratégias como mecanismos de sobrevivência. Estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pesquisadores dedicados a esmiuçar as culturas ou no caso específico dos antropólogos culturais preocupados com os ambientes construídos pelo homem e o que faz de si mesmo e com os outros.

Importa dizer que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização da cultura, seja como tradição, civilização ou conduta habitual. O homem contemporâneo enfrenta ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento e continuar a manter viva a sua lembrança. Não é simplesmente instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve novas culturas ao mesmo tempo em que preserva a sua herança pessoal e alienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, é nosso propósito entender como a mediática constrói uma nova cultura por meio de ações e interações mediadas de maneira alternada, ou mesmo não mediadas. Impõe-se para o homem um novo ambiente, a obrigar a novos tipos de relações.

1.2.2 RECONFIGURAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES

Neste contexto tecnológico do século atual, quando a cultura ganha outras dimensões, resultando em produções mediadas, Terry Eagleton, ao mostrar uma evolução e atualização de conceito, situa a cultura como apenas uma ideia, uma ideia porque está sempre em crise e guerras diante das transformações impostas que mudam outros dois conceitos chave: cultura e natureza. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem caminho e sugerem respostas a uma cultura comum ou que se almeja comum. Esta cultura é socialmente construída com a participação efetiva dos meios de como quer conceitualmente Eagleton: “diversos modos de viver juntos”, sem confundir os problemas sociais com cultura, sendo irrelevante a contribuição dada pelos teóricos culturais neste aspecto (2005, p. 183).

Tanto o conceito de Mídia como o conceito de cultura leva em conta uma vida em comunidade, uma relação do indivíduo em sociedade que atribui significados e dá sentidos subjetivos à sua conduta esta em relação à conduta dos outros. Compartilhar valores e crenças significa construir representações do mundo e compartilhá-las aos outros a ponto de construir perigosamente uma sociedade sincronizada, não entrópica a custo da eleição de um pensamento único. Esse caminhar no sentido único de uma homeostase que caracteriza um sistema social fechado cuja destinação seria a sua própria morte insistirá no banimento ou supressão de qualquer pensamento dissonante a rotular seu próprio proponente como indivíduo indesejável ao grupo e, bem pior, de aberrante seu comportamento. A fragilidade da condição humana impõe a necessidade de reconhecimento fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão. Por exemplo, a exclusão não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação negativa da rejeição. O anonimato compreendido como falta de reconhecimento ou isolamento não apenas dói para aquele que se crê inserido em um grupo, causa danos às vezes além do limite do suportável.

É neste contexto que o conceito de interação transita entre e cultura e provoca uma aproximação entre as duas frentes, tornando-as praticamente indissociáveis da cultura numa

estreita relação biunívoca. A ponto de podermos dizer não ser possível a existência de uma cultura aos arrepios da comunicação, sendo esta a substância catalisadora nas relações entre humanos cuja resultante seria a primeira. A clássica frase de Gerbner em que conceitua "a interação social através da mensagem" comprova isso, deixando explícito que se trata de uma troca mediática com características próprias, e como deve ser analisada em seu contexto social (1972, p. 39). O "através" diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas numa cultura em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um distanciamento próprio dessa nova cultura.

Para Alfred Schutz, atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo, compreendê-lo, efetuar trocas (2008, p. 35). Este é o "mundo da vida" onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações entre pessoas.

Seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões presentes na obra de Schutz permitem aplicações no mundo da cultura.

Neste mundo, torna-se necessário observar as relações interpessoais indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das ideias de Schutz, pode-se compreender que o mundo da cultura se caracteriza pelo conjunto do *habitus* e de condutas, estando presente em suas principais preocupações sobre as atividades humanas em sociedade. Os indivíduos repetem essas mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita por introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A mídia e a cultura estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, o original. E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar ideias a ações.

Há uma mistura de experiência com aquilo que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pelas culturas, entendido em sentido amplo, que permite ações, interações e troca de experiências e ainda consciência dessas transformações (KANT, 2007, p. 36). Comparativamente, a mídia pressupõe elaboração e codificação consciente e intencionada de mensagens, em que, no modelo clássico, participam jogadores que compartilhem o mesmo código.

Na atualidade, os processos de mudança cultural estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos pelos meios massivos. Por isso há novas formas de ação e interação no mundo social (THOMPSON, 1995, p. 286). O mais importante é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais como consequência, com predominância inclusive de técnicas.

O aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com as redes sociais se devolve concomitante, supostamente, em consonância à capacidade do receptor de intervir, influenciar ou mudar de posição.

A cultura neste estágio característico de nossa atualidade sofre os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, mais efêmeras e pouco duradouras. Deste modo, as características de cultura de massa através dos meios técnicos tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações sociais.

Observa-se que as interações se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de cultura fugaz ao sabor de modismos como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos.

Segundo Schutz o modo de vida, a cultura do cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo "intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros" (2012, p. 179). Este é o mundo de cultura, o mundo comum onde possivelmente pode haver comunhão.

No entanto, esse mundo das realidades face a face, dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade das trocas é a da cultura midiatizada, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem, todas mediadas tecnicamente. É dessa cultura em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido da presença. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora a cultura.

Desse modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de cultura. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse ambiente "compartilhado" de Schutz que surge a cultura como um agora fenomênico: "As pessoas que participam desse ambiente midiático são dadas umas às outras, não como objetos, mas como contrassujeitos, como consócios (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas" (p. 181).

Salienta-se que as relações interativas de Schutz são verdadeiras construções culturais. Trata-se de uma cultura composta de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Para ele, cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de comunidades e de culturas.

Neste contexto teórico, as ambiguidades do conceito de cultura podem ser justificadas. A cultura adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abri para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente "real".

As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste aspecto, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sígnicas como espelhos das dimensões culturais.

A mídia e a cultura ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuanças em todo o processo. Do mesmo modo, tornam-se inseparáveis a mídia e a cultura. Os debates são intermináveis a esse respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho da antropologia cultural.

Por exemplo, Bauman (2012) citando Lévi-Strauss define a cultura como uma série infindável de permutas. Dispensa-se a análise de sentido etnológica das relações em que há permutas. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo de cultura como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias de Schutz formam um arcabouço teórico em que os processos culturais se misturam e não se diferenciam dos midiáticos. São justificados tendo como base a teoria fenomenológica de Husserl, aproximando a processos sígnicos o visual, verbal, oral, gestual, culminando com a cultura das relações indiretas que premonitoriamente serviria à cultura dos *media* (p. 236-240).

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Thompson (1995) desenvolve em suas teorias conceitos amplos de cultura, de ideologia para

discutir a cultura como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos a trocas.

Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento dos meios massivos como indústrias, sem esquecer, por exemplo, da escrita impressa e da notícia como comércio e antes ainda as relações de troca corpo a corpo até chegar à contemporaneidade com as trocas culturais mercantis.

O conceito de cultura de Thompson, de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discute hoje como cultura dos *media* ou dos meios, considerando esses mesmos meios massivos como uma das características essenciais da cultura moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova cultura.

Carece serem encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem a cultura e a mídia imbricadas, em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando o método descritivo bachelardiano (2004) como forma, para atingir o conhecimento despretensioso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas ciências humanas de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo e ao mesmo tempo com a tradição, estabelecendo pontes e a cultura viva faz forçadamente as relações interculturais (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma "desconstrução" involuntária. A fragilidade da cultura está visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascará-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar ao homem "multiforma, instável e desestabilizado, caprichoso e cheio de surpresas" (BAUMAN, 2012, p. 13).

Portanto cultura não significa mais regularidade e padrão, como queriam os antropólogos. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis.

Muitos veem este estágio como um impulso negativo. O conceito é visto como um conglomerado de culturas. Fala-se em inúmeras mediações: mediações físicas - face a face, mediações mentais e de culturas mediadas por *hardwares*. Culturas de interações, mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Há que se construir uma metodologia que dê conta da continuidade e descontinuidade. Paralelamente o mesmo deveria acontecer com as teorias, sem esquecer as origens religiosas do conceito de teoria que inicialmente tem valor de contemplação, ligando os elementos à teoria, práxis e ao conhecimento.

1.2.3. PERORAÇÕES: SÍNTESES CIRCUNSTANCIAIS

O nosso propósito neste trabalho foi o de mostrar que vivemos uma crise de conceitos. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos aos conceitos de cultura e mídia. A cultura, embora consolidada como conceito, principalmente pelos antropólogos culturais e na atualidade pelos culturólogos, carece também de revisão constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudam-se as culturas e consequentemente as pessoas. Já a mídia está em pleno processo de construção.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos que se quer científico.

Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: "[...] Eu com o mundo em torno" (2010, p. 19). Em termos gerais existe o problema da mídia que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. "Nosso sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente" [...] (*ibidem*). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o "ser" também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo midiático nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o mundo da cultura e o mundo da mídia, por exemplo. O mais interessante é o paradoxo segundo Freud: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo.

Há o problema da verdade absoluta que em uma área em processo não consegue lidar por variar à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da mídia, ainda não há consenso sobre o conceito de meio ou mídia, embora, nos seja impossível dela prescindir visto que atados todos somos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir.

As flutuações e o não equilíbrio surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da cultura em processo que se multiplica em ramos em que todos são possíveis. As comunidades, sinônimo de cultura, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo da área está em construção, sem delimitação de fronteiras, será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar dele, e dele participam de uma ou outra forma, inda que não queiram já que o poeta John Donne nos proíbe o isolamento.

E essa fragmentação que multiplica tudo poderá ou não levar ao nada, ao vazio?

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

EAGLETON, Terry. **A idéia (sic) de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I e II**. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GERBNER, G. Mass media and human communication theory. *In*: MCQUAIL (Org.) **Logy of mass communication**. Harmondswood: Penguin Books, 1972. (p.35-58)

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 1**: racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo: Editora WMF Marins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Editora WMF Marins Fontes, 2012.

JAMESON, Frederic. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. Belém: EDUEPA, 2001.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

2.4 TEORIAS DAS MÍDIAS, A HERMENÊUTICA, O DIÁLOGO, A COMPREENSÃO E A INTERPRETAÇÃO: ESBOÇO PARA UMA CONTRIBUIÇÃO ÀS "NOVAS TEORIAS" E AOS "NOVOS MÉTODOS".[4]

COMENTÁRIOS INICIAIS

O texto que apresentamos é a ampliação, de um trabalho que fizemos em um primeiro momento da pesquisa. Esta é uma versão sucinta dos resultados de pesquisa que obtivemos, especialmente sobre as possíveis e necessárias intersecções entre as teorias das mídias e a filosofia, na tentativa de se encontrar um caminho metodológico em direção aos pensadores Hans-George Gadamer e Paul Ricoeur. A justificativa de nossa pesquisa dá-se em função da premente necessidade de se pensar novas teorias para o fenômeno, mas que deem conta realmente da efervescência midiática atual, motivada, principalmente, pela oferta de novos dispositivos produzidos pela revolução tecnológica e pela ciência aplicada em nossa atualidade. Agregamos outros autores em torno dos nomes acima citados que constam de nossas referências para melhor compor o *corpus* teórico dos resultados de nossa pesquisa.

Este trabalho tem como objetos principais as teorias da mídia e o método científico de pesquisa, levando em conta as dificuldades enfrentadas em função de inúmeras correntes teóricas das ciências sociais aplicadas, e da diversidade de métodos de análise utilizados na área.

Propõe-se, ao mesmo tempo, a hipótese de que a mídia em sua dinâmica, pode também ser compreendida a partir de suas matrizes filosóficas a fornecerem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar sobre os aspectos intrincados do conceito de.

Propõe-se discutir ainda, as teorias da interpretação e do diálogo na tentativa de entender as relações sociais e humanas, vistas aqui como processo complexo que inclui, na dinâmica das trocas, o caráter cognitivo, espiritual, emocional e interativo, mas requerendo, acima de tudo, entendimento e compreensão.

Pretendemos acrescentar mais um objetivo nesta pesquisa que é a tentativa de aprofundar as análises das ideias de Gadamer, principalmente em *Verdade e Método,* e de Paul

[4] Base teórica para o artigo: McLuhan desdobrado: teorías, conceitos, tecnologías e rupturas. REVISTA INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN Y DESARROLLO, v. 3, p. 22, 2020.

Ricoeur, em o *Si mesmo como um outro* e *Teoria da Interpretação,* com a finalidade de melhor pensar a comunicação. Acrescentamos termos que procedem a um levantamento de teóricos da que constam das referências. Dentre eles, destacamos alguns por acreditarmos trazerem discussões mais pertinentes e, às vezes, pouco usuais, casos de Shannon, Weaver, Luhmann, Nancy, Pearce e Petri. Por tratar-se de pesquisa teórica, propomos uma reflexão acerca dos fenômenos teóricos e metodológicos da como estratégia de abordagens do objeto de pesquisa e tratamento dos problemas.

Aproveitando a clássica definição de Kant de que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana, parte-se do pressuposto de que a, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que os eventos e as ações são matrizes centrais no processo, e seriam imperceptíveis por sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos.

De outro modo, a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras, pode-se perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social quanto no político e econômico. É neste sentido que entendemos que os sistemas de cultura possam representar as finalidades máximas da Razão.

Neste sentido, a dificuldade de se definir a como processos subjetivos delicados de percepção, instigou-nos a repensar a como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos de suscitando a transcendência do ir além: o mundo mental seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular.

Uma das grandes contribuições de Gadamer consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como *medium*, isto é, como tradutora e mediadora das experiências humanas, levando em conta o conceito clássico que pressupõe não somente a compreensão que se funde na transferência de conhecimento para o outro, mas também a participação imediata de um no outro, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, objetivando exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomadas de consciência e, ainda, as condições em que se realizam qualquer entendimento. Por isso mesmo, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Por outro lado, todo entendimento pressupõe a transposição de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que incluímos os conceitos de que preconizam a necessidade *sine qua non* do domínio de um mesmo código. Mesmo assim, para Gadamer significa traduzir, usando a linguagem como *medium,* em um processo de acordo que possibilita trocas, inclusive, também de consciências além de experiências entre os interlocutores. Mesmo que o conceito de troca seja questionado por muitos teóricos da comunicação, ele é essencial.

Outro sentido explorado por Gadamer para é o de conversação, implicando reações entre os envolvidos. Esse debate pode dar-se em várias etapas, e a compreensão que envolve decisões dedicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação, "Como ocorre entre duas pessoas, também entre os terceiros dessa 'conversação' se dá uma comunicação que é mais que mera adaptação". (GADAMER, 2005, p. 502)

Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é o *medium* universal e cada meio de comunicação a desenvolve e aprimora a própria compreensão de mensagens, seja na forma escrita, oral ou por imagens, mantendo observância na inclusão de seus usos e costumes.

Assim, cada meio de desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte seu texto em linguagem, e Gadamer classifica esse processo como "consciência compreensiva" realizada através do que foi incluindo aí a ideia da fala oral e de sua relevância nos meios massivos.

A palavra falada para Platão se constitui como o pensar verdadeiro e, como comunicação, surpreende pelo modo de falar, o tom, a cadência e não sofre da mesma debilidade do texto escrito que pode sucumbir a mal-entendidos. É na conversação que se dá prontamente a comunicação que fortalece o sentido do que foi dito.

Pensar a seria ater-se a um conjunto de intenções possíveis que se revelariam abissais, pois o que realmente foi, em sua essência, ficou discreto por redução a uma dimensão mental.

Neste ponto, a linguagem organiza didaticamente a compreensão e é essa possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido. Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais eficaz que a seja, ela é sempre aproximada. Apenas parte das intenções seria plenamente atingida. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito.

Deste modo, juntamente, com a difusão em jornais, rádio e da televisão, incluindo neste contexto seus modernos sistemas como, por exemplo, a complexidade de telefonia móvel, com todas as suas potencialidades, e da Internet que se impõe como base de convergência, ocupa um espaço importante nos estudos dos fenômenos sociais.

É neste ponto que poderíamos aproximar, por exemplo, as teorias do linguista Roman Jakobson, que não reduz a mídia a uma simples troca de mensagens, mas tenta entendê-la como

Fenômeno de Interação entre fonte, mensagem e destinatário. Neste contexto, não seria uma mera transferência, mas admite ser pensado, também, como mistério ou como fenômeno inexplicável. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples transferência. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se, ainda, a mídia impregnada dos sentidos de transmissão de mensagens, de notícia, de informação, de partilha.

Independentemente de ser referência universal para a, o modelo de Shannon e Weaver é criticado por autores como os teóricos Carl Adam Petri, Barnett Pearce e Niklas Luhmann, que ampliam discussões ao conceito de como encontrar o interlocutor, compreender-se; problemas relacionados à privacidade e à publicidade e ainda à em rede. Estes autores argumentam e pensam no modo como a acontece e a enfatizam não como fenômeno físico, mas como fenômeno social articulado à múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos que Shannon, como engenheiro empregado de uma companhia telefônica, teve como objetivo principal a melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independendo do conteúdo. Desse modo, acreditamos que "a teoria matemática" de Shannon deve estar situada mais apropriadamente entre as teorias da informação muito embora tenha seu lugar, também, entre as chamadas "teorias" da comunicação.

Independente de quaisquer protocolos está relacionada à construção social da realidade e aos valores das ações e interações, à construção de histórias que cada um faz sobre si mesmo e o mundo, e buscar um sentido comum às mensagens transforma a em um mistério.

A teoria dos sistemas de Luhmann foi construída como sistemas de que é também um processo seletivo, isto é, aquilo que é constituído como seleção, vale dizer, como informação. Portanto, o ato de estar interligado à escuta e à informação. Por outro lado, a distinção entre informação e o ato de só é possível quando há divergência entre a escuta e as instruções de fonte. É neste sentido que ele é mais categórico ao afirmar que a só é possível como processo autorreferencial, pois o ato de compartilhar, informar e escutar são três processos irredutíveis um ao outro.

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir a mídia a partir do conceito de sociedade da informação. Informação esta que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a transmissão de conhecimento se dá por sistemas de transmissão traz novas perspectivas de pensar a. A partir daí, por exemplo, surgem também abordagens novas para explicar fenômenos humanos diversos como: o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo

tempo como e como informação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi. Melhor dizendo, o que foi memorizado e o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. A não está dissociada da indústria de tecnologia da informação. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Há um total controle de informação e das pessoas. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. Alegam-se o direito de gerar e também o de difundir informações. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não as receber. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas. Neste contexto cultural, pode-se também argumentar sobre a possibilidade de se fazer uma síntese do *homo economicus* com o *homo juridicus* como simples ator do mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo que recorremos às teorias de Gadamer para afirmar que a linguagem é o sinal da devido a sua natureza processual e pragmática.

É na linguagem que os atos ganham formas e sentidos. Jean-Luc Nancy faz uma distinção entre operar e, classificando a como a inoperância de obra social. E é esta mesma inoperância que torna a comunidade culturalmente forte, resistente à reificação mercantil indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Os jogos linguísticos elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras, rompendo continuamente com os limites.

A comunidade e a mídia são constituídas por indivíduos, e não ao contrário, pois a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando de maneira ilimitada a comunidade. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a desempenham papel importante, pois criam e transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir a como linguagem, aproximando o conceito de linguagem ao conceito de "fala" saussuriana como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, composta de múltiplos jogos linguísticos e caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem. Compartilhar jogos linguísticos é. A só consegue atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos linguísticos que delimitam e regulam.

Discutir sobre a como simples transferência obriga-nos a retomar em nosso texto o debate a respeito do momento crucial da que é a escuta, caracterizada pelos contextos sejam

físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura e do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial. (LUHMANN)

É neste sentido que podemos afirmar que a cria comunidades, coloca os seus participantes em estado de sincronismo ao criar uma identidade coletiva que os distingue de quem não participa. É na que a comunidade toma forma, cria limites e sentido. A mediação é a ação que engloba as pessoas na comunidade e não haveria limites e nem identidades como processo (LUHMANN). Por isso mesmo, a mídia só tem sentido dentro de uma comunidade, pois somente ela com seus processos cria comunidade. A, no entender de Luhmann, não somente cria, mas multiplica as comunidades. A mídia multiplica as comunidades e a multiplicidade de comunidades cria novas formas de mediação, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilitações para interações entre os indivíduos, ainda que *a priori* sejam pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, Jean-Luc Nancy diz que a comunidade e a mídia são constituídas de individualidade, pois a se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. De que maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como objetos da?

Da discussão acerca dos conceitos de informação, transferência, escuta, troca, compartilhamento, diálogo e interpretação podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar a mídia hoje, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais e tecnológicos. Propõe-se aqui incluir aspectos relevantes nesta discussão a partir das ideias de Ricoeur e Gadamer sobre as diferentes maneiras que o Outro como si mesmo e Outro se fazem presentes nos processos. Pode-se dizer que se trata de um sujeito diante de outro sujeito, em um processo contínuo de intersubjetividade. Conviver e viver com o outro, próximo ou distante, no tempo e espaço, são problemas essenciais dos meios massivos. No contexto atual, conviver e viver ganham novas dimensões por meio do uso massivo das tecnologias exemplificadas nas redes sociais. É destas relações que são travados novos tipos de diálogos com consequências ainda imprevistas, envolvendo a intimidade, a impossibilidade e a pessoalidade como relações sociais. É esse “Si-mesmo” como um Outro, é esse Outro que sou eu mesmo que estabelecemos múltiplas mediações, principalmente através das obras da cultura que os sujeitos produzem e nela se reconhecem. A cultura é o reflexo do sujeito que, age e interage consigo mesmo e com

os outros. A cultura como sistema são os fins máximos da Razão. É neste sentido, como aponta Kant, que se faz necessário um duplo combate contra o empirismo puro e outro, tão intenso quanto, contra o racionalismo dogmático. A cultura deveria ser entendida em vários sentidos que completam as dimensões do humano: a cultura, como astúcia, calcula e desvia.

Nossas discussões centram-se na importância que o diálogo representa para a. É no diálogo que a linguagem se manifesta, estabelecendo o encontro de dois mundos com desdobramentos imprevisíveis, transformadores e enriquecedores entre os participantes do processo.

É no diálogo que o Outro se faz presente ou se apresenta. Evocam-se aqui as ideias de Paul Ricoeur ao rastrear esse Outro ou Outros na convivência, na vivência entre, próximos e distantes no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, devemos levar em conta os antecessores como resgate, como dívida; pensam-se ainda nos sucessores, que como promessa, sofrerão as consequências das ações, decisões de cada iniciativa. Quanto ao espaço, fala-se dos contemporâneos, próximos e distantes, íntimos ou impessoais ou no anonimato como sendo relações intrincadas que se aplicam à, e não considerar tais complexidades seria fazer uma análise simplista. Difícil seria não colocar o humano com suas interrogações no centro. Na verdade, o humano traz de volta as relações sociais que poderiam ser traduzidas na trajetória sensível "recoeuriana" como puramente: o Outro que pode estar à nossa frente ou ao nosso lado. O Outro que está em nós. O Outro que somos nós mesmos. Nós mesmos que somos Outro. Esse Outro, diverso de nós mesmos, somos nós mesmos. O Outro, mas o mesmo. O mesmo, mas o Outro.

Neste jogo linguístico, percebe-se um processo ativo e profundo. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, torna-se difícil pensar a.

Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo não iluminam os problemas do entendimento. As teorias do diálogo esclarecem as dúvidas. É no diálogo que você esclarece o que quis dizer. Como escolher entre as várias interpretações aquela que mais se aproxima da tradução da mensagem?

Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o Outro, o humano que está presente em todo ato linguístico verbal, tanto na oralidade quanto no impresso e visual. É evidente que se pode dizer algo e compreender as interpretações divergentes, porém, fazendo parte de um projeto que pressupõe intenções intercaladas em um jogo de mensagens explícitas e implícitas.

Encontrar significados divergentes diz respeito à autonomia do autor ou emissor. O que ele quis dizer pouco importa. A mensagem organizada e veiculada desprendeu-se das intenções, ganhou autonomia. O que se tenta interpretar independe do autor. Interpreta-se o que está organizado como mensagem. Verifica-se que há um abismo entre os dois: o autor e a interpretação do que foi produzido por ele. Não há controle das suas intenções sejam elas quais forem.

Deste modo, reconhece-se a diferença do diálogo oral e da escrita. No diálogo, é possível esclarecer as dúvidas. Dizer com outras palavras, de outro modo. Já na escrita, o leitor interpreta a seu modo. O texto impresso está ali, organizado e aberto às boas e más interpretações. A tarefa do leitor é objetiva e ao mesmo tempo ativa. É ele que dá vida ao texto e o faz falar, a seu modo, é claro. E nesse falar pressupõem-se todas as brechas possíveis. Há um diálogo. É o diálogo do leitor com o texto. Há, portanto, uma briga entre os dois, estabelecendo uma relação de consciências. Por outro lado, pode-se prever a imposição do leitor do texto impresso que aproveita de sua suposta condição de ser agente.

Se a interpretação, enquanto, acompanhar as ações, os acontecimentos e as experiências humanas, se torna imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões de que tudo é interpretação e, em decorrência do assim pensar que todas seriam válidas. Há forças, alheias ao texto, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar as interpretações. Neste ponto, pode-se falar de ideias autônomas: a do autor/emissor e a do receptor com todas as nuanças que o conceito requer. No entanto, a materialidade seja verbal-impressa ou visual independente do meio, é base para interpretação.

O conceito de compreensão faz parte do grande projeto teórico de Gadamer que levanta discussões esclarecedoras. Isto quer dizer que o pensamento hermenêutico é na verdade uma dinâmica sequencial envolvendo a interpretação, abrindo caminho para um completo compartilhamento em constante diálogo, como base para determinar a mídia.

Na teoria gadameriana está explícita uma teoria do diálogo que engloba, ao mesmo tempo, o entendimento e a interpretação, sem esquecer objetivamente a tradição e a historicidade que estes conceitos comportam. O contexto é rico em teorias e é justo dar a Friedrich Schleiermacher o papel de pioneiro, pois foi o primeiro a elevar a hermenêutica a outros parâmetros que ultrapassaram a simples interpretação, estabelecendo procedimentos metodológicos de abordagem de textos. É neste ponto que afirma não haver nenhuma gramática

universal que possibilita aos falantes de uma mesma língua se entender e se. Deve haver sim, um esforço de compreensão que supere as diferenças. É neste sentido que a, como diálogo, deve ser entendida, e fundamentada nas naturezas filosóficas, preponderantemente nas clássicas.

Não se deve esquecer outra influência importante nas teorias de Gadamer, que foi Wilhelm Dilthey ao difundir a compreensão como o elemento diferencial das ciências humanas em relação às ciências da natureza. Sua proposta era fundamentar um processo rigoroso nas ciências humanas por meio da compreensão, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Desse modo, acreditamos que a importância de Schleiermacher e Dilthey encontra-se no feito de direcionar o pensamento hermenêutico, centrando-o no conceito de compreensão. Constatada a presença dos dois pensadores no pensamento de Gadamer, é com Heidegger, seu professor, que há um intenso diálogo, provocando uma radicalização do termo "compreensão".

Heidegger vê a interpretação como um processo possibilitado pela compreensão que é, na verdade, uma intensificação do conceito diltheyano e marcará definitivamente os caminhos teóricos de Gadamer.

As mudanças do pensamento filosófico de Heidegger sobre o Ser terão importância fundamental na dinâmica que se estabelece nessas teorias. O Ser – aí compreende, mas que também se faz compreender em um processo intruso em diálogo como processo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a compreensão e interpretação.

Este mesmo elo dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte da tradição. Por exemplo, a compreensão como é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos culturais, sígnicos e histórico-linguísticos.

É dessa interação que poderíamos aplicar a ideia de Gadamer de fusão de horizontes à, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a performance compreensiva.

Difícil não associar todo esse processo à, pois, o caráter institucional tão raro à se repete na necessidade de compreender e ser compreendido, independente das tecnologias e do número de pessoas envolvidas.

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam. Toda compreensão envolve as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se compreender ou participar do jogo interpretativo-.

Perceber mais elementos ou menos elementos da mesma obra, por exemplo, já determina os limites do universo de cada participante. É nesse esforço de que entram no jogo as trocas repertoriais necessárias, enquanto o modelo racional ganha espaço. O objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo.

Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo que surgem novas compreensões nascidas das tentativas e correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda compreensão, em sua circularidade, é uma realização própria inesgotável das possibilidades de sentidos daquilo que se pretende compreender, incluindo as repetições que fazem parte das regras do jogo da comunicação.

O sentido de um ato, daquilo que precisa ser compreendido, é para Gadamer uma interpretação finita que, porém, não se esgota e revela apenas uma possibilidade. É nesse sentido que o caráter da compreensão como é aberto e evita-se sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade interpretativa. O que está em jogo é fazer emergir o que precisa ser compreendido e interpretado, eliminando e superando, com o intuito, as distâncias temporal e espacial presentes no objeto interpretado.

No sentido específico, a hermenêutica de Gadamer é uma crítica da compreensão finita, englobando, inclusive, a concepção da linguagem, isto é, o caráter político da linguagem para além do instrumental.

A CAMINHO DAS "NOVAS" METODOLOGIAS

Fazendo justiça ao célebre começo de *Crítica da Razão Pura*, de Kant, intensamente comentado por Gadamer, quando associa diretamente conhecimento à experiência, fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem a ciência no século XXI que sofre os efeitos das teorias e do fabuloso desenvolvimento tecnológico do século XX.

Ainda estamos fazendo a passagem do século passado, pródigo em experimentações e teorias, mas foram esses mesmos movimentos que contribuíram para um novo projeto político e social cuja práxis dividiu o planeta em duas ideologias. É neste sentido que ainda estamos praticando as mesmas teorias, pensadas no século passado a provocar dúvidas quanto às suas justificativas e aplicabilidade no século atual. Por exemplo, retomar Kant, ao assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano é caminhar em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de teorias e métodos que pensem esse sabor/saber subjetivo e instável e busquem caminhos científicos seguros para a experiência em nosso contexto.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar as teorias existentes ou, por outro lado, buscar novas que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, mesmo considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de determinar o objeto, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação da ciência, pressupondo também escolha e decisão, o caráter infinito de ciência que, se contrapõe ao imediato de práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do sabor/saber sobre o mundo e o ser humano. A ciência moderna se traduz em experiência.

Ultrapassar a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir para o outro, encontrar no outro o encontro de horizontes, a troca de experiências que se dá verdadeiramente como no diálogo. Nesse intercâmbio, há o acordo com consenso, mas com desfecho ainda ignorado comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo se constitui como um processo linguístico para Gadamer, mas ampliando um pouco mais o conceito de texto, com sentido linguístico, metodologicamente, incluímos às imagens eletrônicas (digitais ou analógicas) pictóricas também como objetos hermenêuticos, que abarcam inclusive as linguagens, ampliando ainda mais o espaço de troca, de diálogo enquanto compreensão de mundos, realidades e horizontes.

Especificamente do caso brasileiro e também da América Latina para falar de teorias, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, abordando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, questões políticas. Por exemplo, os meios massivos, em sua quase totalidade, estão inseridos em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação que nada mais é que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que um esboço teórico comece a ganhar forma e fazer justiça ao sentido da palavra *Theoria*, que, vista de modo

ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade de justificar as práticas.

É neste sentido que cultuar, cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos críticos possibilitam enxergar o *aliens*, o alheio, o estranho, mas dominador e feitiço tanto quanto o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Estamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos pela teoria que vem de outros lugares. Há que se desencantar para de novo voltar a nos reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo. Algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez, restando buscar respostas que poderão estar na arte, na literatura, na cultura e na poesia.

O século XXI, em nosso contexto geográfico, deveria retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário do século passado.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Tornou-se necessário retomar os teóricos que tratam da história da ciência, quando discutem os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, as crises e surgimento de novas teorias. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de práticas, de ideias e de teorias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, englobando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e suas contradições.

Baudrillard e Postman, por exemplo, enfatizam que o acréscimo da informação não acarreta o aumento do conhecimento, ou seja, a inflação da informação pode significar "deflação do sentido", crise que atinge o auge com os *Media*, o computador e a Internet. Constituem discussões necessárias para se pensar a hoje, envolvendo, obviamente, os conceitos de memória artificial garantida para os meios de comunicação de massa.

O tema da memória e da construção de sentidos é pertinente na sociedade da informação com seus computadores e redes sociais, que podem ser vistos como máquinas de memória capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo. São insuperáveis, quando comparadas à

Enciclopédie, que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

No entanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana, incluindo os objetos. Por exemplo, a arte com sua capacidade de reter e.

A como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos teria a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos.

Sobretudo, aludíamos a alguns pensadores como, por exemplo, Francis Bacon, ao fazerem colocações sobre o método científico e a necessidade de isenção de preconceitos, devendo-se travar uma luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana.

Bacon propõe muito cuidado com estes estados na observação, atenção especial às ideias recebidas da educação, cuidados e precisão no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para necessidade de se desenvolver experiências específicas para atender às interrogações científicas de pesquisa.

Quando se discute as teorias e os fatos que as acompanham, Popper nega qualquer lógica na descoberta científica. Pode-se valer de tudo: *insights*, intuição, imaginação e observações controladas.

Fazer uma leitura atenta da profusão de teorias e discussões metodológicas deverá ser atividade constante desta nossa pesquisa rumo ao entendimento e conhecimento das teorias da. Metodologicamente, existe uma relação estreita entre e cultura. Poderíamos dizer tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas e nas trocas, e inclusive nos conceitos.

Por isso mesmo é que Edward Hall estabelece uma grande tríade composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da mídia.

Dessa relação triádica, pensada de maneira geral como cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais e divididas em países e regiões com suas especificidades como justificativas teóricas da, com todas as suas contradições observáveis no século atual.

Não se pode esquecer, por exemplo, do encontro frutífero da desconstrução de Derrida com a Hermenêutica. Lembramos ainda do tradutor italiano de *Verdade e Método*, Gianni Vattimo, que associou o pensamento de Gadamer a um niilismo feliz.

Acrescente-se o trabalho que R. Rorty faz com as ideias gadamerianas a estabelecer caminhos com vias diretas do pragmatismo norte-americano e a hermenêutica.

São discussões travadas no contexto da modernidade (ou pós) do século XX que poderão gerar frutos teóricos e metodológicos frente às relações de pensamento e reprodução do "real" inconstante, na atualidade, e seus efeitos no Outro, centro de interesse da hermenêutica com as teorias do diálogo, da compreensão e da interpretação. É a relação do Eu com o Outro que na verdade é a essência dos processos midiáticos.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, Rosario (Org). *L´estetica de Immanuel Kant*. Torino, Itália: Soc. Ed. Subalpina, 1971.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo-metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HALL, Edward T.; HALL, Mildred Reed. *Understanding cultural differences*: germans, french and americans. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. *Le langage silencieux*. França: Éditions du Seuil, 1984.

JAKOBSON, Roman. *Saggi di linguistica generale*. Milano: Feltrinelli, 1996.

_____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JOHNSON, Steven. *Emergência*: a dinâmica de rede ou formigas, cérebros, cidade e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2003.

MOLES, Abraham A. *Sociodinâmica da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NANCY, Jean Luc. *La comunità Inoperosa*. Nápoles: Cronopio, 1992.

_____. *Un pensiero finito*. Milão: Marcos y Marcos, 1992.

PEARCE, Barnett W. *Comunicazione e condizione umana*. Milão: Franco Angeli, 1993.

PETRI, C. A. Comunication disciplines. In: SHAW, P. (Ed.). *Computing system design*. Newcastle Upon Tune: University of Newcastle upon Tyne, 1976. p. 131-169.

_____. Modeling as a comunication discipline. In: BEILNER, H.; GELENBE, F. (Org.). *Measuring, modeling and evaluating computer systens*. Noth Roland: Amsterdã, 1977.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio*: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

_____. *Technopoly*: the surrender of culture to technology. Nova Iorque: Vintage Books, 1992.

RICOEUR, Paul. *Etica y cultura*. Buenos Aires/Argentina: Editorial DOCENCIA, 1994.

_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *O Si-mesmo como outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

SANSONETTI, Giuliano. *Il pensiero di Gadamer*. Brescia, Itália: Morcelliana, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SAUTU, Ruth et al. *Manual de metodología*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

SCHLEIRMACHER, Friedrich D. E. Hermenêutica-arte e técnica da interpretação. Petrópolis-RJ: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2012.

SHANNON, Claude E. A mathematical theory of communication. The Bell System Technical Journal, v. 27, Jul./Oct. 1948.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

_____. *A Máquina de Narciso*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 2001

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. 2 v.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação*: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papirus, 1998.

2.5 TEORIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS, INTERPRETAÇÃO, ENTENDIMENTO E DIÁLOGO: UMA HERMENÊUTICA DAS BIFURCAÇÕES E FLUTUAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA. [5]

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetos as Teorias das Mídias Digitais, as linguagens dos *media* bem como o método científico da pesquisa científica, tendo por desafio a análise das inúmeras correntes teóricas das Ciências Sociais Aplicadas e dos métodos de análise utilizados constantemente pela área.

Propõe-se ao mesmo tempo a hipótese de que a mídia, em sua dinâmica, pode também ser compreendida a partir de suas matrizes filosóficas que nos fornecem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar sobre os aspectos intrincados de suas possíveis conceituações. Discutem-se, ainda, as *Teorias da Interpretação* e do *Diálogo* na tentativa de entender as relações sociais e humanas como processos humanistas complexos que incluem, na dinâmica das trocas, o caráter cognitivo, espiritual, emocional e interativo, mas requerendo, acima de tudo entendimento e compreensão. Propõe-se, aqui, aprofundar as análises das ideias de Gadamer, principalmente em *Verdade e Método* e de Paul Ricoeur em *Teoria da Interpretação* com a intenção de melhor pensar teoricamente a.

Metodologicamente, fizemos levantamento de argumentos e conceitos próximos à mídia que, por tratar-se de pesquisa teórica, possibilitam fazer uma reflexão aprofundada acerca dos fenômenos teóricos e bifurcações da mídia como estratégia de abordagens de objeto de pesquisa e tratamento dos problemas sempre à luz dos textos de Gadamer e Ricoeur, principais integrantes do *corpus* teórico que sustenta nossa pesquisa. Por isso mesmo, detectamos, ainda, a necessidade de se pensar as novas possibilidades teóricas que surgem das constantes flutuações e bifurcações provocadas pelas tecnologias aplicadas às mídias em função das práticas e usos de dispositivos em incessante renovação.

As Teorias das mídias digitais vivem paradoxalmente, no século atual, as suas contradições e incertezas em que os conceitos, imprecisos por natureza, tornam-se mais incertos ainda. As mudanças em fluxo contínuo exigem pensar as relações complexas do ser humano

[5] Este trabalho foi a base para diversos trabalhos apresentados em congressos que constam de nossa trajetória acadêmica.

com outros seres humanos que estabelecem novas conexões e interações diante de uma realidade mutante, instável e incerta.

Os teóricos das mídias hoje continuam a repetir os mesmos modelos clássicos, e parecem não ter assimilado ainda a ideia de que vivemos em um momento entrópico e que as relações humanas mediadas ou não, necessitam de justificativas para o incerto, para uma realidade livre e aberta, em que as conexões surgem de todos os lugares e as possibilidades de escolhas transformam-se em dificuldades, eliminando a utilidade dos modelos atuais que restaram carcomidos e desfibrados pelo vírus da obsolescência.

Um de nossos objetivos neste trabalho é o de apontar alguns elementos importantes a serem discutidos e pensados no contexto teórico das mídias. Neste sentido, os conceitos prigoginianos de "Flutuações, Bifurcações" utilizados por este autor como incertezas provocadas por rupturas caóticas contribui para a edificação de pensamentos midiáticos tradutores deste estado: "[...] nos encontramos diante de um mundo rico em flutuações, em instabilidades [...] (PRIGOGINE, 2001, p. 42)". É desta instabilidade que de maneira criativa sugere, no domínio das ciências humanas, outras formas de pensar.

Para Prigogine, a ideia de complexidade gera conflitos, provoca rupturas e é esse o motor das mudanças, impondo a obrigatoriedade de pensar o incerto e a repensar o irracional, criativamente.

Nesta trajetória de bifurcações, aproximamos os conceitos hermenêuticos de "interpretação, entendimento e diálogo" como uma abordagem muito específica, essencialmente. Assim, com o entendimento e a interpretação impõem-se outras necessidades teóricas e metodológicas. Não estamos mais diante de uma estabelecida entre sujeitos que se encontram face a face com outros sujeitos, mas discutindo o estado atual de trocas interativas e afetividade em múltiplos sentidos e direções: trocas sensitivas e trocas de consciências, por exemplo.

Importa reconhecer que sujeitos se interconectam e a subjetividade dá lugar à intersubjetividade. Explicita-se a fragmentação, os sujeitos se misturam: um está no outro ou nos outros, dentro e fora da esfera da razão. As fronteiras foram ultrapassadas e neste espaço indeterminado, sem demarcações houve o encontro de tipos diferentes de saber, de conhecer, de consciências e de arraigados preconceitos.

A dificuldade neste processo está em saber que não se pode atingir a certeza. Não existe parâmetro de compreensão e as fragilidades humanas deixam aflorar as grandes indagações de relações mediadas, misturadas às não mediadas como atualização, atualização e substituição.

Este seria talvez um caminho metodológico, redundantemente pensado: “[...] estudar a natureza de forma a associar a ordem e a desordem, a regularidade e o caos, o repetitivo e o novo [...] (PRIGOGINE, 2001, p. 59)”.

A hoje está no instantâneo e no imediato, mas contraditoriamente a compreensão não se efetiva deste mesmo modo. Ressaltamos a ideia de contínua construção estabelecida no diálogo do modelo socrático.

No entanto, a mediação como fenômeno introduz outros tipos de diálogo. O instantâneo e o imediato, mesmo sem a riqueza da interação face a face que complementa com expressões faciais e gestos, impõem outras compensações, provocando uma perturbação na a exigir novas condições de interação (HABERMAS, 1987, p. 87).

DESENVOLVIMENTO

É importante considerar que no contexto atual, as trocas adquirem dimensões mercantis e as culturas são construídas neste mesmo contexto e por esse motivo o conceito carece de atualização. A existência humana como algo sem valor comercial foi esquecida e esse mesmo esquecimento foi incorporado ao mundo como ação, configurando inclusive o mundo da mídia.

Neste sentido, aproximamos a experiência hermenêutica ao domínio da mídia. Os múltiplos sentidos impositivos desta nova ordem do momento histórico exigem um entendimento constante, um acordo, como exercício de reflexão instantânea que é, na melhor das hipóteses, o sentido de interpretar para a mediação. Salienta-se que o valor dos conteúdos mediáticos não mais se atém ao que foi dito e muito menos ao que se queria dizer. As interações mediadas eliminam o discurso oculto das enunciações. Explicitam-se o máximo para que o instantâneo se conceitue como tal. Criam-se condições linguísticas favoráveis: nada a ser preenchido com interações. As interações são realizadas para reafirmar e repetir. O efeito é o de compreensão plena e não o da perturbação. Tudo deve ser compreendido sem dificuldades.

É deste modo que a clássica indagação de Gadamer: “O ser que se pode compreender é linguagem?”, diante do momento histórico-efeitual se adapta também às interações contemporâneas mediadas. O resgate das tradições recupera o acontecimento próximo no tempo e espaço e não o distante. A memória afetiva é a do instante (GADAMER, 2005, p. 20-21).

Por isso, a consciência midiática surge dessas instâncias: o instante de compreensão, a busca do sentido e o querer humano em estar com o outro, em sociedade, não contrapondo ao real, mas real.

O engajamento de se repensar a mídia e aproximá-la dos conceitos-chave de hermenêutica possibilita discutir também as condições específicas da pesquisa hoje. Vivemos um tempo em que as práticas culturais e as trocas não mais dependem da presença física dos sujeitos. O próprio Gadamer quando pensa a hermenêutica do século XX fala de mobilidade da presença como "Dasein" (2005, p. 16). Isto significa que aproximar a mídia da hermenêutica quer dizer adaptar e atualizar os conceitos e também fazer a passagem do século XX para o atual.

Não se pode negar e nem mesmo questionar a verdade apenas relativa dos sistemas de cultura e comunidade. "[...] experimentamos as tradições históricas, as ocorrências naturais da nossa existência e nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico (GADAMER, 2005, p. 32)".

No entanto, questiona-se a possibilidade ou até mesmo a exigência de uma atualização dos conceitos de história e tradição que possam se adequar ao entendimento transcultural e trans histórico, incluindo as consequências usuais que provocam efeitos radicais profundos.

Devem-se utilizar os conceitos criticamente, isto é, exige-se uma nova consciência crítica que possa acompanhar todas as transformações. Essa crítica pressupõe também um alerta em relação ao cuidado que se deve ter em relação às contínuas mudanças.

Neste sentido, à "fusão dos horizontes", incluem os horizontes dos outros e nossos próprios horizontes culturais com as linguagens e tudo que elas têm em comum. É o "[...] acompanhar todo o filosofar responsável, colocando os costumes de linguagem e de pensamento que se formam para o indivíduo em seu mundo circundante diante do fórum da tradição histórica, da qual todos nós fazemos parte (2005, p. 33)".

Mesmo diante das transformações há os resíduos. As apropriações, reproduções e recriações são interpretações dialógicas. Verdadeiro palimpsesto genettiano. As camadas encobrem, deixam invisíveis os traços até o último instante do que acabou de acontecer. Mas os resíduos permanecem.

Neste contexto, pensar a compreensão tecnocrática e mediada significa observar atentamente um discurso dominante imposto pelos produtores de tecnologia aos consumidores. Esta observação traz de volta a discussão sobre a recepção em muitos aspectos e sentidos, mas ainda não concretizadas em teorias. Por exemplo, os conceitos de mediação como conversação,

diálogo, interpretação, entendimento e compreensão, vagamente comentados e pouco aprofundados, merecem maior atenção como conceitos que possibilitam justificar as rupturas entre a mídia massiva desenvolvida no século passado e a que estamos presenciando em plena experiência hoje.

Nestes processos, inclui-se a interação não simplesmente como "ação entre", mas como linguagem que faz a mediação entre os interlocutores que possibilita entrar em acordo e desacordo.

É destas condições de tomada de consciência que se pode pensar a mídia como entendimento que se dá em vários contextos espaciais, simultaneamente.

Deste modo, reelaborar uma linguagem comum, tanto no ponto de vista da linguagem como *medium* quanto do *medium* tecnológico emerge um elemento catalisador sobreposto à conversação e compreensão: "Todo compreender é interpretar, e todo interpretar se desenvolve no *medium* de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria linguagem do intérprete" (GADAMER, 2005, p. 503).

Neste mesmo sentido, a compreensão do humano não escapa às mediações simbólicas como processos tecnológicos intensos de interações que permeiam quase todas as experiências humanas.

Quando se fala em perspectivas teóricas, surgem múltiplas divergências. Não se pode deixar de pensar que as dimensões, objetiva e subjetiva, estão misturadas, sobrepostas e qualquer justificativa com intenções teóricas deve incluir essas transformações.

Gadamer refuta a ideia de um sujeito racional cartesiano. O centro de suas discussões está em um sujeito contemporâneo que muda de destino interminavelmente. A imagem deste sujeito é a de um espelho distorcido ou mesmo fragmentado, retomando o tema da fragilidade das coisas humanas. E o princípio de mediação deve ter sempre presente este sentido.

Neste contexto, Paul Ricoeur ressalta a ideia do sujeito multiplicado, lutando entre eles, é a dialética do si e do diverso do si (RICOEUR, 1991, p. 13). É a crise hiperbólica do eu que radicalmente oscila entre o acreditar e o duvidar. No lugar da máxima cartesiana "eu sou", surge o "eu duvido". No entanto, duvidar pressupõe ser.

O contexto político, cultural e tecnológico aponta para algumas direções a serem seguidas. Contraditoriamente, o mesmo ser que se identifica com o outro e se relaciona ou tenta se relacionar, se isola e se individualiza. Desumaniza-se, sem compaixão e o mínimo de solidariedade. Talvez seja esta a grande questão contemporânea a ser teorizada aglutinando e intertextualizando experiências, por exemplo, a da psicologia social.

Apreender o sentido que se esconde para muito além da superfície. O compreender nesta estrutura mais aprofundada não basta. O compreender aglutina o sentido de apreender com o outro.

Inicia-se a compreensão da mídia como dialética, como diálogo em um processo de mediação dialógica, explicativa à exaustão. Explicar mais é compreender melhor. E na dialética do si, compreender-se é compreender o outro. Mesmo neste processo há uma conexão promissora, que para Ricoeur é a ausência de um projeto coletivo e é também o grande problema contemporâneo. Cada indivíduo se apega àquilo que mais interessa e o satisfaz naquele instante. E isto traduz também uma ausência de humanismo em todas as instâncias e instituições (2008, p. 162-163).

Pode-se pensar, teoricamente, a partir desses elementos em uma rede simbólica que nutre instantaneamente os homens no mundo, mantida pelos próprios homens. Rede carregada de ideologias em suas várias nuanças, a começar pelo mais forte que impõe didaticamente os seus valores.

Por isso, a ideia hermenêutica de interpretar e reinterpretar, infinitamente, pode aplicar-se sem restrições à mediação. É importante ressaltar que a ética do agir, como elemento importante da mídia ganha dimensões transformadoras: o bem individual e o bem do outro, o bem comum - comum compartilhado - traduz-se na crise do que é bom para mim, não é para o outro.

É o reflexo do esgotamento das democracias representativas, como experiência frágil na América Latina, por exemplo, que culminará com o esgotamento do sonho tecnológico (RICOEUR, 2008, p. 164-165).

A ideia - ideológica da resolução de todos os problemas a partir das tecnologias funciona como consolo e como ferramenta de mera técnica de venda. É nesta perspectiva ética que a sociedade institucional cede espaço e dá lugar ao estado policial/policialesco. A vida boa com e para com os outros, "evolui" da utopia para pesadelo e o terror.

São elementos importantes ou mesmo fundamentais para se pensar a mídia na atualidade e tentar caminhos justificados na teoria e na prática, diante dos inúmeros fenômenos atuais.

Pensar as Teorias da mídia, como compreensão e como um jogo aberto diante da "realidade" que forja uma linguagem nova e ao mesmo tempo mantém suas ligações com as tradições que funcionam como um repositório de situações, acontecimentos e ações. Por isso, a atualização dos conteúdos sempre dialoga com essas mesmas tradições, tanto em um sentido universal quanto nacional ou regional.

É neste sentido que o conceito de diálogo de Gadamer pode ser entendido em uma dimensão mais ampla: diálogo com as culturas, com as tradições e acima de tudo, diálogo como interação mediada entre pessoas, diálogo de consciências e de valores, de sensações e afetividades.

Neste sentido, urge que se almeje construir uma hipótese contemporânea de que independente dos meios massivos busque-se a compreensão.

Nesta hipótese avultam as ideias gadamerianas que colocam o humano não apenas como ser compreensivo, mas compreensivo em sua constituição. O racional funciona em paralelo com o emocional. O "eu duvido" completa o "eu penso cartesiano", que por sua vez necessita do diálogo para a compreensão e o entendimento.

São construções feitas em comunidades que dialogam incessantemente. E assim a compreensão se constrói. Este é um exemplo do processo hermenêutico que atualiza os modos de trocas, as regras dos jogos, as linguagens, buscando elementos da historicidade, mesmo momentaneamente nestes processos que exigem ver os objetos e ações como atos a serem compreendidos.

Impossível no diálogo excluir o modelo de racionalidade do esclarecimento. Coloca-se aqui o problema da perenidade do conceito de mídia com sua característica de inacabado, pois as criações culturais interferem constante e diretamente nas atualizações do conceito.

Compreender e interpretar se interligam não somente às ações e criações aceitas como cultura, mas também às outras categorias invisíveis que tem no inconsciente uma grande e fundamental matriz. São pressupostos de que a consciência atua interconectada às múltiplas dimensões: racionais, irracionais, emotivas, adjetivas e tecnológicas.

Em todo caso, há também o limite das teorias dos meios massivos engendradas no Século XX com marcas específicas deste mesmo século e que aplicadas hoje deixam transparecer as lacunas. Retroceder historicamente ao Século XX é necessário para buscar justificativas às transformações de praticamente todos os modos de ação, interação e trocas.

A provisoriedade é inerente a um dos recortes importantes a serem considerados nesta abordagem. As teorias clássicas dos meios massivos sucumbiram diante da revolução tecnológica e as discussões conciliadoras não são soluções para se pensar os contornos e aprofundamentos essenciais às reconceitualizações e atualizações teórico-metodológicas. Há a necessidade de alijar os pressupostos ineficientes e buscar fundamentos o mais isento possível de preconceitos ou de ideias formatadas e solidificadas como modelos.

Neste sentido, no significado de compreender está o de corrigir ininterruptamente, aproximando-o do conceito de fusão de horizontes, no âmbito da atualização dos modelos, como um instrumento mediador àquilo que se quer compreender.

Deste modo, uma das sínteses gadamerianas ressalta que toda compreensão envolve estruturas prévias de interpretação necessárias à compreensão. Neste sentido, o jogo de compreensão envolve um movimento incessante no processo.

A ideia de aproximação da hermenêutica à mídia está justamente em analisar comparativamente os conceitos. Nesta tarefa de reconstrução é que percebemos as evidências que se impõem muito mais nas semelhanças do que nas diferenças.

É dessa discussão que ressaltamos as ideias de Gadamer que tem na linguagem o grande *medium*. Talvez o conceito de *medium* se imponha acima das práticas midiáticas contemporâneas que sobrepõem às definições de mídia e meios com vínculos de mediação. Obviamente que à concepção instrumental de Gadamer devem-se acrescentar outros elementos, inclusive os filosóficos, como um caminho essencial para se discutir a mídia na atualidade. Somente em um plano teórico é possível repensar uma suposta linguagem despida de caráter empírico para se atingir o sentido puro e sem contaminações da apreensão, ou seja, restituir plenamente o sentido liberto de quaisquer preconceitos, embutindo nesta linguagem um caráter supras subjetivo ou metassubjetivo.

Por isso, percebe-se uma crítica muito procedente ao conceito de mídia como processo finito de compreensão. A linguagem está em sua constante estruturação e reestruturação, sincronizada ao contexto e é processada e reprocessada *ad infinitum*. Assim, a linguagem tem sempre um intuito: "Aquele que compreende está sempre incluído num acontecimento, em virtude do qual aquilo que possui sentido acaba se impondo" (GADAMER, 2005, p. 631). É deste modo que se emprega os mesmos conceitos para o fenômeno de busca de sentido que está justamente em compartilhar por meios de acontecimentos e ações de sentido comum. Existe uma atração plena exercida pela necessidade de compreensão. Por isso, para garantir a eficácia da mídia faz-se necessário livrar-se do uso dos preconceitos que estão nos repertórios culturais, nos jogos de linguagem, nas redundâncias e repetições.

No entanto, na ideia de mediação como compreensão, como entendimento está considerada também a de iluminação na construção de novas linguagens e uma tentativa em escapar a todos os preconceitos. Legitimar esta pretensão é apenas uma utopia.

PERORAÇÕES: SÍNTESES CIRCUNSTANCIAIS

Em nosso trabalho, colocamos como centro de todas as nossas atenções, de maneira premeditada, entremeadas ou sobrepostas à hermenêutica de Gadamer, o humanismo de Ricoeur associados aos processos de interação.

O conjunto de argumentos que aproximam a hermenêutica da mídia elimina possíveis obstáculos teóricos, pensando principalmente na ideia filosófica de se considerar o homem como um animal hermenêutico, seja em suas dimensões estética, ética, política e metafísica.

O conceito tanto de compreender como interpretar não é exclusividade científica da hermenêutica, mas de toda a experiência humana, que de maneira abrangente se estende também à mídia.

A justaposição da mídia com a hermenêutica pressupõe pensar os múltiplos sentidos que, apesar dos conflitos, mais aproxima do que distancia da mídia. As duas estão impregnadas, na atualidade, de emergências aplicadas à oralidade, ao impresso e às imagens como elementos essenciais para se entender tal aproximação.

Não se trata simplesmente de uma possibilidade, mas de se fazer uma ultrapassagem dos limites teóricos, sem cair no comparativismo simplificador. O tema de nosso trabalho está intimamente ligado às ideias de Gadamer que podem ser aplicadas também à mediação como diálogo, no sentido do legado socrático estudado por este filósofo alemão, mas sem uma preocupação exclusiva com a mídia.

No entanto, ao retomar as definições aristotélicas de que o ser humano é um ser que produz linguagem e a linguagem se dá no diálogo, explicitamos esta aproximação que se processa entre a hermenêutica e a mídia.

O diálogo, em nosso novo modo de analisar, deve ser entendido como uma forma de estabelecer pontes entre as pessoas, mundos, culturas e tradições. É neste contexto complexo que defendemos a hipótese de um encontro teórico que poderá contribuir para uma nova proposta teórica.

O papel da mídia exige um entendimento aprofundado do contexto atual e das pessoas que habitam esse mesmo contexto com as circunstâncias a obrigar que cada uma destas se conecte com o ser midiático e por isso mesmo idiossincrático, mas indistinto e inseparável de seu entorno.

Neste sentido, discutir o contexto midiático atual significa aprofundar o papel das mediações tecnológicas e também o conjunto de interações face a face que compõem experiências culturais que fazem parte da "tradição".

Portanto, o instantâneo, o previsível, o imprevisível midiático digital impõem-se como emergência conceitual em uma proposta teórica que pretende dar conta de uma compreensão que tem o humano e suas interações como centro.

Referências gerais

ASSUNTO, Rosario (org). *L´estetica de Immanuel Kant*. Torino/Itália: Soc. Ed. Subalpina, 1971.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de Sociólogo-metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DROYSEN, Johann Gustav. Manual de Teoria da História. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

FERNANDES, Florestan. Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Porto Alegre, RS. L&PM, 2010.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

GRONDIN, Jean. Hermenêutica. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como "ideologia". São Paulo, Editora UNESP, 2014.

HALL, Edward T. e HALL, Mildred Reed. *Understanding Cultural Differences – Germans, French and Americans*. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. A dimensão oculta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HALL, Edward T. *Le langage silencieux*. França: Éditions du Seuil, 1984.

JAKOBSON, Roman. *Saggi di Linguistica Generale*. Milano, Feltrinelli, 1996.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1995.

JOHNSON, Steven. Emergência – a dinâmica de rede ou formigas, cérebros, cidade e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KRISTEVA, Julia. História da Linguagem. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2003.

MOLES, Abraham A. Sociodinâmica da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NANCY, J.-L. *La comunità Inoperosa*. Nápoles: Cronopio, 1992.

NANCY, J.-L. *Un pensiero finito*. Milão: Marcos y Marcos, 1992.

PEARCE, B.W. *Comunicazione e Condizione Umana*. Milão: Franco Angeli, 1993.

PETRI, C.A. "*Comunication Disciplines*". In: P. SHAW (Ed), *Computing System Design*. Newcastle Upon Tune, University of Newcastle upon Tyne, p. 131-169, 1976.

PETRI, C.A. *Modeling as a Comunication Discipline*. In: H. Beilner, F. Gelenbe (org). *Measuring, Modeling and Evaluating Computer Systens*. Noth Roland: Amsterdã, 1977.

POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

POSTMAN, Neil. *Technopoly*: *The Surrender of Culture to Technology*. Nova Iorque: Vintage Books, 1992.

PRIGOGINE, Ilya. As leis do caos. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. O fim das certezas. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PRIGOGINE, Ilya. Ciência, razão e paixão. Belém: EDUEPA, 2001.

RICOEUR, Paul. *Etica y Cultura*. Buenos Aires/Argentina. Editorial DOCENCIA, 1994.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOUER, Paul. Interpretação e Ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

RICOUER, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa, Edições 70, 2000.

RICOUER, Paul. O Si-mesmo como outro. Campinas/SP: Papirus Editora, 1991.

SANSONETTI, Giuliano. *Il pensiero di Gadamer*. Brescia, Itália: Morcelliana, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. Esboço para uma teoria das emoções. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SAUTU, Ruth; BONIOLO, Paula; DALLE, Pablo; ELBERT, Rodolfo. Manual de Metodología. Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2005.

SCHLEIRMACHER, Friedrich D. E. Hermenêutica-Arte e técnica da interpretação. Petrópolis-RJ,Vozes;São Paulo,Editora Universitária São Francisco, 2012.

SHANNON, C.E. *A Mathematical Theory of Communication*. The Bell System Technical Journal. Julho/Outubro, 1948, Vol. 27.

SHANNON, C.E. e WEAVER, W. *The Mathematical Theory of Communication*. URBANA: University of Illinois Press, 1949.

SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro,CODECRI, 1983.

SODRÉ, Muniz. A Máquina de Narciso. São Paulo, Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Petrópolis, Vozes, 2001.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a Cultura. Petrópolis, Vozes, 2001
WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais (2v). São Paulo: Cortez; campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas/SP: Papirus Editora, 1998.

REFERÊNCIAS GADAMERIANAS

GADAMER, Hans-Georg. *La actualidad de lo bello*. Barcelona, Espanha: PAIDÓS, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. Elogio da Teoria. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. A Ideia do Bem entre Platão e Aristóteles. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. Quem sou eu, quem és tu? Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica em Retrospectiva (5V) – Heidegger em retrospectiva (vI); A virada hermenêutica (vII); Hermenêutica e a filosofia prática (vIII); A posição da filosofia na sociedade (vIV); Encontros filosóficos (vV). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007/2008.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método (2v) – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica (vI). 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S.Francisco, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Métodos (2v) – Complementos e Índice (vII). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: 2ª edição. Editora Universitária São Francisco, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Método* (2v). VOLUME I, 12ª edición. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Método* (2v); VOLUME II, 8ª edición. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *VERITÀ e METODO* (2v). Volume I, 15ª edizione. Milano, Itália: STUDI BOMPIANI, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *VERITÀ e METODO* (2v). Volume II, 2ª edizione. Milano, Itália: STUDI BOMPIANI, 2010.

GADAMER, Hans-Georg; VOGLER, P. (orgs). NOVA ANTROPOLOGIA (7v). VI – Antropologia Biológica – I; vII Antropologia Biológica II; vIII – Antropologia Social; vIV – Antropologia Cultural; vV – Antropologia Psicológica; vVI – Antropologia Filosófica-I; vVII – Antropologia Filosófica – II. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.

2.6 TEORIA, TÉCNICA E PRÁTICA: DA ATUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS À INFORMAÇÃO GERADA, ARMAZENADA, RECUPERADA, PROCESSADA E TRANSMITIDA.[6]

PROLEGÔMENOS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XXI transita da revolução eletrônica para a digital com abrangência planetária na complexidade das comunicações, ampliando indefinidamente as Ideias e conceitos sobre as transformações tecnológicas que devem ser mais bem justificadas como um modelo que caminharia para uma proposta de Teoria. Neste contexto, as ideias kantianas concebidas no século XIX e outras tantas até meados do século XX são importantes para se pensar e atualizar os conceitos da linguagem digital tal como a percebemos na atualidade, forjados pela prática. São conceitos emergentes e necessários às análises das questões fundamentais neste momento. O objetivo principal deste trabalho é contribuir a partir das discussões embrionários e ainda iniciais de nossas pesquisas sobre o conceito de Técnica e Tecnologia, permeados e irmanados pela prática, à luz da Teoria do conhecimento de Kant, que poderá fundamentar, envolver e retomar o conceito de Contemplação , embrião do conceito de Teoria ,para ampliar as discussões e pensar melhor o século XXI, que funciona como um Mapa do desenvolvimento da tecnologia, registrando uma contínua transformação em muitos processos comunicacionais no sentido e gerar , transformar, armazenar , transmitir , processar e recuperar a informação.

Os resultados de nossas pesquisas começaram a parecer, mesmo timidamente, a partir da análise da ideia kantiana que consta do início da Crítica da Razão Pura: [[...] "todo o nosso conhecimento começa pela experiência"...] (p.36). Em profundidade isso quer dizer que os nossos sentidos são afetados quando experimentamos e somos de certa forma, levados e transformados por uma prática, cada vez mais intensa, como um "convite urgente e necessário" para, não só atualizar os conhecimentos já adquiridos, mas ordenar essa participação em um caminho ou rota, rito importante do processo.

Neste sentido, o conceito de Teoria, como atividade humana, pressupõe antes de tudo um entendimento não somente como vivência, mas também como vida teórica, não equivalendo exatamente, mas se contrapondo à ideia de vida prática. È neste sentido que Kant alerta que todo conhecimento se inicia com a experiência, mas nem tudo deriva dela.

[6] Base teórica para o artigo: Arte fotográfica de Benjamim Abrahão: Ressonâncias, tecnologias, cultura e memória brasileiras, meados de 1930. RAZÓN Y PALABRA, v. 23, p. 06, 2019.

Neste sentido, nosso propósito maior será o de falar em produtos midiáticos criados a partir de formatos digitais que transitam em diversos espaços simultaneamente, sem intervalo de tempo e que são comunicacionalmente uma reconfiguração adaptada às problemáticas temporais e espaciais resultantes desse mesmo processo. Pretende-se repensar os vários sentidos do conceito de teorias, juntamente com as novas articulações nas culturas das mídias digitais para avaliar o alcance e os limites desse *topos* contemporâneo. Os procedimentos inter, multi e transdisciplinar dos meios de comunicação e consequentemente das culturas produzem, por seu excesso, dificuldades de apreensão de sentido tanto para profissionais de mercado como para acadêmicos. Deste modo, tanto os profissionais de comunicação, que utilizam as linguagens digitais quanto os que a têm como objeto de pesquisa e ensino, necessitam de bases teóricas para fundamentar projetos capazes de acompanhar, por meio de suas práticas, as permanentes mutações. A contração do tempo e a obsolescência precoce das tecnologias contemporâneas dificultam - e requerem – a compreensão de sua natureza na percepção e elaboração do conhecimento crítico dos novos media. Por fim, esses processos contribuem para a construção de culturas carregadas de um tecnicismo marcante que necessita de aprofundadas análises e avaliações permanentes.

Os múltiplos aspectos que envolvem as práticas digitais são discutidos em suas diversas dimensões, seja teórica, histórica, linguística e metodológica, efetivando criticamente reflexões em torno do tempo especial vivido pela experiência e praticado como um todo. As reflexões sobre as linguagens digitais na contemporaneidade complementam e identificam o lugar da técnica, não somente em relação às teorias, mas também quanto à sua importância como descrição das noções fundamentais no processo de compreensão da técnica e de sua influência.

Nesta busca de afirmações que todos compartilham e se posicionam como atividade técnica, mercadológica, profissional, culminando com sua interface nas pesquisas realizadas pela academia, abarcando o ensino de suas práticas e os estudos teóricos. Prega-se neste exato momento a necessidade de se rever e se pensar os princípios éticos no que diz respeito ao compromisso que os estudos tem, de maneira geral, com o seu público que poderá se comportar de maneira maravilhada ou apocalíptica. Trata-se de uma emergência que diz respeito à liberdade e dever de crítica necessária a todo tipo de revolução, mais ainda às tecnológicas.

Nestes processos emergenciais, incluem-se as questões ideológicas que forjam outros tipos de apropriações, outras formas de fazer, outros saberes e, mais ainda, outros receptores, nas várias produções midiáticas digitais sejam de textos verbais, não verbais ou imagéticos e mistos. É a informação que se transforma em cultura em seus vários sentidos: do ético, do bem comum, da verdade, princípios fundamentais de uma sociedade mais feliz.

As diferentes instâncias, públicas ou privadas, face à revolução tecnológica também enfrentam os mesmos dilemas que começam pela falta de teorias que refletem os novos usos ou pela adoção de teorias desgastadas, que carregam ranços de outros contextos geopolíticos e temporais. Desse modo, ambas as imnstâncias necessitam atualizações e adaptações, e mais ainda: de modelos que justifiquem esse mundo em revolução, ao aglutinar à comunicação seus segmentos como estratégias, linguagem.

Os estudos e os processos relacionados à digitalização ocupam espaço privilegiado na área da comunicação, pois lidam com as práticas comunicativas em múltiplos ambientes. Trata-se de gestão de processos digitais, tendo as noções fundamentais de produção e tecnologia que acompanham o homem, traduzidas nas suas relações com a máquina. Deste processo, os dilemas teóricos que surgiram na transição do século passado para este novo, obrigou a todos a repensar as práticas e teorias - ponte verdadeira entre mercado e academia.

O audiovisual, por exemplo, a fotografia, o rádio, o cinema, a televisão, incluindo outras mídias sonoras, discute o momento presente, promissor tecnologicamente, mas igualmente carente de novos paradigmas teóricos e metodológicos. De certo modo, enfrentam-se as mesmas contradições e dilemas de uma área em plena expansão: os problemas são os mesmos e a passagem pela encruzilhada tecnológica fornece muito material para pesquisas relacionadas à linguagem e também à técnica.

Quando se fala em multimídia, em ambientes multimidiáticos, nos remetemos basicamente às discussões fundamentais, em várias dimensões da técnica nos estudos da mídia ou dos media exigem uma atualização constante. Basta lembrar “os conceitos de “Tecnologia”, “Técnica”, Máquina criadora”, entre outros, para historicamente vincular a revolução vivida hoje com os problemas enfrentados nas últimas décadas do século passado.

Nomes de pioneiros como Marshall McLuhan são retomados metaforicamente como modelo, tendo como propósito a tomada de consciência do tamanho da revolução à nossa volta, os níveis de implicações em nossas pesquisas bem como sua amplitude que buscam respostas teóricas e metodológicas.

As aplicações das tecnologias na América Latina enfrentam questões espinhosas que envolvem, segundo Álvaro Vieira Pinto, certo homem maravilhado, a cidadania, as minorias étnicas e de gênero, as dimensões e diversidades étnicas e culturais e espaciais e os discursos ideológicos sobre o local, o regional e o global.

Demasiado complexo o universo gerado por múltiplas preocupações findam por tornarem as questões temáticas aqui apresentadas de grande responsabilidade.

Em nosso contexto, os latino-americanos viveram durante décadas sob a égide de dois únicos e grandes pesquisadores, que se tornaram referências também únicas e modelos igualmente únicos. É de nossa responsabilidade encontrar outros caminhos teóricos, descobrir ou trazer à luz autores que fazem pesquisas, teorizam, e buscam dialogar sobre as mesmas questões compartilhadas por todo o continente, sem cair no vazio de usar sempre os mesmos conceitos .

Como já temos dito com certa constância, as teorias da comunicação ainda não encontraram seu próprio caminho. Vivemos a síndrome da autoridade estadunidense-canadense e europeia. Nós não nos lemos e, não nos conhecemos. O que parece reverberar a voz e o canto que afirmam que o Brasil não conhece o Brasil.

ENFRENTAMENTOS: MEDIAÇÕES

Parece haver uma crise geral de reconhecimento de questões candentes e de fuga ao autoreconhecimento. Nossas pesquisas caem sempre em um vazio mortal. São esquecidas e sequer lidas por nossos pares. Sofremos do complexo de Montezuma, sentimos uma atração vertiginosa e incontrolável por aquilo - seja o que for - que vem de fora. Não se trata de reivindicar xenofobia – passemos muito longe disso, mas de buscar diacrônica e sincronicamente justificativas em nossas raízes para o que somos ou para o que queremos ser ou escolheremos não ser.

É este o propósito deste texto.

Temos mitos, história, ritos, autores: cultura em vários sentidos, inclusive o tecnológico com “apocalípticos e integrados”.

Esta pesquisa nasceu há algum tempo atrás, diríamos, faz anos que se engendra. Nasceu de uma vontade de compartilhar, ideias, ansiedades, desejos e sonhos sonhados e por sonhar. Como o personagem de André Gide em seus moedeiros falsos diz que somente os romancistas colocam ponto final. Na vida, tudo sempre continua: as mesmas repetições, mesmos autores, até das mesmices do lugar comum.

O texto que apresentamos é parte de projeto, que desenvolvemos na UNESP de Bauru, que agora apresentamos de modo sucinto os primeiros resultados que empreendemos, especialmente, sobre as Teorias das Mídias Digitais, pensadas de maneira específica e aplicadas às linguagens digitais, fazendo possíveis e necessárias intersecções com as teorias da comunicação e a filosofia do século XIX e XX Alemãs, principalmente.

A justificativa de nosso trabalho dá-se em função da premente necessidade de se pensar as teorias como fenômeno comunicacional que, por meio das práticas digitais ganham outras

relevâncias e projetam novas dinâmicas com efervescência motivada, principalmente, pela oferta de novos dispositivos produzidos pelas aplicações tecnológicas em nossa atualidade. Agregamos alguns autores em torno dos temas, alertando que este é o resultado de um primeiro limite ainda tímido de nossas preocupações teóricas.

A pesquisa tem como ponto de partida os conceitos de Teoria, Técnica e Prática e suas relações intrincadas com os processos essenciais da comunicação, levando em conta as dificuldades enfrentadas, principalmente em função de inúmeras correntes teóricas e da diversidade de análise e abordagens autorais. Propõe-se nesta trajetória a hipótese de que os processos digitais, em suas dinâmicas próprias, podem e devem ser repensados a partir de elementos que surgem de uma intensa troca, justificando a vivência da prática digital para a atualização dos conceitos como resultados destas mesmas experiências, ou seja, as relações sociais e humanas consideradas como um grande laboratório, como processo complexo e dinâmico de trocas interativas, cognitivas, espirituais, emocionais e afetivas propiciadas pela técnica.

Aproveitando a clássica definição de Kant de que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana, pressuposto na definição de que a tecnologia, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que as trocas no processo, são imperceptíveis por sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos, resultado da apropriação ideológicas das tecnologias e de como são compradas e vendidas .

De outro modo, a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de diversos produtos, inclusive imagens artísticas, com suas máquinas reprodutoras, mas também mediadoras, pode-se perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social quanto no político e econômico. É neste sentido que entendemos que a técnica como sistema de cultura possa representar as finalidades máximas da Razão tecnofilia e justificar politicamente a tecnofobia.

Neste sentido, a dificuldade de se definir o conceito de razão técnica como processos subjetivos e delicados de percepção, instigou-nos a repensar a digitalização como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos já desgastados pelos usos, suscitando a transcendência do ir além: o mundo mental

seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular. O digital também seria parte de um processo mental.

Impossível não ressaltar nas discussões sobre o digital, isto é, a técnica dentro da técnica como uma das grandes contribuições que consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como *medium*, isto é, como tradutora e mediadora das experiências humanas, levando em conta não somente a transferência de conhecimento, mas também a participação imediata de um no outro interlocutor, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, objetivando exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomadas de consciência e, ainda, as condições em que se realizam qualquer mecanismo de linguagem como entendimento prático. Por isso mesmo, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Por outro lado, linguagem pressupõe fórmulas numéricas tradutoras de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que acrescentamos a necessidade de atualização dos principais conceitos resultados desta nova ordem tecnológica que preconizam a necessidade *sine qua non* do domínio não só dos códigos, mas também de dos avanços tecnológicos que de uma forma ou de outra alteram os modos e usos práticos. Mesmo assim, traduzir, usando a linguagem como *medium*, em um processo de trocas de conhecimentos e de consciências, além de experiências entre os interlocutores. Mesmo que o conceito de troca seja questionado por muitos teóricos, ele é essencial.

Esse debate pode se dar em várias etapas que envolvem decisões dedicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação, neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é o *medium* universal e cada meio de comunicação a desenvolve e aprimora a própria elaboração e compreensão de mensagens, seja na forma escrita, oral ou por imagens, mantendo observância na inclusão de seus usos e costumes.

Assim, cada meio de comunicação desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte seu texto em linguagem, que pode ser classificado como “consciência compreensiva” realizada através do que foi comunicado, incluindo aí a ideia da intervenção tecnológica e de sua relevância nos meios massivos.

Neste ponto, a linguagem organiza a possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido. Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais eficaz que a tecnologia seja, é esta uma reconstrução matemática, no sentido digital das intenções que seriam plenamente

atingidas. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito, tais como os digitais, mas isso não quer dizer o absoluto.

Neste contexto, os modernos sistemas como, por exemplo, a complexidade da tecnologia móvel, com todas as suas potencialidades e da Internet que se impõem como bases de convergência ocupam um espaço importante nos estudos dos fenômenos sociais.

O fenômeno da Interação já não se restringe a uma trajetória linear entre fonte, mensagem e destinatário. Não é mais uma mera transferência, mas admite ser pensada também como mistério ou como fenômeno inexplicável. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples transferência ou tradução digital. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se, ainda, a tecnologia como "um conjunto de as técnicas de que dispõe uma determinada sociedade em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento (VIEIRA PINTO, p. 220)." Neste sentido, independente de se ampliar discussões sobre os vários conceitos-homem, máquina, técnica, tecnologia-como compreender problemas relacionados aos aparatos ou extensões tecnológicas. Alguns autores argumentam, pensam e enfatizam o fenômeno físico, outros o fenômeno social articulado às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos que Shannon, como engenheiro empregado de uma companhia telefônica, teve como objetivo principal a melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independendo do conteúdo. Desse modo, acreditamos que "a teoria matemática" de Shannon deve estar situada mais apropriadamente entre as teorias da informação muito embora tenha afirmado seu lugar, também, entre as chamadas "teorias" da comunicação.

Independente de quaisquer protocolos, a tecnologia está relacionada à construção social da realidade e aos valores das ações e interações, à reconstrução que cada um faz sobre si mesmo e do mundo, e buscar um sentido visto como epistemologia da técnica, justificando reflexões críticas sobre o processo objetivo, direção necessária à teorização, sem qualquer tipo de mistério.

Neste contexto, um de nossos propósitos é pensar em uma teoria que sistematize as reflexões conceituais de Vieira Pinto sobre as tecnologias, construídas por ele como um processo seletivo e maduro muito particular de ideias antigas e novas, por exemplo, Aristóteles, Kante, Heidegger, isto é, aquilo que é constituído como um saber necessário, vale dizer, como fundamentação de maneira mais elaborada e sólida as concepções sobre o tema, sem cair em ingenuidades. Portanto, este ato de fundamentação está interligado à distinção entre questões tecnológicas da atualidade como crença em uma nova história e o surgimento da cibernética e das máquinas processadoras de inteligências. É neste sentido mais categórico afirmamos: não

é possível discutir neste contexto, sem levar em conta as categorias dialéticas do ter e do haver, apontado por Álvaro Vieira Pinto como aspecto importante no desenvolvimento da razão técnica, reflexo da construção da razão teórica do caráter simultâneo, contínuo e descontínuo da tecnologia(p. 522).

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir e reexaminar os conceitos de sociedade em face da "era tecnológica", fazendo aparecer ideologicamente a figura do homem maravilhado, que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a compreensão da máquina dá por sistemas de significação de base social e traz novas perspectivas de ver esses objetos como pensantes e criadores. A partir daí, por exemplo, surgem também abordagens teóricas novas para explicar fenômenos da nascem das relações humanas e máquinas de diversos modos: analisar o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo tempo como economia, facilidade e comodidade no armazenamento da informação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi armazenado, melhor dizendo, o que foi memorizado e o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. Este processo não está dissociado da indústria de tecnologia da informação. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Há um total controle de informação e das pessoas. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. Alegam-se o direito de gerar e também o de difundir informações. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas.

Neste contexto cultural, pode-se também argumentar sobre a possibilidade de se fazer uma síntese do *homo economicus* com o *homo juridicus* como simples ator do mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo que recorremos às teorias de Gadamer para afirmar que a linguagem é o sinal da comunicação devido a sua natureza processual e pragmática. É na linguagem que os atos comunicativos ganham formas e sentidos. Jean-Luc Nancy faz uma distinção entre operar e comunicar, classificando a comunicação como a inoperância de obra social. E é esta mesma inoperância que torna a comunidade culturalmente forte, resistente à reificação mercantil indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Os jogos linguísticos elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na

criação de regras, rompendo continuamente com os limites. Seria lícito afirmar que as tecnologias não acompanham todos esses acontecimentos em comunidade.

A comunidade e a comunicação são constituídas por indivíduos, e não ao contrário, pois a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando de maneira ilimitada a comunidade. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a comunicação desempenham papel importante, pois criam e transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir, no contexto digital e tecnológico a linguagem, aproximando o conceito de linguagem ao conceito de "fala" saussuriana como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, composta de múltiplos jogos linguísticos e caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem. Compartilhar jogos linguísticos é dinamizar as práticas. E somente assim, conseguir atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos linguísticos que delimitam e regulam.

Discutir a tecnologia como simples transferência através do uso obriga-nos a retomar em nosso texto o debate a respeito do momento crucial da revolução tecnológica, caracterizada obsolescência nos contextos físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura e do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial. (LUHMANN)

É neste sentido que podemos afirmar que as práticas tecnológico-comunicacionais em rede criam comunidades, coloca os seus participantes em estado de sincronismo, cria identidade coletiva que os distingue de quem não participa. E a comunidade toma forma, cria limites e sentido. É a ação que engloba as pessoas na comunidade e não haveria limites e nem identidades como processo. (LUHMANN) Por isso mesmo, a linguagem modelada pela tecnologia só ganha sentido dentro de uma comunidade, pois cria comunidade, que no entender de Luhmann, não somente cria, mas multiplica as comunidades e ao multiplicar as comunidades cria novas formas de interações e trocas, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilitações para interações entre os indivíduos, ainda que *a priori* sejam pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, Jean-Luc Nancy diz que as comunidades são constituídas de individualidade, pois a tecologia se faz essencial para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. De que

maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como propostas teóricas?

Da discussão acerca dos conceitos vários circundados pelas Tecnologias podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar a as questões contemporâneas, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais.

Neste jogo linguístico, percebe-se um processo ativo e profundo. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, torna-se difícil pensar as interações e trocas. Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo de apropriação de tecnologias não iluminam os problemas. As teorias podem esclarecem dúvidas. Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o que está sendo construído como cultura. Encontrar significados divergentes diz respeito à dificuldade de ver o que está próximo temporal e espacialmente. Pouco importa se a linguagem organizada e veiculada se desprendeu das intenções, ganhou autonomia. O que é fazer uma crítica, tendo como base um pensamento que aponte caminhos e proponha roteiros. Verifica-se que há um abismo entre o novo e o obsoleto. Não há controle das práticas e em que elas redundam.

Deste modo, reconhece-se a dificuldade em lidar e pensar o contemporâneo no sentido teórico. Será possível esclarecer as dúvidas nesta corrida sempre em direção ao novo? A tarefa é objetiva e ao mesmo tempo ativa. A pesquisa dá vida às práticas cotidianas e ao mesmo tempo, de modo claro, tenta encontrar respostas circunstanciais. E nessa procura de respostas, propõe-se preencher as brechas possíveis. Há, portanto, uma tomada de consciência dos limites materiais de se ligar com máquinas processadoras de atividades intelectuais, por exemplo. Por outro lado, como prever os resultados dessa relação entre homem e máquina inevitável no contexto?

Se as ações, os acontecimentos e as experiências humanas estão imbricados nos processos tecnológicos, torna-se imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões, diante de verdades parciais de que tudo se liquefaz tanto teoricamente como nos modos de pensar o cotidiano, em decorrência de modelos econômicos impostos. Há forças, alheias ao processo, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar propostas teóricas, tendo com respaldo os nossos pares acostumados com ideias alienígenas importadas. Neste ponto, não se pode falar em ideias autônomas: a materialidade do discurso de autoridade científica só tem validade porque repete o ideal e as emergências internacionais.

Neste contexto, o conceito de Teorias, projeto que levanta discussões comunicacionais esclarecedoras, é na verdade uma dinâmica sequencial envolvendo e abrindo caminhos para um completo compartilhamento em constante diálogo, como base para determinar a comunicação.

Na comunicação está explícita uma teoria que dialoga com a tecnologia, englobando a memória, sem esquecer objetivamente da tradição e da historicidade e o que estes conceitos comportam. O contexto é rico em elementos que possibilitam estabelecer procedimentos metodológicos de abordagem tecnológica. Deve haver sim, um esforço para superar as resistências. É neste sentido que, a comunicação enquanto técnica deveria ser entendida e fundamentada nas filosofias, preponderantemente nas clássicas.

Não se deve esquecer outra influência importante que foi Wilhelm Dilthey ao difundir a memória como o elemento diferencial das ciências humanas em relação às ciências da natureza. Sua proposta era fundamentar um processo rigoroso nas ciências humanas por meio de mediações tecnológicas, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Desse modo, acreditamos que a importância de Schleiermacher e Dilthey encontra-se no fato de direcionar o pensamento humano, centrando-o na atualização de conceitos. A presença de pensadores como Heidegger em um projeto teórico provoca uma radicalização no tratamento do tema da "compreensão" tecnológica.

Heidegger vê na tecnologia uma volta humana à natureza como um processo possibilitado pela intensificação do conceito diltheyano e marcará definitivamente os caminhos e as mudanças no pensamento filosófico de Heidegger sobre o Ser. Nesta importância fundamental está a dinâmica comunicacional que se estabelece nessas teorias. O Ser – aí compreende, mas que também se faz compreender em um processo intenso de diálogo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a tecnologia com os vários momentos do Ser no Tempo.

Este mesmo elo dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de um conhecimento acumulado. Por exemplo, a comunicação é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos Técnicos, culturais, sígnicos e histórico-linguísticos.

É dessa interação que poderíamos aplicar a ideia de fusão de horizontes à comunicação, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a atitude compreensão e apropriação das tecnologias.

Difícil não associar todo esse processo à comunicação, pois, o caráter institucional tão caro à comunicação se repete na necessidade das tecnologias independente do número de pessoas envolvidas.

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam. As tecnologias envolvem as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se participar do jogo técnico-comunicacional.

Perceber os limites do universo de cada participante desse mesmo jogo. E nesse esforço de comunicar que entram no jogo comunicativo as trocas repertoriais necessárias, enquanto o modelo racional ganha espaço. O objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo.

Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo comunicacional que surgem novas propostas teóricas nascidas das tentativas, correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda invenção tecnológica, em sua circularidade, é uma realização própria inesgotável das possibilidades de sentidos daquilo que se tenta incluir aí as repetições que fazem parte das regras do jogo. O sentido das práticas tecnológicas não se esgota e revela as possibilidades. É nesse sentido que o caráter da tecnologia é aberto e evita-se sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade. O que está em jogo é fazer emergir o que precisa ser pensado e fundamento com ideia, eliminando e superando, com o intuito científico, as distâncias temporal e espacial presentes no objeto experimentado.

No sentido específico, esta proposta de estudo é uma crítica tecnologia como instrumento de dominação, englobando, inclusive, a concepção do digital tanto como técnica quanto como linguagem, e ainda o caráter político da linguagem para além do instrumental.

COMENTÁRIOS CIRCUNSTANCIAIS METODOLÓGICOS

Fazendo justiça ao célebre começo de *Crítica da Razão Pura*, de Kant, intensamente comentado por Gadamer, quando associa diretamente conhecimento à experiência, fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem a ciência no século XXI que sofre os efeitos das teorias e do fabuloso desenvolvimento tecnológico do século XX.

Ainda estamos fazendo a passagem do século passado, pródigo em experimentações e teorias, mas foram esses mesmos movimentos que contribuíram para um novo projeto político e social cuja práxis dividiu o planeta em duas ideologias. É neste sentido que ainda estamos praticando as mesmas teorias, pensadas no século passado a provocar dúvidas quanto às suas justificativas e aplicabilidade no século atual. Por exemplo, retomar Kant, ao assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano é caminhar em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de teorias e métodos que pensem esse saber subjetivo e instável e busquem caminhos científicos seguros para a experiência em nosso contexto.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar as teorias existentes ou, por outro lado, buscar novas que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, mesmo considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de determinar o objeto, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação da ciência, pressupondo também escolha e decisão, o caráter infinito de ciência que, se contrapõe ao imediato de práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do saber sobre o mundo e o ser humano. A ciência moderna se traduz em experiência.

Ultrapassar a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir para o outro, encontrar no outro o encontro de horizontes, a troca de experiências que se dá verdadeiramente como comunicação no diálogo mediado de maneira mais ardil. Nesse intercâmbio, há o acordo com consenso, mas com desfecho ainda ignorado comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo com a tecnologia se constitui em um processo amplo de atualização dos conceitos aplicados às imagens eletrônicas (digitais ou analógicas) pictóricas também como objetos tecnológicos, incluindo as linguagens, ampliando ainda mais o espaço de troca entre mundos, realidades e horizontes.

Especificamente no caso brasileiro e também da América Latina para falar de teorias, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, abordando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, questões políticas. Por exemplo, os meios de comunicação de massa, em sua totalidade, estão inseridos em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação que nada mais é que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que um esboço teórico comece a ganhar forma e fazer justiça ao sentido da palavra *Theoria*, que, vista de modo

ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade de justificar as práticas Tecnológico-comunicacionais.

E neste sentido, há urgência de cultuar, cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos críticos que possibilitem enxergar o *aliens*, o alheio, o estranho, mas também dominador e enfeitiçador , como o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Estamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos pela Teoria. Há que se desencantar para de novo voltar a se reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo: o "Nonada" rosiano. Algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez, restando buscar respostas que poderão estar na arte, na literatura, na cultura e na poesia.

O século XXI, em nosso contexto geográfico, deveria retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário do século passado.

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS, SEM PONTOS FINAIS METODOLÓGICOS.

Tornou-se necessário retornar aos teóricos que tratam da história da ciência, quando discutem os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, as crises e surgimento constante de tecnologia exigem também uma atualização constante dos conceitos como base para se repensar as Teorias. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de tecnologias, de práticas, de ideias e de Teorias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, englobando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e suas contradições.

Baudrillard e Postman, por exemplo, enfatizam que o acréscimo da informação não acarreta o aumento do conhecimento, ou seja, a inflação da informação pode significar "deflação do sentido", crise que atinge o auge com os *Media*, o computador e a Internet. Constituem discussões necessárias para se pensar as tecnologias hoje, envolvendo, obviamente, os conceitos de memória artificial garantida para os meios de comunicação de massa.

O tema da memória e da construção de sentidos é pertinente na sociedade da informação com seus computadores e redes sociais, que podem ser vistos como máquinas de memória capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo. São insuperáveis, quando comparadas à *Enciclopédie*, que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

No entanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana que faz usos dos objetos. Por exemplo, a arte com sua capacidade de reter e comunicar.

A comunicação como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos teria a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos face a face e virtuais tecnológicos.

Sobretudo, aludíamos a alguns pensadores como, por exemplo, Francis Bacon, ao fazerem colocações sobre o método científico e a necessidade de isenção de preconceitos, devendo-se travar uma luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana.

Bacon aconselha muito cuidado com estes estados na observação, atenção especial às ideias recebidas da educação, cuidados e precisão no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para necessidade de se desenvolver experiências específicas para atender às interrogações científicas de pesquisa.

Quando se discute as teorias e os fatos que as acompanham, Popper nega qualquer lógica na descoberta científica. Pode-se valer de tudo: *insights*, intuição, imaginação e observações controladas.

Fazer uma leitura atenta da profusão de teorias e discussões metodológicas deverá ser atividade constante desta nossa pesquisa rumo ao entendimento e conhecimento das teorias da comunicação, agora com ênfases nas tecnologias. Metodologicamente, existe uma relação estreita entre comunicação e cultura. Poderíamos dizer tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas e nas trocas, e inclusive nos conceitos.

Por isso mesmo é que Edward Hall estabelece uma grande tríade composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas

categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da comunicação.

Dessa relação triádica, pensada como comunicação e cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais e comunicacionais divididas em países e regiões com suas especificidades como justificativas teóricas da comunicação, com todas as suas contradições observáveis no século atual.

Não se pode esquecer, por exemplo, do encontro frutífero da desconstrução de Derrida com a Filosofia alemã contemporânea. Lembramos ainda do tradutor italiano de *Verdade e Método*, Gianni Vattimo, que associou o pensamento de Gadamer a um niilismo feliz.

Acrescente-se o trabalho que R. Rorty faz com as ideias filosóficas-praticas gadamerianas a estabelecer caminhos com vias diretas destas com o pragmatismo norte-americano.

São discussões travadas no contexto da modernidade (pós) do século XX que poderão gerar frutos teóricos e metodológicos frente às relações de pensamento e reprodução do "real" inconstante, na atualidade, e de seus efeitos, centro de interesse de projeto com as teorias do diálogo, da compreensão, da interpretação e da apropriação tecnológica. É a relação do Eu com o Outro, em um processo de mediação e interação constantes, que na verdade é a essência da comunicação.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, Rosario (Org). *L´estetica de Immanuel Kant*. Torino, Itália: Soc. Ed. Subalpina, 1971.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo-metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DROYSEN, Johann Gustav. *Manual de teoria da história*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HALL, Edward T.; HALL, Mildred Reed. *Understanding cultural differences*: germans, french and americans. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. *Le langage silencieux*. França: Éditions du Seuil, 1984.

JAKOBSON, Roman. *Saggi di linguistica generale*. Milano: Feltrinelli, 1996.

_____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

JOHNSON, Steven. *Emergência*: a dinâmica de rede ou formigas, cérebros, cidade e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2003.

MOLES, Abraham A. *Sociodinâmica da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NANCY, Jean Luc. *La comunità Inoperosa*. Nápoles: Cronopio, 1992.

_____. *Un pensiero finito*. Milão: Marcos y Marcos, 1992.

PEARCE, Barnett W. *Comunicazione e condizione umana*. Milão: Franco Angeli, 1993.

PETRI, C. A. Comunication disciplines. In: SHAW, P. (Ed.). *Computing system design*. Newcastle Upon Tune: University of Newcastle upon Tyne, 1976. p. 131-169.

_____. Modeling as a comunication discipline. In: BEILNER, H.; GELENBE, F. (Org.). *Measuring, modeling and evaluating computer systens*. Noth Roland: Amsterdã, 1977.

POSTMAN, Neil. *Tecnopólio*: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

_____. *Technopoly*: the surrender of culture to technology. Nova Iorque: Vintage Books, 1992.

RICOEUR, Paul. *Etica y cultura*. Buenos Aires/Argentina: Editorial DOCENCIA, 1994.

_____. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

_____. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *O Si-mesmo como outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

SANSONETTI, Giuliano. *Il pensiero di Gadamer*. Brescia, Itália: Morcelliana, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SAUTU, Ruth et al. *Manual de metodología*. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

SCHLEIRMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica-arte e técnica da interpretação*. Petrópolis-RJ: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2012.

SHANNON, Claude E. A mathematical theory of communication. *The Bell System Technical Journal*, v. 27, Jul./Oct. 1948.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida*: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro: CODECRI, 1983.

_____. *A Máquina de Narciso*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Antropológica do espelho*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 2001

WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. 2 v.

WINKIN, Yves. *A nova comunicação*: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: P
VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e existência. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 1979.

VIEIRA PINTO, Álvaro. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto,

2005. 2 v.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Consciência e realidade nacional. Rio de Janeiro:

ISEB, 1960. 2 v.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Ideologia e desenvolvimento nacional. Rio de Janeiro:

ISEB, 1956apirus, 1998.

BIBLIOGRAFIA DE GADAMER

GADAMER, Hans-Georg. *La actualidad de lo bello*. Barcelona, Espanha: PAIDÓS, 1991.

_____. *Elogio da teoria*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001.

_____. *A ideia do bem entre Platão e Aristóteles*. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2009.

_____. *Quem sou eu, quem és tu?*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

_____. Hermenêutica em Retrospectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007/2008. (5v.)

_____. Verdade e Método 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S.Francisco, 2005. (2v.)

_____. *Verdad y Método*., 12. ed. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2007. (2v.)

_____. *Verdad y Método.* 8. ed. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2010. (2v.)

_____. *Verità e Metodo*., 15. ed. Milano, Itália: Studi Bompiani, 2010. (2v.)

_____. *Verità e metodo*. 2. ed. Milano, Itália: Studi Bompiani, 2010. (2v.)

_____; VOGLER, P. (Org.). Nova Antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977. (7v.)

2.7 A DINÂMICA DAS TEORIAS DAS MÍDIAS: NOVOS MÉTODOS COMO PASSAGEM PARA NOVAS PRÁTICAS TEÓRICAS[7]

[7] Base teórica para o artigo publicado em coautoria com: RENO, D. P. . As mídias e redes sociais sob controle, os algoritmos, a linguagem e a cultura no (eco) sistema digitalização. RAZÓN Y PALABRA, v. 24, p. 311-339, 2020.

As últimas tecnologias digitais trouxeram para o cenário nacional brasileiro as tão esperadas inovações no que há de mais original, cobrindo as diversas possibilidades da dinâmica que envolve a passagem da tecnologia analógica para a digital no Brasil.

Pretende-se repensar os meios digitais de massa, incluindo como novos meios, as redes sociais e suas apregoadas possibilidades, levando em conta as novas teorias digitais, por enquanto. Propõe-se discutir o sentido e a importância da revolução digital relacionada aos processos de produção, transmissão e apropriação de mensagens, algo que forçará uma reorientação metodológica, inaugurando outras vias de investigação que explorem o surgimento de novas teorias que justifiquem e repensem os processos e as práticas interativas digitais.

A implantação dos processos digitais, no Brasil, provocou indagações sobre os caminhos e o futuro de toda a mídia brasileira; principalmente, sobre o conteúdo televisivo veiculado pelas emissoras da forma como o conhecemos, como propaganda, telenovelas, programas de auditório, jornalismo e shows. O controle remoto deu mais autonomia aos telespectadores, pois se acreditava que houve, a partir daí, uma transformação nas relações dos meios com os usuários.

Além disso, o novo sistema digital elevou e muito o número de canais, promovendo, por suposto, uma democratização do sistema televisivo brasileiro, apesar de trazer, em seu bojo, alterações do processo que poderão ameaçar a hegemonia das grandes redes nacionais, as quais detêm a maior parte desse lucrativo mercado ligado, fundamentalmente, à prática da Publicidade afeita à televisão comercial. Percebe-se, ainda, que um novo cenário está a se esboçar, transformando a realidade da televisão brasileira, ao trazer frutos que são mudanças que virão no arcabouço das novas tecnologias. São novos ventos que trarão as tão esperadas inovações, no que há de mais original e, por que não dizer também, criativas possíveis, cobrindo os diversos aspectos que envolvem a dinâmica da passagem do sistema analógico o digital.

Porém, é preciso observar, criteriosamente, essa passagem do sistema atual – tão sedimentado no seio da sociedade brasileira – para o sistema novo, a fim de entender como esse processo se dará e os pontos em que, de fato, ele mudará em termos, não só de avanço de qualidade da imagem; mas, principalmente, no que tange às inúmeras possibilidades de transformação de todo um sistema conhecido. Sistema este que requer mudanças urgentes num contexto em que as tecnologias de ponta, de finíssima qualidade, encontram-se na ordem do dia das discussões midiáticas.

Nesse contexto, espera-se que os processos digitais provoquem o resgate e a valorização de experiências estéticas já consagradas pelo cinema, tendo em vista o recorte e a definição da captação e difusão da imagem. Tendo ainda – na esteira dessa transformação – as múltiplas possibilidades de interação que o novo sistema promete, com respostas ilimitadas nesse novo panorama que se desenha diante dos avanços que estão por vir – espacial e temporal – das mídias massivas.

Nesse sentido, deve-se pensar o processo digital não como uma simples síntese dos meios atuais com um computador e Internet ou uma mera evolução natural de um sistema que, desde os anos 50, está presente nos lares de milhões de brasileiros. Além de ter cumprido o seu papel, para muitas pessoas, de se constituir no único meio hegemônico de se obter informação e, também, ter acesso ao lazer, muito embora sua atuação, em muitos casos, tenha sido de gosto duvidosa, esperam-se mudanças efetivamente positivas.

Porém, não se está aqui – neste texto – discutindo a qualidade televisiva da programação que as emissoras veiculam, posto que tal análise pudesse fugir do centro de nossa discussão. E a ideia não é essa, mas tão somente analisar as possibilidades interativas que esse novo sistema midiático se propõe. A propaganda, por exemplo, poderá combinar a segmentação de público que deseja atingir e, este, poderá dar respostas objetivas e imediatas, em princípio, em tempo real. Isso, de certo modo, afetará o cotidiano das pessoas e, o mais importante, seu desejo de consumo, pois, embora ainda esteja sujeito à inerente persuasão da propaganda, deverá ser um consumidor não mais passivo, porém, ativo totalmente, e sua capacidade de resposta será imediata.

Certamente, essas novas possibilidades ajudarão a formatar um novo perfil de público que será mais crítico em relação ao consumo dos chamados bens simbólico. Logo, o público não será mais um mero receptor, mas será um coprodutor que participará de todo o processo do conteúdo veiculado. Em tese, pelo que a tecnologia digital nos aponta como nova realidade tangível surgirão novos modos de intercâmbio entre produtor e consumidor, pois a interatividade tem o papel de transformar as realidades estáticas e seus papéis na sociedade de consumo.

Desse fluxo *intercomunicacional*, nasceria um novo contexto de relação entre quem produz e quem consome audiovisual, podendo, inclusive, recuperar certas sutilezas nessa relação que, atualmente, está brutalizada pela imposição de conteúdos e que, eventualmente, o público não deseja assistir. Isso obrigará o produtor a se especializar continuamente, a fim de

reformular o que produz e inserir – neste contexto – a qualidade, palavra de ordem nesse novo universo dos meios digitais.

Desse modo, pode-se compreender melhor o sentido e a importância da revolução digital; extremamente dinâmica, dado que esse novo sistema proporcionará transformações em todos os níveis, e isso implicará ajustes não só de aspectos técnicos, mas também em termos de conteúdos veiculados. O público de agora já não é tão passivo como outrora, pois como já afirmamos, em linhas anteriores, ele dispõe de uma ferramenta a seu favor, o controle remoto. Isso já forçou as emissoras abertas a refletirem sobre o que estão produzindo, mantendo vigilância sobre o que os outros canais estão a exibir, no mesmo horário, e como o público está recebendo esse produto da concorrente.

Assim, com o advento dos meios digitais, um novo diálogo entre produtor e consumidor (com todos os agentes envolvidos no processo midiático) far-se-á necessário, neste momento, para que a sociedade possa, por ela mesma, definir o que deseja ver, e não apenas, obrigatoriamente, assistir ao que lhe é imposto. Tal discussão é muito saudável em virtude de apontar novos caminhos para a televisão brasileira como um todo.

Além disso, fica evidente que será preciso repensar os modos de produção, veiculação e, sobretudo, de ferramentas de apropriação de mensagens pelo receptor. Por fim, a revolução digital inaugurará outras linhas de investigação que explorem uma nova variedade de conteúdos e, também, que forcem as emissoras se autoanalisarem, de forma metalinguística, enquanto meio de comunicação. Isso, com certeza, protagonizarão o surgimento de novas teorias que justifiquem e repensem os processos e as práticas interativas digitais.

Tal processo se faz necessário em virtude de se ter verificado que a interação social, através da troca de mensagens, está presente na dinâmica social, representando e aglutinando, simbolicamente, o mundo, pois todos os meios digitais massivos, como o próprio nome nos sugere, aglutinam o público extensivo à condição de massa consumidora. Podemos supor que esse painel que traçamos, até aqui, aponta para o que tende a se alterar. Isso criará uma fragmentação ou uma segmentação maior no sistema, e o público é quem fará a sua própria escolha, selecionando, editando sua programação.

Sobre tal possibilidade, deve ser repensado, portanto, nas teorias basilares da mídia, que irão ao encontro desse novo contexto, dentro do que está nascendo com os processos digitais, pois os compartilhamentos, seja interpessoal, grupal ou coletivo, forçosamente, ganhará novas configurações. Seria interessante pensar, por exemplo, as mídias digitais como resultante de um processo evolutivo, a partir de sua versão antepassada – a TV analógica, a TV

em preto e branco e em cores – que se tornaria em algo diverso a requerer uma nova teoria da mediação que possa dar conta dessa evolução, a fim de que esse processo seja analisado e entendido pela sociedade.

Acreditamos que esse estudo deveria partir da TV analógica, tal como foi concebida, até se chegar ao formato digital e, assim, pensar na questão da interatividade, sistema em que as pessoas são capazes de agir, editar, transformar e, naturalmente, responder, imediatamente e de forma idiossincrática, a algum tipo de estímulo ou provocação geradora de algum tipo de emoção.

Nesse sentido, é que acreditamos que as teorias das mídias digitais poderiam vir ao encontro desse novo contexto nos processos tecnológicos, tal como pensamos ou aplicamos ao cinema, ao teatro, ao jornalismo. Tudo dos componentes que formam as mídias digitais interativas é interessante, porque fazem com que nos esqueçamos de todos os demais aspectos da mídia tradicional tal como a conhecemos e, para não exagerar, uma prática que está se tornando obsoleta.

Uma grande parte das teorias da mídia de massa detém, como base, os efeitos dos meios sobre a sociedade e dever-se-á, em um primeiro momento, aplicar esses efeitos e seus estudos aos processos de interação, ou seja, essas características tão profundamente estudadas para que as revoluções tecnológicas digitais chegassem aonde chegaram. O desenvolvimento da teoria das mídias pretende não outra coisa senão remarcar a centralidade do fenômeno como objeto de investigação econômica, ou seja, não existe mais a prioridade de uma resposta em longo prazo, mas sim, em curto prazo, quase que de modo imediato. Portanto, o efeito principal seria a impossibilidade de controlar os meios midiáticos de massa, em processo, ocupando-se em levar ao usuário algum tipo de efeito extremamente provocador.

No sentido não só de atualizar, mas desenvolver um novo contexto para o entendimento amplo da Mídia Digital e como ela transformará os meios de massa, de maneira geral. Todavia, costuma-se dizer, romanticamente, que a vida já é irreversivelmente digital, e essa tecnologia, que está onipresente na vida das pessoas, surgiu trazendo, no seu bojo, a interatividade, que é um elemento nativo na *web*. E mais: estará plenamente integrada, num futuro quase presente, a todos os aparelhos eletrônicos existentes nos lares brasileiros.

Isso estimula, de certo modo, uma inserção digital; se bem que essa inserção digital é uma questão bem mais complicada e não pretendemos discuti-la, neste texto, porque isso requer uma amplitude de abordagem que desviaria o centro de nossa análise. Uma questão é patente: as pessoas, ante essa revolução tecnológica, nas principais cidades do mundo, apontam e atuam

nessa direção, uma vez que o contexto global nos evidencia que o homem pós-moderno está profundamente integrado às mídias digitais, juntamente com as conexões que essas permitem estabelecer em quase todos os sentidos.

E, retomando os efeitos midiáticos que esse poder digital vem causando à sociedade tecnológica, podemos dizer que o processo midiático– agora – dar-se-á quase que individualmente e não mais como um fenômeno grupal. Situação esta que deixa em relevo a realidade da pós-modernidade no contexto dos atuais agrupamentos humanos, visto que já, no final dos anos 80, portanto, no século passado, já se falava, categoricamente, sobre o processo de isolamento a que o homem estaria sujeito nos grandes centros urbanos.

De certo modo, esse isolamento é natural – inclusive, por uma questão de segurança, evita-se sair de casa e o fluxo midiático chega aos lares, via *web*, Redes Sociais, celulares e todos os meios interativos possíveis. Agora, as experiências são quase que individuais e, mesmo a interação da Internet, fica no plano do intangível, virtual, à distância. Isso não significa dizer que, nessas experiências, não estejam explícitas as trocas culturais e os processos de persuasão e convencimento, questões que nos levam a analisar a eficácia da mídia.

Assim, é preciso olhar para as várias abordagens dos processos digitais, principalmente os que levam a discutir a vulnerabilidade ou invulnerabilidade das pessoas, diante desses efeitos, não na vida das pessoas que estão se relacionando em grupo, mas daquelas que estão em processo de isolamento, os indivíduos atomizados.

Desse modo, sejam elas, pequenas ou não tão pequenas, as próteses midiáticas, adaptáveis a óculos, joias, canetas, dissimuladas ou inseridas, incrustadas nos ouvidos, tornarão a grande porta da nova mídia digital. E, assim, pensamos nos efeitos da mídia e as dimensões desses efeitos, porque devemos pensar que a Mídia é um artefato, uma máquina que codifica e transmite mensagens com sons e imagens, que se desenvolveu, evolutivamente, e muito, nas suas qualidades técnicas.

Num segundo momento, devemos entender que a Mídia é uma indústria e, como tal, está cheia de intenções – sejam elas empresariais, ideológicas ou culturais, e essas intenções estão principalmente trabalhadas nas mensagens publicitárias que alimentam essa indústria. A Mídia é constituída de um conjunto de conteúdos construídos com esses vários sentidos, sejam culturais ou ideológicos. E essas análises nos levam a refletir sobre esses conteúdos, porque todos têm acesso a eles, principalmente as crianças que passam muitas horas assistindo aos programas, consomem muitos produtos midiáticos e, nesse consumo, está a possibilidade de se medir os efeitos desses meios. É importante perceber que todo telespectador constrói

indagações, constrói perguntas a necessitar de respostas. Nesse contexto, inserimos o conceito de interatividade que representa um enorme potencial de participação para esse público, a fim de se chegar a respostas, já que esse público, repetimos, necessita dessas respostas, e as exigem. Sabemos que o público tem dúvidas e, quando elas surgem, são necessárias para que sejam facilitados, por exemplo, o consumo, seus anseios e necessidades, sejam elas, espirituais ou básicas.

É exatamente por isso que a interatividade seduz, porque atua em todos os cenários: da cultura, do entretenimento ou mesmo ideológico; fazendo-se mais marcante principalmente nos cenários massivos e, assim, ela seduz justamente pela possibilidade de representar mais pontos de convergências, nos quais os meios digitais podem se apoiar em modelos de difusão cultural ou negócios envolvendo a cultura. Obviamente, muitas perguntas ficarão sem respostas, mas uma questão fundamental em nossas análises e que vale a pena ser colocada em relevo é: o que acontecerá, no Brasil – num futuro próximo – com a entrada dos processos digitais interativos e com as mídias interativas? Qual será o foco? O foco estará no acesso do público, ou na participação comunitária? E, como serão os conteúdos gerados pelos próprios usuários?

Essas são algumas indagações que nos chegam e que só a implantação desse novo sistema – ao longo do tempo – poderá responder, inclusive se o processo foi positivo ou negativo. E quais os ajustes que precisariam ser feitos para que essa proposta de fato seja realmente interativa. A passagem para a digitalização vai transformar todo o sistema de transmissão midiático e também de radiodifusão do país, trazendo outras características. Principalmente, as características associadas à qualidade da imagem e do som que, como vimos, além dos chamados serviços interativos, que serão diversificados, e com um aumento muito significativo na eficiência do sistema de radiofrequência, há as possibilidades de maior oferta de conteúdos culturais e opções de serviços de toda ordem.

Aprofundando um pouco mais essa questão, podemos dizer que algumas discussões estão centradas nos modelos de negócios e produção de conteúdos, na legislação, na estética, na programação e na cultura efetivamente midiática. Dentro dessas abordagens, analisa-se, ainda, uma implementação ou a possibilidade de uma melhoria, cada vez mais rápida, nesse processo de digitalização que significa realmente uma democratização dos meios tradicionais.

Também há a questão da baixa resolução de imagens dos aparelhos celulares ou câmeras de vídeo. Problemática que, certamente, será foco de atenção dentro do processo de digitalização das imagens. É, nesse contexto, que surge a apropriação de nossos sistemas de captação de imagem e apropriação de novos valores estéticos, dentro da chamada pratica

audiovisual. Além de se alterar, também, os modos de produção de conteúdo, talvez, a grande contribuição do advento dos processos digitais interativos seja – de fato – a possibilidade de o usuário ter a capacidade de decidir o que quer ver e quando quer ver, além de poder interagir com o meio e com outros públicos que também estarão em sintonia com aquele determinado canal.

É bom ressaltar que essa interatividade ao ser adotada, não ficará restrita ao simples ato de utilizar o aparelho telefônico para opinar sobre a vida de um determinado participante de um *reality show*, mas algo mais amplo, diversificado, dinâmico e em tempo real. Tudo leva a crer que tal tecnologia contribuirá, efetivamente, com a construção de um espaço realmente democrático, em que o usuário poderá não só assistir, mas produzir seus conteúdos e inserir-se no contexto de massa.

No nosso entender, será dessa troca que sairão as novas linguagens e as novas produções, a nova linguagem digital interativa. E a transmissão desses conteúdos possibilitará maior interação no modelo de radiodifusão. Na verdade, atualmente, a televisão brasileira realiza um diálogo unidirecional com o público e, por conseguinte, não abre espaço para a interação e determina – *ditatorialmente* – o que o público deve assistir. Logo, atinge a vida cotidiana do povo com uma grade de programação que procura – dentro do possível – entreter, mostrar a realidade com programas 'mundo cão' e que colocam o público numa condição passiva, de mero receptor de similares de suas próprias tragédias cotidianas.

Já com os meios digitais, esse cenário, obrigatoriamente, tende a mudar, pois não seria unidirecional, nem tão pouco dissimulada. Terá que estabelecer um diálogo real e isso exige, de fato, ajustes técnicos e uma nova postura dos fazedores do produto audiovisuais. No sentido de levar cada pessoa a contribuir para melhorar os próprios meios audiovisuais atuais e não apenas buscar informações, como ocorre, num primeiro momento, com a Internet. Uma saída interessante seria buscar soluções, a partir de programas reais e, assim, atender as necessidades reais do usuário e isso só é possível pela interatividade. Isso permitirá uma troca entre as comunidades, além de buscar soluções para os problemas que as afligem.

Assim, a tecnologia digital chegou e daqui a algum tempo será o ideal como mediação interativa. Além disso, devemos entender que uma das características tradicionais da mídia de massa é o fato de uma única informação partir de um único ponto para milhões de receptores ao mesmo tempo. Dessa forma, é bom frisar que o meio digital não mudará a característica essencial de massa, mas poderá democratizar o veículo – além disso, deverá trazer conteúdos

mais atraentes e globais para o grande público. Isso sempre com o foco na pesquisa, além de exigir novos e constantes investimentos.

A capacidade de resposta imediata ou simultânea dos meios digitais interativos faz pensar em teorias que expliquem e, ao mesmo tempo, justifiquem esses processos rápidos que aproximam, e muito, dos conceitos clássicos como trocas e compartilhamentos. Por exemplo, os conceitos de interatividade, de trocas culturais estão sempre presentes, quando se pretende chegar à essência propriamente dita de apropriação de informação. Um dos núcleos mais desenvolvidos no campo midiático, como assinala Igartua (2004), são os efeitos dos meios como de extrema relevância em virtude de atingirem as questões centrais dos indivíduos e das populações. Aproximando as discussões sobre as novas mídias com suas potencialidades, podemos dizer que os efeitos de simultaneidade e a prometida autonomia do usuário devem ser repensados e justificados em termos teóricos.

Nesse sentido, não seria exagero propor como ponto de partida um retorno às ideias de McLuhan e Harold Innis, ao iniciarmos os estudos não apenas dos efeitos da interatividade que promete mudar, drasticamente, a forma de produção audiovisual, justificando, portanto, em todos os sentidos, as maneiras padronizadas de receber. Desse modo, Schettino (2008) acrescenta que o atual modismo da palavra 'Interatividade' vem com o sentido de dotar o receptor habitual da competência de reagir a ele em processo contínuo. As ações desse consumidor estão carregadas de significados subjetivos que traduzem a sua conduta e, também, a dos centros com os quais interage, ultrapassando as fronteiras da subjetividade como processo de interpretação da conduta dos outros, para se chegar a atingir a intersubjetividade.

O conceito de interatividade está ainda em construção e, certamente, demandará a necessidade de alguns anos de experiências e amadurecimento para se chegar à sua completude, ou melhor, à sua essência. Mas, seu significado imediato, hoje, encontra-se na capacidade do usuário, não só de consumir, mas também de participar, ao executar um papel verdadeiramente ativo no processo midiático, agora alterado.

Obviamente, como proposta ainda nova, vemos que pouca coisa foi explorada dentro da abrangência de suas múltiplas possibilidades. Indagam-se quais seriam os limites das ações do usuário em decorrência da latitude de suas capacidades derivadas de seu repertório próprio. Estamos a lidar com uma tecnologia realmente nova, e suas potencialidades ainda perduram como incógnitas no campo de conhecimento do homem comum. As possíveis respostas dependerão das futuras práticas e de seus resultados.

Parece-nos que um bom começo seria comparar a interatividade como se dá, na Internet, com aquela esperada na utilização dos procedimentos digitais. Os resultados dos efeitos deverão aparecer em breve. E seria interessante se aparecessem juntamente com teorias novas que dessem conta e que fundamentassem as ações provocadas pela interatividade. É temeroso pensar sem cautela os meios digitais interativos nesse momento de sua implantação. Pode-se correr o risco de exercício de mera futurologia. No entanto, hoje, as mudanças tecnológicas atingem somente os mais abastados. Os prometidos conversores, disponíveis no mercado, são apenas uma solução paliativa e, momentaneamente proibitiva à grande massa de prováveis consumidores dos produtos que estarão à venda direta e à sua escolha, no mesmo instante em que são exibidos em tela.

Muitos acreditam que a interatividade revolucionará, tendo-se em conta que a aprendizagem de um novo conhecimento só se completa pela própria interação. Os exemplos são convincentes e ilustrativos, porém, carecem de análises mais aprofundadas das questões sociais e históricas que permeiam e envolvem as práticas midiáticas nas várias etapas do processo. Algumas experiências, em caráter de pesquisa, poderiam ajudar a compreender melhor no que diz respeito à apreensão mesclada ao entretenimento, e que poderiam ser aproveitados também nas análises da mídia segmentada pelos canais digitais interativos.

Acreditamos não existir uma única teoria das mídias digitais capaz de abarcar todos os fenômenos interativos em virtude de as experiências ainda estarem por se dar. Do mesmo modo, a revolução digital é classificada como um *mix* de mídias convergentes. Assim, é possível talvez pensar na necessidade de um *mix* das atuais teorias para darmos conta da multiplicidade de fenômenos provocados pela interatividade, necessitando buscar as intersecções entre as teorias em um diálogo constante. Por outro lado, a natureza interdisciplinar dos processos de trocas e compartilhamentos aponta para alguns caminhos na superação dos obstáculos presentes nesse seu começo de existência.

1- A interação social através de mensagens trocadas entre os indivíduos e estes, por sua vez, com os meios massivos, está presente na sociedade e na cultura, representando e refletindo simbolicamente o mundo.

2- Antes, as mídias de massa, como o próprio termo já denota, aglutinavam públicos. Agora, com a expansão dos canais, os públicos são fragmentados em segmentos estanques, cada qual a fazer sua própria escolha: selecionando e/ou editando e construindo sua programação particular, a partir daquela comum produzida e enviada a todos. 3- É imperioso pensar em

teorias basilares que deem conta dos processos atuais em que as práticas das trocas e compartilhamentos interpessoais, grupais e coletivos ganham novas configurações.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva,2002.

_____ *A sociedade de consumo*. Lisboa: edições 70,1995.

BAUMAN, ZYGMUNT. *Vida para o consumo:A transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2008.

_____*Comunidade, a busca por segurança no mundo atual*. São Paulo: Jorge ZAHAR,2003.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto,1997.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Tradução de Maurício Santana Dias e Javier Rapp. Rio de Janeiro:UFRJ,1997

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar,1978.

MALANGA, Eugênio. *Publicidade: uma introdução*. São Paulo: Atlas,1976.

MARQUES, Marineide. *Cronograma de encontros Brasil-Japão sobre TV Digital enfrenta impasse*. Telecon Online.

Disponível HTTP://www.fndc.org.br/print.php?p=conteudo&cont_key=135625. Acesso em 27fev. 2007.

PARLATINO *debate unificação do padrão de TV Digital na AL*.TI Inside News.13 abr.2006.Disponível em:HTTP://www.tiinside.com.br/.Acesso em: 15 abr.2006.

SBTVD.Rio de Janeiro,2006, 06p.Disponível em HTTP://www.telebrasil.org.br/arquivos/cartaministro.doc>acesso em:21 abr.2006.

TV DIGITAL:Governo prioriza política industrial,sob protestos de organizações.Carta Maior.Agência de Notícias:da redação em 09 abr.2006b.Disponível em:HTTP://agenciacartamaior.uol.com.br/templates/materia.Acesso em 15 abr.2006.

2.7 BASES E RECONFIGURAÇÕES CONCEITUAIS: A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA NAS TEORIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS NA AMÉRICA LATINA.[8]

[8] Discussão feita a partir de base teórica do projeto de pesquisa que teve o objetivo de repensar as teorias como processos de colonização acadêmica na América Latina. Artigo inédito.

A interpretação da nossa realidade a partir de
esquemas alheios só contribui para tornar-nos
cada vez mais desconhecidos, cada vez menos
livres, cada vez mais solitários.
Gabriel García Márques

INTRODUÇÃO

Em sua etimologia, o conceito de *theoria* se transmutou do sentido religioso como procissão e cortejo para o contemplativo, pressupondo não somente uma especulação abstrata, mas uma sustentação a partir de elementos presentes em qualquer contexto histórico, cultural e geográfico. Processo fundamental para se entender hoje as práticas e usos de teorias que, em sua maioria, europeia e estadunidense, justificam o uso do conceito de servidão voluntária, diante das poucas tentativas de se fazer teorias no continente latino-americano. Objetiva-se nesta pesquisa buscar uma sustentação diversa da usual, por meio das ideias de Boétie para discutir a falta de teorias da comunicação na América Latina, analisando as configurações impostas pelos meios de comunicação a partir da observação de que os efeitos das culturas nas relações comunicacionais produzem fragmentações, esquecimentos, descasos, principalmente, quando se pensa nas imagens que refletem não o que somos, mas o que gostaríamos de vir a ser. Propõe-se analisar o uso das teorias da mídia como processos que se transmutam com a mesma velocidade das tecnologias que nelas interferem para, não somente entender as estratégias de sobrevivência dos meios massivos constantemente interligados às culturas, mas também verificar no processo servil um aliar-se de si mesmo como um desejo de ser o outro. O resultado é aferido nas ideias levantadas por diferentes pesquisadores sobre os conceitos alienígenas usados, sem as devidas atualizações para o novo contexto geográfico e outros tantos necessários e não construídos, que em sua inexistência, impõe na mediação e na cultura da América Latina, um modo de ver, pensar, ser e agir, mais dependente e menos livre.

A mediação como conceito ambíguo, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizada, principalmente, por conta das questões culturais e históricas específicas relacionadas à América Latina. Isto porque as práticas midiáticas não estão isoladas de todo um conjunto de outras práticas e processos, como aquelas de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de mensagens, incluindo, por exemplo, as novas tecnologias midiáticas. No entanto, essa ordem linear é apenas uma maneira

didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que faz crescer entropicamente sua complexidade.

Em uma longa introdução à reedição de seu livro "Ensaios sobre o conceito de Cultura" (2012), Bauman tenta atualizar não só o conceito, mas também suas ideias, amadurecidas nos últimos trinta anos, que, como ele diz, estão sob o impacto da obsolescência filha da instantânea mutação. Ademais, sugere-se que talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas, como ele mesmo diz: "[...] ponderar o que o autor teria alterado no texto caso o estivesse escrevendo pela primeira vez (p. 7)". Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, o autor só agora parece ter se dado conta de todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica. E menos ainda, o quanto as relações entre pessoas as pessoas e com o mundo mudaram.

Nosso objetivo neste ensaio é discutir questões relacionadas à mídia na América Latina que não podem ser dissociadas de seus processos históricos, da produção de conteúdos simbólicos, dos sistemas culturais e sociais e dos meios massivos como instituições dedicadas *a priori* a esse fim. Neste conjunto de questões, faz-se necessário acrescentar o nosso propósito principal, que é o de analisar a falta de teorias em nosso contexto centradas na realidade ou mesmo de propostas teóricas que discutam a comunicação em nosso continente, juntamente com todos os problemas que vêm desde a colonização.

No entanto, acreditamos que não se pode dizer, de maneira generalizante, que todas as produções de bens imateriais têm uma relação imediata com os *media,* mesmo reconhecendo que são usados nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação dos meios artificiais midiáticos que de forma paradoxal - mesmo quando se pensa em sua veloz evolução - ainda é limitada, e que esta é uma realidade a ser pensada preferencialmente em longo prazo. Sabemos ser o desenvolvimento cultural e social refém de aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento de que as culturas inventam mecanismos de sobrevivência. Estes seriam as estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pesquisadores dedicados a esmiuçar as culturas ou mais especificamente dos antropólogos culturais preocupados com os ambientes construídos pelo homem e o quê este mesmo homem faz de si mesmo e com os outros.

Importa dizer que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização de suas ações, seja como tradição, civilização ou conduta habitual. O homem contemporâneo enfrenta ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento e de

alguma maneira continuar a manter viva a sua lembrança. Não é simplesmente por instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve os acontecimentos do presente e ao mesmo tempo em que preserva a sua herança pessoal inalienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, é nosso propósito entender como a mediação constrói novos comportamentos carregados de valores estranhos às experiências contemporâneas e também daquelas acumuladas historicamente, por meio de ações e interações mediadas de maneira alternada, ou mesmo não mediadas. Impõe-se para o homem um novo ambiente, a abrigar novos tipos de relações.

O tema da servidão voluntária de La Boétie, pensado no contexto das teorias da mídia na América Latina, parece oferecer subsídios suficientes para uma análise do uso espontâneo de autores, como verdadeiros senhores, e práticas teóricas nem sempre condizentes com as nossas próprias práticas e vivências. É interessante repensar a história da colonização dos países da América Latina através de autores como Octavio Paz, Gabriel García Márques, Carlos Fuentes e Eduardo Galeano para ver na mídia e ainda na inexistência de teorias como processo de enraizamento que continua a produzir resultados. Basta comparar o jornalismo que é feito em nossos dias como o exemplo de que somos o que produzimos.

A pergunta atualizada e contextualizada de La Boétie continua: É bom ou mal ter vários senhores? "[...] é a maior desgraça estar sujeito a um soberano de cuja bondade nunca pode ter certeza e que tem sempre o poder de ser mal quando quiser. E ter vários senhores é ser tantas outras vezes extremamente infeliz (LA BOÉTIE, 2009, p.31)".

No caso específico das teorias da comunicação, a relação de dependência, subserviência e servidão parecem mostrar as nossas vertigens diante dos senhores e justificar as repetições, faltas e usos.

RECONFIGURAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES DOS CONCEITOS

No contexto tecnológico deste século, quando a mídia ganha outras dimensões, resultando em produções tecnológicas, Ciro Marcondes Filho (2002, p.15-90), ao mostrar uma evolução e atualização do conceito de comunicação, retoma a filosofia da linguagem, para situar a comunicação e os processos cambiantes entre comunicações conscientes e inconscientes, não apenas como enigma, mas como algo impalpável que está sempre em crise e em estado de

guerras, diante das transformações impostas que mudam e interferem nos conceitos. São modelos parciais e enganosos, pois não dão conta de tudo que envolve a comunicação como processo. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem caminho e sugerem respostas às práticas que vão muito além do comum ou do que se almeja comum. Este processo é construído socialmente com a participação efetiva e desequilibrada dos meios de comunicação de massa, como justifica Eagleton: "diversos modos de viver juntos", sem confundir os problemas sociais com cultura, sendo irrelevante a contribuição dada pelos teóricos culturais neste aspecto (2005, p. 183).

Potanto, o conceito de mediação e o de cultura leva em conta uma vida em comunidade, uma relação do indivíduo em sociedade que atribui significados e dá sentidos subjetivos à sua conduta em relação à conduta dos outros. No entanto, o que mais importa para a construção do conceito são os processos. O simples fato de transmitir e compartilhar valores e crenças não significa compartilhar. Do mesmo modo, construir representações do mundo e comunicá-las aos outros também não resolve todos os problemas do processo midiático. Na melhor das hipóteses, pode-se construir perigosamente uma sociedade sincronizada, não entrópica a custo da eleição de um pensamento único, como tem sugerido os fenômenos das redes sociais ou da própria televisão. Por outro lado, o caminhar solitário e os poucos recursos teóricos disponíveis não conseguem resolver a complexidade do processo midiático do continente Latino Americano. Em outro sentido, pode-se pensar na hipótese idealista da teoria das mediações de Jesús Martin-Barbero como um sistema social fechado, cujo destino seria a sua própria morte, insistirá em uma relação dos indivíduos com os meios massivos, sem qualquer pensamento dissonante, a rotular o próprio indivíduo como aquele que faz ações mediadoras com tudo. No entanto, a fragilidade da condição humana impõe a necessidade de relações de troca fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão, caracterizado por Marcondes Filho como "coisas que não são visíveis e que comunicam". Por exemplo, o invisível não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação. A mediação compreendida como ausência ou isolamento no mundo não significa ser visível, mas ser percebido. O indivíduo, por isso mesmo, se crê inserido em um grupo, uma causa, além do limite imposto pelo sistema ou pela própria sociedade, acreditando no rótulo do acesso às mensagens em quantidade.

É neste contexto que o conceito de mediação deveria transitar entre compartilhamento e cultura mediada, provocando uma aproximação entre as duas frentes, tornando-as praticamente indissociáveis – mídia e cultura numa estreita relação biunívoca. A ponto de podermos dizer não ser possível a existência de uma cultura aos arrepios da mídia, sendo esta

a substância catalisadora nas relações entre humanos cuja resultante seria a primeira. A clássica frase de Gerbner em que conceitua as trocas midiáticas como "a interação social através da mensagem" comprova isso, deixando explícito que se trata de uma troca midiática com características próprias, e como deve ser analisada em seu contexto social (1972, p. 39). O "através" diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas numa cultura em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um distanciamento próprio dessa nova cultura.

Para Alfred Schutz, atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo, compreendê-lo, efetuar trocas (2008, p. 35). Este é o "mundo da vida" onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações entre pessoas.

Seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões presentes na obra de Schutz permitem aplicações no mundo da cultura e também em reconceituações para diferenciar os modos próprios dos países da América Latina de fazer mediação.

Neste mundo, torna-se necessário observar as relações interpessoais indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das ideias de Schutz, pode-se compreender que o mundo da cultura se caracteriza pelo conjunto do *habitus* e de condutas, estando presente em suas principais preocupações sobre as atividades humanas em sociedade. Os indivíduos repetem essas mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita de introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A mídia e a cultura estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, ao "original". E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar ideias a ações.

Há uma mistura de experiências com aquilo que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pela comunicação, entendido em sentido amplo, experiências que permitem ações, interações e troca e ainda consciência dessas transformações (KANT, 2007, p.36). Comparativamente, a mediação pressupõe elaboração e codificação consciente e intencionada de mensagens, em que, no modelo clássico, participam jogadores que compartilhem o mesmo código.

Na atualidade, os processos como elementos essenciais na construção e reconfiguração dos conceitos estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos pelos meios massivos. Por isso há novas formas de ação e interação no mundo social (THOMPSON, 1995, p. 286). O mais importante é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais como consequência, com predominância, inclusive de técnicas.

O aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com as redes sociais se devolve concomitantemente, e supostamente em consonância à capacidade do receptor de intervir, influenciar ou mudar de posição, interfere com a mesma dinâmica na redefinição dos conceitos midiáticos.

A mediação, neste estágio característico de nossa atualidade, sofre os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, mais efêmeras e pouco duradouras. Deste modo, as características dos modos de compartilhar através dos meios técnicos tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações sociais.

Observa-se que as interações se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de cultura fugaz ao sabor de modismos, como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos.

Segundo Schutz o modo de vida, a cultura do cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo "intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros" (2012, p. 179). Este é o mundo da comunicação, o mundo comum onde possivelmente pode haver comunhão, mas não necessariamente, pois o ser humano permanece intransponível, mesmo diante da necessidade de comunicar.

No entanto, esse mundo das realidades 'face a face', dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade é a das trocas midiatizadas, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem, todas mediadas tecnicamente. É nesse processo em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido da presença. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora a cultura.

Desse modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de cultura. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse ambiente "midiático compartilhado" de Schutz que surge a cultura como um agora fenomênico: "As pessoas que participam desse ambiente midiático são dadas umas às outras, não como

objetos, mas como contrassujeitos, como consócios (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas" (p. 181).

As relações interativas pensadas por Schutz seriam ou não verdadeiras construções midiáticas? Trata-se de um processo de troca composto de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor de presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Para ele, cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de comunidades e de culturas.

Neste contexto teórico é que as ambiguidades dos conceitos podem ser justificadas. A troca midiática adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abre para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente "real".

As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste aspecto, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sígnicas como espelhos das dimensões midiáticas.

A mídia e interação ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuanças em todo o processo. Do mesmo modo, torna-se inseparável à mídia do entendimento. Os debates são intermináveis a esse respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho de autores como Gadamer que buscam referência na tradição.

Por exemplo, Bauman (2012) citando Lévi-Strauss define as mudanças incorporadas e atualizadas pelos meios massivos como uma série infindável de permutas. Dispensa-se a análise de sentido etnológico das relações em que há permutas. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias de Schutz formam um arcabouço teórico em que os processos de permuta, empréstimos e sobreposições se misturam e não se diferenciam dos midiáticos. São justificados tendo como base a teoria fenomenológica de Husserl, aproximando os processos sígnicos do visual, verbal, oral, gestual, culminando com a troca de consciências presentes nas relações indiretas que premonitoriamente serviria ao jogo dos *media* e ainda à reconceituação (p. 236-240).

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Thompson (1995) desenvolve em suas teorias conceitos amplos de cultura, de ideologia para discutir a cultura como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos de trocas.

Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento dos meios massivos como indústrias, sem esquecer, por exemplo, da escrita impressa e da notícia como comércio e antes ainda as relações de troca corpo a corpo/face a face até chegar à contemporaneidade com as trocas culturais mercantis.

O conceito de troca mediada de Thompson, de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discuta hoje como cultura dos *media* ou dos meios, considerando esses mesmos meios como característica essencial da mídia moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova cultura.

Nestas mudanças, carece serem encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem a mediação em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando o método descritivo bachelardiano (2004) como forma, para atingir o conhecimento despretensioso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas ciências humanas de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo e a tradição juntos, estabelecendo pontes e a cultura viva faz forçadamente as relações interculturais (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma "desconstrução" involuntária. A fragilidade dos conceitos que envolvem o reconfigurar da mídia se faz visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascará-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar a modelos forjados pelo homem "multiforma, instável e desestabilizante, caprichoso e cheio de surpresas" (BAUMAN, 2012, p. 13).

Portanto, mediação não significa mais regularidade e padrão, como queriam os primeiros pesquisadores do século XX. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis nos vinte anos desta nova era da mídia digital.

Muitos veem este estágio como um impulso negativo. Os conceitos são vistos como um conjunto de conceituações e reconfigurações a partir da base tecnológica. Fala-se em inúmeras

mediações: mediações físicas – 'face a face', mediações mentais e de culturas mediadas por *hardwares*. Processos, interações e comunicações mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Assim, há que se construir uma metodologia que dê conta dos conceitos de continuidade e descontinuidade, isolados ou conjuntamente. Paralelamente este mesmo processo deveria acontecer com as teorias, sem esquecer as origens do conceito de teoria que inicialmente tem valor de contemplação, ligando os elementos às experimentações, práxis e ao conhecimento.

PERORAÇÕES: SÍNTESES CIRCUNSTANCIAIS

O nosso propósito neste trabalho foi o de mostrar que vivemos uma crise de conceitos e consequentemente uma crise nas teorias. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção. Mais ainda na América Latina sentimos vertigens diante de necessidades de se pensar nossa "realidade" centrada nela mesma, em nosso passado, em nossa trágica história como parte dos países dominados e colonizados que ainda sofrem os feitos e efeitos de uma oligarquia perpetuada nos meios massivos que continua a defender as mesmas ideias e os mesmos ideais dos colonizadores de antes e dos atuais.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos aos conceitos de mídia e de suas imbricações. A mediação, embora pareça consolidada como conceito pelos pesquisadores das teorias do século passado e do atual, carece ainda de reconceituação constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudaram-se consequentemente as pessoas diante das avalanches tecnológicas e imposições mercantis.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos. Tudo requer base filosófica, principalmente as teorias. Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: "[...] Eu com o mundo em torno" (2010, p. 19). Em termos gerais existe o problema teoria da mídia que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. "Nosso sentimento

do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente" [...] (*ibidem*). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o "ser" também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo dos estudos da mídia nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o mundo da cultura e o mundo da mediação, por exemplo. O mais interessante é o paradoxo segundo Freud: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo.

Há o problema da verdade absoluta que, em uma área de estudos em processo, não consegue lidar com as variações, ficando à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da comunicação, ainda não há consenso sobre o conceito de mídia, muito embora nos seja impossível dela prescindir, visto que atados todos somos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir. Presos na teia das redes.

As flutuações e o não equilíbrio surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da mídia como processos se multiplica em ramos em que tudo é possível. As comunidades, sinônimo de produtos midiáticos, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há ainda a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo está em construção, sem delimitação de fronteiras; será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar dele, e dele participam de uma ou outra forma, inda que não queiram, já que o contexto histórico nos proíbe o isolamento.

Será essa a fragmentação que tudo multiplica que poderá ou não levar ao nada? Ao vazio?

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, Gaston. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios sobre o conceito de cultura**. Rio de janeiro: Zahar, 2012.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. São Paulo: Martins, 2005.

CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

EAGLETON, Terry. **A idéia (sic) de cultura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FUENTES, Carlos. **Eu e os Outros: ensaios escolhidos**. Rio de Janeiro, Rocco, 1989.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade.** São Paulo, Edusp, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro, 2005.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel e FUENTES, Carlos. "***Cién años de soledad" y um homenaje.*** Discursos de Gabriel Garcia Marquez e Carlos Fuentes. México, FCE, 2007.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão.** Rio de Janeiro, Record, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. **Elogio da teoria**. Lisboa: Edições 70, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I e II**. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GERBNER, G. **Mass media and human communication theory**. *In*: MCQUAIL (Org.) **Logy of mass communication**. Harmondswood: Penguin Books, 1972. (p.35-58)

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 1**: racionalidade da ação e racionalidade social. São Paulo: Editora WMF Marins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo, 2**: sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Editora WMF Marins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Técnica e ciência como "ideologia".** São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JAMESON, Frederic. **A virada cultural**: reflexões sobre o pós-moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LA BOÉTIE, Étiene de. **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Martin Clareth, 2009.

MARCONDES FILHO, Ciro. O espelho e a máscara: o enigma da comunicação no caminho do meio. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora Unijuí, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ***Ofício de Cartógrafo: Travesias latinoamericanas de la comunicación em la cultura.*** México, FCE, 2002.

PAZ, Octavio. **O labirinto da Solidão.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

PRIGOGINE, Ilya. **As leis do caos**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. **O fim das certezas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PRIGOGINE, Ilya. **Ciência, razão e paixão**. Belém: EDUEPA, 2001.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SCHUTZ, Alfred. **El problema de la realidad social**.Buenos Aires :Amorrortu,2008.

SCHUTZ, Alfred. **Estudos sobre teoria social**. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

2.8 AMÉRICA LATINA: MEDIAÇÕES PARA O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO COMO PROJETO POLÍTICO E CULTURAL. [9]

Carlos Fuentes, Octavio Paz e Gabriel García Márquez em seus textos, deixam de maneira explícita suas preocupações com os meios massivos, principalmente, com as práticas aplicadas à instantaneidade da mídia, informação e cultura, verificadas por eles mesmos no vocabulário visual, nas mudanças do imaginário e na assimilação simultânea de outras culturas por imposição dos EUA, indiscriminadamente, verificável em todos os países da América Latina. Propõe-se discutir, neste trabalho, as questões diretamente relacionadas à mídia, presentes nos textos de Fuentes, nas críticas ensaísticas e de resgate histórico de Octavio Paz, e no mapeamento das dimensões humanas, culturais e também históricas de Gabriel García Márquez.

[9] Discussão feita a partir de base teórica do projeto de pesquisa com o objetivo de repensar as teorias como processos de colonização acadêmica na América Latina. Artigo inédito.

Temas como autodeterminação, pluralismos e diversidade cultural, na América Latina, já foram pesquisados e analisados com muita frequência, por diversos pensadores e as ênfases recaem, na maioria das vezes, nas ideias e experiências paradoxais impostas pela dinâmica econômica e cultural com todas as irracionalidades que lhe convém. Acrescentam-se ainda os problemas que envolvem as diversidades e demandas étnicas comuns a vários países latino-americanos. É neste sentido que Fuentes defende o Federalismo como solução para os problemas nacionais, culturais e econômicos na América Latina como um todo, já que somos uma mistura de raças, de gostos, de costumes, de crenças, de sotaques e de lembranças. Paz, por sua vez, parece mais preocupado com as mudanças do imaginário construído e que se repete em quase todos os países e como este mesmo imaginário, carregado de eurocentrismos, é assimilado pelo "outro". O reconhecimento da existência da alteridade tem peso ideológico e pode ser discutido como proposta de estudos midiáticos, contida nos trabalhos desses autores que têm a percepção dos meios massivos, traduzindo a sensação de presença o todo o tempo, mas que leva ao nada, ao tempo algum.

Gabriel García Márquez pode ser visto, por exemplo, como embaixador político de muitos dos países latinos, projeção conseguida graças a suas opções explicitadas em seus livros, ao fazer mediações entre os poderes e discutir questões fundamentais e essenciais para a América latina.

Sua base de ação sempre foi o México e por isso mesmo, há muitas referências importantes e semelhantes deste país para se discutir as realidades latino-americanas. Poucos países como o México enfrentaram e enfrentam realidades diferentes e em diversos sentidos, piores, pois irá muito além da pecha histórica de 'republiqueta banana' e de 'quintal' imortalizada pelo cineasta Woody Allen, quando todas as ações dos EUA são justificadas em nome de interesses e segurança próprios.

Nestor Garcia Canclini e Jesús Martin-Barbero são nossas eternas referências por repetição, quando pesquisa aspectos da mídia da América Latina, mas isto não significa que suas análises e leituras sejam definitivas e suficientes. Por isso, neste trabalho, o nosso propósito é ampliar e discutir a mídia de maneira múltipla, buscando autores como Octavio Paz, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, não somente como partícipes e autores de literatura, mas pensadores da cultura e da comunicação. E o mais importante: não desvinculam as questões midiáticas das políticas e culturais.

É neste sentido que reafirmamos sempre: não se pode discutir a mídia, em nosso continente, desvinculada das culturas que são fruto das misturas das raças e das nossas relações

históricas com os primeiros colonizadores – Espanha e Portugal – passando pela presença europeia até os efeitos da Guerra Fria com a implantação das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA em toda a América Latina, com exceção de Cuba, único pais que não teria se curvado a mesma imposição.

A mídia nos países latinos é fruto histórico desse processo colonizador. Ela foi sistemicamente implantada com orientação norte-americana, surgindo desse processo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

Neste contexto, seria infrutífero discutir a mídia, sem levar em conta esta relação de domínio. Muitas perguntas existentes, porém, mantidas em estado de latência, ainda não se ousou fazer e, justo por isso mesmo sequer respondidas. Ambas quase de conhecimento geral, mas não enunciadas igualmente. Devemos antes analisar e reavaliar as relações de poder com as nossas produções culturais que passaram a ter dependência direta dos meios massivos.

Poucos exemplos dessa mesma produção fugiram do controle por um período curtíssimo de tempo, pois, a Indústria Cultural se apodera daquilo que está em evidência e sua voracidade é incontrolável. Por isso os extremos sucessos: o da literatura com o Realismo Mágico, o das telenovelas brasileiras com uma suposta revolução nas linguagens.

Nesta construção de um amplo espaço mercadológico, a TV e a academia ocupam lugares especiais. A TV por garantir uma divulgação eficaz e a academia por traduzir as ações dos meios massivos em verdade cientifica e consequentemente com uma roupagem de respeito. Qual o papel da América Latina neste cenário? Sobraram alguns pontos de resistência, mas acima de tudo, o papel de consumidora, em um sentido amplo: consumidores de bens de consumo – duráveis ou não; consumidores de bens simbólicos e juntamente com esses dois as ideologias altamente fomentadoras, diluindo com se "desmanchando no ar" uma cultura fragilizada por conta de uma educação fragmentada, que reproduz efeitos de problemas econômicos sérios, diante de uma branda aceitação da má distribuição de renda, isto é, sem distribuição alguma , aproveitando-se de uma frágil tradição com raízes superficiais nas relações senhoriais e vassalagem e, portanto, pouco resistente, aos ataques atraentes de um projeto mercantil predador.

Nestor Garcia Canclini (1991) fez uma longa pesquisa nos anos 1990 do século passado sobre o consumo. No entanto, mesmo oferecendo dados bem fundamentados às Teorias da Recepção, esqueceu-se de que o consumo em nosso continente "não faz pensar" e que é preciso

sim estudá-lo do ponto de vista sociológico e antropológico para ver com mais nitidez o jogo de poder e a construção ideológica nos comportamentos.

A pesquisa de Canclini traz dados muito interessantes e, ao mesmo tempo, perguntas ingênuas, tentando encontrar respostas para uma construção cultural midiática que leva pessoas a consumir, mesmo sem ter casa própria ou o mínimo para garantir ou propiciar uma alimentação também mínima – o mais basilar das necessidades humanas. Justamente para explicar ou justificar que a grande massa, quando chega as festas de fim de ano, se endivida para dar presentes, esquecendo-se do dia a dia e da sobrevivência como tarefa simples, mas não pode ser simplista a argumentação que a favorece. Basta olhar com alguma atenção ao apelo das propagandas televisivas que utilizam um *glamour* irresistível. Justificar o comportamento dos consumidores através dos processos midiáticos de recepção também é puro simplismo. Para a América Latina, sobrou o consumo e com ele a tradução visual da suprema felicidade, estrategicamente pensada pelas agências de publicidade e propaganda que também em sua maioria defendem forasteiros interesses.

A grande pergunta de Canclini está centrada na indagação de como entrar na modernidade sem estar nela, melhor dizendo, vive-se em vários momentos históricos ao mesmo tempo: somos cidadãos do século XIX e habitamos por acaso o atual século cheio de dilemas políticos, culturais e econômicos.

Podem-se aprofundar mais ainda as questões levantadas pelo autor e avaliar melhor a formação de um público consumidor e ainda verificar se seria possível, neste mesmo contexto, se se fizer uso político e cultural do imenso patrimônio histórico do continente? Esta questão revela de fato o papel dos latinos visto estar relacionada à heterogeneidade cultural e o porquê e para que tantos jovens ingressem ou são incentivados a ingressar em cursos humanísticos.

Devemos pensar em algumas possibilidades de respostas que podem estar na própria realidade apontada por García Márquez, quando afirma que "a nossa condição de joguetes de um fado indecifrável, cuja única e desolada recompensa costuma ser, na maioria das vezes, a incompreensão e o esquecimento" (GARCÍA MÁRQEZ, 2010, p.12).

Joguete e isolamento. É neste sentido que o tema da solidão também se faz presente nos textos de Octavio Paz, pois diante do abandono à própria sorte, deveria ter sobrado pelo menos uma segunda chance. Talvez uma saída "mágica" vinda das alturas de Macchu Picchu.

Queremos dizer com isso que ao relegar à última instância uma análise aprofundada de nossas carências e fragilidades, que têm como base as nossas raízes, estamos cometendo um suicídio em vários sentidos, inclusive acadêmico, provocando um esquecimento de nossas

identidades. Somos submetidos às artimanhas do capital e às suas técnicas de administração tão eficazes.

É dramático quando se discute a instabilidade aplicada tanto à racionalidade como aos códigos e aos relatos. Deste mesmo modo, perceberam-se as mesmas estratégias ideológicas, quando se fala no fim da história, da nacionalidade, das culturas e das classes. A ideia que parece permear o discurso seria tornar as pessoas estranhas: estranhas onde moram e trabalham, e completamente alheias em sua essência social e também aos outros homens. Mais estranhas ainda em relação aos seus países. Não existe país e o sentido de nação está vazio de sentimentos.

Ironicamente, na realidade, esses sentimentos fazem parte da cultura, pois as fronteiras dos países colonizadores estão muito bem guardadas, Estes países administram e concentram com mãos de ferro um imenso poder chamado mercado, mas praticam nos seus quintais, essas mesmas ideias com a máscara do Global e com uma força de verdade insuspeita.

Por isso, a retórica ideológica da não ideologia que conceitua o fim de qualquer coisa: do homem, das classes, das nações, imperando o homem 'mcluhaniano' sem cultura, sem nada, simbolicamente, prostrado diante de uma tela com imagem.

Queremos reafirmar que as pesquisas 'canclinianas' foram e continuam importantes, pois, abrem caminho para se perceber a dimensão histórica e cultural da América Latina que ainda deverão fazer parte das análises das mutações em andamento, provocadas pelos meios massivos e pelas tecnologias. Como diz Canclini, a "televisão manipula o México" (2005), poderíamos aplicar essa mesma afirmação, sem medo de errar, a todos os países do continente.

Sob a aparência do transnacional, do global, do pós-nacional, de negação da identidade, esconde-se um poder neoconservador. Por isso, nunca é demais reafirmar que se esse poder se encontra fincado nos meios massivos, na verdade é porque representa outros ainda maiores. É impossível ignorá-los e mais ainda, aceitar ou repetir passivamente as Teorias pensadas a partir da realidade de cada um desses países que as exportam.

Por isso, Jesús Martin-Barbero chama a atenção para as modas teóricas, embora, sua posição política ainda esteja muito carregada de um eurocentrismo que tenta a qualquer custo despolitizar a mídia que sempre esteve atrelada às questões políticas e consequentemente ao poder.

No entanto, quando se analisa o século XX e as ideologias dominantes naquele contexto, não deixa de perceber a saída da mediação na cultura, obrigatoriamente, como rito de passagem para o século atual com suas transformações tecnológicas, implicando transformações também

nas culturas. Da mesma forma, houve uma dominação das ideologias no século passado, alerte-se que está a correr o seguinte risco: sair da Cultura e cair no culturalismo (1991, p. 7).

Na verdade, a academia tenta o tempo todo entender e aceitar um projeto de poder para a América Latina, buscando ora uma teoria para justificar as transformações sociais, ora incriminar as ideologias. E para fugir às questões ideológicas, inventa-se o fim de tudo, a começar pelo nacional que se transforma em pós-nacional ou transnacional. Podemos oportunamente lembrar a frase machadiana usada por Roberto Schwarz como título de seu livro: "Ao Vencedor, as batatas.". Só que o vencedor agora não se contenta só com as batatas, ele quer muito mais que isso. Eles sabem que estão lidando com uma *banana republics* após o fim das URSS, diante da impossibilidade de qualquer país da América latina se transformar em *balalaica republics*, e por isso reinam em berço esplêndido.

Entender as mediações exige estratégias teóricas que justifiquem como jogam o jogo do poder e o dos políticos, o jogo dos dominadores e dos dominados. Repetem e usam na integra, teórica e praticamente, tudo que vem pronto para o consumo. Do Jornalismo à Interatividade dirigida, instantânea que transmite uma inclusão e participação libertadora do telespectador do *Big Brother*. Seria ironicamente revelador se alguém afirmasse ser justo desse modo que a televisão faz pensar.

O labirinto da solidão, de Octavio Paz, conta poeticamente a história do México. Nele, há muito que se relacionar com a história de todo o continente. Basta somente comparar os mapas das fronteiras mexicanas de antes com as de hoje.

Por exemplo, o grande mito da história mexicana, Moctezuma cede à invasão espanhola, pois, sente uma atração incontrolável (PAZ, p. 87), uma fascinação carregada de mensagens sagradas, interpretadas como um ciclo que se fecha e dá início a outro que começa.

Deste mesmo modo, parece que toda a América Latina está condenada a sentir esta mesma estranha atração. Estaremos fadados a repetir as tentações de Moctezuma? Por que a sedução irracional e injustificável pelo estrangeiro como se fosse uma trama sagrada ainda persiste em toda a América Latina?

Por exemplo, pode-se pensar nas Teorias alienígenas e suas aplicações, como conquistas sem resistências, como um querer ser o outro, mesmo que isso signifique suicídio, aproveitando o clássico exemplo de Moctezuma. Impossível e desnecessário analisar as culturas do continente latino-americano inteiro para se chegar a essa mesma conclusão. No entanto, preferimos pensar a nossa realidade não só a partir das ideias de Octavio Paz, mas também das colocações de Carlos Fuentes que relata minuciosamente as relações do México com os EUA

e as imposições culturais e dos meios massivos, principalmente o Cinema (FUENTES, 1989), instaurando uma verdadeira revolução.

Politicamente, Fuentes é um escritor híbrido, bipartido, dividido em dois: metade mexicana e metade estadunidense – duplamente americano. Sua cultura obedece a esses mesmos parâmetros e a ética protestante o coloca em contradição. Difícil superar, neste contexto particularmente rico dos anos 1950 aos 1980 em diante, a efervescência dos efeitos da guerra fria. Luís Buñuel e autores como Gabriel García Márquez foram figuras presentes, em território mexicano, nesta mesma época. Portanto estamos lidando com realidades culturais que extrapolam as fronteiras deste país.

Ali, do mesmo modo que se lia a literatura francesa, lia-se a russa. Vivia-se entre Diderot e Gogol, e convivia-se com Gabriel García Márquez, Borges e o cinema hollywoodiano. O próprio Fuentes se classifica como um misto da cultura daquele contexto: "Somos o que comemos. Também somos as histórias em quadrinhos que consumimos na infância". (FUENTES, 1989, p. 12).

Não é difícil imaginar a força e poder desses meios massivos, principalmente no público infanto-juvenil. A formação cultural de Fuentes como um ser híbrido como resultante dessas forças pode ser facilmente depreendida em seus textos. Nele, habitam duas culturas: uma estadunidense, pragmática com vocação econômica protestante, e outra mexicana carregada de mitos como Zapata e o da cabeça decepada de Miguel Hidalgo.

Sua "Aula Inaugural em Harvard" está cheia de referências importantes que mostram essa dissociação. Ele faz um retrospecto das atrocidades norte-americanas em seu país, mas ao mesmo tempo quer comprovar uma amizade que se supõe existir.

Mas nós, amigos verdadeiros de sua grande nação na América Latina, nós, os admiradores de suas conquistas extraordinárias nos campos da literatura, da ciência e das artes, bem como de suas instituições democráticas, de seu Congresso e de seus tribunais, de suas universidades e editoras, e sua imprensa livre – nós, seus verdadeiros amigos, porque somos seus amigos , não permitiremos que vocês se comportem nos negócios latino-americanos como a União Soviética se comporta nos negócios da Europa Oriental e da Ásia Central. (FUENTES, 1988, p.243).

Difícil ler um trecho como este, sabendo da história do México e das relações dos EUA com a América Latina. Ironia? Deboche? Ou ele realmente acreditava em tudo que disse? Seus leitores somos tentados a perceber ressonâncias shakespearianas do elegíaco discurso fúnebre de Marco Antônio em "Júlio César". Mas de fato olhar para longe é muito mais fácil do que

para perto. Esqueceu-se de que as práticas dos dois grandes donos do mundo são as mesmas e que o mexicano será sempre um animal enjaulado. Não existe reconciliação, apenas imposição. A história não permite, mesmo aceitando o esquecimento como um fato. Não adianta pedir que os EUA sejam humanos, responsáveis e inteligentes. Independente das nuanças do que foi dito. Há também um mapeamento dos problemas sociais e políticos feitos nesta mesma aula. São esses mesmos elementos que devem fazer parte de estudos que embasem a mediação como prática social e como troca de experiências em comunidades.

É neste universo povoado pelos cidadãos Kane, Dick Tracy, Tess Trueheart, Clark Kent e Lois Lane, que se configura a cultura do México e de toda a América Latina. Portanto, discutir a mídia sem se levar em conta essas dimensões culturais, seja no campo político, seja no midiático, seria infrutífero.

No entanto, as Teorias, com raríssimas exceções, são aceitas e praticadas sem ao menos adaptá-las às devidas diferenças de práticas e vivências culturais dos meios massivos. Cada país deveria ao menos cuidar em não permitir que sejam extrapolados os seus limites por aqueles que os modelos importados impõem. A mediação não deveria ignorar ou deixar de estar atenta às experiências acumuladas ao longo de séculos. Estudá-la e praticá-la sem os enlaces com a cultura não seria fazer o pacto de morte de Moctezuma?

Gabriel García Márquez não pode ser esquecido pelos estudos midiáticos e mais ainda, aprisioná-lo à literatura seria esquecer os elementos históricos e contextuais do século XX dos quais ele participou ativamente, não somente como literato, mas como homem político. Sua consciência política e importância de suas ações se devem às suas denúncias e luta contra as ditaduras financiadas pelos EUA em quase todo o continente. E coincidentemente, após a década de 1960, houve a consolidação dos meios massivos e da Literatura da América Latina. Por isso mesmo, não se pode separar os projetos políticos e culturais dos estudos da mídia porque são projetos de poder e de construção de mercado, planejados conjuntamente.

O discurso de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, escrito em poucas páginas, deveria ser texto obrigatório àqueles que estudam a América Latina. Não importando qual a especificidade dos estudos. Seja televisão digital ou analógica, Jornalismo, Publicidade ou Cultura. Trata-se de um resgate histórico das atrocidades cometidas pelo colonizador espanhol, dos enganos da independência até o domínio norte-americano, no século XX, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial em que o mundo ficou dividido em dois grandes donos.

Por isso, quando se retoma, mesmo de maneira panorâmica, os relatos históricos torna-se difícil não indagar: Seria possível propor Novas Teorias da Mídia para a América Latina sem

se fazer estudos realmente aprofundados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais e sem analisar as diferenças e semelhanças entre os países? “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez menos livres, cada vez menos solitários”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2010, p. 10).

Não é por acaso que o tema da solidão faz parte dos estudos latinos. É o abandono político provocado pela desunião e falta de cultura e consciência política. Feitos por meio de uma educação midiática, escolar, formal e informal voltadas sempre aos interesses alheios. É a recusa do espelho. É usar os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Nada escapa: impõe-se desde a língua aos pequenos hábitos e práticas alimentares. É o Transnacional, o Pós-Nacional e o Global que funcionam para os países consumidores. No entanto, contraditoriamente, as fronteiras geográficas, culturais e, principalmente a semiosfera destes mesmos países que inventam teorias para justificar que seus interesses em todos os sentidos, estão muito bem guardados e protegidos. O comércio está igualmente seguro por pesados subsídios. Deste modo, os arquivos digitais construídos a partir das redes sociais, comprovam o amplo domínio das Américas pelos norte-americanos.

CONSIDERAÇÕES

Podemos pensar em duas hipóteses para se entender a América Latina. A primeira: seria possível a partir de uma análise histórica e cultural, propor uma teoria que justificasse as transformações culturais e os processos mediados?

A segunda: seria possível a partir das imposições culturais, verificadas nos processos de colonização contínuos, pensar uma teoria ou que pudesse ser chamada de teoria que justificasse as transformações forçadas pelas tecnologias, manipuladas pelos meios massivos e mascaradas como verdades pelas instituições?

É neste sentido que retomamos as ideias de García Márquez ao mostrar o tamanho da América e a imensidão de seus problemas. As contradições são muitas e diante da dificuldade de cada um dos países do continente, inventa-se uma América. Na impossibilidade de se contar o Real, inventa-se outro, o Mágico, por ser uma saída possível, não a única como em Cem Anos de Solidão, que para compensação da perda de memória, colocaram-se placas nominando cada coisa. No entanto, para lutar contra o esquecimento, existe a própria realidade que está presente

em todas as coisas. Mesmo assim, a saída está no próprio homem que dialoga, faz trocas e deixa marcas, registros e ideias.

É neste universo latino, misto de abstrações históricas, realidades mágicas, pois, a realidade é feia e insuportável, que se encontra a Literatura que também foi reinventada não somente para contar histórias, mas para lembrar o que somos e de maneira não muito precisa, mostrar o que podemos ser ou o que não queremos ser. Propõe-se pensar os modos de transgressão, como engajamento contra os modelos estabelecidos porque estes pressupõem o comum, o igual que se repete sempre.

Para isso, pode-se retomar pelo menos um dos sentidos possíveis do conceito de teoria, Theos, como abordagem abstrata que pressupõe um número variado de participantes com instrumentos também variados que se completam, instigam e são instigados.

Entre os muitos instrumentos destacados por García Márquez está a própria reinvenção da América Latina através da cultura, não simplesmente da cultura no sentido específico, mas daquela cultura que reúne sonhos, hábitos, leis, fatos, mitos, lendas e evocações de maneira geral, que possibilitam tal recriação.

Por isso mesmo é que lembramos não se separar cultura da história 'verdadeira' e menos ainda da história 'fictícia' costumeiramente tornada 'oficial'. Estão misturadas, se completam e nos documentos oficiais não estão incluídos os sonhos, os desejos e as fantasias que são parte essencial da cultura.

A realidade da cultura na América Latina está ainda dividida entre o mundo letrado e o ágrafo, oral. Entender para justificar seria a grande força do culto exigido aos participantes de qualquer teoria, nova, velha ou recriada. Ironicamente, lembra Fuentes, a América e muito grande. Ela e surreal, pois contém todas as realidades. A realidade das redes de comunicação, das parabólicas, mas também a realidade daqueles que não participam da história, dos que estão fora das redes, dos que simplesmente não sabem o que é uma antena parabólica ou, mais ainda, dos que não conhecem nem mesmo a luz elétrica.

Há ainda aqueles que vivem em lugares que não existem por serem locais que não constam de nenhum mapa. Vivem fora do mundo, sem lugar ou fora dos lugares, em vários sentidos. Falam e vivem outra língua, outra cultura. Participam de um mundo esquecido.

Por isso mesmo, a América é um Continente e nele tudo cabe: o topos e o U-topos. E para pensar as realidades que se intercruzam, como as linhas das redes invisíveis da mídia, necessitam-se conhecê-las para depois as decompor e recompor, fazendo aparecer o objeto, simulacro que tornou visível o invisível. Isto seria teorizar?

Este poderia ser o caminho para se pensar a América Latina, porém, sem esquecer-se jamais de suas extremas contradições.

REFERÊNCIAS

FUENTES, Carlos. **Eu e os Outros: ensaios escolhidos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel e FUENTES, Carlos. "***Cién años de soledad" y um homenaje.*** Discursos de Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes. México: FCE, 2007.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem Anos de Solidão.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Culturas Híbridas: Estratégia para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 2006.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **Consumidores e Cidadãos.** Rio de Janeiro: Record, 2005.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. ***Ofício de Cartógrafo: Travesias latinoamericanas de la comunicación em la cultura.*** México: FCE, 2002.

PAZ, Octavio. **O labirinto da Solidão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

2.9 HUMANISMOS, MÍDIA, ARTE, CULTURA E HERMENÊUTICA: REFLEXÕES SOBRE ARTE, CINEMA E LITERATURA, O CASO PASOLINI.[10]

A historiografia cinematográfica registra a existência de filmes notáveis que resultaram da união de um especialista em Literatura – portanto, um escritor, e de um diretor de Cinema. É o caso, entre outros, de *O Terceiro Homem/The third man* (1949)– da dupla Carol Reed e Graham Greene; e, *À Beira do Abismo/The big sleep* (1946) – da dupla Raymond Chandler e Howard Hawks, com a colaboração de William Faulkner. Em *Teorema/idem* (1968), Pasolini amalgamando as duas funções, produz o texto literário concomitantemente aos avanços da rodagem do filme, em um processo semelhante aos dois casos anteriormente citados. E, desta forma, nascem juntos, o livro e o filme, diferentemente da forma tradicional do Cinema relacionar-se com a Literatura, quando um livro pré-existente, pelo processo de adaptação, é transformado em filme.

Assim, Teorema é, ao mesmo, Literatura e Cinema, fazendo parte do grupo cuja característica é a da criação simultânea – Literatura e Cinema em conjunção – visto que livro e filme são produzidos ao mesmo tempo, na medida em que prossegue o trabalho sequencial de criação literária em paralelo ao de produção ou realização cinematográfica. Os tempos de construção das obras literária e fílmica se sobrepõem.

O presente ensaio é tanto uma homenagem à Píer Paolo Pasolini como uma triste rememoração (SCHETTINO, 2005) de sua trágica morte ocorrida nos Finados de 1975.

INTRODUÇÃO

É difícil encontrar conceitos capazes de qualificar **Pasolini** em todas as suas facetas: poeta, romancista, dramaturgo, crítico, ensaísta e, por último a mais conhecida, — cineasta. Assim, é difícil conceituá-lo quando se tenta enquadrar o autor de *Teorema* em uma destas categorias. É também complicado ver um **Pasolini** diferente para cada uma delas. Em qualquer obra sua, seja poema, romance, crítica, ensaio ou filme, pode-se perceber um entrelaçamento

[10] Textoapresenatado em congresso realizado pela Universidade Mckenzie em 2005, reestruturado ou reescrito para homenagear a morte de Pasolini que completaria em 2024 100 anos de nascimento.

de todas. Ele está, até certo ponto, contextualizado com sua época, na qual não era possível haver divisões entre arte, política, cultura (genericamente), literatura e cinema.

Como se sabe, o cinema tornou-se, a partir do início do século XX, o centro de todas as atenções. E **Pasolini** não seria, obviamente, indiferente à todas essas manifestações, imbricamentos, hibridizações, cruzamentos e experimentalismos, que têm como limite o ano de 1968, com convulsões estudantis na Europa, principalmente aquelas acontecidas na França.

Contudo, suas preocupações vão além das questões relacionadas a tais movimentos, manifestações ou ao cinema. Neste sentido, suas ideias e críticas são, por vezes, interpretadas por seus críticos como reacionárias, pois em sua visão de mundo iria sempre relacionar aspectos dos acontecimentos contemporâneos, aos modos burgueses, principal foco de sua atuação, presente em toda a sua obra. Por exemplo, no que se refere a questões linguísticas, **Pasolini** faz sua opção pelos dialetos em detrimento da língua italiana oficial, pois esta, segundo ele, seria uma imposição burguesa em vários sentidos: cultural, social, político.

Desta maneira, tanto a língua literária, vista como tradição, quanto a língua oral, vista como prática, eram elementos inautênticos aplicados à realidade, e não expressos por ela.

Ainda neste mesmo sentido, ele, **Pasolini**, afirmava enfaticamente que na Itália não existia uma língua nacional verdadeira, pois tudo estava contaminado pelo espírito burguês, ou pequeno-burguês, e pela sua experiência histórica e cultural.

A seguir **Pasolini** define sua visão de língua e que, de certo modo, traduz todas as suas preocupações em tudo que fazia:

A língua italiana é então a língua da burguesia, que por razões históricas determinadas não soube identificar-se com a nação e permaneceu classe social: e a sua língua é a língua dos seus hábitos, dos seus privilégios, das suas mistificações, enfim da sua luta de classe. 11

Portanto, o conceito acima serve como referência para nossa leitura e análise de *Teorema*, utilizada como parábola da sociedade industrial italiana burguesa.

TEOREMA: O ENUNCIADO

Na primeira cena de *Teorema*, o filme, vemos Paulo, um empresário, em uma entrevista.

11 PASOLINI, Pier Paolo. *Diálogos com Pasolini: escritos (1957-1984)*. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. Nova Stella, 1986, p.18.

Este tem ar arrogante, olhar perdido no vazio, preocupado, enfastiado, inexpressível e indecifrável. Essas características compõem os primeiros "dados" da proposição do enunciado. As outras características dos personagens restantes servirão para compor uma família pequeno-burguesa no sentido ideológico, não no econômico, pois na realidade são pessoas muito ricas. Quais são exatamente os outros personagens?

Pedro, o filho, é descrito como certos personagens de "velhos filmes", ou melhor, muito parecido com **Carlitos** — vestindo capotões e casacas com as mangas balançando. Ele é tímido, ladino e feliz como qualquer garoto de sua classe social.

Odete, a irmã, é comparada a uma caixinha cheia de inteligência, quase sábia, precoce, "velha da velhice da sua classe".

Lúcia, a esposa e mãe, é uma mulher entediada, sedentária e vaidosa. Tem como função principal o culto à beleza. Sua inteligência é ao mesmo tempo iluminada e instintivamente reacionária.

Emília, a criada, é uma moça que vem da alta-Itália — uma proscrita da raça branca, idade indefinida. Pode ter oito ou trinta e oito anos.

Angelino, como o próprio nome já indica, é aquele que faz a anunciação (carteiro). Ele é uma espécie de coringa. Tem um ar mágico com a cabeleira cacheada densa e absurda. Sua figura, conforme o texto, lembra a de um cão alegre.

O último personagem, o hóspede, faz sua primeira aparição de maneira extraordinária. Assim **Pasolini** o descreve:

Uma beleza de tal modo excepcional, a ponto de criar quase um escandaloso contraste com todos os outros presentes. Observando-o bem, dir-se-ia que é um estrangeiro, não só pela estatura e a cor azul dos olhos, mas porque é tal modo isento de qualquer toque de mediocridade, de familiaridade e de vulgaridade, que não é possível, nem de longe, imaginá-lo como um jovem pertencente a uma família italiana pequeno-burguesa. Não se poderia nem sequer dizer, por outro, que tivesse a sensualidade inocente e a graça de um jovem do povo... Em suma, ele é socialmente um mistério, embora se entrose perfeitamente com todas as pessoas que se encontram naquele Salão magnificamente iluminado pelo sol. 12

Com esses "dados" **Pasolini** conclui a primeira parte do **Teorema**. Acrescenta-se que tais "dados" são, no momento, apenas indicações, como em qualquer enunciado de equações matemáticas.

Nesse sentido, os personagens parecem não ter ainda conteúdo e forma bem definidos.

12 PASOLINI, Pier Paolo. *Teorema*. Rio de Janeiro-GB, Nova Fronteira, 1968, p.26-27.

Isto poderá ser notado também ao longo da demonstração. Conforme o próprio autor afirma:

[...] a nossa história mais do que uma simples história, é aquilo que nas ciências se chama de **relatório**: é, pois, muito informativa; por isso, tecnicamente, aparenta ser menos uma **mensagem** do que um **código**. Além disso, não é realista, mas ao contrário, alegórico... Enigmático... de tal modo que qualquer informação preliminar sobre a identidade dos personagens tem um valor puramente indicativo: serve para dar concretude, não substância, às coisas." [13]

Seguimos, até aqui, a proposição dos "dados" do **Teorema** que, conforme os manuais de ciências exatas, para ser admitida ou se tornar evidente, necessita de demonstração.

Desta maneira, os dados apresentados descrevem uma vida familiar pequeno-burguesa com todos os elementos essenciais que tal vida requer: religiosos, sociais, ideológicos, políticos. Nesta perspectiva, é possível definir **Teorema** como resultado crítico pasoliniano de todas as questões que envolvem esta classe social e o momento político italiano, vivido por ele. Como se sabe, **Pasolini** sentia uma enorme ojeriza pela burguesia e pode-se depreender daí a necessidade que teve de trabalhar tal tema, explicitamente, pois em toda a sua obra há preocupações políticas que caminham nesta mesma direção.

Assim, o aspecto trágico desta história é o de fixar, alegoricamente, a família burguesa de sua época e as hipocrisias, as ociosidades e uma enorme apatia com tudo o que acontece à sua volta, carecendo, portanto, de forças capazes de desencadear uma desordem revolucionária àquela ordem.

TEOREMA: A DEMONSTRAÇÃO

Pasolini afirmava constantemente que **Teorema** era um filme alegórico no qual cada coisa significava outra coisa e que, por sua vez, remetia a outra realidade. É esta sua concepção de alegoria. Pode também ser interpretada como uma grande metáfora da família burguesa em crise de comportamento.

Tanto no filme quanto no livro há muitos exemplos de usos de diversos símbolos: montanha, vento, deserto, o número sete e Deus. Tais símbolos combinados entre si foram colocados no filme não só para alegorizar, mas também para discutir a sacralidade como tema maior. Assim, as possibilidades de se dar significados aos vários elementos estruturados nesta obra, definem a pulsão e o ritmo sagrados que provêm em grande parte da funcionalidade da

13 idem, ibidem, p.20.

imagem: cada gesto, cada objeto sendo alegórico dentro da parábola, adquire uma forma sagrada e funcional. 14

Dentro desta cadeia simbólica **Pasolini** assim define a figura do hóspede: "... o jovem hóspede não é simplesmente um hóspede que vai passar uma estadia numa família de amigos milaneses, é a alegoria de Deus." 15

Neste sentido, **Pasolini** tentou acabar com a polêmica provocada por este personagem. Mas isto não foi o suficiente: há o ponto de vista burguês onde ele pode significar um demônio que desestrutura aquela família "feliz" e muito bem estabelecida. Mas há o outro, o marxista em que ele veio, justamente, para provocar uma ruptura e uma desordem, restabelecendo, portanto, uma nova ordem que é também um "caos" dentro da sociedade industrial italiana.

Todos os membros daquela família sofreram os efeitos do estranho hóspede. A primeira a sucumbir foi Emília, depois Pedro, Lúcia, Odete e, por último, Paulo.

Para **Pasolini**, o erotismo é um fato cultural e em **Teorema** esses fatos são transformados em sistema de signos.

Assim ele define a transformação dos personagens por meio de um erotismo santificador:

"... este Deus, este anjo que aparece na história desta narrativa comunica com os outros através de um sistema de signos específicos, diferente do sistema linguístico. De resto, é talvez o único de que seja capaz. Com efeito, que língua humana poderia empregar para evangelizar? Além disso, ele não veio evangelizar, mas testemunhar a si próprio". 16

E em outro trecho acrescenta mais algumas informações sobre tudo aquilo que ele entende como cadeias de signos pertencentes ao convívio de homens em um mundo comum em termos de confusão e ilusão, as reações

De fato, a relação 'semiológica erótica' só existe na primeira parte do filme. Na segunda parte, cada um reencontra sua própria história. Uma história toda interior: daí a sequência do filme inteiramente muda. 17

Além desses signos que podem ser, em parte, interpretados como eróticos, há outros, como já dissemos, também importantes para que se possa entender as cenas e sequências como um todo, explorando assim outras possibilidades semiológicas.

Pasolini usa, tanto no filme quanto no texto literário, a seguinte epígrafe:

---

14 CF. PASOLINI, Pier Paolo. *As Últimas palavras do herege: Entrevistas com Jean Duflot*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.110.
15 Idem, ibidem, p.111.
16 Idem, ibidem, p.97.
17 Idem, ibidem, p.97.

"Por isso, Deus fez com que o povo desse uma volta pelo deserto." (Êxodo, 13,18)

Ao longo do filme, com certas diferenças do texto literário, vemos interligar cada sequência com imagens envolvendo os outros três símbolos importantes: deserto, vento e montanha.

O símbolo do deserto, citado pelo próprio autor, comporta a imagem da solidão e esterilidade reencontrada pela experiência espiritual. Por outro lado, por meio desta mesma solidão pode haver a tentação do demônio e também a **epifania**, por exemplo: Deus, ou o anjo. Já o vento, por meio de sua característica principal, é um símbolo da vaidade, da instabilidade e da inconstância, o sopro espiritual de origem celeste. Se o anjo é Deus, é também sopro e vento. A montanha significa a própria transcendência, a ascensão humana e a reconquista da pureza e do sagrado. 18

Desta maneira, **Pasolini** construiu sua narrativa fundamentada em autores como Mircea Eliade, como ele mesmo confessa em suas entrevistas. Neste sentido, todos os elementos simbólicos arrolados completam os vários sentidos, implicitamente, e funcionam como pontos instigantes e provocadores de diversas questões. Por exemplo, o desnudamento de Paulo e sua caminhada na sequência final, fechando com um enorme grito, acentua a dor da solidão e do desamparo.

É importante observar que dentro desta cadeia simbólica há também o número sete. Este número está presente na mitologia grega, na Bíblia, na literatura oriental e em Dante. Pode-se dar a este número interpretações em diversos sentidos. Sentidos esses que vão do não sagrado ao sagrado: tema maior do filme. Mas é importante também perceber que o sete indica, no filme, a passagem do conhecido ao desconhecido: um ciclo concluído por meio dos sete personagens colocados em tal extremo, que as transformações e rupturas adquirem a mesma força da platônica alegoria da caverna, na qual aqueles que aspiram às ideias eternas e verdadeiras devem abandonar o convívio dos homens comuns, onde só há trevas, confusão e ilusão.

TEOREMA: OS COROLÁRIOS

Pasolini fez a demonstração de seu Teorema, colocando cada personagem em contato com uma força "sagrada" capaz de romper com todas as contradições que ajudou a construir a

18 Ver CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

sociedade industrial, comparada à civilização que a precedeu, a camponesa, pois esta possuía o sentimento do sagrado. Este se degenerou por meio do contato com as instituições eclesiásticas, ficou cada vez mais feroz e alienado pelo poder:

Este sentimento do sagrado estava no coração da vida humana. A civilização burguesa o perdeu. Pelo que ela substituiu este sentimento do sagrado depois da perda? Pela ideologia materialista do bem-estar e do poder. Por ora, vivemos um momento negativo do qual ainda ignoro a saída. Só posso então propor hipóteses em lugar de soluções. E tudo o que posso dizer é que uma era nova começou tão distinta da precedente como a época da agricultura se distingue daquela da coleta (sic). 19

As hipóteses de que fala **Pasolini** sustentam o seu desejo de a sociedade burguesa se santificar, renunciando de todas as benesses acumuladas, inclusive dos sentimentos que tais benesses representam.

Todos atingem outros estágios no qual o ápice é a própria santidade. Este é o balanço final, o resultado da demonstração anterior:

Emília torna-se santa, levita e começa a fazer milagres. Depois, misturada às máquinas e aos canteiros de obras, seu pranto transforma-se em um verdadeiro regato milagroso que, aos poucos, vai crescendo.

Odete atinge sua verdadeira ascese refugiando-se numa espécie de vazio escuro. Para os outros é loucura, para ela é apenas uma completa inércia ou um estupor. Enfim, ela agora vive em outro mundo, ela foi tocada pelas ações santificadoras do hóspede e fixou em sua retina a última imagem do anjo, apreendida numa fotografia na qual contempla sua virilidade juvenil e beleza física.

Pedro adquire a consciência de que aquela sua civilização se decompõe a cada instante. Todos os sentidos históricos em que estava inteiramente ligado ao século XX, por meio das técnicas utilizadas de maneira bastante severa pelas vanguardas (cubismo, futurismo) estão agora ultrapassadas, empobrecidas. Ele inventa sua própria técnica. Torna-se autor, construindo um mundo onde as comparações não seriam possíveis. Mas tudo acaba por parecer inútil e, após tentar pintar o rosto do hóspede com seus olhos azuis:

E ele não pinta nem pintou jamais para se exprimir, mas, provavelmente, só para manifestar a todos sua impotência. 20

Consegue apenas, como síntese de sua arte, uma enorme superfície azul, sem valor

19 PASOLINI, Pier Paolo. *As Últimas palavras do herege: entrevistas com Jean Duflot*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.98.
20 *Teorema*, p.163.

algum. Então, Pedro urina em cima da tela. Depois com um gesto tresloucado, fecha os olhos e tateando com dificuldade encontra o mesmo quadro; ainda com os olhos fechados, entorna no centro do quadro a tinta azul, conseguindo o efeito de uma grande mancha azul com pequenas gotas ao redor.

É este o novo sentido encontrado na construção de um mundo novo com técnicas novas. Ele agora habita o mesmo mundo azul dos seus quadros, preso metaforicamente a outra esfera: ao azul embriagador dos azuis dos olhos do anjo.

Lúcia saiu à procura, além de procurar a si mesma, tenta encontrar nos rapazes da periferia o hóspede. Nesta longa busca, ela acaba por descobrir o mundo neocapitalista representado na figura do jovem prostituto. Este mundo é uma mistura do velho, *o ottocento*, com o novo.

Neste sentido, em contato com esta síntese absurda, Lúcia contempla esse novo, está perdida, sente náusea por tudo aquilo. Em seguida foge e tenta com outro rapaz sua busca. Como Pedro, o que ela fixou, na verdade, foram os olhos azuis do anjo, lembrado através do *blue-jeans* do novo amante.

Após perder-se, Lúcia começa a vagar por paisagens barrocas e neoclássicas até entrar em uma igreja cheia de imagens renascentistas, rústicas e amaneiradas; encontra ali os olhos azuis do hóspede nos azuis daquele jovem Cristo, espiritual, um pouco idiota e ambíguo.

É por aquele Cristo que ela se sente atraída, deixando o magro corpo, ali, junto à porta, como um despojo que voltou à antiga vida. 21

É esta a transformação de Lúcia que, de certa forma, aglutina por meio de suas buscas a nostalgia que **Pasolini** sentia pelo passado, isto é, as reações sentimentais sobrepujam a ideologia como ele mesmo fazia questão de afirmar.

Paulo foge daquela cidade que nivela a todos, que transforma todos em iguais. Ele procura o mesmo que todos: os dois olhos azuis do hóspede que o levarão a outro mundo, a outro estágio. Chega à estação, anda, circula, procura até se deparar com um jovem com outros dois grandes olhos azuis. O rapaz caminha em direção a uma grande marquise que tem como fundo a "claridade do céu".

Paulo caminha em direção a essa luz e começa lentamente a se despir, ficando completamente nu, da cabeça aos pés. Nesse sentido, como já dissemos, Paulo se desfaz de todos os seus valores burgueses. No entanto, tal desnudamento representa, no entender de **Pasolini**, apenas uma revolução hipotética, apenas no campo individual, ficando as outras

21 *Teorema*, p.190.

possíveis revoluções sem respostas.

Ainda nesta perspectiva, esta descrença de **Pasolini** está traduzida nos gestos de Paulo ao doar a fábrica, pois através deste gesto haverá uma aproximação inevitável dos operários aos valores burgueses e uma perda definitiva do "sentimento do sagrado".

Assim, cada revolucionário enfrenta um longo caminho solitário pelo "deserto". Agora, cabe a cada um "responder às perguntas que a história — que é a sua história — lhe propõe". Portanto, "é frio, banal e inútil o significado de toda parábola, sem a parábola!" No deserto ou nas cavernas os homens gritam.

CONCLUSÃO

Há, implicitamente, em *Teorema*, outro tema tão importante quanto os outros: a sedução. No apêndice do livro **Pasolini** cita os seguintes versos de Rimbaud:

> O jovem de olhar brilhante e pele bronzeada
> O belo corpo de vinte anos que deveria estar nu,
> E que, a fronte rodeada de cobre, sob a lua
> Adorar, na Pérsia, um Gênio desconhecido,
> Impetuoso em doçuras virginais
> E negras, orgulhoso de seus primeiros caprichos,
> Semelhante aos jovens mares [...]

Estes versos foram usados para concluir a enunciação. Assim, a sedução, no sentido físico, foi o ponto nevrálgico encontrado para atingir a burguesia. As razões são muitas: leitor de Marx, de Freud e de Eliade, **Pasolini** sabia que por meio da apologia nostálgica do sagrado representado, por exemplo, na figura do hóspede tentador, seu alvo não era só a política desenvolvimentista da burguesia, mas também o pensamento oficial de esquerda. Desta forma, o grande mal burguês independentemente de como ou onde poderia se manifestar, está presente na realidade paradoxal de se permitir que se faça tudo, onde tudo é proibido. É esta a ideologia burguesa.

Todos os filmes de **Pasolini** repetem, grosso modo, suas experiências existenciais no sentido de repensar o comportamento do povo italiano, deformado, degradado e remodelado de

forma irreversível, naquele contexto, resultante do intenso desenvolvimento industrial e econômico da Itália. Pode-se citar, por exemplo, a sexualidade das classes populares antes da revolução industrial, quando ainda mantinham uma cultura anti-burguesa. Desta forma, nos *Scritti Corsari*, **Pasolini** coloca em prática uma obstinada decifração dos diferentes sintomas burgueses do mal, elaborando também, com muita sensibilidade, um exercício semiológico-político. Com tal exercício ele interpreta todas as manifestações de sua época como uma consolidação do que ele chama de fascismo de consumo, presente na linguagem e poder da televisão, nos *slogans* publicitários, nas intervenções do Vaticano, no terrorismo antifascista, na luta pela legalização do aborto, na escola obrigatória e, principalmente, na pseudotolerância sexual, provocando até mesmo uma erotomania.

As experiências pasolinianas podem ser mais bem analisadas, principalmente, a partir das entrevistas publicadas por Duflot, que têm grande valor documental. Nelas, podemos perceber as mudanças de tons, as nuanças de inflexão e tônica temáticas, nas quais as aparentes contradições escondem uma profunda coerência. Isto porque sua intervenção política, somada a uma subjetiva interpretação da história, contempla os vários sentidos: simbólico, ideológico, político, que articulados a uma complexa teia de valores culturais, revelam os verdadeiros traços de um possível autorretrato de **Pasolini**.

Há terror por todos os lados! Denunciai, e o denunciaremos. Todos os meus amigos esperam a minha queda: pode ser que ele se deixe seduzir, e então prevaleceremos contra ele, e dele nos vingaremos. (Do "livro de Jeremias", Cap. 20 vv. 7 e 10)

Assim, ele define na última página de *Teorema*, com muita agudeza, suas próprias sensações do momento em que vivia.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro.* São Paulo, Perspectiva, 1979.

BENSE, Max. *Pequena Estética.* São Paulo, Perspectiva, 1975.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos.* São Paulo, Martins Fontes, 1996.

_____. *O Sagrado e o profano*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FABRIS, Mariarosaria. "A Margem da redenção: considerações sobre ACCATTONE". IN: Revista de

Italianística, nº 1, São Paulo, FFLCH/USP, 1993.

METZ, Christian. *O Significante imaginário*. Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

PASOLINI, Pier Paolo. *As Últimas palavras do herege: Entrevistas com Jean Duflot*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

_____. *Diálogos com Pasolini: escritos (1957-1984)*. São Paulo, Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, Nova Stella, 1986.

_____. *Teorema*. Rio de Janeiro-GB, Nova Fronteira, 1968.

SCHETTINO, Paulo B.C. *Pasolini: Trinta anos, este ano!* In Universidade e Sociedade, nº 35(fevereiro de 2005). Brasília, ANDES-SN, 2005.

SQUAROTTI, Giorgio Barberi, (org). *Literatura italiana: linhas, problemas, autores*. São Paulo, Nova Stella:Instituto Italiano di Cultura:EDUSP, 1989.

2.10 *ULTIMATUM* ÀS TEORIAS DAS MÍDIAS DIGITAIS: HERMENÊUTICA DAS IDEIAS DE LEV MANOVICH NA CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS[22]

INTRODUÇÃO

Uma parte dos pesquisadores das práticas digitais tem tentado com muita constância, fundamentados nas experiências digitais, binárias ou não, conceituar mídias. O propósito deste trabalho é entender o contexto atual algumas correntes que ocupam o centro das atenções, no mundo tecnológico. Afirma-se, que não há ainda um conceito consolidado de mídia e, por isso mesmo, existe a necessidade de compreender a partir das principais ideias destes teóricos os elementos de conhecimento que tentam compor a atualização dos conceitos, instigando a pensar os aspectos intrincados das futuras possíveis e supostas teorias das mídias digitais.

Intensificamos nossos interesses, principalmente, nos debates sobre as definições atuais do conceito tecnológico de mídia de Lev Manovich (2005), que caminham de maneira acelerada para uma sobreposição com o conceito de softwares, provocando uma urgência em descrever melhor os processos e usos que impõem procedimentos descritivos para melhor compreender, interpretar e dialogar com outros elementos tecnológicos da atualidade que também contribuem para a construção do conceito. O mais importante é fundamentar, a complexidade deste processo, em uma dinâmica das trocas midiáticas, analisar as principais ideias deste mesmo autor que circulam e contribuem para se pensar as mídias na atualidade e também para avançar alguns passos em direção ao entendimento e compreensão do conceito.

Outro propósito é o de acompanhar as análises, por meio de alguns aspectos da hermenêutica, por exemplo, a compreensão e o entendimento, reunindo argumentos que possam justificar e contribuir, pelo menos parcialmente, com algumas ideias para a unificação das discussões sobre as mídias digitais como as entendemos, no sentido técnico de Marshal McLuhan que apontam para um imediatismo técnico que faz interface entre a técnica traduzida nas próteses a substituírem a função natural ou fisiológica como a grande questão que ultrapassa o século XX e se mantém no XXI, estabelecendo correlações das mídias com os internautas e o caminho pelos quais navegam, esquecendo momentaneamente os objetos concretos e centrando as atenções nas várias interações.

[22] Artigo publicado In: Jesús Flores, Jacqueline Oyarce, Gloria Rodríguez-Garay. (Org.). Reflexões sobre internet, tecnologia e comunicação. 01ed.Aveiro, Portugal: Ria Editorial, 2020, v. 01, p. 17-40.

É este sentido técnico que a interatividade digital, intermediada por um software, usado por Manovich para entender as complexidades midiáticas que incluem, na dinâmica dos compartilhamentos, seguir os internautas, captar traços de suas personalidades, emoções enquanto interagem, ligadas a um caráter cognitivo, especial por ser sintético e interativo ao mesmo tempo, sedimentado na linguagem, e por isso mesmo, requerem, acima de tudo, atenção especial aos conteúdos triviais que se confundem e se misturam com o que está online e offline. Pensadores como Kant e Heidegger fornecem elementos para aprofundar a análise das emergências midiáticas, digital ou não, no contexto dos estudos contemporâneos, contribuindo não somente atualização dos velhos conceitos, mas também com as novas linguagens digitais, que poderão redundar na construção de modelos capazes de traduzir e ao mesmo tempo sintetizar os avanços tecnológicos como um resgate da história da técnica como ciência e como cultura.

O texto deste ensaio apresenta parte de uma pesquisa que desenvolvemos. Mostramos de modo sucinto os resultados empreendidos especialmente, sobre as possíveis e necessárias intersecções entre as teorias das mídias digitais e a filosofia hermenêutica, com viés teórico e metodológico em direção ao pensamento de Hans-George Gadamer (2005) e Paul Ricoeur (1991). A justificativa dá-se em função da premente necessidade de se encontrar saídas teóricas para o fenômeno midiático que deem conta de nova efervescência na área, motivada principalmente, pela oferta constante e vertiginosa de novos aparatos produzidos pela tecnologia aplicada na atualidade, por exemplo, os algoritmos que aprendem, leem, nos leem e fazem associações. Agregamos as ideias dos autores citados que constam de nossas referências para melhor compor o *corpus* teórico em função dos atuais resultados e de futuros desdobramentos de nosso trabalho.

A investigação tem como objetos principais as novas teorias das mídias digitais e o inevitável e inseparável método científico de pesquisa, tendo em conta as dificuldades enfrentadas, notadamente em função de inúmeras subculturas, fruto das interações e das adaptações dos usuários das máquinas automatizados e cerebralmente aprisionados pelas tecnologias. Neste sentido, salientamos a importância da hipótese de que a mídia, em sua dinâmica, pode também ser compreendida a partir de matrizes filosóficas que fornecem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar os aspectos intrincados do conceito de mídia. Procura-se discutir ainda as teorias hermenêuticas como interpretação e também como diálogo na tentativa de entender as relações sociais e humanas que surgem nesse universo, vistas aqui como processo complexo que incluem juntamente com os compartilhamentos, o caráter

cognitivo, espiritual, emocional e interativo, em um processo hermenêutico de entendimento e compreensão.

Por isso, é importante acrescentar que neste trabalho a ideia é exercitar e avaliar as mediações como apropriações interpretativas com a finalidade de melhor pensar a mídia como conceito. Por exemplo, os termos cultura digitais e rede social digital fazem parte de experiências individual e coletiva em processo, exigindo um levantamento constante para identificar a produção bibliográfica e também as contradições quanto aos usos e imprecisões em relação as múltiplas de trocas e compartilhamentos. Isto quer dizer que o cerne da construção do conceito está na linguagem, no processo de transmissão de experiências mediadas digitalmente. São discussões mais pertinentes e, às vezes, pouco usuais, quando se busca na filosofia um amparo teórico. São fenômenos dos campos conceitual e metodológico da mídia como estratégia de abordagens dos processos e tratamento dos problemas que poderão, talvez, iluminar os caminhos para definição momentânea do conceito.

ESTRATÉGIAS PARA O "NOVO CONCEITO DE MÍDIA"

Lev Manovich examina os acontecimentos do campo cultural porque formam a base sólida para as definições de mídia, constatado em uma parte das instituições dedicadas à construção deste mesmo campo: museus, festivais, publicações, conferências e muitos outros eventos. É das atividades dessas instituições é que surgem as "novas mídias" definidas pelo pesquisador como atividades artísticas baseadas no computador (2005). São processos que começam nas periferias e levam anos para chegar ao centro, forjando, portanto, os acontecimentos como a base da fundamentação dos conceitos. É a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana (KANT, 2014) que possibilitam perceber nas definições de mídia de Manovich, a começar pelas dez primeiras, a dinâmica do campo cultural em que se encontram as instituições dedicadas a esse mesmo campo. Definições essas que podem ser compreendidas também como questão filosófica, dado que os eventos e as ações são matrizes centrais no processo midiático e são imperceptíveis por sua condição subjacente nas interações sociais, combinando aspectos culturais, temporais, subjetivos e intersubjetivos.

A cultura *underground*, a partir da introdução de tecnologias, de início, provocadas pela revolução industrial, pensada em seus vários estágios, por exemplo, ao inserir técnicas de

produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras, forjando a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações e sentidos, tanto no contexto social quanto no político e econômico. É neste sentido que entendemos que os sistemas de cultura possam representar as finalidades máximas como elemento racional na construção do conceito.

Nesta perspectiva, a dificuldade em se definir a mídia como processos subjetivos e intersubjetivos delicados como percepção instigou-nos a repensar o conceito de mídia como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos já estabelecidos, suscitando a transcendência do ir além: o mundo mental seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular. No entanto, é o coletivo com suas práticas que justifica o novo conceito, mesmo de maneira imprecisa e instável.

Uma das grandes contribuições de Gadamer consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como mediadora, como tradutora das experiências humanas, levando em conta o conceito clássico que pressupõe não somente a compreensão que se funde na transferência de conhecimento para o Outro, mas também a participação mediada de Um no Outro, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, a linguagem objetiva exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão muito além da mera reprodução automatizada abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomadas de consciência e, ainda, as condições em que se realizam quaisquer entendimentos da mídia. Por isso mesmo, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático na construção de um único conceito de mídia que possa sintetizar todos os usos e práticas.

Por outro lado, o entendimento midiático pressupõe a transposição e atualização de sentidos de um contexto para o outro, de um momento histórico a outro. É nesse ponto que incluímos os conceitos de mediação, midiatização e derivações que preconizam a necessidade *sine qua non* do domínio de linguagens e de algum código de computador. Mesmo assim, mediar ou compartilhar (Gadamer, 2005) significa traduzir, usando a linguagem como *medium*, em um processo que possibilita trocas, inclusive de consciências, além de experiências entre os usuários. Mesmo que o conceito de troca mediada tecnologicamente seja questionado devido a sua superficialidade, ele é essencial e importante para se pensar o momento em que os computadores não são usados somente para processar números. Os dados são inteligentes, como lembra Manovitch os vários formatos com estrutura semântica e informações detalhadas.

O software pensado por Manovich como mídia deveria implicar reações imediatas entre os pesquisadores envolvidos com o tema. Merece um debate mais aprofundado que pode se dar em várias etapas, pois o conceito de mídia como software é excessivamente generalizante e sua compreensão é delicada e interessante, resituar o Ser como *medium,* centrado em seu corpo e por isso mesmo sempre em transformação, em construção. Como ocorre entre duas pessoas, também entre os terceiros nessa mediação dá-se uma troca corporal sensível que é mais que linguagens. São interfaces entre mídias (ser e mídia) e também tecnologias, mesmo antes das extensões mcluhanianas Heidegger (2013) já indagava sobre esta característica deste Ser imprevisível exposto em um mundo compartilhado. São linguagens complexas sem objeto que tratam do Ser integrado às máquinas como resolução, autoria, arquivo, exigindo naturalmente um método de compreensão especial. É o Ser integrado por dados e software. A aproximação à hermenêutica é clara e explícita, sem superinterpretação (GADAMER, 2005).

No sentido definido por Manovich, pode-se dizer que as linguagens de programação são o *medium* universal e cada processo midiático a desenvolve e aprimora na forma escrita, oral ou por imagens e sons, juntas e articuladas mantendo observância na inclusão da cultura, da mídia para o software. Assim, cada mídia desenvolve sua linguagem que se reconverte em direção ao softwere. Gadamer classifica esse processo como "consciência compreensiva", que em si mesma é mediação, realizada através do que foi compartilhado/mediado, enfatizando aí a ideia da fala oral como código comum e de sua relevância nos meios massivos.

Monovich diferencia as novas mídias da cibercultura que é somente área de estudos, ressaltando que as mídias e a cibercultura são dois campos diversos de pesquisa, juntamente com as imagens que se constituem em elementos essenciais do fenômeno cultural em rede e associado à internet, surpreende ao acionar outros elementos como tom, cadência, repetições que não sofrem da mesma debilidade do texto escrito, podendo sucumbir a mal-entendidos. É no universo oral e dialógico que se dá prontamente o processo de mediação que fortalece o sentido do que foi dito, em um jogo com múltiplos jogadores interconectados, fazendo surgir questões da identidade on-line, a sociologia e a etnografia do uso do e-mail, o uso dos telefones celulares, o gênero e etnia no uso da internet. São fenômenos enfatizados nos estudos da cibercultura e não são objetos culturais estudados no domínio das novas mídias.

Pensar um conceito para as mídias seria ater-se a um conjunto de objetos culturais possíveis que podem se revelar abissais, pois é difícil isolar a área da cultura das outras áreas, pois sua existência, especificamente está associada à computação. Por meio desta constatação Manovich faz a sua segunda definição de "nova mídia" como objetos culturais que usam a

tecnologia computacional digital para produção, distribuição e exposição. Neste ponto, acrescentamos que os objetos culturais descritos pelo autor são muitos: a internet, os sites, a multimídia e os jogos de computadores, os CD-ROM's e o DVD, a realidade virtual e os efeitos especiais gerados por computador. Nesta definição está contida a linguagem que se organiza didaticamente em cada um destes objetos, tornando necessária a compreensão como possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido de mídia. Por isso mesmo, pode-se dizer que, por mais eficaz que seja ela é sempre aproximada, em seus limites imprecisos. Apenas uma parte das intenções seria plenamente atingida. Os processos sensíveis e mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito.

A mídia, juntamente com a difusão em jornais, rádio e televisão, incluindo os modernos sistemas, por exemplo, a complexidade da telefonia móvel, com todas as suas potencialidades, e da Internet, que se impõem como base de convergência, ocupando um espaço importante nos estudos dos objetos culturais como mídia.

É nesse ponto que poderíamos aproximar as definições de Manovich, que não reduz a mídia a simples processo de troca de mensagens, mas tenta entendê-la como base essencial no computador, como representação digital, na modularidade, na automação, na variabilidade e transcodificação. As mídias, neste contexto, reduzem-se a dados digitais que podem ser manipulados por software como quaisquer outros, admitindo pensa-las também como estrutura de dados específicos, como os algoritmos que podem ser incorporados de maneira contínua e infinita. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples lógica das diferentes mídias. Mesmo diante de argumentos solidamente fundamentados conceitua-se, ainda, que as mídias estão impregnadas por uma estrutura descontínua com operações automatizadas: buscar, corresponder e substituir os sentidos na transmissão de dados, diferenciando-se das séries textuais que obedecem a leis gramaticais de representação digital de imagens que semanticamente não podem ser automatizadas.

Independente de se fazer do conceito uma referência universal para os processos, usos e práticas midiáticas, há a necessidade de se lembrar de que o tradicional modelo, emissor/medium/receptor, é repensado por Manovich, ampliando discussões sobre o conceito dirigidas aos interlocutores como um convite para dialogar e compreender os problemas relacionados às etapas da automação midiática digital em rede. Estes interlocutores podem contribuir com argumentos importantes e pensar no modo de como aconteceram essas mudanças e ainda enfatizar as mídias como fenômeno físico, mas também como fenômeno social as articulando diretamente às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-

nos de que a engenharia foi empregada para a principal melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independente do conteúdo (SHANNON, 1948a e 1949b). Desse modo, acreditamos que "a teoria midiática digital" deve estar situada mais apropriadamente junto às teorias da informação, embora, se tente construir seu lugar, também, entre as velhas "teorias" da comunicação.

Muito além de quaisquer protocolos, a mídia está relacionada às linguagens, esquemas, sistemas de palavras-chave, índices e outros elementos para estruturar a mídia como questões estéticas e ainda a políticas essenciais. Os valores das ações e interações acompanham a história das mídias velhas e também das novas sobrepostas à internet e as redes sociais desde a década de 1990. E a dificuldade está em se buscar uma unidade aos conteúdos sem provocar confusões e transformar as trocas em um mistério nebuloso. Neste sentido, o sistema aberto que se retroalimenta das linguagens foi construído como ciclos de mediação que são também processos seletivos, compartilhados como seleção, vale dizer, como informação. Portanto, o ato de trocar está interligado à informação. Por outro lado, a distinção entre informação e ato efetivo de trocar só é possível quando há divergência entre a ação de selecionar e as instruções de fonte. É nesse aspecto que se faz necessária à ênfase na troca como processo autorreferencial, pois a informação e a mediação são processos irredutíveis um ao outro.

Faz-se ainda necessário, nessa vertente, discutir a mídia a partir do conceito de sociedade da informação e controle como dados que permeiam as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a transmissão de conhecimento se dá por sistemas de mediação traz novas perspectivas para se pensar a mídia de maneira geral. A partir daí, por exemplo, surgem também abordagens midiáticas novas para explicar fenômenos humanos diversos integrados aos midiáticos, como: o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. No entanto, novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo tempo como mediação e como informação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi compartilhado. Melhor dizendo, o que foi memorizado, registrado, arquivado tecnicamente e o quanto não foi armazenado tanto no sentido técnico como no humano e ainda o custo e o valor de tudo isto.

A mídia não está dissociada da indústria de tecnologia da informação como um mix entre convenções culturais e convenções do software (MONOVICH, 2005). A ampliação das potencialidades humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais transformados em dados digitais. Como consequência, há um total

controle da informação e dos indivíduos através do software. De maneira planejada, as pessoas estão submersas cotidianamente por princípios de modularidade, variabilidade, automação e transcodificação, sem limites de quantidade. Lev Manovich ressalta a contradição dos estágios tecnológicos das mídias. Algumas totalmente automatizadas outras não, mas de fácil concretização no sentido técnico. É nesse sentido que a mídia parece não estar reduzida somente às relações econômicas. O sentido de convenção cultural permite argumentar sobre a possibilidade de se fazer uma síntese do usuário como simples ator do mercado que está sujeito às leis e direitos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo que recorremos às ideias de Manovich para afirmar que a linguagem é o elemento base da mídia devido a sua natureza processual e pragmática.

É na linguagem que os atos midiáticos ganham formas e sentidos. Há uma distinção entre os dois, classificando a mediação como obra social. E é esta mesma construção midiática que torna a comunidade culturalmente forte, resistente à reificação mercantil, indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Os jogos pressupostos nas linguagens elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras, rompendo continuamente com os limites (NANCY, 1992).

A comunidade e a mídia são constituídas por indivíduos, e não ao contrário, pois a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando de maneira ilimitada a comunidade. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a mediação desempenham papel importante, pois criam e transformam situações, projetam as relações entre contextos e cultura. É por essa via que interessa a Manovich discutir a nova mídia como estética, aproximando o conceito de linguagem ao conceito de estética como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, mediação, pois é composta de múltiplos jogos que caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem conectado em redes sociais. Compartilhar jogos é reafirmar o papel mediador dos instrumentos na construção das linguagens como estética da cultura tecnológica. A mídia de maneira geral só consegue atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos de linguagens que delimitam e regulam.

Discutir a mediação como simples transferência obriga-nos a retomar o debate a respeito do momento crucial da mediação que é a percepção, caracterizada pelos contextos sejam físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura e do

compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial.

É nessa diretriz que podemos afirmar que a mediação cria comunidades, coloca seus participantes em estado de sincronismo ao engendrar uma identidade coletiva que os distingue de quem não participa. É na midiação que a comunidade toma forma, cria limites e sentido. A troca é a ação que engloba as pessoas na comunidade; sem ela não haveria limites e nem identidades como processo (NANCY, 1992). Por isso mesmo, a mediação só tem sentido dentro de uma comunidade, pois somente as trocas midiáticas criam comunidades. A mídia, não somente institui, mas multiplica as comunidades. A mídia com seus processos dirigidos à multiplicidade de comunidades instaura novas formas de mediações, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilidades para interações entre os indivíduos, ainda que *a priori* sejam pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, Jean-Luc Nancy diz que a comunidade e a mediação são constituídas de individualidades, pois este processo se faz necessário para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. De que maneira estes processos criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como objetos culturais mediáticos? Esta talvez seja a grande questão colocada por Manovich. Da discussão acerca dos conceitos vários de mídia: informação, transferência, percepção, troca, afetividades, compartilhamento, diálogo e interpretação podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar a mídia, hoje, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais, tecnológicos e humanísticos como estratégias estéticas constatadas nas artes-objetos como culturais, especialmente. Propõe-se incluir ainda aspectos relevantes nesta discussão sobre as diferentes maneiras que os Seres em conexões se fazem presentes nos processos midiáticos. Isto quer dizer que se trata de um sujeito diante de outro sujeito, em um processo contínuo de intersubjetividade. Conviver e viver com o outro, próximo ou distante no tempo e espaço, são problemas essenciais do conceito de mídia (RICOEUR, 1991 e GADAMER, 2005).

No contexto atual, conviver e viver virtualmente ganham novas dimensões por meio do uso massivo das tecnologias exemplificadas nas redes sociais. É destas relações que são travados novos tipos de diálogos com consequências ainda não previstas, envolvendo a intimidade, a impessoalidade e a pessoalidade como relações sociais. É através desse "si-mesmo" como Outro, é desse Outro que sou eu mesmo que estabelecemos múltiplas mediações,

permeando obras da cultura que os sujeitos produzem e nela se reconhecem (RICOEUR, 1991). A cultura é o reflexo do sujeito midiático, que age e interage consigo mesmo e com os outros. A cultura como sistema são os fins máximos que estão nas definições de nova mídia de Manovich. É nesse sentido, que se faz necessário um duplo combate contra o empirismo puro e outro, tão intenso quanto, o racionalismo dogmático. A cultura deveria ser entendida em vários sentidos que completam as dimensões do humano: a cultura, como astúcia, tanto cálculo quanto desvio (KANT, 2014).

Estas discussões centram-se na importância do que a cultura representa para a mídia. É na cultura que a linguagem se manifesta, estabelecendo o encontro de dois mundos com desdobramentos imprevisíveis, transformadores e enriquecedores entre os participantes do processo mediático.

É na cultura que o Outro se faz presente ou se apresenta. Evocam-se aqui novamente as ideias de Paul Ricoeur ao rastrear esse Outro ou Outros na convivência, na vivência entre próximos e distantes no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, devemos levar em conta os antecessores como resgate, como dívida; e pensar ainda nos sucessores, que, como promessa, sofrerão as consequências das ações, decisões de cada iniciativa. Quanto ao espaço, fala-se dos contemporâneos, próximos e distantes, íntimos ou impessoais ou no anonimato como relações intrincadas que se aplicam à mediação, e não considerar tais complexidades seria fazer uma análise simplista. Difícil seria não colocar o humano com suas interrogações. Na verdade, o humano traz de volta as relações sociais que poderiam ser traduzidas na trajetória sensível "recoeuriana" como puramente mediação: o Outro que pode estar à nossa frente ou ao nosso lado. O Outro que está em nós. O Outro que somos nós mesmos. Nós mesmos que somos Outro. Esse Outro, diverso de nós mesmos, somos nós mesmos. O Outro, mas o mesmo. O mesmo, mas o Outro. O Outro, o Ser que é Mídia.

Neste jogo dialético, percebe-se um processo mediático ativo e profundo. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que, sem esse exercício, tornar-se-ia difícil pensar os processos midiáticos.

Os múltiplos sentidos gerados pelas definições manovichianas no processo mediático não iluminam os problemas dos algoritmos executados manualmente ou por computador. As definições do conceito de algoritmo geram dúvidas, mas imediatamente eliminadas. É na sequência de passos que precisam ser seguidos na execução de maneira rápida de maior parte das tarefas que está a nova mídia criada nesse conjunto de passos que podem ser escolhidos e

executados por humanos ou por uma máquina, pois esta última é a que mais se aproxima da necessidade de aceleração do uso das técnicas já existentes.

Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender que, por trás das novas mídias há um algoritmo, no entanto, antes o humano estava presente em todo ato que era executado manualmente. É evidente que se pode dizer que o intuito é compreender as mudanças quantitativas, que fazem parte de um projeto que pressupõe intenções qualitativas novas, em um jogo técnico entre ferramentas mecânicas lineares e não lineares, explícitas e implícitas.

Encontrar significados divergentes ou não, diz respeito às novas mídias como aceleração de algoritmos que prioriza o uso do computador pela sua rapidez na execução de tarefas. O que Manovich reafirma é que as interações, controle de dados, trocas e compartilhamentos entre humanos são feitas em tempo real e se constituem como fundamentais na sociedade da informação. Os conteúdos organizados e veiculados desprenderam-se das intenções autorais e ganharam autonomia coletiva. É a arte do século XXI construída em tempo real: *net art*, instalações computadorizadas interativas, multimídia interativa, jogos de computador e síntese musical. É o computador que interpreta, monitora sensores e modifica programas em tempo real. Interpreta o que está organizado como conteúdo. Assim, verificam-se que há um abismo entre os dois mundos: o das velhas e novas mídias e o que foi produzido por elas. Não há como negar o controle cibernético que sobrepõe e tenta camuflar as intenções, voluntárias ou involuntárias, sejam elas quais forem das novas mídias.

Manovich segue elencando outras novas mídias, associando-as aos movimentos culturais e suas inovações. Estas duas novas definições, codificadas como mídias são as vanguardas artísticas ou metamídia, estruturadas por um conjunto de linguagens inventadas por essas mesmas vanguardas, reunindo técnicas midiáticas visuais e espaciais. É necessário explicar - são processos que envolvem o uso de tipografias, edição cinematográfica, fotomontagem, recortar e colagem e outros procedimentos artísticos. Em outras palavras, dizendo de outro modo. Estes produtos culturais ou conteúdo da mídia analógica são os programas de televisão, filmes e gravações de áudio, material a ser interpretado e digitalizado por software. O que está nesse material, organizado e aberto são as novas maneiras de representar a realidade e o mundo com os atuais instrumentos usados para manipular informações. E a ênfase objetiva nesse ativo de mídias velhas está em sua conexão com a pós-mídia ou metamídia, que ao usar este material primário com novas ferramentas digitais atualiza-se.

Portanto, a mídia pode ser entendida como um processo em contínuo movimento em que as linguagens, as ações, os acontecimentos e as experiências humanas são centrais no desenvolvimento da arte radical, computadorizada e interativa. É esta uma nova mídia para Manovich. Por isso, torna-se imperioso o cuidado para não se fechar em apressadas conclusões de que tudo é mídia, em decorrência de ter havido ideias paralelas na arte e na computação com experiências múltiplas, desde a década de 1960 do século passado. A hipótese sugere que haverá um encontro entre as duas. Há forças nesse encontro, alheias ou não aos experimentalismos que, ao se imporem, transformam tudo em um verdadeiro projeto artístico. É a dimensão objetiva desse projeto com seus elementos estruturantes que forma a base para o futuro digital, mas ainda não é suficiente para fornecer segurança para validar por completo as definições das novas mídias. Neste ponto, não se pode falar de ideias autônomas do autor, pois todas as nuanças que o conceito requer estão pressupostas nos experimentos do século XX, enumerados por Manovich a justificar a ideia de mídia impulsionada pelas produções culturais artísticas. Portanto, a materialidade dessas produções seja verbal-impressa, visual, audiovisual ou híbrida, independente da mídia, seja a base para que o conceito puramente tecnológico de mídia ultrapasse, sobreponha ou se junte a arte e se constitua como algo novo.

CONSIDERAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS

A construção do conceito de mídia faz parte do grande projeto teórico de Manovich e suas discussões são originais, especialmente, sobre as tecnologias, as pessoas, suas experiências e as múltiplas formas de produzir, compartilhar e trocar. Isto quer dizer que seu pensamento é na verdade dinâmico, envolvendo os vários estágios das tecnologias, abrindo caminho para um completo aprofundamento das questões digitais, síntese das tecnologias que dão sustentação às produções artísticas atuais, base para o amadurecimento e atualização do conceito de mídia.

Nas definições manovichianas está implícita uma ideia de teoria geral da mídia digital que engloba, ao mesmo tempo, as instituições culturais, os artistas, os produtores, as tecnologias digitais e as conexões em redes, sem esquecer objetivamente da tradição e historicidade que estas tecnologias comportam. As experimentações tecnológicas que começaram em meados do século XX tem para Lev Manovich um papel importantíssimo, pois foram elas as primeiras a oferecerem com densidade as estruturas ramificadas para representar as experiências humanas

e estabelecer outros parâmetros, além de propor novos modelos de projetos artísticos computadorizados.

Percebe-se que a ideia do pesquisador é ultrapassar a simples definição de mídia, estabelecendo procedimentos e novas e originais análises dessas mesmas experiências artísticas computadorizadas. E para revelar não somente o estágio, mas a dimensão da tecnologia em seus propósitos teóricos e ensaísticos explicitado ao afirmar que a internet é o maior e mais complexo texto de hipertexto e também a enfatizar que a interface interativa homem-máquina é a maior obra interativa. Esta perfeita síntese possibilita aos pesquisadores de mídia e tecnologia entender e projetar midiaticamente o momento atual. No entanto, deve-se fazer um esforço de compreensão que supere a extrema tecnofilia do autor. Com efeito, a mídia deve ser entendida e amparada na filosofia da técnica como forma de acesso ao conhecimento e à realidade.

Neste sentido, o célebre começo da *Crítica da Razão Pura*, de Kant (2014), associa diretamente o conhecimento à experiência, explicitando que devemos buscar caminhos que acompanhem a ciência. No entanto, mesmo com os avanços do século XXI, ainda estamos fazendo experimentações e relendo as teorias, que possam indicar a direção a um novo projeto cuja práxis está distante da realidade tecnológica daquele país sede da pesquisa do autor. E nesse sentido, é importante acrescentar que ainda estamos praticando as ideias defasadas e relendo as teorias fora do tempo e lugar, muitas destas pensadas no século passado, continuam a provocar dúvidas quanto às suas justificativas e à sua aplicabilidade no século atual. Por isso, voltamos a Kant, ao assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano e que este tecnicamente caminha em uma determinada direção em que há um saber adquirido, por meio da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas também nas necessidades de aproximar pessoas. É essa a ideia de mídia: pensar esse saber subjetivo e instável e buscar caminhos para adaptar essa experiência em nosso contexto.

Especificamente no caso brasileiro e também da América Latina, para falar de mídia, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, em que as intrincadas questões históricas e culturais são, acima de tudo, questões políticas. As mídias de massa, em sua totalidade, estão inseridas em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente pelo oligopólio. Negação essa que nada mais é do que fruto de cumplicidade. São as típicas contradições que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que comecem a ganhar forma e precisão ao sentido da palavra **Mídia**, que, vista de modo ampliado por Manovich, quer dizer software e muitos outros sentidos. Assim, decidiu-se retomar as definições de Manovich que

tratam da conceituação de mídia quando discutem os acontecimentos culturais colocados em sequência ou deslocados de seus contextos históricos, incluindo as crises e rupturas com as velhas mídias, na tentativa de defini-las também como tecnologias. No entanto, é importante salientar que a cultura como mídia não se constitui somente do acúmulo de práticas, de ideias e do uso criativo da tecnologia digital na elaboração, produção, distribuição e exibição das atividades artísticas institucionais, individuais e coletivas deste processo.

Portanto, as questões mediáticas trazem à luz muitos elementos que provam o amadurecimento daqueles que usam os computadores, que por sua vez, propõem o uso livre da razão e do intelecto que ainda continuam a determinar um modo de fazer no século XXI, englobando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, ao conhecimento e suas contradições que atingem o auge com a digitalização, com o computador e a Internet são hoje necessários para se pensar a mídia como conceito, envolvendo, obviamente, a inteligência artificial imbricada nos algoritmos.

O tema da mídia e de seus múltiplos sentidos é pertinente na sociedade da informação com seus computadores e redes sociais, podem ser vistos também como software e máquinas capazes de registrar, transmitir, organizar e arquivar tudo. E agora algoritmicamente muitas outras tarefas. No entanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se perceberam, inevitavelmente, os limites desta mesma memória humana, em especial os complexos artefatos artísticos com sua capacidade em si mesmos de reter e compartilhar.

A mediação como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos teria também a tarefa de levar em conta os *insights*, intuições e percepções, em seus vários sentidos e, mais ainda, mediar as existências e experiências.

Portanto, as discussões travadas no contexto da contemporaneidade a partir do século XX geraram frutos teóricos e metodológicos que subsidiaram as discussões sobre o pensamento, produção e reprodução digitais atuais. Trata-se do inconstante na atualidade, intensificado ainda mais na segunda década deste século XXI, enfatizados nos efeitos da definição das novas mídias. Estas são as tentativas de se construir um conceito, pensar em uma ou em várias teorias, em um diálogo entre as linguagens para compreender o novo que é muito mais que uma interface genérica de acesso a vários tipos de dados. Trata-se da essência dos processos mediáticos.

REFERÊNCIAS

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S.Francisco, 2005. (2v.)

HALL, Edward T.; HALL, Mildred Reed. *Understanding cultural differences*: germans, french and americans. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HEIDEGGER, Martin. Ontologia: (hermenêutica da faticidade). Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

KANT, Immanuel. Crítica da razão pura. Rio de janeiro, Nova Fronteira, 2014.

MANOVICH, Lev. El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós Comunicación, 2005.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: LEÃO, Lucia. O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

NANCY, Jean Luc. *La comunità Inoperosa*. Nápoles: Cronopio, 1992.

NANCY, Jean Luc. *Un pensiero finito*. Milão: Marcos y Marcos, 1992.

SHANNON, Claude E. A mathematical theory of communication. The Bell System Technical Journal, v. 27, Jul./Oct. 1948.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

RICOEUR, Paul. *O Si-mesmo como outro*. Campinas, SP: Papirus, 1991.

2.11 ÀS AVESSAS DO MARXISMO OU A OPOSIÇÃO CONCEITUAL COMO A ESSÊNCIA DA TEORIA DAS EXTENSÕES TECNOLÓGICAS E MIDIÁTICAS MCLUHANIANAS.[23]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS OU UMA INTRODUÇÃO NECESSÁRIA

Torna-se importante às pesquisas sobre os processos e práticas digitais levantar e fazer novas leituras sobre os fundamentos das ideias de Marshal McLuhan com o objetivo de se pensar as atuais experiências digitais e também a possibilidade de se encontrar elementos e modelos que auxiliem na construção de novos conceitos das atuais mídias ou possíveis novas mídias. O objetivo deste ensaio é tentar entender os novos modos de fazer e dizer de McLuhan quando projeta suas oposições conceituais explícitas às ideias marxistas.

[23] Texto apresentado no 4º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies, 2021. Anais V. 2.p.1176-1196.

Esta ideia ocupa o centro deste trabalho, que discute o contexto tecnológico atual. Ressaltamos ainda a ideia de que continuamos na defesa da hipótese proposta em outros trabalhos de que não há ainda um conceito consolidado de mídia e, por isso mesmo, acreditamos na necessidade de compreender e reavaliar as principais ideias deste teórico, tendo em conta os elementos revolucionários que compõem a sua trajetória e se fazem presente em sua principal obra, *Os meios de comunicação de massa como extensões do homem*, que usamos neste e também em outros trabalhos para embasar as possíveis novas teorias das mídias digitais.

Os debates sobre as definições do conceito tecnológico de mídia de McLuhan se intensificam de maneira mais acelerada através da análise comparada sobre as oposições entre os conceitos mcluhanianos e marxistas, apontados enfaticamente por Sidnei Finkelstein, exigindo um maior cuidado em descrever melhor os processos e usos feitos pelo pensador canadense que impõem procedimentos mais descritivos para melhor compreendera a atualidade, juntamente com outros autores como Lev Manovich e Paul Levinson, por exemplo, que também contribuem para se pensar os novos conceitos.

Independente de questões ideológicas, outro objetivo seria o de fundamentar, a complexidade deste processo, em uma dinâmica que impõe avaliar as ideias que circularam no século XX, comparando-as com o pensamento dos pesquisadores do atual século, por meio de levantamento de ideias que contribuem para se pensar as questões digitais na atualidade e também consolidar o processo de construção dos conceitos midiáticos atuais.

O objetivo deste trabalho é o de comparar conceitos fundamentais marxistas e mcluhanianos, por meio dos elementos centrais da obra destes dois pensadores, apontando argumentos que possam justificar e contribuir, pelo menos parcialmente, com algumas ideias à unificação das discussões sobre a teoria das mídias digitais na atualidade. Como já afirmamos em outros trabalhos, as teorias das mídias digitais no sentido técnico de Marshal McLuhan já apontavam para um imediatismo técnico que fazia no século XX interface entre a técnica traduzida nas próteses que, percebida por McLuhan de maneira revolucionária, substituíam a função natural ou fisiológica como a grande questão daquele momento e que permaneceu e se manteve no XXI.

É este o sentido técnico usado para entender as complexidades que incluem na dinâmica das conexões e dos compartilhamentos das mídias digitais, um caráter cognitivo, especial por ser sintético e interativo, sedimentado na linguagem, mas requerem atenção especial aos conteúdos triviais e populares. Objetiva-se, nesta nova leitura dos conceitos mcluhanianos, um pouco mais centrada e ao mesmo tempo crítica, retomar os debates sobre o conceito de mídia.

Poucos pensadores como Marshal McLuhan forneceram tantos elementos para se entender e aprofundar as emergências mediáticas, digital ou analógica que se impuseram, no contexto dos estudos contemporâneos mais recentes. Neste estudo, pode-se optar por envolver muitas outras teorias e ainda a atualização dos velhos conceitos, aplicados também às novas linguagens digitais, na construção de modelos capazes de traduzir e ao mesmo tempo atualizar os avanços tecnológicos como se fosse um resgate da história da técnica nos contextos da ciência da mídia e da cultura.

McLuhan ocupou na segunda metade do século XX o lugar de um verdadeiro profeta da comunicação. No entanto, ainda há muito a ser atualizado sobre o que disse, em sutis ironias sobre a eletrônica e automatização. Isto fez com que as suas afirmações e sua maneira de escrever ficassem filosoficamente conhecidas como mcluhanianismo. São as clássicas declarações feitas por McLuhan e aceitas popularmente como "comunicação e mensagem", no entanto, exigem uma análise especial, sensível e mais atentamente contextualizada.

A filosofia, psicologia, sociologia e antropologia usadas construíram a base intelectual para McLuhan construísse argumentos sólidos sobre o homem fragmentado, efeito destrutivo provocado pelo pensamento racional na era pós Gutemberg. Com suas ideias e teorias faz a seu modo uma supressão do tempo e do espaço. No entanto, em diversos momentos no *A galáxia de Gutemberg* classifica esse mesmo homem com integral, intuitivo e irracional. Mesmo com críticas e contradições os conceitos culminarão em grandes contribuições, mestrando a necessidade de novas justificativas, diante do predomínio ou predominância da tecnologia eletrônica e da mídia de maneira geral.

A máxima mcluhaniana é a de que "o meio é a mensagem", dando pouca importância ao conteúdo e seu papel está em desafiar a ordem estabelecida, própria dos revolucionários como McLuhan que propõe uma nova maneira de compreender os *media* e seus efeitos culturais, em um contexto extremamente rico, carregado de tecnologias, implicando reavaliar os órgãos de percepção ou os aparelhos perceptivos, em uma nova dinâmica com diferenças tênues entre atividade sensível e aparelhos perceptivos, que se reflete na complexidade da linguagem e predisposição sensorial.

Para McLuhan a revolução dos meios massivos institui uma nova filosofia que cria condições e faz surgir o homem-televisão sem arte, sem cultura e sem sentido, necessitando somente das mensagens que são levadas pelo tubo da tv que como extensão completam os sentidos humanos. Portanto, com uma simples leitura de seu referencial teórico basta para revelar seus autores como os grandes temas do século XX e que, camuflados em outras

nomenclaturas, permanecem no atual século, provando a atualidade de suas abordagens (MCLUHAN, 2015).

Por exemplo, quando McLuhan analisa os efeitos da imprensa nas mudanças sociais, passando pelo mundo impresso criado por Gutenberg, aproveita para aprofundar os estudos dos efeitos do livro e da arte no individualismo, na solidão, no isolamento e fragmentação do homem, elevando a televisão como a responsável por resgatar o humano em todos esses estados. Assim, em o pensamento teórico a literatura e a cultura tornam-se coisas inúteis do passado, pois seu mundo é o mundo elétrico, cabendo dentro dele somente a televisão com seus feitos e efeitos na revolução cultural, política e social ou todas interligadas.

Os conceitos mcluhanianos antecedem em quase meio século a idade das Redes. As questões que são discutas hoje são atualizações de McLuhan. Os debates são quase os mesmos, as suas justificativas da revolução tecnológica como um hino ao aumento constante de velocidade a suprimir tudo, tempo e espaço continuam atuais.

Portanto, os rastros das tecnologias do século XX que trouxeram para o cenário mundial, não somente as tão esperadas inovações em tudo que havia até então, mas também ajustando a dinâmica que mostrou o domínio total da televisão, sobrepondo-se aos outros meios. Pretende-se neste ensaio, centrando especificamente as ideias de McLuhan sobre a televisão como um meio que merece todas as atenções nas teorias que o projetam com o sentido e a importância da revolução de suas ideias, relacionadas, principalmente aos meios técnicos de produção e transmissão de mensagens, forçando, inclusive, uma reavaliação teórica, inaugurando outras vias de investigação com outras justificativas para se repensar os processos e as práticas com invenções incríveis como, por exemplo, “o meio é a mensagem” que podem e devem ser lidas ideologicamente.

O espelho mcluhaniano: tecnologias e conceitos marxistas invertidos.

McLuhan, em seu início como intelectual erudito, provocou indagações sobre os caminhos e futuro não só da televisão no contexto norte-americano e canadense, mas também sobre todo o conteúdo veiculado pelos *media*, da forma como o conhecemos: filmes, propaganda, telenovelas, programas de auditório, shows. Se a autonomia dos telespectadores era muito questionada por diversas teorias, acredita-se que houve, a partir da revolução mcluhaniana, uma transformação no pensamento sobre as relações dos *media* como produtores, emissores, receptores sobrepostos. Estas mudanças tiveram como origem as influências que os

media exerciam, ideologicamente de maneira ilimitada, sem ter em conta o peso às mensagens que veiculavam. Além disso, essas mudanças elevaram e muito o número de possibilidades, promovendo a democratização da televisão como sistema, trazendo em seu bojo alterações no processo a possibilidade de ameaçar a hegemonia das outras grandes redes, detendo a maior parte desse lucrativo mercado. No entanto, no contexto canadense e norte americano, percebeu-se um novo cenário, transformando a realidade da televisão com as mudanças que virão no arcabouço de novas tecnologias, antecipadamente alardeadas por McLuhan. São tecnologias novas que trazem originalidade e criação, cobrindo os diversos aspectos que envolvem a dinâmica dessa passagem da televisão para as mídias digitais, por exemplo (McLuhan, 2015).

Porém, é preciso analisar criteriosamente as mudanças e atualizações no sistema novo para se entender melhor como esse processo se dará e o que de fato mudará em termos, não só de atualização teórica, mas também no que diz respeito às inúmeras possibilidades de transformação em toda a mídia conhecida ou nova que requer mudanças, num contexto em que a tecnologia está na ordem das imposições. Estes processos provocaram no digital a valorização de experiências já consagradas dessa transformação: as múltiplas possibilidades de interação que o novo sempre promete, com respostas ilimitadas nesse panorama que se desenha diante dos avanços que estão por vir – espacial e temporal – dos meios massivos (Finkelstein, 1969, p.15-16).

Neste sentido, as ideias de McLuhan como síntese ou fusão revolucionária, em um processo que viveu uma ruptura marcante com o surgimento da televisão que cumpriu importante papel para muitas pessoas e se constituiu no mais massivo meio para se obter informação e, também, de acesso ao lazer. No entanto, sua atuação ou programação, em muitos casos, tenha sido de gosto duvidosa. Mas, não se está aqui – neste texto – discutindo a qualidade televisa da programação que as emissoras veiculavam. A ideia não é essa, mas sim analisar e comparar as possibilidades e contribuições de McLuhan na atualização do atual sistema midiático-digital.

Foi importante para que McLuhan pudesse pensar os *medi*a analisar a publicidade combinar à segmentação do público que se desejava atingir e que este poderia dar respostas objetivas e imediatas. Este autor percebeu que isso poderia afetar o cotidiano das pessoas e, o mais importante, seu desejo de consumo. Descobriu que havia um consumidor nem muito passivo, nem ativo totalmente, mas sua capacidade de resposta seria quase imediata, conforme a tecnologia usada e os condicionamentos como frutos. Certamente, estas novas possibilidades o ajudaram a pensar e a formatar um novo perfil de público em relação ao consumo dos bens

simbólicos. Logo, antecipou que o público não era um mero receptor, mas um coprodutor que participa. McLuhan justapõe as diferentes áreas em que emerge a cultura popular como uma nova realidade tangível, no contexto geográfico, novos modos de intercâmbio entre produtor e consumidor, e a nascente interatividade como produto das extensões que tem a capacidade de transformar as realidades e seus papéis na sociedade.

Deste modo, pode-se comparar o fluxo da mediação digital hoje, que teria nascido da alteração da relação da televisão com quem a assiste, recuperando certas sutilezas pela imposição de conteúdo nem sempre percebidas. A ideia do "meio é a mensagem" obrigará o produtor a se especializar continuamente, a fim de reformular o que produz e inserir como palavra de ordem nesse novo universo a imagem de um telespectador omnipresente, o manipulando com um mundo de símbolos e frases engenhosas que definem padrões de conduta.

Para compreender melhor o sentido e a importância da revolução de McLuhan, extremamente dinâmica, as extensões como complexo sistema que proporcionará transformações em todos os níveis. Neste processo, no contexto digital, implicará em ajustes não só técnicos, mas também de conteúdos veiculados como ferramenta a favor das intenções do meio. Esta realidade forçou os pensadores dos *media* a refletirem sobre o que estão produzindo e como o público está recebendo os produtos.

Podemos deduzir que as extensões tecnológicas como mídia, produzem um novo diálogo entre produtor e consumidor, inclusive, com todos os agentes envolvidos neste processo midiático. É importante e necessário neste momento, lembrar a definição mcluhaniana de *medium* como qualquer tecnologia que "crie extensões". Tal discussão é necessária em virtude de apontar novos caminhos para se pensar os *media* como um todo. Além disso, fica evidente que será preciso repensar os modos de produção, veiculação e apropriação de mensagens. Esta discussão inaugurou outras linhas de investigação ao explorar uma nova variedade de ideias e, juntamente com os efeitos da técnica, que podem propiciar o surgimento de novas teorias que justificaram e repensaram os processos e as práticas mediáticas, necessárias para fundamentar os conceitos sobre as trocas de mensagens, presentes na dinâmica social, representando e aglutinando simbolicamente o mundo, pois *os mass media* , como o próprio nome sugere, aglutinam o público nesta mesma condição (McLuhan, 2015).

Quando uma nova tecnologia penetra na sociedade satura e ao mesmo tempo modifica o sistema midiático e o público. No entanto, as teorias mcluhanianas basilares de extensão vão ao encontro desse novo, como a internet no final do século XX, forçosamente ganhou novos reforços em sua base teórica. Seria interessante pensar a internet como o resultado de um

processo evolutivo a partir da versão de extensões que exigiriam algo diverso uma nova teoria que teria o sentido ecológico midiático para dar conta dessa evolução, a fim de que esse processo pudesse ser devidamente analisado e entendido (McLuhan, 2005, p.137-140).

A importância dos estudos das tecnologias como extensões está em analisar a aceleração de processos e recuperar as sutilezas da linguagem audiovisual, pois as pessoas as possibilidades expressivas em práticas, estão prontas para agir, editar, transformar e, naturalmente, responder imediatamente a algum tipo de impulso ou provocação geradora de algum tipo de emoção, chegando a algum limite de seu conhecimento ou da própria linguagem. Nesse sentido, é que as teorias de McLuhan poderiam vir ao encontro do contexto atual em que processos mediáticos transformaram-se em linguagem ou sinais, exemplificados pelo próprio autor, depois em mímica, tal como pensamos ou aplicamos no cinema, teatro, jornalismo e televisão. Para McLuhan tudo que compõe e forma o pensamento é interessante porque faz com que se esqueça dos aspectos comuns dos *media,* tais como os conhecemos. Trata-se de uma técnica da informação. Parte das teorias sobre os *mass media* se detém em seus efeitos sobre a sociedade e, aplicando os estudos desses mesmos efeitos nos processos que estendem ou prolongam algum sentido da mente humana. Estão características devem ser profundamente estudadas e analisadas para que se consiga uma descrição exata do *medium* que só existe devido a tudo que se relaciona a ele. Assim, o desenvolvimento da teoria pretendida por McLuhan não é outra coisa senão sublinhar o fenômeno da técnica que cria ao seu redor uma necessidade e exige prioridade por uma resposta em curto prazo, quase imediato. Portanto, o efeito imediato teria a impossibilidade de controlar os *mass media* eletrônicos que estão em processo, ocupando-se em levar às pessoas algum tipo de efeito estranho e extremamente provocador. No sentido não só de atualizar, mas desenvolver, no novo contexto, um entendimento amplo das possibilidades que transformarão os outros *media*, de maneira geral (McLuhan, 2015). Deste modo, costuma-se dizer que as coisas que evolvem o humano são irreversivelmente compostas de extensões. Portanto, a tecnologia que está onipresente na vida das pessoas surgiu trazendo uma aparência de futuro, em seu bojo, efeitos produzidos, plenamente integrados, num quase presente nas culturas existentes por meio das extensões, estimulando, de certo modo, uma inserção de uma nova mídia. Se bem que essa inserção é uma questão bem mais complicada e não pretendemos discuti-la no momento, porque requer uma amplitude de abordagem que desviaria o centro de nossa análise (McLuhan, 1976, p. 21).

A revolução tecnológica aponta e atua em direção às grandes cidades, uma vez que o contexto global evidencia que o homem está profundamente integrado às mídias, juntamente

com as conexões que essas mesmas mídias permitem estabelecer em quase todos os sentidos. E, retomando a discussão sobre o tribal e os efeitos midiáticos que esse poder vem revolucionando na sociedade tecnológica, podemos dizer que o processo – agora, no século XXI – se dá quase que individualmente e não mais como fenômeno grupal. Esta situação torna patente à realidade, no contexto dos atuais agrupamentos humanos, visto que já no final dos anos 80, no século passado, já se falava categoricamente no isolamento como um processo a que o homem estaria sujeito nos grandes centros urbanos. No entanto, Marx e McLuhan acreditavam que as qualidades tribais perdidas reaparecerão, futuramente nas sociedades.

Tal isolamento tornou-se impositivo – inclusive por uma questão de segurança, evita-se sair de casa, é a informação que chega aos lares, via *web*s, televisão, celulares e por todos meios interativos possíveis. Agora, as experiências são quase que individuais e mesmo os compartilhamentos através da Internet ficam no plano do intangível, virtual, à distância. Isso não significa dizer que nessas experiências não estejam explícitas as trocas culturais e processos de persuasão e convencimento, questões que levam a analisar a ineficácia das ideias de McLuhan no sentido ideológico.

As várias abordagens dos *media*, principalmente as que discutem a vulnerabilidade ou invulnerabilidade das pessoas, diante de seus efeitos, não só na vida das pessoas que estão se relacionando em grupo, mas daquelas que estão em processo de isolamento. Há classes antagônicas, em que a mais forte tira proveito da mais fraca, utilizando as tecnologias. Estas são as próteses, sejam elas pequenas ou invisíveis, adaptáveis, dissimuladas ou inseridas, incrustadas nos ouvidos, intensificando a exploração, possibilitando ver novos sentidos e ampliar a teoria mcluhaniana dos efeitos dos *mass media*. Portanto, as dimensões desses efeitos fazem lembrar que McLuhan pensou a televisão como um artefato, uma máquina que codifica e transmite mensagens com sons e imagens, desenvolvendo e evoluindo continuamente, as suas qualidades técnicas, mas não como bem geral, como lucro privado. Em outro sentido, devemos entender que a televisão é uma indústria e, como uma indústria, está cheia de intenções – sejam elas empresariais, ideológicas ou culturais, e essas intenções estão principalmente projetadas, principalmente, nas mensagens publicitárias que alimentam essa mesma indústria como uma guerra dos mais fortes contra os mais fracos.

A teoria de McLuhan é clara e não se interessa pelas questões políticas: a televisão é constituída de um conjunto de conteúdos construídos de vários sentidos, sejam comerciais, culturais ou ideológicos. Reflete pouco sobre esses conteúdos, em transe, todos têm acesso a eles, principalmente as crianças que passam muitas horas assistindo aos programas,

consumindo televisão, e nestes consumos estão o relacionamento total. São os efeitos desses *media*, tecnologicamente estendidos do sistema nervoso central, intensificados no uso da internet.

As ideias de McLuhan e especialmente o conceito de extensão se constituem em um processo facilitador e restaurador dos sentidos. As próteses são necessárias para que sejam facilitados, por exemplo, o consumo, além de suprir anseios e necessidades, sejam eles, espirituais ou básicas para se chegar ao estado feliz das coisas. É exatamente por isso que a interatividade, por meio das extensões seduz, pois atua em todos os espaços da cultura, do entretenimento e do ideológico, tornando-se mais visível nos espaços massivos e por isso mesmo seduz pela capacidade de representar mais pontos de convergências, nos quais os *media* podem se apoiar como modelos de difusão cultural ou negócios envolvendo a cultura (McLuhan, 2015, p. 269).

Muitas questões ficarão sem respostas. Há questões fundamentais em nossas análises, importantes a serem colocadas em relevo: as ideias de McLuhan permanecem atuais como se estivesse antevendo um futuro próximo – mesmo diante de uma realidade cada vez mais cruel, com a intensificação das redes sociais interativas, as mídias interativas. Qual seria o ponto central a ser atualizado nessas teorias? A resposta estaria nas atenções no acesso do público ou na participação comunitária? E, como serão os conteúdos gerados pelos próprios usuários? Estas são algumas das muitas indagações e que só a prática dessa nova realidade, ao longo do tempo, poderá ajudar a responder, incluindo o processo ecológico midiático. E quais as atualizações precisariam ser feitas para que os efeitos de fato sejam justificados teoricamente? A evolução pela técnica ou a passagem de uma tecnologia a outra transforma, envolve todo o sistema que compõe os *mass media* como a televisão e também o sistema de radiodifusão, forjando outras características que associadas à velocidade de transmissão e qualidade da imagem e do som, além dos chamados efeitos diversificados, provocam um aumento muito significativo na eficiência do sistema de radiofrequência, dando possibilidades de maior oferta de conteúdos culturais e opções de serviços de toda ordem.

Ampliando um pouco mais as discussões já feitas, é importante dizer que muitas destas discussões estão centradas nos modelos de negócios e produção de conteúdo, na legislação, na estética, na programação e na cultura efetivamente televisivas como tipos de processos de interdependência instantânea. Dentro destas abordagens, percebe-se que há uma implementação ou uma possibilidade cada vez mais rápida, que significa muito mais o domínio da produção do que realmente uma revolução dos *mass media.*

Nestes desdobramentos sobre o centro de nossa atenção, ressaltando um pouco mais o processo em que se baseia a informação. É nesse sentido que reavaliamos a apropriação de nossos sentidos através das extensões, ligadas ou não diretamente ao sistema nervoso central humano, forjam a apropriação de novos valores estéticos, dentro da supremacia do audiovisual televisivo nominado por McLuhan. Além de alterar também os modos de apreensão do conteúdo, esta talvez seja a grande contribuição das ideias mcluhanianas sobre os prolongamentos como a passagem do homem fragmentado de Gutenberg ao homem integral dos *media* eletrônicos como interação entre os *media* e àqueles que também estão em sintonia de maneira permeável (McLuhan, 2005).

Deve-se ressaltar que esta permeabilidade, ao ser adotada como mais uma possibilidade, não ficará restrita a simples ampliação do sistema nervoso central, mas será algo mais amplo, diversificado, dinâmico. A proposta teórica de McLuhan leva a crer que, na construção de um espaço mediático realmente democrático, o usuário poderá não somente assistir, mas produzir conteúdos e inseri-los no espaço mediático de massa de sua escolha. Será deste processo que sairão nos novos conceitos, as novas linguagens e as novas produções, ou a nova linguagem como síntese de linguagens como caminho para atualização teórica?

Na atualidade, os *media* realizam um diálogo multidirecional, abrem espaço para uma interação entre os *media*. Atingem a vida cotidiana das pessoas, justificando o conceito de mídia de McLuhan como "tudo que se relaciona com o meio" e que se podem organizar as sociedades midiáticas em torno do bem comum, acima da propriedade privada e dos negócios lucrativos. A mídia com sua grade de programação procura primeiramente o lucro e assim entreter, recriar a realidade e tirar os *media* da atual condição que, como a televisão não mudou completamente para uma realidade multidirecional, é dissimulada e integrada tecnicamente, estabelecendo um diálogo no imenso mar informativo, exigindo, de fato, ajustes técnicos e uma nova postura que permitirá incorporar o homem em toda a sua humanidade. No sentido mcluhaniano, o racional é um obstáculo, deve-se trocar as mentes conscientes pelas carícias cinestésicas. Só assim é possível levar cada pessoa ao mundo feliz dos *mass media* eletrônicos e não apenas buscar informações e aceita-las passivamente, como ocorreu, num primeiro momento, com a televisão. Contraditoriamente, uma saída interessante seria buscar soluções a partir da participação ativa e assim atender as necessidades reais do telespectador, por exemplo, quando este preenche os espaços com a interatividade, encontra soluções para os problemas que o aflige (McLuhan, 2015, p 307-309).

Para McLuhan só assim a televisão poderá aprimorar e evoluir como linguagem e poderá suplantar as culturas locais, dominados externamente por meio de diversão importada e barata para chegar daqui a algum tempo ao ideal como *medium* de massa. Além disso, deve-se relembrar que uma das características de um *medium* de massa é o fato de uma única informação partir de um único emissor para milhões de receptores ao mesmo tempo. Assim, ressaltamos que a televisão não mudará as características gerais dos *media* de massa, mas poderá se democratizar como veículo – não por trazer conteúdos em quantidade descomunal para um grande público, mas por mantê-lo alienado sempre da realidade social e política.

No entanto, alienado não tem a capacidade de dar respostas imediatas ou simultâneas através da televisão, age sem reagir. McLuhan usou as histórias policias e as guerra coloniais para pensar teorias que explicassem, e ao mesmo tempo justificassem estes processos rápidos de mudanças de comportamento, em um processo de iniciação à era industrial. Por exemplo, os conceitos de extensão, prolongamentos, agilidade e trocas culturais estão sempre presentes quando se pretende chegar à essência propriamente dita da revolução mcluhaniana com uma espécie de dogma ocidental. Um dos temas mais desenvolvido por McLuhan em relação à televisão são os efeitos dos meios como extrema relevância para atingirem as questões essenciais dos indivíduos e das populações, controladas por ondas de rádio e TV.

Portanto, as mídias com suas potencialidades e seus efeitos invisíveis como os prolongamentos do sistema nervoso central, aplicados ao telespectador padrão que ainda tem relevância, devem ser repensadas e justificadas em termos de atualização teórica às questões digitais. Neste sentido, não seria exagero propor um retorno às visões de McLuhan que ao iniciar seus estudos não apenas dos efeitos da tecnologia que forneceram elementos para revolucionar a forma de fazer e pensar a televisão, mas também avaliar a alienação mcluhaniana que inclui os sentidos e maneiras padronizadas de receber informação e outros conteúdos, desconsiderando e flexibilizando o desejo humano de liberdade. Neste mesmo sentido, Schettino (2007) afirma que o atual modismo do conceito de extensão vem com o sentido de dotar o receptor de um ou vários *media* da competência de se submeter em processo contínuo. As ações deste telespectador imaginário estão carregadas de significados subjetivos que traduzem a sua conduta combinada à dos *media* com os quais interage, ultrapassando as fronteiras da subjetividade como processo de interpretação da conduta dos outros, para se chegar à intersubjetividade.

DISCUSSÕES CIRCUNSTANCIAIS OU A IMPOSSIBILIDADE DE CONCLUIR

Não é o bastante nominar ou transcrever os inúmeros conceitos que McLuhan criou. Uma grande maioria deles está ainda em uso de diversas maneiras, implícita ou explicitamente que demandarão de mais alguns anos de experiências e amadurecimento para se chegar à sua abrangência, à sua essência que inclui atualizações no contexto do atual século. Mas seus sentidos imediatos encontram-se na capacidade do telespectador, não só de assistir televisão, mas também de participação quando executa um papel supostamente ativo no processo midiático.

É uma obviedade dizer que não são os meios fisicamente que se constituem como extensões, mas a habilidade de cria-los e manipula-los. Estes sentidos apontados primeiramente por Sidney Finkelstein foram muito pouco explorados criticamente dentro das múltiplas possibilidades da obra mcluhaniana. Há muitos exemplos atualíssimos: Facebook, WHATSAPP, Twitter. Estas redes sociais foram criadas de o intuito de manipulação. Indagam-se quais seriam os limites das teorias de McLuhan em decorrência da amplitude das capacidades de suas ideias, possivelmente derivadas de seu repertório inventivo próprio. Estamos a lidar no atual século com uma tecnologia que inova de maneira rápida, e suas potencialidades ainda perduram como incógnitas nas mídias digitais cujos efeitos atingem mais diretamente as pessoas comuns.

Neste aspecto, parece ser um bom começo comparar a televisão com a Internet na utilização das teorias e conceitos mcluhanianos, incorporando os resultados dos estudos dos efeitos, aplicados aos *media* atuais que deverão aparecer em breve. Por exemplo, seria interessante se estes resultados aparecessem juntamente com teorias que dessem conta e que fundamentassem as ações e efeitos provocados, não somente como fenômenos estatísticos, mas como resultados. É temeroso repensar, sem a necessária cautela, a televisão neste momento de plena ação prática e mudanças contínuas. Pode-se correr o risco de exercício de mera futurologia.

No século atual, as mudanças tecnológicas atingem nossa capacidade de ler e perceber e ainda os nossos modos de ver e fazer televisão. Os argumentos disponíveis são apenas uma solução paliativa e momentânea à grande maioria das análises dos produtos televisivos que serão veiculados ou exibidos em tela com formatos e graus diversos (McLuhan, 2005, p.87).

McLuhan acreditava que a televisão seria revolucionária eternamente, mesmo diante de capacidade de antevisão em relação às novas tecnologias e às plataformas convergentes. O

mundo da guerra fria criou armadilhas e os exemplos são convincentes e ilustrativos, não carecem de análises aprofundadas as questões ideológicas, sociais e históricas que permanecem no século XXI. As afirmações de McLuhan parecem ironias ao dizer que todos os progressos tecnológicos são provenientes do militarismo e da guerra, pois é guerreando contra um país atrasado o ajudamos a progredir. E esta não é a única máxima da moral de McLuhan. Há muitas outras que surpreendem: "Por que lamentarmos que uma potência lance bombas de napalm sobre os camponeses de um pequeno país do sudeste da Asia?" Preferimos acreditar em uma ironia de mau gosto. Alguns outros exemplos poderiam ajudar a compreender melhor, no que diz respeito aos fenômenos associados às extensões e próteses como prolongamentos de sentidos, atualizados nas análises da televisão no momento atual de enfrentamento com a internet, segmentados em redes (Finkelstein, 1969).

Não há uma única teoria que possa subsidiar todos os fenômenos dos *media* e especialmente os televisivos. Somente as experiências que ainda estão sendo realizadas, ou por vir, trarão respostas. Na atual circunstância, no conjunto das redes sociais considerados um *mix* de mídias convergentes, juntamente com todo o seu entorno tecnológico, talvez seja possível repensar os postulados de McLuhan como um *mix* de teorias para dar conta da multiplicidade de fenômenos. Estas são as intersecções mcluhanianas a exigir um diálogo constante entre as suas teorias e conceitos. No entanto, devem-se compreender os *media* em seu sentido mais importante que é o político carregado de ideologias, manipulador de realidades, sejam nas formas artísticas, sejam nas mensagens.

Portanto, a natureza interdisciplinar das ideias de McLuhan aponta para alguns caminhos na difícil superação dos obstáculos presentes desde o começo em seus debates. Há muitas contradições ou "esquecimentos" que a transformação da sociedade é feita através de mensagens que circulam entre os indivíduos que acessam os meios massivos e tecnológicos como extensões, capazes de revolucionar a sociedade e a cultura, que representam e refletem simbolicamente o mundo. Antes, os *mass media*, como o próprio termo já denota, aglutinavam públicos. Agora, os públicos são fragmentados em segmentos estanques, cada qual a fazer sua própria escolha, selecionando, editando e construindo sua programação pessoal, a partir daquela comum produzida e enviada a todos. No século XXI, é imperioso repensar as teorias e conceitos mcluhanianos para dar conta das análises dos processos atuais em que as práticas das relações interpessoal, grupal e coletiva se atualizam em novos processos.

REFERÊNCIAS

Bourdin, A. (1979). McLuhan. Edições São Paulo, Melhoramentos.

Casassús, J.M. (1979). Teoria da Imagem. Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Lisboa.

Finkelstein, S.(1969). McLuhan: A filosofia da insensatez. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Hass, H. (1970). O Homem - os mistérios de seu comportamento. Lisboa, Moraes Editores.

Levinson, P. (2012). New media. Nova Iorque: Pinguim.

Manovich, L. (2005). El lenguaje de los nuevos medios de comunicación: la imagen en la era digital. Buenos Aires: Paidós Comunicación.

Manovich, L. (2005). Novas mídias como tecnologia e ideia: dez definições. In: Lucia Leão. O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Ed. SENAC.

McLuhan, M. (1969). Os meios de comunicação de massa como extensões do homem. São Paulo, Cultrix.

McLuhan, M. (2005) McLuhan por McLuhan; conferências e entrevistas. Rio de janeiro, Ediouro.

McLuhan, M. (2009). Compreender-me conferências e entrevistas. Lisboa, relógio D'água.

McLuhan, M. (2015). Inédito/Marshal McLuhan, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, La Marca Editora.

Marx, K, Engel, F. (1988). Manifesto do Partido Comunista. Petrópolis: Vozes.

Marx, K. (1989). A Miséria da Filosofia. São Paulo: Global.

Marx, K. (1983). Manuscritos Econômico-Filosóficos. In: Erich Fromm. Conceito Marxista do Homem. Rio de Janeiro: Zahar.

Schettino, P. (2007). Diálogos sobre a tecnologia do cinema brasileiro. São Paulo, Ateliê Editorial.

2.12 AS IMAGENS, MEDIUM E MEDIAÇÃO DO SER: REPRODUÇÕES MENTAIS COMO FIGURAÇÕES APROXIMADAS DOS ACONTECIMENTOS MEDIÁTICOS.[24]

DISCUSSÕES INICIAIS: PROLEGÔMENOS

O ***SER*** em sua dinâmica heideggeriana produz imagens como instrumento de conhecimento. Esta constatação corresponde a uma das indagações mais importantes do século XXI. Entender a imagem como mídia na atualidade é entender o momento. O termo mídia, conceito em constante transformação, soa como uma repetição trivial, mas paradoxalmente tem um poder transformador imenso. Este caráter transformador serve para avaliar a tecnologia no nosso contexto e ao mesmo tempo ressaltar as lacunas que não são percebidas e muito menos pensadas em relação à tecnologia como ferramenta de produção de imagem. Nosso propósito, neste trabalho, é o de analisar a teoria das "Imagens Mentais" de Jean Piaget e Bärbel Inhelder (1979) na discussão sobre a constante necessidade da atualização do conceito forjado de mídia digital, tendo como centro as imagens "eidéticas", para entender e pensar o SER que experimenta outras percepções e sensações e que concebe um sistema de sequência de associações instantâneas entre imagens, processo de recognição típico do contexto cultural atual.

Não é nosso objetivo repetir discussões sobre o que já foi exaustivamente discutido e muito menos fazer um resumo dos complexos problemas tecnológicos, mas situar este SER que se reconstrói a todo instante, assimilando os acontecimentos em um contínuo com visualizações estáveis apenas por instantes. Estas imagens são instrumentos de domínio que representam estados de domínios ou figurações que se sobrepõem, se confundem e interferem no todo midiático.

[24] Texto apresentado no 6º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies. Imagens em mivimento, 2023.

Nesta análise da imagem como mídia e como objeto cultural, nosso interesse neste trabalho é o de reavaliar as ideias sobre as máquinas que registram imagens e analisa-las como forma e também como prolongamento da percepção do SER que pode ser considerada indissociável deste mesmo SER. No entanto, é preciso explicar a formação da imagem e estabelecer detalhadamente como as imagens fazem a mediação direta nos vários processos de reprodução: cópias estáticas e cópias cinéticas. A hipótese da imagem como prolongamento da percepção não é suficiente para explicar sua produção, no contexto do século XXI. Os processos de produção de imagens mentais e percepção mudaram. O tempo rápido e instantâneo deforma ou criam outras formas, os reflexos rápidos e sobrepostos de várias imagens embaralham. O inteligível não é mais o essencial. O que importa é o que os órgãos de sentidos clássicos, encadeados metaporicamente e de maneira ampla percebem e captam, incluindo a participação do inconsciente.

Neste processo de produção de imagem, os sentidos conseguem captar ou percebem de forma não convencional (Gumbrecht). Os argumentos sobre o entendimento rápido não são suficientes para justificar, pois o entendimento (Gadamer) depende de uma necessária submersão no irracional. Assim, à imagem está reservado um sentido convencional colocado em acordo somente com o inteligível. Explica-se o resultado como um enigma. Neste mesmo sentido, as ideias de Aristóteles, justificam parcialmente a imagem como imitação, uma passagem para o fictício, o instável e o inacessível. São as mesmas indagações possíveis ou perguntas que temos feito em outros trabalhos sobre as imagens contextualizas no século XXI e de suas definições: imagens pensamento ou mentais, imagens sem pensamento, em um mundo de fatos-imagens, relacionados indiretamente a um pensamento. O propósito é responder, e ao mesmo tempo atualizar as discussões sobre o que são e como são formadas psicologicamente as imagens.

Algumas questões fundamentais discutem sobre o que são as imagens. Se são somente processos mentais. E como são estes processos? Estas indagações apontam para possíveis definições em um universo de representações mentais das próprias coisas sensíveis que estão imersas nas culturas. O sentido das reflexões sobre imagens se sobrepõem e complementam neste trabalho, aos estudos aos estudos sobre as possibilidades das imagens mentais formarem um quadro menos “real” em seu aspecto perceptivo como uma reprodução motora com qualidades ou especificidades, gerais, preservando e exercitando apenas traços com pouca, consistência, como um esboço. Trata-se de sugestões gerais na tentativa de determinar o modo de formação e seguir alguns vestígios do que seria a imagem (Piaget e Inhelder, 1979). .

No século XX, levaram-se em conta as ideias sobre a natureza sensível da imagem e de maneira geral, especialmente a ocular reveladora e antecipadora do que se considera fundamental na construção de imagens, dando sentido à existência composta por vários níveis de formação.

Para se entender um pouco das imagens devem-se retomar experiências acumuladas em relação às múltiplas imagens: das imagens-evocações, das imagens eidéticas, das imagens auditivas. É o que fazem Piaget e Inhelder ao revisarem essencialmente autores como A. Binet que defende a tese de que o raciocínio repousa sobre uma sequencia de associações entre várias imagens. Esta tese é uma das bases para se discutir as imagens como modelo de interação na audiovisual idade no século atual, constatado e sustentado pelas experiências tecnológicas na produção de imagens, por meio de máquinas, como por exemplo, a fotografia e o cinema, provocando efeitos e metamorfoses nos modos de apreensão e de reprodução como uma nova imitação defendida por Walter Benjamin.

IMAGENS MENTAIS, FUNÇÕES COGNITIVAS.

Compreender as imagens, hermeneuticamente, como se organizam como *Dasein/S*er-no-mundo como mídia, como compreensão, facticidade, decadência e temporalidade heideggerianas, estas interrogam e dialogam com o mundo em que entramos e habitamos. Produzimos imagens e nos confundimos com ela, mas isto não quer dizer que o sujeito seja soberano plenamente. Este processo faz parte do pensamento moderno que impõe outro paradigma discursivo em que a problemática filosófica emerge nas análises de imagens. Experimentando os efeitos da evolução das tecnologias e das mudanças contínuas e aceleradas é tarefa difícil, pois os intervalos em que surge o novo são curtíssimos, estabelecendo um imediatismo e simbioses estranhas. Nesta múltipla e ininterrupta atividade de repensar as imagens, busca-se alguma saída para o Ser que se transforma continuamente, absorve tudo que está a sua volta como um redemoinho ou uma antena receptora giratória.

A formação das imagens é pensada como perspectivas amplas, classificando as imagens em função de seus desenvolvimentos. Cada uma das funções se relaciona diretamente com o mecanismo de sua evolução, principalmente quando se prioriza as discussões na imagem relacionada ao pensamento, pois o pensamento é o centro das atenções na era tecnológica pós-industrial, as imagens obedecem aos mesmos preceitos, no que diz respeito à dimensão das

funções cognitivas, exemplificadas nas imagens visuais e acústicas e nas articulações entre imagens portadoras de sentidos diversos (Jiménez, 1993).

A essência do Ser como imagens mentais que acumulam experiências e atuam na organização de um pensamento com palavras-imagens, imagens e sons. Por isso mesmo, uma Interpretação existencial (existenziale Interpretation) mais ampla, incluindo à Interpretação temporal (zeitliche Interpretation): do Ser-no-mundo para o Ser para-a-morte uma expressão simbólica frente à temporalidade, correspondendo à radicalização do Ser-todo como retorno e repetição com o testemunho externo a partir da temporalidade. Quanto à formação da imagem na série de estruturas figurativas, obriga-se à Interpretação originária (ursprüngliche Auslegung) como um estranhamento silencioso e diferenças ontológicas.

Neste contexto experimental, a hermenêuticas possui como espaço fenomenal e fértil a Interpretação cotidiana (alltägliche Auslegung) que é a invisibilidade ou fuga de si mesmo – do Ser. Estes aspectos genéricos remetem a um sistema de significação específico e adaptável na construção de imagens mentais. É neste sentido que a imitação apresenta vários níveis que orientam e estão associados à imprecisão e vaga determinação, nunca ao que é vago ou aleatório.

Neste tipo de figuração e construção de imagens, há elementos sutis e imperceptíveis: despojamento de linguagem que constrói uma consistência rarefeita. Invenções que se impõem à memória, mais pela sugestão do que pela descrição verbal, mas com alto grau de abstração. Os exemplos de constituição de imagens são abundantes. São invenções mentais que se impõem também ao repertório do Ser. Podem ser também sugestões verbais que serão verdadeiros guias ou passeio mental que se dá por experiências aleatórias cotidianas ou imagens vividas provocadas por obras de vários autores lidas, fazendo aparecer citações diversas que sugerem um universo Em transformação do Ser.

Assim, neste universo existencial do Ser, há uma mistura ou hibridização de imagens que se concretiza como linguagens e como construção e referências metafóricas. É através deste processo que o desenvolvimento das imagens constrói seu universo em uma evolução independente que permite relativa autonomia no domínio das imagens. Nosso propósito é provocar uma reflexão através das experiências de Piaget e Inhelder. Eles conheciam a realidade das pesquisas feitas até o momento, aplicadas principalmente no universo infantil e esse saber permitia com muita cautela e diversos alertas fazer previsões de como seria o mundo mental dos adultos.

A base teórica sólida para imaginar como seria esse mundo adulto estava construída. Imagina-se que esse universo das imagens mentais deveria ser pensado e imaginado direta e inspirada nos modos de vida do Ser em seu tempo. É neste sentido que as imagens a partir dos mecanismos operativos oferecem as possibilidades e características de um modelo de Ser em transformação/construção, como se fosse um roteiro técnico mediador nos processos mentais, exigindo velocidade, consciência de alguma coisa, colocando a própria coisa como imagem, sejam signos concretos, sentimentos e sensações. Assim, o Ser do atual século, aproveita a tradição, exemplificada na rapidez, modelo ou capacidade de adaptação, como acontece nos transportes das informações absorvidas pela existência e pelos processos mentais.

Trata-se de analises de imagens a partir do texto de Heidegger *Ser e Tempo*, constituindo, assim, uma compreensão hermenêutica do pensamento ontológico deste filósofo. Esta prática hermenêutica extrapola e exige que se faça uma associação com a Aufklärung, mostrando uma trajetória, um espaço percorrido por Heidegger, mas ainda ligado ao Aufklärung. Gadamer sempre teve uma relação mais profunda com o "Jovem Heidegger", antes de ter escrito *Ser e Tempo*. Mesmo assim, independente de nossas afinidades gadamerianas profundas, fomos buscar em Heidegger um modo mais seguro para entender a natureza motora ou sensível da imagem, aproximando esse mesmo modo à estrutura instável do Ser de Ser r Tempo. Esta ontologia fundamental de Heidegger como Interpretação, possibilita um melhor entendimento da imagem como um quadro perceptivo, em seu aspecto sensorial e de seu pensamento ontológico, uma espécie de preparação pra se entender o Ser neste século XXI.

Pensar as imagens é quase uma busca de proposta metodológica Há diversos entraves em função de correntes teóricas da psicologia, da fenomenologia e ainda da diversidade de análises feitas sobre a consciência e razão que, se complementam no processo de compreensão das imagens que intervém na reprodução entendida como cópia e também na evocação reprodutora de imagens estáticas e cinéticas que antecipam o método experimental, permitindo colocar em ordem as performances que resultam em imagens. Deste modo, podem-se justificar os instrumentos de transição, passagem obrigatória que vai do senso-motor ao simbólico à fonte da imagem que seria a imitação "diferida e interiorizada". São aspectos intrincados e abstratos das imagens e dos modos de torná-las concretas e das maneiras de organizá-las como algo inteligível.

Examinar as relações entre imagem e imitação traduz a construção de imagens mentais como um processo complexo que inclui, na dinâmica das culturas e do estar no mundo questões

cognitivas, espirituais, emocionais e interativas. É o que as imagens mostram, passando da observação à experimentação, com a finalidade de melhor entender as fases etárias na construção de imagens, infantis com reflexos nos adultos (Piaget e Inhelder), antes mesmo de se constituírem em imagem mental, repercutindo em outros tipos de imagem. Assim, optamos por centrar nossas discussões mais pertinentes e nem sempre usuais no pensamento de Heidegger sobre o Ser no mundo sujeito às transformações. São reflexões acerca dos fenômenos que envolvem processos psicológicos e que de maneira sutil e imperceptível interferem na complexidade das imagens, e nas estratégias de abordagens do objeto como imagem, que exigem atenção e tratamento especiais para um melhor entendimento. Kant (2001) dizia que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana.

O pressuposto kantiano é que as imagens, em especial as eidéticas, podem e devem ser compreendidas também como questão filosófica existencial, pois a importância dos eventos e das ações são elementos centrais nas lembranças n, construídas, essencialmente, por imagens em um sentido mais geral. No entanto, alguns elementos que as compõem seriam imperceptíveis por sua condição subjacente às apreensões interiorizadas, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos. Importante dizer que a partir da revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras, foi possível perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades imagéticas de significações, nos vários contextos: no social, no político e econômico. É neste sentido que entendemos as imagens como síntese dos vários tipos de imagens (visuais, auditivas), propondo uma Hierarquização de complexidade para representar uma das finalidades mais importantes deste atual século que construiu uma cultura tecnológica centrada nas imagens.

Neste contexto cultural e temporal, a dificuldade de se definir imagem está na constatação de que são processos tecnológicos que condicionam os subjetivos delicados de percepção. Por isso mesmo, a técnica experimental de Piaget e Inhelder instigou-nos a repensar a imagem e seus sentidos indeterminados e imprevisíveis, provocando, rupturas nos modos de construção s, suscitando e exigindo uma abordagem mais ampla do mundo mental que seria parte de outro mundo que é diverso do percebido que por meio de intervenções de novos mecanismos tecnológicos, silencia-se no universo solitário e particular, circunscrito ao Ser.

Neste universo existencial, permanece a ideia de que a produção de imagem e sua organização, só podem ser concretizadas na linguagem que atua constantemente como tradutora e mediadora das experiências humanas. Estas se fundem na tentativa de transferência de conhecimento para o Outro, mas também na participação imediata de Um no Outro, pois só assim é possível perceber o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem, como acontece nas imagens como "consciência de alguma coisa" (Gadamer).

De maneira geral, a produção de imagem é abarcada pela tomada de consciência e carece pensar sobre as condições em que se realizam. No entanto, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático. Toda imagem como o equivalente de consciência, pressupõe a construção de sentido único e específico, sem ligações com o "real". É nesse ponto que incluímos a necessidade do domínio de uma mesma linguagem, tanto na produção como na apreensão. Mesmo assim, ao traduzir a imagem circunstancialmente, usando a linguagem como medium, em um processo de atualização espacial e temporal, este processo possibilita também trocas de consciências, além de muitas outras experiências associadas ao contexto e circunstância. .

Outro sentido explorado é o das imagens espaciais, operações psicológicas que correspondem à intuição em vários sentidos, até mesmo geométrica, implicando reações mais amplas como as substituições que pode dar-se em várias etapas e envolvem decisões dedicadas, implicando em uma nova imagem ou uma reiluminação, como ocorre nos processos dialógicos, também entre os terceiros dessa conversação, apoiada na imaginação que é muito mais que mera adaptação (Gadamer).

Deste modo, tendo o Ser como um Ser que produz imagem e esta é o medium universal que desenvolve, ordena e aprimora a própria linguagem, em sua forma escrita, oral ou por imagens, gráfica ou pictórica. Assim, a consciência como imagem é a sua reconversão em linguagem, classificada como "consciência compreensiva", concretizada através do que foi percebido, incluindo a ideia da fala que consta dos diálogos orais e de sua relevância no universo solitário do Ser. Neste sentido, a palavra falada para Platão se constitui como o pensar verdadeiro como imagem constrói um novo sentido, surpreendendo pelo modo de falar, pelo tom, a cadência e esta não sofre da mesma debilidade. Já o texto escrito que pode sucumbir a mal-entendidos. É na fala que se dá prontamente a operação de construção de imagem, fortalecendo o sentido do que foi dito (Platão, 1979). É o encontro de horizontes propiciado pela instantaneidade do Ser no mundo que tem como concepção de imagem o diálogo

(Gadamer, 2005) ou um conjunto de intenções possíveis que se revelariam abissais, pois o que realmente foi pensado e imaginado como imagem, em sua essência, ficou invisível à dimensão mental.

As imagens visuais como possibilidade mediadora, por meio das especificidades, é o que torna concreto o próprio sentido: a forma, a cor, as dimensões. Por isso, pode-se dizer que por mais eficaz que a imagem seja, ela nunca será exata, ela se apresentará com aproximações varáveis. "A imagem não esclarece". Apenas parte das intenções pode ser plenamente atingida. Não há o caráter de realidade que a percepção pode captar. Suspostamente os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito, mas não é o que acontece No entanto, pode-se ressaltar, neste processo, o papel das imagens nos jornais, rádio e televisão e da Internet, incluindo, a complexidade da telefonia móvel, com todas as suas potencialidades. Esta realidade, mesmo na segunda década do século XXI, ainda se impõe como base de convergência, ocupando um lugar especial nos estudos da imagem.

Neste sentido, é que poderíamos aproximar, por exemplo, as teorias que estudam os mecanismos de evocação não reduzem a imagem a um simples registro de saberes, mas tentam entendê-la como sistemas sensoriais e como percepção enfraquecida, pois o conhecer é lento, mas na imagem passa a ser como algo diferente. Não é imediato e não seria uma mera transferência, mas pode ser vista com o a representação do próprio corpo. Portanto, mesmo diante de argumentos teóricos sólidos, a imagem oscila entre percepção e sensação, como se fosse alguma coisa impregnada de muitos sentidos.

A imagem é referência universal para as discussões do sentido múltiplo e complexo do mundo mental para justificar e compreender problemas relacionados às manifestações, entendidas como esboço a atos sintéticos. Argumenta-se e pensa-se no modo como a imagem aparece no mundo do adulto não como fenômeno físico, mas como fenômeno articulado às múltiplas dimensões e funções ou protocolos: um conjunto de razões convergentes que podem ser explicadas sem o auxílio da representação. Há as imagens tiradas da literatura, da música e das artes plásticas. O propósito é antever o futuro das imagens, independente do conteúdo. Acreditamos que a experimentação pode contribuir mais apropriadamente como uma atitude reflexiva diante das imagens, como é vista na psicologia, muito embora tenha seu lugar, também, no modelo fenomenológico. Independente de quaisquer protocolos, a imagem está relacionada à percepção da "realidade", aos valores das ações e interações, à construção de

visualidades que cada um faz sobre si mesmo e do mundo, além de buscar um sentido, mesmo que seja a concretização de uma intuição.

As imagens se constituem em processos que são também seletivos, isto é, são constituídas como seleção, e também como consciência de alguma coisa. Portanto, os atos de perceber, conceber as imagens estão interligados. A distinção entre eles está em três tipos diferentes de consciência. É neste sentido que é mais seguro afirmar que a imagem como função simbólica só é possível como processo de consciência perceptiva.

Neste sentido, torna-se necessário discutir a Imagem no contexto atual em que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assim, consequentemente a transmissão de conhecimento se dá por imagem, trazendo novas perspectivas de se pensar os media e seus produtos, juntamente com os vários modelos para explicar os fenômenos humanos diversos como, por exemplo, o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Portanto, as imagens são novas formas de representação, memorização e mimese. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos das estruturas psíquicas que designam um conjunto de particularidades abstratas. O que é imagem e o que não é.

A imagem no século XXI está imbricada na indústria de tecnologia da informação. É a ampliação das potencialidades humanas. O modo de compreender as complexidades dos processos sociais em que a imagem ganha relevância extraordinária mudou. Há um extremo controle total das imagens, da informação. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente em um mundo de imagens que portam informações em quantidade acima de seus limites. Pode-se alegar o direito de gerar e também o de difundir imagens de todos os modos e formatos. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. A Imagem não poderia se reduzir aos processos mentais, perceptivos e psíquicos, nem tampouco às relações econômicas e sociais implícitas. Pode-se também argumentar sobre as possibilidades da imagem no contexto das produções artísticas coletivas que ficam fora de quaisquer imposições econômicas. Há aquelas imagens que são feitas para o mercado que tem leis e direitos estabelecidos pelas instituições.

As imagens visual e mental ganham formas e sentidos, distinção e classificação, valores e qualidades como sobrevivência. E é esta multiplicidade que a torna culturalmente forte, resistente à retificação mercantil. Estão acima de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. De maneira específica, as imagens elaboradas com finalidade específica para os media,

criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras para formato, tempo, espaço e estética, rompendo continuamente com estes mesmos limites. Assim, as imagens que são constituídas de técnicas contemplam os indivíduos e suas necessidades.

Interessa-nos estudar a Imagem e com ela a linguagem, aproximando-se da "prática" como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades, a depender de como as pessoas a praticam. A linguagem é imposição consciente e intencionalmente. É composta de múltiplos jogos perceptivos e caracterizam múltiplas culturas e modos de vida do próprio homem. Compartilhar imagens é transmitir consciência. Assim, a imagem só consegue atingir seus objetivos, por meio dos processos que naturalmente delimitam e regulam as práticas.

O simples processo de consciência impõe retomar o debate a respeito do momento aparição da imagem como um ato mágico, um encantamento, caracterizado por fazer aparecer um objeto, independente dos contextos, seja físico, espacial ou organizativo social. Nesta ação, há uma interferência da cultura adaptada ao compartilhamento, principalmente, devido a seu caráter dinâmico, processual, multiplicando de pontos de vista nos desdobramentos das imagens por associação. Coloca os seus participantes em estado de sincronismo, cria uma identidade coletiva que os distingue de quem não participa. É esta uma ação que engloba pessoas na comunidade. Multiplicam, criam novas formas e ordenações de ações. Observa-se, na atualidade o incremento das facilidades para interações entre os indivíduos, ainda que a priori sejam pertencentes a comunidades distintas.

O sentido do Ser na comunidade é algo que se repete nas colocações de Heidegger, uma condução ao enigma ontológico da movimentação do acontecer em geral. Nas imagens, faz-se necessário fazer do Ser outro Ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando ilimitadamente, desencadeando em imagens tudo que participa e atribuindo forma a cada uma delas. São processos que criam, multiplicam e podem ser classificados como imagens que se organizam em outras formas de consciência.

Da imagem como informação, transferência, escuta troca, compartilhamento, diálogo e interpretação podem vir contribuições para se fundamentar as visualidades na atualidade, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais e tecnológicos. Podem-se incluir aspectos relevantes nesta discussão a partir das ideias sobre as diferentes maneiras que o Ser, o "Eu" e o "Outro" se fazem presentes nos processos que aproximam consciência e horizontes.

Pode-se dizer que se trata de um sujeito diante de outro sujeito, em um processo contínuo de intersubjetividade. Estar próximo ou distante, no tempo e espaço, são problemas existenciais no contexto atual. Conviver e viver ganham novas dimensões por meio do uso massivo das tecnologias, exemplificados os seus usos nas redes sociais. Destas relações que são travados novos tipos de trocas com consequências ainda imprevistas, envolvendo a intimidade, a impossibilidade e a pessoalidade como relações sociais. É de esse Ser em transformação que surge o "Eu" para um "Outro", é desse "Outro" que sou eu mesmo que se estabelece múltiplas mediações, principalmente através das imagens que os sujeitos produzem e nela se reconhecem. Assim, a cultura é o reflexo do sujeito que age e interage consigo mesmo e com os outros. A cultura como sistema é o limite máximo da Razão. É neste sentido, como aponta Kant, que se faz necessário um duplo combate contra o empirismo puro, tão intenso quanto o racionalismo dogmático. Deste modo, a imagem como cultura deveria ser entendida em vários sentidos que completam as dimensões do humano: a cultura como astúcia, cálculo e desvio (Kant, 2001).

Pode-se colocar a centralidade nas discussões sobre a importância que a experiência sensível representa para a imagem que é também linguagem ao se manifestar, estabelecendo o encontro de dois mundos com desdobramentos imprevisíveis, transformadores e enriquecedores entre os participantes do processo de produção. É na capacidade de troca que o Outro se faz presente ou se apresenta. Esse Outro ou Outros como convivência e vivência, próximos e distantes no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, devemos levar em conta os antecessores como resgate, como dívida. Pensam-se ainda nos sucessores, que como promessa, sofrerão as consequências das ações, decisões de cada iniciativa.

Quanto ao espaço, fala-se dos contemporâneos, próximos e distantes, íntimos ou impessoais ou no anonimato como sendo relações intrincadas que aplicam à imaginação, e não considerar tais complexidades seria fazer uma análise simplista. Difícil seria não colocar o humano com suas buscas e questionamentos no centro. Na verdade, o humano traz de volta as relações sociais que poderiam ser traduzidas na trajetória sensível repleta puramente impressões sensíveis: o Outro que pode estar à nossa frente ou ao nosso lado. O Ser, o Outro que está em nós. O Ser, o Outro que somos nós mesmos. Nós mesmos que somos Outro, o Ser. Esse Outro, O Ser diverso de nós mesmos, somos nós mesmos. O Ser, o Outro, mas o mesmo. O mesmo, mas o Outro Ser.

Neste jogo de imagens sobre o Outro, percebe-se um processo ativo e profundo da consciência transcendental. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, seria difícil pensar a essência fenomenológica das imagens. Os múltiplos sentidos gerados no processo de conscientização não iluminam os problemas que afetam os nossos sentidos. Esclarecem-se as dúvidas. É no ato de concretizar as imagens que se descobre o que se quer dizer. Como escolher entre os vários sentidos que mais se aproximam da imagem como essência?

Há a necessidade de se entender o Ser como o Outro, o Ser que está presente em todo ato provido de significação verbal, oral, impresso e visual. É evidente que se pode mostrar imageticamente algo. É uma tentativa compreender as interpretações divergentes, porém, fazendo parte de um projeto que pressupõe intenções intercaladas, em um jogo de informações explícitas e implícitas. Encontrar significados divergentes diz respeito à autonomia da imagem. O que ela quis significar pouco importa.

As imagens veiculadas se desprendem das intenções, ganham autonomia. O que se tenta é dar significados, independe do autor. Lê-se o que está organizado como informação. Verifica-se se há um abismo entre os dois: o autor da imagem e a leitura do que foi produzido por ele. Não há controle das suas intenções sejam elas quais forem.

Deste modo, reconhece-se a diferença dos tipos diferentes de imagens e suportes. Na troca concreta, é possível esclarecer as dúvidas. Dizer com outras palavras, de outro modo. Já na escrita, o leitor interpreta a seu modo. A imagem está ali, organizada e aberta às boas e más leituras. A tarefa do participante é objetiva e ao mesmo tempo ativa. É ele que dá vida à imagem e a faz falar, a seu modo. E nesse falar pressupõem-se todas as brechas possíveis. Há uma troca. É a interação do leitor com a imagem. Há, portanto, uma briga entre os dois, estabelecendo uma relação de consciências. Por outro lado, pode-se prever a imposição do leitor da imagem que aproveita de sua suposta condição de ser agente.

Se a leitura de imagens, enquanto troca, acompanhasse as ações, os acontecimentos e as experiências do Ser, seria imperioso tomar cuidado de não se fechar em apressadas conclusões de que tudo é leitura e, em decorrência todas seriam válidas. Há forças alheias à imagem lida, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar as leituras de imagem. Neste sentido, pode-se falar de ideias autônomas

presentes nos roteiros para audiovisuais: a do autor do roteiro e a do diretor com todas as nuances que o conceito requer.

Independente do medium, a materialidade visual é base para a concretização da imagem. Isto quer dizer que seu pensamento é, na verdade, uma dinâmica sequencial envolvendo a imagem, abrindo caminho para um completo diálogo com a filosofia, formando a base para determinar a imagem como tradução da consciência.

Explicitamente, há um elo que liga a imagem à consciência, sem esquecer objetivamente da tradição e da historicidade que estes processos comportam. Por exemplo, o contexto do século é rico em experimentações e é justo o lugar ocupado pela imagem, pois conseguiu eleva-la a outros parâmetros que ultrapassaram a simples ideia de imagem, estabelecendo procedimentos metodológicos de abordagem de temas próximos ao racional e irracional. É importante ressaltar, não haver nenhuma gramática universal da imagem que possibilite entender e compartilhar completamente os universos mentais. Deveria fazer sim, um esforço que supere as diferenças entre as abordagens.

Portanto, a imagem deve ser entendida e fundamentada na filosofia, como fizeram os estudiosos da psicologia. Outra influência importante das ideias sobre valor diferencial Ser para fundamentar um processo rigoroso aplicado aos modos de ordenar as imagens, adaptáveis aos novos tempos, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Acreditamos que classificar o pensamento imagético como tipologia pode ser enriquecedor. Podem-se rever inúmeros autores, citações e fazer análises, mostrando possibilidades e também um aprofundamento crítico dos modelos de imagens que se compõem em múltiplos sentidos, fazendo antecipações em relação a uma realidade inevitável imposta pelos media. Esta é, na verdade, uma atualização do modelo de imagem, que marcará rotas e direcionará definitivamente outros caminhos teóricos.

Já as mudanças do pensamento filosófico sobre o Ser-no-mundo terão importância fundamental na dinâmica da imagem que se estabelece nesses debates. O Ser e o Tempo é uma questão existencial, é uma consciência “realizante”, mas que faz o Ser existir, como um intruso no mundo, que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre imagem, imaginação e imaginário.

Esta mesma projeção volta-se às estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de uma realidade em mutação. Para a existência é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos culturais, sígnicos e históricos. É dessas ponderações que poderíamos aplicar a ideia de Sartre sobre a tipologia de existência do objeto, ,pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a performance de objetos reais e objetos imaginados.

Difícil não associar todo esse processo à existência, pois, o sentido de percepção tão raro à imaginação se repete na necessidade de colocar a realidade como um conjunto sintético a ser apreendido, independente das tecnologias e do número de pessoas envolvidas. Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada realidade que se interceptam. Toda apreensão envolve as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para circunscrever e motivar ou participar do jogo.

Perceber mais elementos ou menos elementos da mesma imagem, por exemplo, já determina os limites do universo de cada uma das impressões sensíveis concretizadas nas imagens. É nesse esforço que entram no jogo as trocas repertoriais necessárias, o cogito cartesiano como modelo racional ganha espaço, o objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo. Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo consciente que surgem novas possibilidades de atualização, correção e autocorreção dos pressupostos conceituais.

São inesgotáveis as possibilidades de dar sentidos ao que se pretende extrair das impressões, acrescentando as repetições que fazem parte do jogo imagético. A “consciência que permanece no mundo”, daquilo que precisa ser apreendido sensivelmente, é para a imagem finito, porém, não se esgota e se revela apenas no aparecimento momentâneo da imagem que ordenadas carecem de Protocolos específicos, “tanto como ultrapassagem do real” quanto como “valores ou qualidades”, são questões abertas, evitando sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade. O jogo é fazer emergir o que precisa ser apreendido como imagem, não eliminando e superando o intuitivo, nem mesmo as distâncias temporal e espacial presentes em seu conteúdo. Neste sentido específico, as imagens são um tratado da percepção. Conhecimento e experiência revelam a essência do ser que caminha em uma determinada direção. Nesta ação há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na

herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade do. “O método é simples: produzir imagens, refletir sobre essas imagens, descrevê-las e tentar determinar e classificar seus traços distintivos

À dimensão das imagens já existentes, acrescentam-se justificativas na tentativa de delimitar os objetos, mesmo considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de circunscrever as imagens. No contexto contemporâneo, a práxis como aplicação da ciência, pressupõe escolhas que são decisões difíceis. O entrave maior está no caráter infinito da ciência que se contrapõe ao imediato da práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do saber sobre o humano e o mundo, pois parte da ciência moderna se traduz em experiência imagética.

CONSIDERAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS- NO CAMINHO DO MEIO

Algumas questões que tratam das imagens colocadas em sequência ou deslocadas de seus contextos, crises sobre analogia entre imagem e percepção e este último como modelo de matéria sensível, exige explicações contextualizadas. No entanto, é importante salientar que o acúmulo de práticas, de ideias embasadas nas questões filosóficas resgatam Platão e Aristóteles que, ao proporem o uso livre da razão e do intelecto, ressaltando o mundo da técnica com seus desdobramentos e contradições, pode ser aplicado às atividades perceptivas.

Enfatiza-se o aumento da presença das imagens como conhecimento do mundo e de quase todas as atividades humanas, relacionadas ou não às maquinas que pode significar o retorno do sentido de prolongamento da percepção. São discussões necessárias para se pensar a imagem nos dias de hoje, envolvendo, obviamente, os estágios atuais do mundo digital, memória e inteligência artificiais amparadas pelas tecnologias. O tema da imagem como memória e apreensão sensível ou uma espécie de máquina de memória insuperável e instantânea como fazem atualmente as máquinas digitais: armazenar, prolongar e reter a memória humana. Neste sentido, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana. À proposta de se pensar as imagens como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos, pode-se acrescentar também a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e ainda, instituir diálogos entre as artes, ciência e a tecnologia. Assim, resgatamos alguns pensadores que, ao fazerem colocações sobre suas

propostas , deixam implícita a necessidade de isenção de preconceitos, contra a generalização apressada, típica da natureza humana. Estas observações sugerem muito cuidado e atenção especial às imagens recebidas e adaptadas aos modos de apreensão, na precisão do entendimento e no uso da linguagem. Assim, chamamos atenção para a necessidade de se desenvolver experiências específicas para se entender a imagem neste novo século.

As teorias que acompanham as imagens tentam negar qualquer lógica como princípio nas análises científicas da imagem, podendo considerar tudo: insights, intuição, imaginário, imaginação, sensação, apreensão.

Neste sentido, foi importante e necessário acompanhar os relatos de Piaget e Inhelder e ao mesmo fazer uma leitura atenta da profusão de discussões e metodologias como atividade constante rumo ao entendimento e conhecimento dos processos que envolvem a imagem. Metodologicamente, descobriu-se que existe uma relação estreita entre imagem e cultura, por tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas, nas trocas, presentes nas imagens eidéticas.

Por isso mesmo é que se estabelecem os estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente às imagens, completando os seus vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da imagem pensada como imaginação e como cultura. Busca-se reunir as diferenças culturais e suas especificidades como justificativas no aprofundamento das discussões sobre imagem, incluindo as contradições observáveis na arte abstrata contemporânea. Lembremo-nos dos caminhos sugeridos por Italo Calvino ao associar o pensamento do século XX as Artes e às grandezas e valores como uma tradução possível e feliz para o século XXI.

Portanto, para se estabelecer caminhos com vias diretas da filosofia alemã às discussões sobre imagem que já eram profundamente travadas no contexto do século passado cujos reflexos teóricos e metodológicos são sentidos em relação às imagens e sua produção e reprodução tecnológica como processo sensível constante. No atual universo das imagens, os efeitos no Outro que é o Ser, são o nosso principal interesse em reavalia-los e justifica-los como apreensão em seus muitos sentidos, valores, modos de produção e interpretação.

REFERÊNCIAS

Aristóteles. (1964). Arte Retórica e arte poética. Difusão Europeia do Livro.

Aristóteles. (2002). Metafísica. Edições Loyola, vol. 2.

Calvino, I. (1990). Seis propostas para o próximo milênio. Companhia das Letras.

Eco, U. (1994). Seis passeios pelos bosques da ficção. Companhia das Letras.

Figal, G. (2007). Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia. : Vozes.

Frasse, P; Piaget, J. (1969). Tratado de psicologia experimental. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense.

Gadamer, H. G.. (2005). Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Editora Universitária São Francisco.

Gadamer, H G.. (2007). Hermenêutica em retrospectiva: A posição da filosofia na sociedade. Vozes, vol. IV, (Coleção Textos Filosóficos).

Gumbrecht, H. U.(2010). Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

Heidegger, M. (1992). A origem da obra de arte. Edições 70.

Heidegger, M. (1995). Carta sobre o humanismo. , Tempo Brasileiro .

Heidegger, M.(1991a). Introdução ao Que é Metafísica?". Retorno ao fundamento da metafísica In: Heidegger, M. Conferências e escritos filosóficos. Nova Cultural (Os Pensadores).

Heidegger, Martin.(1988) Ser e Tempo.: Vozes, 1988.

Heidegger, M. (2006). Ser e Tempo. Vozes: Editora Universitária. São Francisco, 2006

Heidegger, M. (1991b) A determinação do ser do ente em Leibniz. In: HEIDEGGER. Conferências e escritos filosóficos. Nova Cultural (Os Pensadores).

Heidegger, M. (1991d). Que é isto, a filosofia? In: HEIDEGGER. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores).

Heidegger, M. (1991c). Sobre a essência do fundamento. In: HEIDEGGER: Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural (Os Pensadores).

Heidegger, M. (2002). A questão da técnica. In: Ensaios e conferências. Vozes .

Heidegger, M. (1983). Hegel e os Gregos. In: __. Heidegger. Conferências e escritos filosóficos. Abril Cultural (Os Pensadores).

Heidegger, M. (2005). La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo. Herder Editorial.

Inwood, M.(2002). Dicionário Heidegger. Jorge Zahar Editor.

Jiménez, J. G. (1993). Narrativa audiovisual. Ediciones Cátedra.

Kant, I. (2001). Crítica da razão pura. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Loaric, Z.(1995). Ética e finitude EDUC, 1995.

Mansion, Filosofia primeira, filosofia segunda e metafísica em Aristóteles. In: Zingano, M.(org.). (2005). Sobre a metafísica de Aristóteles: textos selecionados. Odysseus Editora.

Nunes, B. Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger. Ática, 1992.

Piaget, J; Inhelder, B. (1979). Memória e Inteligência. Editora Universidade de Brasília; Editora Arte Nova.

Platão (1979). Diálogos. Abril Cultural.

Platão. (1996). A República. Fundação Calouste Gulbenkian.

Rodi, F. (1994). O conceito de Dilthey de estrutura dentro do contexto da ciência e da filosofia do século XIX. In: Amaral, Maria Nazaré de C. P. Período clássico da hermenêutica na Alemanha. Editora da universidade de São Paulo.

Sartre, J. P. (1996). O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação. Editora Ática.

Sartre, J. P. (2011). Esboço para uma teoria das emoções. P&PM Pockt Plus

Stein, E. (2005). Seis estudos sobre “Ser e tempo”. Vozes.

Vattimo, G. (1996). O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. Martins Fontes, 1996.

2.13 O SER COMO MÍDIA E AS OBSOLESCÊNCIAS NO MAL-ESTAR TECNOLÓGICO: SOBRE OS PROCESSOS DIGITAIS.[25]

INTRODUÇÃO

O ***SER*** como mídia corresponde às indagações mais importantes do século XXI quando se avaliam os processos digitais. Entender a mídia na atualidade é entender o momento. O termo mídia nas ideias de Günther Anders soa como um estrondo, com um poder transformador e ao mesmo tempo imensamente destrutivo. Algo como uma "bomba atômica". Este caráter destruidor e transformador serve para avaliar a tecnologia no nosso contexto, no nosso mundo atual. Não é só a tecnologia como ferramenta ou extensão do ser humano como disse o velho McLuhan. É muito mais que isso. É a construção do conceito de mídia que provoca um mal-estar, pois nos obriga a entender e a pensar sobre o estar vivendo um novo mal-estar, diferente daquele que Freud pressentiu no século XIX.

Após as explosões da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, "a morte foi a linha limítrofe do comparativo: não se pode estar mais morto do que morto e não se pode tornar alguém mais morto do que morto" afirma categoricamente Anders. Neste trauma tecnológico , o **SER** se constrói e se transforma a todo instante. Ele capta tudo como fosse uma esponja. O corpo do **SER** é mídia, tendo como centro catalizador o próprio ***SER,*** incerto e mutante, a começar e a terminar no **SER,** certo somente ao nascer e morrer. Este ser humano e maquinal utiliza de instrumentos de domínio sobre o Outro que pode ser ele mesmo e os exemplos desta dominação estão nas palavras e nas ações que se sobrepõem, se confundem e interferem no todo como a própria mídia. São estas e tantas outras ações que tornam nossa extinção possível. É a concentração de poder em vez de sua distribuição igualitária, sem equilíbrio.

Portanto, a tecnologia e seu poder totalitário regem a vida e o futuro da humanidade. Neste sentido, as novas mídias como tecnologia, no entender de Lev Manovich, carecem de várias definições. Este autor obcecado pelas tecnologias computacionais utiliza-se da hermenêutica para destrinchar as diversas variações possíveis deste mesmo conceito de Mídia. Nestas variações, as relações do homem com as maquinas computadorizadas se constituem no o estudo dos vários fenômenos sociais associados à internet e outras novas formas de

[25] Texto publicado In: Jesús Flores, Gloria Rodríguez Garay e Jacqueline Oyarce. (Orgs). Aveiro, Portugal : Ria Editorial, 2022, v.01, p.14-32.

comunicação em rede. Estes exemplos que abrangem trabalhos que incluem as comunidades on-line, os jogos com múltiplos jogadores on-line, questões da identidade on-line, a sociologia e a etnografia do uso do e-mail, o uso dos telefones celulares em várias comunidades, as questões de gênero e etnia no uso da internet. A conceituação de mídia, enfaticamente, deve-se dar nos fenômenos sociais finais e não nos "novos objetos culturais capacitados pelas tecnologias de comunicação em rede".

Nesta análise do conceito de mídia, nosso propósito neste trabalho é o de selecionar algumas das ideias e analisa-las como objetos culturais e produtos do SER que também podem ser consideradas como mídias indissociáveis de seu criador. No entanto, é preciso redefinir e determinar se estes objetos culturais podem ser redimensionados nos processos de apropriação e nominados como novas mídias digitais. Neste sentido, as obras culturais carecem de uma descrição melhor para que se possa realmente definir o que são esses objetos culturais. Se estes mesmos objetos são Mídia, mas sem generalizar, pois Mídia não é tudo e aquilo que é tudo, acaba não sendo nada. Por outro lado, o conceito mais clássico de Mídia como transporte nos leva a fazer um uso quase aberto deste conceito que pode ser aplicado a quase tudo: da cultura à arte, dos jogos narrativos aos fluxos e compartilhamentos, abrangendo praticamente toda atividade como o resultado das intervenções humanas. Assim, pode se dizer que as “novas mídias” são processos que usam as tecnologias computacionais e digitais para distribuição e exposição nas novas mídias como metamídia. Por exemplo, na internet, nos sites, na multimídia, nos jogos de computadores, na realidade virtual, nos efeitos especiais gerados por aplicativos computadorizados. Com exceção aos produtos culturais que usam a computação para a produção e armazenamento, mas não para a distribuição final. Portanto, não são considerados “novas mídias” programas de televisão, filmes, revistas e livros.

O SER COMO MÍDIA OU UMA HERMENÊUTICA MIDIÁTICA

O conceito do SER como algo isolado como Mídia foi iniciado implicitamente por Heidegger e também por outros filósofos que o seguiram, mas sem superar as elaborações heideggerianas. O fundamento de Heidegger é o conceito de Dasein como o ser-no-mundo para-a-sua-morte. É o SER como compreensão e diálogo que se torna mídia no sentido pensado, por exemplo, por Ricoeur, seja como Texto ou como obra ou por quem a produz. A mídia é como se fosse um sujeito autônomo que surge no pensamento crítico contemporâneo, que juntamente

como o conceito de método, conquista o domínio do saber que acaba por se constituir como científico. Este SER é mídia porque absorve o que está no seu contexto, armazenando e transportando as informações, as culturas e todas as "energias" que estão a sua volta.

É nesse sentido crítico que a hermenêutica emerge como questão filosófica para interpretar, entender e explicar esse processo. Deste modo, ser e tempo publicado em 1927 é uma obra incompleta, mas mesmo assim paradigmática. Ela foi planejada para ser efetivada em duas partes, cada uma com três seções. No entanto, só concluiu as duas primeiras seções da primeira parte, que formam um total de 12 capítulos e 83 parágrafos, que objetivam retomar a questão do ser e dar-lhe uma resposta concreta, por meio de uma analise existencial do Dasein, que se transforma em uma ontologia fundamental, como uma sobreposição às discussões notoógicas anteriores que se caracteriza pelo esquecimento do ser.

Nesse sentido, o aspecto de projeto que se caracteriza como um texto incompleto deve ser lido não somente como um projeto, mas como algo que ainda será realizado, indicando também a incompletude do ser que se transforma continuamente em direção ao ser como mídia que se traduz em direção ao contexto. O ser com o mídia se estrutura hermeneuticamente, na mesma base de Ser e tempo, como mostra Ernildo Stein (2005, p.13-14), em seu livro Seis estudos sobre "Ser e tempo", que são, na verdade, seis teses como seguem: 1) a questão ontológica fundamental: o sentido de ser; 2) o recurso a Dasein; 3) Dasein é ser-no-mundo; 4) ser-mundo é cura; 5) cura é temporalidade; e 6) temporalidade é ekstática. Ressaltamos que essa divisão determina e sistematiza a estrutura das teses de Ser e tempo, mas não como estrutura hermenêutica, ultrapassando o conteúdo de Ser tempo.

A estrutura do Ser como mídia no texto de Ser e tempo exige a necessidade de se fazer uma revisão da relação do autor com a Aufklärung, determinando o pensamento especialíssimo empreendido por Heidegger, caracterizando-se como matéria e pertencimento à Aufklärung que acaba por mostrar, fenomelogicamente, o Jovem Heidegger, anterior às elaborações de Ser e tempo, na determinação do projeto de Ontologia Fundamental de Heidegger como Interpretação minuciosa que resgata como parte e como todo seu pensamento ontológico. É nesta Ontologia que determina a estrutura do Ser, em que aparece a sua forma originária. No entanto, o mais importante foi o aparecimento do projeto de Ontologia fundamental, cujo centro é Ser Tempo.

Pensar ontologicamente este ser como mídia que está em Ser tempo, no âmbito da discussão do sentido de mídia, do ser em geral e de suas possíveis derivações que se poderá

conceituar, de forma suficiente, no contexto contemporâneo. Esta conceituação não é suficiente para se resolver todos os problemas que surgem na cotidianidade, mas toda a análise do "Dasein" não se torna suficiente como sentido do ser em geral. De maneira específica, mesmo que Ser e tempo abarcasse conceituações mais amplas sobre este enigma, ainda seria insuficiente e a análise provisória. Há a necessidade, portanto, de se retornar, de modo mais radical, ao sentido do ser em geral, do mesmo modo que este retornou no livro Ser e tempo, no cotidiano, com o sentido de ser com sua capacidade de transformação e atualização continuamente.

No pensamento de Heidegger, o próprio autor diz que os esforços de se fazer análise existencial visam a uma única meta de encontrar uma possibilidade de responder sobreo sentido do ser em geral na busca do sentido de ser em geral como transparência do Dasein se repete, constantemente, em todo o conteúdo de Ser e tempo como forma aprimorada e acabada que tem o propósito de expor e conduzir ao enigma do ser como acontecimento e movimentação ontológica de maneira geral.

Nesta busca por uma definição, mas ampla, há muitas obscuridades que não diminuirão enquanto não se explicitarem as possíveis dimensões de um conjunto de indagações mais adequadas para se explicitar o enigma de ser e do enigma de sua essência em constante transformação. Este enigma que se constitui em uma Ontologia que fala de um projeto maior que situa o Ser como mídia como indica o próprio Heidegger no projeto de sua Ontologia fundamental. Neste sentido, a mídia como conceito ambíguo, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizada. Isto porque as práticas midiáticas não estão isoladas de todo um conjunto de outras práticas como aquelas que resultam de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de mensagens. No entanto, no contexto atual, pouco importa a ordem linear que é apenas uma maneira didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que a faz crescer entropicamente sua complexidade. Desta maneira, o conceito de mídia e também suas construções já amadurecidas nos últimos trinta anos estão sob o impacto da obsolescência instantânea em mutação contínua. Assim, sugerimos aqui que talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas.

Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, ainda não nos damos conta de que nem todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica, não foram assimiladas e o quanto as relações entre as pessoas e destas com o

mundo mudaram. Portanto, nosso objetivo é discutir as questões relacionadas à mídia que não podem ser dissociadas da produção de conteúdos simbólicos dos sistemas midiáticos e sociais e, mais ainda, das mídias como instituições dedicadas a priori a esse fim. No entanto, acreditamos que não se pode dizer de maneira generalizante que todas as transformações têm uma relação imediata com o Ser reconhecendo que este é um medium usado nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação artificial da mídia de forma paradoxal, quando se pensa, por exemplo, em sua veloz evolução e processo humano de apreensão ainda é limitado, e que esta é uma realidade a ser justificada teoricamente em longo prazo.

Sabemos ser o desenvolvimento midiático consequência dos aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento que as mídias inventam estratégias como mecanismos de sobrevivência no sistema aberto em mutação. Estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pensadores dedicados a esmiuçar os processos ou no caso específico da comunidade acadêmica preocupada com os ambientes construídos pelo homem e o que este faz de si mesmo e com os outros. Importa dizer de maneira geral que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização dos processos midiáticos, seja como tradição, civilização ou conduta habitual. Assim, o homem contemporâneo enfrenta não somente as mudanças midiáticas, mas ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento e continuar a manter viva a sua produção como memória. Não é simplesmente instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve novas mídias como registro, preservando ao mesmo tempo a sua herança pessoal e alienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, são necessários para entender como a mídia constrói e reelabora novos meios de ações e interações de maneira alternada, entre corpo em imersão com todo o aparato midiático-tecnológico. Impõe-se ao homem um novo ambiente e a novos tipos de relações.

Neste contexto tecnológico do século atual, quando a mídia ganha outras dimensões, resultando em produções dirigidas às várias formas de apreensão, Martin Heidegger, ao mostrar uma atualização do conceito de Ser, o situa como apenas uma ideia, uma ideia porque está

sempre em crise no enfrentamento das transformações impostas que mudam outros dois conceitos: homem e natureza. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem caminho e sugerem respostas a uma prática midiática comum ou que se almeja comum. Este processo é socialmente construído com a participação efetiva do Ser que experimenta existencialmente ou de como se quer conceituar o processo como diversos modos de viver juntos, sem confundir os problemas perceptivos, considerados relevantes à contribuição dada pelos teóricos midiáticos neste aspecto.

Tanto o conceito de Mídia como o conceito de Ser midiático leva em conta práticas midiáticas, em uma relação do indivíduo em conexão que atribui significados e dá sentidos subjetivos a esses laços e está em relação contínua aos outros. Este compartilhar valores e crenças significa construir representações do mundo. Compartilhar de maneira intensa ate chegar ao ponto de construir perigosamente uma sociedade sincronizada a custo alto da construção de um pensamento único. Este caminhar no sentido único de uma homeostase que caracteriza um sistema social fechado cuja destinação seria a sua própria morte.

Este modelo insistirá no banimento ou supressão de qualquer pensamento dissonante, rotulando seu próprio proponente como indivíduo indesejável ao grupo e, bem pior, de aberrante em seu comportamento. A fragilidade da condição do ser impõe a necessidade de reconhecimento fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão. Por exemplo, a exclusão não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação negativa da rejeição. O anonimato compreendido como falta de reconhecimento ou isolamento não apenas dói para aquele que se crê não inserido em um grupo, causa danos às vezes além do limite do suportável.

É neste contexto que o conceito de mídia transita entre as várias tecnologias emergentes, provocando uma aproximação entre as produções e os processos multimidiáticos, tornando-as praticamente indissociáveis de uma estreita relação biunívoca Ser e mídia. A ponto de podermos dizer não ser possível à existência de um sem o outro, sendo esta a substância catalisadora nas relações entre o Ser cuja resultante seria a mídia que é também o ser. O clássico conceito de interação através de mensagens explicita uma troca mediática com características próprias que deve ser analisada em seu contexto. O conceito de troca diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas num processo midiático em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um aproximamento próprio desse novo processo. Atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo,

compreendê-lo e efetuar trocas. Este é o “mundo da vida” onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações mediadas entre pessoas.

O que seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões permitem aplicações no mundo midiático, revelando a interface Ser-máquina. Neste mundo, torna-se necessário observar as relações mediadas tecnologicamente indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das experimentações pode-se compreender que o mundo midiático se caracteriza pelo conjunto de novos *habitus* e de novas condutas, presentes nas principais preocupações sobre as atividades existenciais humanas. Os indivíduos repetem as mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita por introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A mídia de maneira geral e as práticas estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, ao praticado como experiência original. E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar e atualizar as ideias e as ações.

Há uma mistura de experiência entre o que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pelas mídias, entendido em sentido amplo, que permite ações, interações e troca de experiências e também de consciência dessas mesmas transformações. Comparativamente, o processo midiático pressupõe elaboração e codificação consciente e intencionada que resultam em produtos, em que diferente do modelo clássico linear, participa como jogadores que compartilham o mesmo código.

Na atualidade, os processos midiáticos estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos. Por isso, sempre aparecem novas formas de ação e interação no mundo social. Ressaltam-se é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais e como consequência, a predominância das tecnologias. A consequência está no aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com os processos midiáticos se devolvem concomitante, em consonância à capacidade de se intervir, recriar, influenciar ou mudar de posição.

A mídia neste estágio característico de nossa atualidade continua mais intensamente a sofrer os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, muito mais efêmeras. Deste modo, as características dinâmicas das conexões técnicas tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações do ser com a mídia.

Observa-se que os processos se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de troca fugaz ao sabor de modismos como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos. O modo de vida do ser no cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo "intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros". Este é o mundo do ser midiático, um mundo comum onde impossivelmente não pode haver comunhão.

No entanto, no mundo das realidades face a face, dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade das trocas é a das novas mídias como seus objetos culturais midiatizados, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem mediadas tecnicamente. É desta mídia em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido da presença. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora o contexto digital.

Deste modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de presença. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse ambiente compartilhado que surge o Ser como um agora fenomênico: As pessoas que participam desse ambiente midiático são dadas umas às outras, não como objetos, mas como contrassujeitos, como consócios simbólicos (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas".

Salienta-se que as relações interativas são verdadeiras construções midiáticas. Trata-se de um ambiente composto de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de seres e de mídias.

Neste contexto teórico, as ambiguidades do conceito de mídia podem ser justificadas. A mídia adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar

compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abri para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente "real". As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste sentido, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sígnicas como espelhos das dimensões midiáticas.

A mídia e os objetos midiáticos ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuanças em todo o processo. Do mesmo modo, tornam-se inseparáveis mídias e objetos culturais. Os debates são intermináveis a este respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho para se pensar as mídias como categoria teórica. Dispensa-se a análise do sentido midiático nas relações em que há várias mídias e vários códigos. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo midiático ou mediação como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias sobre o ser e as mídias formam um arcabouço teórico em que os processos de trocas superficiais se misturam e não se diferenciam dos dados do ser midiático. São justificados tendo como base a teoria existencialista de Heidegger, aproximando-se a processos sígnicos, como a visual, verbal, oral, gestual, culminando com a mediação das relações indiretas que premonitoriamente serviria aos processos mediáticos que faz o ser aparecer.

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Heidegger desenvolve em suas teorias conceitos amplos de tempo e de aparição do ser para discutir o que é visto como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos a trocas. Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento do conceito de mídia como transporte, como por exemplo, as indústrias, sem esquecer-se das mídias hegemônicas como comércio ideológico das ideias e de bens materiais, antes ainda das relações de troca corpo a corpo até chegar à contemporaneidade com as trocas digitais mercantis.

O conceito de mídia como ser no tempo de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discuta hoje os vários termos que compõem o conceito de mídia,

considerando-as características essenciais da imediaticidade moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova mídia. Neste contexto, carecem ser encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem os objetos a mídia imbricados, em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando a descrição como forma, para atingir o conhecimento despretensioso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas técnicas midiáticas e dispositivos de criação de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo midiático e ao mesmo tempo com a tradição, estabelecendo pontes e a tecnologia viva faz forçadamente as relações intermidiáticas (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma "desconstrução" involuntária. A fragilidade do ser se faz visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascará-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar ao Ser multiforme, instável e desestabilizado, caprichoso e cheio de surpresas.

Portanto, o conceito de mídia não significa mais regularidade e padrão, como queriam os pensadores da técnica. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis. Muitos veem este estágio como um impulso negativo. O conceito é visto como um conglomerado multmidiático. Ressaltam-se inúmeras mediações: mediações físicas - face a face, mediações mentais e de trocas mediadas por hardwares. São processos com interações, mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Há que se construir uma metodologia que dê conta da continuidade e descontinuidade que acompanha a mídia, seja como estética e como tecnologia. Paralelamente o mesmo deveria acontecer com as teorias que tentam justificar e explicar as mídias, sem esquecer as origens religiosas do conceito de Teoria que inicialmente tinha valor de contemplação, ligando os elementos à teoria, práxis e ao conhecimento.

CONCLUSÕES CIRCUNSTANCIAIS

O nosso propósito foi o de mostrar que vivemos uma crise nos conceitos de mídia. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos especialmente aos conceitos de Tecnologia e Mídia. A Mídia, embora consolidada como conceito, principalmente pelos filósofos da técnica na atualidades, carece de revisão constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudam-se os processos e consequentemente as pessoas. Já a mídia está em pleno processo de construção.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos que se quer científico. Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: "[...] Eu com o mundo em torno" (2010, p. 19). Em termos gerais existe o problema da mídia que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre os objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. "Nosso sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente" [...] (ibidem). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o "ser" também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo midiático nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o mundo das representações e o mundo da mídia, por exemplo. O mais interessante é o paradoxo segundo Freud: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo. Há ainda o problema da verdade absoluta que em uma área em processo não consegue lidar com as variações, por estar à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da mídia, ainda não há consenso sobre o conceito de meio ou mídia que é plural e muito menos do ser como mídia, embora, nos seja impossível dela prescindir visto que atados todos estamos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir.

As flutuações midiáticas são o não equilíbrio que surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da mídia em processo que se multiplica em ramos em que

todas as mídias são possíveis. As comunidades, sinônimo de processos midiáticos, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo da área está em construção, sem delimitação de fronteiras, será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar desta construção, e dela participam todos de uma ou outra forma, inda que não queiram. Pensa-se aqui no poeta John Donne que nega o isolamento: “Nenhum homem é uma ilha isolada”.

Seria essa a fragmentação que multiplica tudo, podendo ou não levar ao nada, ao vazio?

REFERÊNCIAS

ANDERS, Güther. La obsolescencia del hombre (Volumen I): Sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial. Valencia, Pre-Textos, 2011.

ANDERS, Güther. La obsolescencia del hombre (Volumen II): Sobre la destrucción de la vida en la época de la terceira revolución industrial. Valencia, Pre-Textos, 2011.

ARISTÓTELES. Arte Retórica e arte poética. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1964.

FIGAL, Günter. Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

GADMER, Hans George. Hermenêutica em retrospectiva: A posição da filosofia na sociedade. Petrópolis: Vozes, vol. IV, 2007 (Coleção Textos Filosóficos).

GADAMER, Hans-George. Verdade e método I: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Bragança Paulista , SP: Editora Universitária São Francisco, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2010.

HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. Trad. de Maria da Conceição Costa, Lisboa: edições 70, 1992.

___. Carta sobre o humanismo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

___. Introdução ao Que é Metafísica?”. Retorno ao fundamento da metafísica In: ___. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991a (Os Pensadores).

___.Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes, 1988.

___. Ser e Tempo. Petrópolis: Vozes: Bragança Paulista: Editora Universitária. São Francisco, 2006

___. A determinação do ser do ente em Leibniz. In: HEIDEGGER. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991b (Os Pensadores).

___. Que é isto, a filosofia? In: HEIDEGGER. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991d (Os Pensadores).

___. Sobre a essência do fundamento. In: HEIDEGGER: Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991c (Os Pensadores).

___. A questão da técnica. In: Ensaios e conferências. Petrópolis, RJ: Vozes 2002.

___. Hegel e os Gregos. In: __. HEIDEGGER. Conferências e escritos filosóficos. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

___. La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo. Trad. de Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder Editorial, 2005.

HUSSERL, E. Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006 (Coleção Subjetividade Contemporânea).

INWOOD, M. Dicionário Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

LOARIC, Z. Ética e finitude, São Paulo: EDUC, 1995.

MANSION, Filosofia primeira, filosofia segunda e metafísica em Aristóteles. In: ZINGANO, M.(org.). Sobre a metafísica de Aristóteles: textos selecionados. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

NUNES, B. Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.

PLATÃO. A República. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PRIGOGINE, Ilya. Ciência, razão e paixão. Belém: EDUEPA, 2001

RODI, F. O conceito de Dilthey de estrutura dentro do contexto da ciência e da filosofia do século XIX. In: AMARAL, Maria Nazaré de C. P. Período clássico da hermenêutica na Alemanha. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 1994.

STEIN, E. Seis estudos sobre “Ser e tempo”. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

VATTIMO, G. O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

2.14 O IMAGINÁRIO, IMAGINAÇÃO E NARRATIVAS: ESBOÇO PARA UMA TEORIA DAS IMAGENS.[26]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Analisar as imagens é buscar repostas atuais no contexto do século XXI sobe o que são e em que se constituíram. Jean-Paul Sartre propõe três definições para as imagens: imagens pensamento ou mentais, imagens puras, e um mundo de fatos-imagens, relacionados indiretamente a um pensamento. A ideia central do filósofo é responder, e ao mesmo tempo atualizar os conceitos sobre o que são e como são formadas psicologicamente as imagens. Algumas questões fundamentais: o que são as imagens? São ou não coisas? Suas indagações

[26] Texto publicado na Revista Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social "Disertaciones", v. 13, p.1-13, 2020.

apontaram para definições fenomenológicas de um universo de representações das próprias coisas sensíveis aplicadas às culturas e também às narrativas.

Pensar as narrativas neste resgate das imagens, em seus vários sentidos, principalmente como narrativas, complementa o trabalho, por meio das seis propostas de Italo Calvino, pensadas na década de oitenta do século passado como possibilidades narrativas, que são os seis valores, qualidades ou especificidades: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência.

Dos seis valores literários ou modos de narrar que deveriam ser preservados e exercitados no século XXI, apenas o último, consistência, não foi encontrado ou escrito. Calvino deixou anotações e espaços para alterações. Poeticamente, podemos apenas tratar de suas sugestões gerais e seguir alguns vestígios do que seria ‘’consistência’’ e também das outras grandezas narrativas.

Discutimos sobre o audiovisual no atual século, melhor dizendo, na última década, tendo em conta as ideias de Italo Calvino, reveladoras e antecipadoras do que se considera fundamental em sua proposta à futura construção de narrativas.

Para entender um pouco do audiovisual nos ‘’media’’ hoje deve-se retomar experiências acumuladas ao longo de dezenas de séculos de história da literatura. É o que faz Italo Calvino, que essencialmente revista as literaturas gregas, romanas, ingleses, francesas e italianas seu grande guia.

Esta é a base sólida como modelo para a narrativa audiovisual na atualidade, praticada, testada, constatada e sustentada pelo cinema, televisão e internet, independente das constantes metamorfoses nas narrativas com imagens.

São estes os principais modelos de que trataremos: imagens leves, rápidas e aladas. Objetivamos compreender estas imagens, no sentido hermenêutico e como se organizam nas narrativas. Esta, é, talvez seja, a grande questão do século XXI. Fizemos a transição do século passado para o atual, mas ainda estamos experimentando os efeitos da evolução das tecnologias que continuam evoluindo de maneira mais acelerada, com intervalos mais curtos, provocando imediatismo e simbioses estranhas. Nesta múltipla e ininterrupta atividade de repensar e atualizar os conceitos, estão aqueles que buscam alguma saída.

« A articulação das grandezas narrativas nas literaturas é pensada por Italo Calvino como perspectivas para o atual milênio (Calvino, p.11). Cada um dos seis valores se relaciona diretamente às narrativas audiovisuais, principalmente nas últimas duas décadas do século XXI, mesmo que Calvino tivesse como centro de suas atenções o destino da literatura e do livro na

era tecnológica pós-industrial (p.11), as imagens no audiovisual obedecem aos mesmo preceitos, no que diz respeito à dimensão narrativa que às imagens visuais e acústicas tem para contar histórias, ou nas articulações entre imagens portadoras de história » (Jiménez, 1993, p.13).

A essência do pensamento de Calvino está na organização de um pensamento sobre as narrativas. Não importa se com palavras, imagens e sons, elas devem ser livres, ageis e voar rapidamente. Literalmente aladas, velozes como o tempo, fluir.

São saberes literários que se aplicam às imagens fílmicas, radiofônicas e televisivas. Estes valores genéricos remetem a um sistema de significação específico e adaptável na construção de imagens narrativas. É neste sentido que leveza para Calvino (1990, p.28) está associada à precisão e determinação, nunca ao que é vago ou aleatório.

Nesta construção de narrativas por imagens, há elementos sutis e imperceptíveis: despojamento de linguagem que constrói uma consistência rarefeita. Invenções que se impõem à memória, mais pela sugestão do que pela descrição verbal, mas com alto grau de abstração (Calvino, 1990, p.28-29).

Os exemplos de leveza são abundantes. São invenções que se impõem também ao repertório do autor. São sugestões verbais que serão verdadeiros guias.

Calvino faz um passeio por obras de vários autores, fazendo citações diversas que sugerem um universo leve e ágil: Boccacio, Cervantes, Shakespeare, Lucrécio e muitos outros.

Neste universo de autores, há uma mistura entre as linguagens e as referências metafóricas. É através dos heróis míticos que Calvino constrói seu universo de leveza. Seu propósito é mostrar narrativas carregadas de imagens rápidas e leves, provocar uma reflexão através delas, no atual século. Ele conhecia a realidade do leitor do século XX e esse saber permitia com muita cautela e diversos alertas fazer previsões de como seria o leitor de textos verbais ou não verbais no século XXI. A força do cinema e o domínio da televisão forneciam argumentos e base sólida para imaginar como seria esse futuro leitor. Para esse leitor as imagens deveriam ser rápidas como aquelas que descrevem os heróis da literatura. Esses heróis voam através do espaço, em um cavalo alado, como um pássaro, com os pés ou sandálias aladas ou num tapete voador. Calvino queria o século XXI com a mesma leveza e a mesma rapidez. Esta rapidez literária e imaginária é uma referência direta e inspirada nos modos de vida do século XX. É neste sentido que o texto literário oferece as possibilidades e características de um modelo de narrativa audiovisual, um roteiro técnico mediador nos processos de realização para os *media*. Trata-se, primeiramente de uma velocidade mental, como a consciência de alguma coisa,

colocando a própria coisa como imagem, sejam signos concretos, sentimentos e sensações (Sartre, 1996, p.29). Assim, a narrativa audiovisual do atual século, ao aproveitar a tradição literária, exemplificada na rapidez, modelo ou capacidade de adaptação, como acontece nos transportes e nas informações.

IMAGINÁRIO E IMAGINAÇÃO

Este ensaio tem como objetivo principal pensar as imagens. Esta é quase a proposta metodológica de Jean-Paul Sartre. Há muitos entraves em função de correntes teóricas da psicologia, da fenomenologia e ainda a diversidade de análises feitas por Sartre: imagem e consciência são duas ideias que se complementam.

As imagens podem ser compreendidas a partir de teorias psicológicas, fenomenológicas, filosóficas e àquelas literárias a fornecerem elementos de conhecimento, justificando pensar sobre os aspectos intrincados e abstratos dos conceitos de Imaginação e Imaginário (Sartre, 1996) e ainda sobre as grandezas das imagens e os modos de torná-las concretas e organizá-las como mensagens, no atual século, referência às "Seis propostas para o próximo milênio" de Italo Calvino (1990).

Discutir ideias relacionadas à imagem como processo complexo inclui, na dinâmica das culturas questões cognitivas, espirituais, emocionais e interativas, em sua produção. É o que mostra Calvino.

Pensar as imagens no contexto do século atual, centrado nas ideias de Jean-Paul Sartre e Italo Calvino é nosso propósito, com a finalidade de melhor entender as fases de uma narrativa, antes mesmo de se constituírem em produto, literário ou audiovisual. Há muitos teóricos da imagem. No entanto, optamos ter como centro Calvino e Sartre por trazerem discussões mais pertinentes e nem sempre usuais. São reflexões acerca dos fenômenos que envolvem processos psicológicos e que de maneira sutil e imperceptível interferem nas narrativas, e que nas estratégias de abordagens do objeto como imagem, exigem atenção e tratamento especiais aos problemas.

Kant (2001) dizia que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana. O pressuposto é que as imagens, em especial nas narrativas, podem e devem ser compreendidas também como questão filosófica, pois os eventos e as ações

são elementos centrais no processo narrativo, construído, essencialmente, por imagens em um sentido mais amplo. Alguns elementos que as compõem seriam imperceptíveis por sua condição subjacente às relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos.

Importante dizer que a partir da revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras, foi possível perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social como no político e econômico. É neste sentido que entendemos as imagens, como sistemas de cultura para representar uma das finalidades mais importantes deste século: narrativas com imagens.

A dificuldade de se definir imagem está na constatação de que são processos subjetivos delicados de percepção, instigou-nos a repensá-la como imaginação autogeradora de sentidos sígnicos indeterminados e imprevisíveis, provocando, inclusive, rupturas nos conceitos, suscitando e exigindo uma abordagem do mundo mental que seria parte de outro mundo diverso do percebido que se silencia no universo solitário e particular, circunscrito ao agente da imaginação (Sartre, 1996).

Neste universo, a principal contribuição de Calvino, que consiste na ideia de que a produção de imagem e sua organização, leveza e rapidez, por exemplo, pode ser concretizada na linguagem que atua constantemente como tradutora e mediadora das experiências humanas. Para Italo Calvino, a imagem na literatura se funde na tentativa de transferência de conhecimento para o outro, mas também na participação imediata de Um no Outro, pois só assim é possível perceber o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem, como acontece nas imagens como "consciência de alguma coisa" sartreanas.

De maneira geral, a produção de imagem é abarcada pela imaginação, indica tomada de consciência e, por isso mesmo, impõe pensar sobre as condições em que se realizam. No entanto, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Toda imagem como o equivalente de consciência, pressupõe a construção de sentido único e específico, sem ligações com o "real". É nesse ponto que incluímos os valores e grandezas literárias de Italo Calvino, preconizando a necessidade *sine qua non* do domínio de uma mesma linguagem tanto na produção como na apreensão. Mesmo assim, leveza como valor significa ao traduzir circunstancialmente, usando a linguagem como *medium*, em um processo de atualização espacial e temporal, que possibilita trocas, inclusive, também de consciências, além de muitas outras experiências entre os interlocutores. Mesmo que em determinado contexto e circunstância, o conceito de troca possa ser questionado, ele é essencial.

Outro sentido explorado na literatura por Calvino é o de despojamento da linguagem, implicando reações mais amplas entre os envolvidos. Este debate pode dar-se em várias etapas que envolvem decisões dedicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação, como ocorre entre duas pessoas, também entre os terceiros dessa conversação, dá-se o processo de imaginação que é mais que mera adaptação (Sartre, 1996).

Deste modo, pode-se dizer que a imagem é o *medium* universal e os *media* desenvolve, ordena e aprimora a própria linguagem, seja na forma escrita, oral ou por imagens. Assim, o processo de consciência como imagem é a sua reconversão em linguagem, Sartre classifica esse processo como "consciência compreensiva" realizada através do que foi percebido, incluindo a ideia da fala oral e de sua relevância nos meios massivos.

É importante lembrar que a palavra falada para Platão se constitui como o pensar verdadeiro e, portanto, como imaginação no sentido sartreano, surpreende pelo modo de falar, o tom, a cadência e esta não sofre da mesma debilidade do texto escrito que pode sucumbir a mal-entendidos. É na fala que se dá prontamente a imaginação e que fortalece o sentido do que foi dito (Platão,.1979)

Pensar e imaginar seriam ater-se a um conjunto de intenções possíveis que se revelariam abissais, pois o que realmente foi pensado e imaginado, em sua essência, ficou discreto por redução a uma dimensão mental.

Organizar a imaginação como possibilidade mediadora por meio das especificidades é o que torna concreto o próprio sentido. Por isso, pode-se dizer que por mais eficaz que a consciência imaginativa seja, ela nunca será exata. Apenas parte das intenções seria plenamente atingida. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito (Calvino, 1990).

É possível ressaltar neste processo, a imagem nos jornais, rádio e televisão, incluindo, a complexidade da telefonia móvel, com todas as suas potencialidades, e da Internet que se impõe como base de convergência, ocupando um espaço importante nos estudos da imagem como fenômeno.

Portanto, é neste ponto que poderíamos aproximar, por exemplo, as teorias de Sartre e Calvino, que não reduzem a imaginação a uma simples troca de saberes, mas tentam entendê-la como Fenômeno de Interação, que na percepção o conhecer é lento, mas na imagem é imediato e não seria uma mera transferência, mas pode ser vista, também, como mistério ou como fenômeno inexplicável. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se,

ainda, a imagem como alguma coisa impregnada de muitos sentidos, de uma infinidade de faces.

Independentemente de a imagem ser referência universal para as narrativas verbais ou não verbais, o modelo de Calvino amplia as discussões do conceito para justificar e compreender problemas relacionados às narrativas, entendidas como atos sintéticos. Este autor argumenta e pensa no modo como a narrativa acontece e a enfatiza não como fenômeno físico, mas como fenômeno articulado às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos que Calvino, pensa e emprega as imagens tiradas da literatura, da música e das artes plásticas. Seu objetivo principal especificamente é antever o futuro das imagens no século XXI, independente do conteúdo (Calvino, 1990, p.15). Desse modo, acreditamos que as teorias da Imaginação e do Imaginário de Sartre devem estar situadas mais apropriadamente como uma atitude reflexiva diante das imagens, como é vista na psicologia, muito embora tenha seu lugar, também, no modelo fenomenológico.

Independente de quaisquer protocolos, a imagem está relacionada à percepção da "realidade", aos valores das ações e interações, à construção de histórias que cada um faz sobre si mesmo e do mundo, além de buscar um sentido, mesmo que seja a concretização de uma intuição (Eco, 1994).

As imagens se constituem em processos de imaginação que são também seletivos, isto é, são constituídas como seleção, vale dizer, como consciência de alguma coisa. Portanto, os atos de perceber, conceber e imaginar estão interligados. A distinção entre eles está em três tipos diferentes de consciência. É neste sentido que é mais seguro afirmar que a imaginação só é possível como processo de consciência perceptiva, pois o ato de imaginar, imaginação e percepção são três processos irredutíveis um ao outro.

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir a Imagem a partir do conceito de sociedade da imagem que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a transmissão de conhecimento se dá por imagem traz novas perspectivas de pensar os *media* e estes como seus produtos. Neste contexto, surgem vários modelos para explicar fenômenos humanos diversos como, por exemplo, o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Novas formas de representação, memorização e mimese podem ser repensadas ao mesmo tempo como consciência e como imaginação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos das estruturas psíquicas que designam um conjunto de particularidades

abstratas. Melhor dizendo, o que foi imaginado e o que não foi e ainda o significado de tudo isto.

A imaginação no século XXI não está dissociada da indústria de tecnologia da informação. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais no qual a imagem ganha relevância extraordinária. Há um controle total das imagens, da informação e das pessoas. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente em um mundo de imagens que portam informações em quantidade acima de seus limites. Alegam-se o direito de gerar e também o de difundir imagens de todos os modos e formatos. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. É neste sentido que uma teoria da Imagem não poderia se reduzir aos processos mentais, perceptivos e psíquicos, mas também às relações econômicas e sociais implícitas. No sentido cultural, pode-se também argumentar sobre a possibilidade de se fazer uma teoria da imagem no contexto das produções artísticas coletivas que ficam fora de quaisquer imposições econômicas, mas também daquelas imagens que atuam no mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo é que recorremos às teorias de Sartre para afirmar que a imagem, como processo de consciência, deve ser repensada e reavaliada devido a sua natureza processual e pragmática.

É nas imagens visual e mental que os atos narrativos ganham formas e sentidos. Italo Calvino faz uma distinção entre imaginar o presente e imaginar para o futuro, classificando as imagens em valores ou qualidades como valor de sobrevivência. E é esta multiplicidade que a torna culturalmente forte, resistente à retificação mercantil, indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Neste sentido, as imagens elaboradas com finalidade específica para os *media*, criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras para formato, tempo, espaço e estética, rompendo continuamente com os limites (Calvino, 2000).

Para Calvino as seis qualidades de imagens são constituídas de técnicas narrativas que contemplam os indivíduos. Esta é uma necessidade do homem por histórias, como um ser social de seu tempo, seus comportamentos exigem Leveza que está associada à Rapidez e à Multiplicidade ligadas de maneira ilimitada à Exatidão. Por outro lado, o contexto, a cultura impõem a Consistência e a Visibilidade e todas juntas, ordenadas ou desordenadas, desempenham papel importante e fundamental: criam, transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir a Teoria da Imagem e incluindo nela a linguagem, aproximando-se do conceito de “prática” como um processo

contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades, dependendo de como as pessoas a praticam. A linguagem é ao mesmo tempo, portanto, de maneira abstrata, imposição consciente e intencionalmente, pois é composta de múltiplos jogos perceptivos e caracterizam múltiplas culturas e modos de vida do próprio homem. Compartilhar imagens é transmitir consciência. A imaginação só consegue atingir seus objetivos, por meio dos processos que naturalmente delimitam e regulam as práticas narrativas (Calvino, 2000).

Discutir a imaginação como simples consciência, obriga-nos a retomar o debate a respeito do momento crucial da imaginação como um ato mágico, um encantamento, caracterizado por fazer aparecer o objeto, independente dos contextos, seja físico, espacial ou organizativo social. Nesta modalidade de ação, há uma interferência da cultura e do compartilhamento, principalmente, devido a seu caráter dinâmico, processual, provocando a multiplicação de pontos de vista e desdobramentos das imagens por associação.

E neste sentido, podemos afirmar que a imagem narrativa, coloca os seus participantes em estado de sincronismo ao criar uma identidade coletiva que os distingue de quem não participa. É no saber concreto e narrado que as imagens tomam forma, criam limites e sentidos. É esta uma ação que engloba pessoas na comunidade e não haveria limites e nem identidades como processo contínuo. Por isso mesmo, as imagens narrativas só têm sentido dentro de uma comunidade, pois criam ideias simultâneas e rápidas dirigidas à comunidade. Assim, as imagens, no entender de Calvino (1990), não somente criam, mas multiplicam as comunidades. Multiplicam, criam novas formas e ordenações de ações, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilidades para interações entre os indivíduos, ainda que *a priori* sejam pertencentes a comunidades distintas.

Outros argumentos a essa mesma discussão, dizem respeito às produções imagéticas constituídas de individualidades. Nestas o espírito imaginativo se faz necessário para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando ilimitadamente, desencadeando a imaginação em tudo que participa e dando forma a cada uma delas. São processos que criam, multiplicam, dão forma e podem ser classificados como imagens narrativas e se organizam com outras formas de consciência.

Das discussões acerca dos conceitos de imagem como informação, transferência, escuta, troca, compartilhamento, diálogo e interpretação podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar as produções visuais, hoje, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais e tecnológicos. É fundamental incluir aspectos relevantes nesta discussão a partir das ideias de Jean-Paul Sartre (2011) sobre as diferentes maneiras que o “Eu”

e o “Outro” se fazem presentes nos processos que aproximam consciência e imaginação. Pode-se dizer que se trata de um sujeito diante de outro sujeito, em um processo contínuo de intersubjetividade. Conviver e viver com o outro, próximo ou distante, no tempo e espaço, são problemas essenciais no contexto atual. Conviver e viver ganham novas dimensões por meio do uso massivo das tecnologias de telecomunicação exemplificadas nas redes sociais. É destas relações que são travados novos tipos de trocas com consequências ainda imprevistas, envolvendo a intimidade, a impossibilidade e a pessoalidade como relações sociais. É esse “Eu” para um “Outro”, é esse “Outro” que sou eu mesmo que estabelecemos múltiplas mediações, principalmente através das obras que os sujeitos produzem e nela se reconhecem. A cultura é o reflexo do sujeito que age e interage consigo mesmo e com os outros. A cultura como sistema é o fim máximo da Razão. É neste sentido, como aponta Kant, que se faz necessário um duplo combate contra o empirismo puro e outro, tão intenso quanto, contra o racionalismo dogmático. A cultura deveria ser entendida em vários sentidos que completam as dimensões do humano: a cultura como astúcia, cálculo e desvio (Kant, 2001, 37).

Nossas discussões centram-se também na importância que a experiência sensível representa para a imaginação. É no compartilhamento que a linguagem se manifesta, estabelecendo o encontro de dois mundos com desdobramentos imprevisíveis, transformadores e enriquecedores entre os participantes do processo de produção.

É na capacidade de troca que o Outro se faz presente ou se apresenta. Evocam-se aqui novamente as ideias de Sartre ao rastrear esse Outro ou Outros na convivência, na vivência entre próximos e distantes no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, devemos levar em conta os antecessores como resgate, como dívida; pensam-se ainda nos sucessores, que como promessa, sofrerão as consequências das ações, decisões de cada iniciativa. Quanto ao espaço, fala-se dos contemporâneos, próximos e distantes, íntimos ou impessoais ou no anonimato como sendo relações intrincadas que aplicam à imaginação, e não considerar tais complexidades seria fazer uma análise simplista. Difícil seria não colocar o humano com suas buscas e questionamentos no centro. Na verdade, o humano traz de volta as relações sociais que poderiam ser traduzidas na trajetória sensível sartreana como puramente impressões sensíveis: o Outro que pode estar à nossa frente ou ao nosso lado. O Outro que está em nós. O Outro que somos nós mesmos. Nós mesmos que somos Outro. Esse Outro, diverso de nós mesmos, somos nós mesmos. O Outro, mas o mesmo. O mesmo, mas o Outro.

Neste jogo de imagens sobre o Outro, percebe-se um processo ativo e profundo da consciência transcendental. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, seria difícil pensar a essência fenomenológica da função de imaginar.

Os múltiplos sentidos gerados no processo de conscientização não iluminam os problemas dos objetos que afetam os nossos sentidos. As teorias de Sartre esclarecem as dúvidas. É no ato de concretizar as representações que esclarece o que se quis dizer. Como escolher entre os vários sentidos aquele que mais se aproxima da imaginação?

Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o Outro, o humano que está presente em todo ato provido de significação verbal, oral, impresso e visual. É evidente que se pode mostrar ou imaginar algo e compreender as interpretações divergentes, porém, fazendo parte de um projeto que pressupõe intenções intercaladas em um jogo de informações explícitas e implícitas.

Encontrar significados divergentes diz respeito à autonomia da imagem. O que ela quis significar pouco importa. As informações organizadas e veiculadas na imagem desprendem-se das intenções, ganham autonomia. O que se tenta é dar significados, independe do autor. Lê-se o que está organizado como informação. Verifica-se se há um abismo entre os dois: o autor e a leitura do que foi produzido por ele. Não há controle das suas intenções sejam elas quais forem.

Deste modo, reconhece-se a diferença dos tipos diferentes de imagens e suportes. Na troca concreta, é possível esclarecer as dúvidas. Dizer com outras palavras, de outro modo. Já na escrita, o leitor interpreta a seu modo. A imagem está ali, organizada e aberta às boas e más leituras. A tarefa do participante é objetiva e ao mesmo tempo ativa. É ele que dá vida à imagem e a faz falar, a seu modo. E nesse falar pressupõem-se todas as brechas possíveis. Há uma troca. É a interação do leitor com a imagem. Há, portanto, uma briga entre os dois, estabelecendo uma relação de consciências. Por outro lado, pode-se prever a imposição do leitor da imagem que aproveita de sua suposta condição de ser agente.

Se a leitura de imagens, enquanto troca, acompanhasse as ações, os acontecimentos e as experiências humanas, seria imperioso tomar cuidado de não se fechar em apressadas conclusões de que tudo é leitura e, em decorrência do assim pensar que todas seriam válidas. Há forças, alheias ao objeto lido, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar as leituras. Neste ponto, pode-se falar de ideias autônomas presentes nos roteiros para audiovisuais: a do autor do roteiro e a do diretor

com todas as nuances que o conceito requer. No entanto, a materialidade visual independente do *medium,* é base para a concretização como leitura.

O conceito de Imaginação faz parte do grande projeto teórico de Sartre que levanta discussões esclarecedoras quanto à atualização do conceito de uma consciência que pode imaginar. Isto quer dizer que seu pensamento é, na verdade, uma dinâmica sequencial envolvendo a imagem, abrindo caminho para um completo diálogo com a filosofia alemã, principalmente, formando a base para determinar a imaginação como tradução da consciência.

Na teoria sartreana está explícito um elo que engloba o imaginário e a consciência, sem esquecer objetivamente da tradição e da historicidade que estes conceitos comportam. Por exemplo, o contexto do século XX é rico em teorias e é justo o lugar ocupado pelo filósofo francês, pois conseguiu elevar a teoria da imagem a outros parâmetros que ultrapassaram a simples ideia de imagem, estabelecendo procedimentos metodológicos de abordagem de temas próximos ao racional e irracional. É, neste ponto importante afirmar, não haver nenhuma gramática universal da imagem que possibilite entender e compartilhar completamente os universos mentais. Deve haver sim, um esforço que supere as diferenças entre as abordagens. É neste sentido que a imaginação deve ser entendida e fundamentada na filosofia, como fizeram Sartre e Calvino.

Outra influência importante das ideias de Calvino ao difundir a narrativa como valor diferencial humano: sua proposta era fundamentar um processo rigoroso aplicado aos modos de narrar, adaptáveis aos novos tempos, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Deste modo, acreditamos que a importância do autor encontra-se em direcionar seu pensamento literário, centrando-o em uma tipologia da narração. Amparada em inúmeros autores, citações e análises, mostrando possibilidades e também um aprofundamento crítico dos modelos de narrativas e das imagens que as compõem. Calvino está preocupado com a literatura em múltiplos sentidos e faz antecipações em relação a uma realidade inevitável imposta pelos *media* à literatura. Esta é, na verdade, uma atualização do modelo de leitor, mas que marcará rotas e direcionará definitivamente outros caminhos teóricos.

Já as mudanças do pensamento filosófico de Sartre sobre o Ser-no-mundo terão importância fundamental na dinâmica da imaginação que se estabelece nessas teorias. O "Ser e o Nada" é uma questão existencial, é uma consciência "realizante", mas que se faz existir, como

um intruso no mundo, que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a imaginação e o imaginário.

Esta mesma projeção volta-se às estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de uma realidade em mutação. Para Sartre a existência é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos culturais, sígnicos e históricos.

É dessas ponderações que poderíamos aplicar a ideia de Sartre sobre a tipologia de existência do objeto, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a performance de objetos reais e objetos imaginados.

Difícil não associar todo esse processo à existência, pois, o sentido de percepção tão raro à imaginação se repete na necessidade de colocar a realidade como um conjunto sintético a ser apreendido, independente das tecnologias e do número de pessoas envolvidas.

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada realidade que se interceptam. Toda apreensão envolve as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para circunscrever e motivar ou participar do jogo.

Perceber mais elementos ou menos elementos da mesma imagem, por exemplo, já determina os limites do universo de cada uma das impressões sensíveis concretizadas nas imagens. É nesse esforço que entram no jogo as trocas repertoriais necessárias, o *cogito* cartesiano como modelo racional ganha espaço, o objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo. Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo consciente que surgem novas possibilidades de atualização, correção e autocorreção dos pressupostos conceituais.

Toda imagem, em sua circularidade, é uma realização própria e inesgotável das possibilidades de dar sentidos ao que se pretende extrair das impressões, incluindo as repetições incontroláveis que fazem parte do jogo da imaginação. O sentido como "consciência que permanece no mundo", daquilo que precisa ser apreendido sensivelmente, é para Sartre uma imaginação finita que, porém, não se esgota e se revela apenas no imaginar momentâneo. É nesse sentido que as imagens ordenadas em narrativas carecem de *Protocolos* específicos, "tanto como ultrapassagem do real" de Jean-Paul Sartre quanto como "valores ou qualidades" de Italo Calvino, são questões abertas, evitando sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade imaginativa. O que está em jogo é fazer emergir o que precisa ser apreendido,

pensado e imaginado, não eliminando e superando o intuitivo, nem mesmo as distâncias temporal e espacial presentes no objeto pensado.

No sentido específico, a imaginação e imaginário de Sartre formam um tratado da percepção. Já Calvino faz uma proposta para este milênio para escapar da arbitrariedade da existência nos modos de apreensão das grandezas e valores, englobando, inclusive, a concepção da linguagem com seu caráter cultural circunstanciado a cada *medium*, para muito além do instrumental.

CAMINHO PARA AS METODOLOGIAS DAS IMAGENS

Fazendo justiça ao célebre começo da *Crítica da Razão Pura* de Kant, já intensamente comentado, que associa diretamente conhecimento à experiência. Fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem a ciência neste século, sem esquecer-se dos efeitos das teorias vinculadas aos *media* e ao desenvolvimento tecnológico do século XX que ainda sofremos.

Nesta segunda década do atual século, continuamos ainda em pleno trânsito, literalmente em passagem. As experimentações e teorias feitas até o final do primeiro milênio, por vários movimentos, muito contribuíram para novos projetos: teóricos, estéticos, políticos e sociais cuja práxis dividiu o planeta em duas ideologias. Constatação do óbvio: ainda estamos praticando as mesmas teorias, que ainda provocam as mesmas dúvidas em relação às justificativas e aplicabilidade. Retomar Kant, ao assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano é caminhar em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de mais teorias e métodos. “O método é simples: produzir em nós as imagens, refletir sobre essas imagens, descrevê-las, isto é, tentar determinar e classificar seus traços distintivos (SARTRE, 1995, p.16)”. Esta é a essência do método de Sartre que, racionalmente, diante das dificuldades e do saber subjetivo e instável, busca caminhos científicos “seguros” para um tipo de experiência que ainda se aplica em nosso contexto.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar as teorias existentes ou, por outro lado, buscar novas que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, mesmo

considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de circunscrever o objeto. No contexto contemporâneo, a práxis como aplicação da ciência, pressupõe também escolhas e decisões difíceis. O entrave maior está no caráter infinito da ciência que se contrapõe ao imediato da práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do saber sobre o humano e o mundo, pois parte da ciência moderna se traduz em experiência.

CONSIDERAÇÕES CIRCUNSTANCIAIS FINAIS

Tornou-se necessário retomar algumas questões que tratam da história da ciência, pois os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, crises e surgimento, exigem novas explicações e justificativas. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de práticas, de ideias e de teorias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a importância da herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, ressaltando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e suas contradições.

Enfatiza-se o acréscimo da informação, o aumento do conhecimento, a inflação da informação e o que podem significar: por exemplo, “deflação do sentido”, crise que atinge o auge com os *media*, o computador e a internet. Estas discussões são necessárias para se pensar a imagem e os *media* nos dias de hoje, envolvendo, obviamente, os conceitos de digital, memória e inteligência artificial garantidas pelas tecnologias.

O tema da imagem como memória e apreensão de sentidos é pertinente na sociedade da informação, redes sociais com seus computadores. Estas máquinas de memória são vistas como capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo. São insuperáveis, quando comparadas à *Enciclopédie* iluminista, que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

No entanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana, incluindo os objetos. Por exemplo, a arte com sua capacidade de reter, sensibilizar e transformar.

A proposta de se pensar as imagens como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos é também a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos entre as artes e a tecnologia.

Sobretudo, resgatamos alguns pensadores como Italo Calvino e Jean-Paul Sartre que, ao fazerem colocações sobre suas propostas e teorias, deixam implícita a necessidade de isenção de preconceitos, nesta luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana.

As observações de Calvino são fortes quando sugere muito cuidado e atenção especial às imagens que passam de um século a outro por meio das literaturas ou dos *media* que podem ser mais bem recebidas se melhor adaptadas aos modos de apreensão, com especiais cuidados na precisão e no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para a necessidade de se desenvolver experiências específicas para entender o novo século. Esta é a base de suas propostas.

Quando se discute as imagens e as teorias que as acompanham, Jean-Paul Sartre nega qualquer lógica na descoberta científica da Imaginação e Imaginário. Para ele, deve-se considerar tudo: *insights*, intuição, imaginário, imaginação, sensação, apreensão.

Neste sentido, é necessário fazer uma leitura atenta da profusão de teorias, discussões e metodologias como atividade constante rumo ao entendimento e conhecimento dos processos que envolvem a imagem. Metodologicamente, existe uma relação estreita entre imagem e cultura, ou mesmo tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas, nas trocas, e inclusive nos conceitos.

Por isso mesmo é que Sartre estabelece os estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da imaginação.

Desses estados, pensados como imaginação e cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais divididas em países e regiões com suas especificidades como justificativas e atualização conceitual e teórica da imaginação, com todas as suas contradições observáveis no século atual.

Não se pode esquecer, por exemplo, do encontro frutífero das “Propostas” de Calvino com o “Imaginário e a Imaginação” de Sartre. Lembramos ainda dos caminhos sugeridos pelo autor italiano de que associou o pensamento do século XX e as grandezas e valores como uma tradução feliz para o século XXI.

Acrescente-se neste ensaio sobre as ideias dos dois autores, que foi possível estabelecer caminhos com vias diretas das filosofias francesa e alemã com a teoria da literatura. São discussões que já eram travadas no contexto do século XX e que seus reflexos teóricos e metodológicos ainda hoje são sentidos em relação às imagens e de sua produção e reprodução tecnológica como ferramenta inconstante. No atual universo das imagens, os objetos-os *media*, seus efeitos no Outro por meio das imagens são o centro contínuo de nosso interesse em reavalia-los e justifica-los como apreensão e seus muitos sentidos, valores, modos de produção e interpretação. É a relação do "Eu" com o "Outro" que na verdade é a essência da imaginação.

REFERÊNCIAS

Calvino, I. (1990). *Seis propostas para o proximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras.

Eco, U. (1994). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras.

Jiménez, J. G. (1993). *Narrativa audiovisual*. Madrid: Ediciones Cátedra.

Kant, I. (2001). *Crítica da razão pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.

Platão.(1979). Diálogos. São Paulo : Abril Cultural.

Sartre, J. P. (1996). *O Imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação*. São Paulo: Editora Ática.

Sartre, J. P. (2011). *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: P&PM Pockt Plus.

2.15 ARTE FOTOGRÁFICA DE BENJAMIM ABRAHÃO: RESSONÂNCIAS, TECNOLOGIAS, CULTURA E MEMÓRIA BRASILEIRAS, MEADOS DE 1930.[27]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os conceitos sobre as transformações tecnológicas provocadas principalmente pela fotografia e pelo cinema devem ser mais bem justificadas no contexto da década de 1930. As ideias concebidas por Kant no século XIX e outras tantas até meados do século XX são importantes para se pensar e atualizar os conceitos tais como os percebemos na atualidade, forjados ou não pela prática. São conceitos emergentes e necessários às análises das questões fundamentais no momento. Na terceira década do século XX, o fotógrafo sírio Benjamim Abrahão Calil Botto produziu importantes registros em imagens - estáticas e em movimentos - cinematograficamente importantes da região nordestina. Seu trabalho instigou lendas, canções, cordéis e outras tantas narrativas populares sobre as crueldades e bravuras do bando de Lampião, contribuindo na construção de um imaginário popular, extremamente rico e carregado de nuanças: de mártir dos oprimidos a herói dos bandidos.

O objetivo principal deste ensaio é resgatar o trabalho deste fotógrafo, permeado e irmanado pela prática, que poderá fundamentar, envolver e retomar o conceito de Arte e tecnologia, contrapondo-se contemplação, embrião do conceito de Teoria, para ampliar as discussões e pensar melhor o século passado, como um mapa do desenvolvimento da tecnologia, registrando uma contínua transformação e diversos processos que puderam gerar, transformar, armazenar, transmitir, processar e recuperar a informação, com o resultado de muita pesquisa e fazer técnico, importados e já aprimorados em outros países, como o cinema.

[27] Texto publicado na Revista Razón y Palabra, v.23, p.06, 2019.

No início da Crítica da Razão Pura Kant diz: [...] “todo o nosso conhecimento começa pela experiência” [...] (p.36). Em profundidade isso quer dizer que os nossos sentidos são afetados quando experimentamos e somos de certa forma, levados e transformados por uma prática, cada vez mais intensa, como um convite urgente e necessário para, não só atualizar os conhecimentos já adquiridos, mas ordenar essa participação em um caminho ou rota, rito importante no processo de registro.

Neste mesmo sentido, a arte como atividade humana, pressupõe antes de tudo um entendimento não somente como vivência, mas também como vida prática, não equivalendo exatamente, mas nem por isso se contrapondo à ideia de vida prática de Kant que salienta que todo conhecimento se inicia com a experiência, mas nem tudo deriva dela. E isto se aplica a produtos midiáticos como a fotografia e posteriormente o cinema que transita em diversos espaços da época no Brasil como novidade.

Os múltiplos aspectos que envolvem as práticas são discutidos em suas diversas dimensões, seja teórica, histórica, estética e metodológica, efetivando criticamente reflexões em torno do tempo especial vivido pela experiência e praticado como um todo. As reflexões sobre as linguagens na contemporaneidade complementam e identificam o lugar da técnica, não somente em relação às teorias, mas também quanto à sua importância como descrição das noções fundamentais no processo de compreensão da técnica e de sua influência.

Nesta busca de afirmações, prega-se neste exato momento a necessidade de se rever e se pensar os princípios que dizem respeito à liberdade e dever de crítica necessárias a todo tipo de revolução, mais ainda às tecnológicas com reflexos inevitáveis nas culturas.

Nestes processos emergenciais, incluem-se as questões ideológicas que forjam outros tipos de apropriações, outras formas de fazer, outros saberes e, mais ainda, outros receptores, das várias produções midiáticas sejam de textos sonoros, verbais, não verbais, imagéticos e mistos. É a informação que se transforma em cultura em seus vários sentidos: do ético, do bem comum, da verdade, princípios fundamentais de uma sociedade mais feliz.

As diferentes instâncias, públicas ou privadas, face à revolução tecnológica também enfrentam os mesmos dilemas que começam pela falta de reflexão sobre os novos usos ou pela adoção de ideias desgastadas, que carregam ranços de outros contextos geopolíticos e temporais. Desse modo, ambas necessitam atualizações e adaptações, e mais ainda: de modelos

que justifiquem esse mundo em revolução, ao aglutinar às imagens da fotografia e do cinema as estratégias da linguagem.

Os estudos e os processos relacionados ao espaço geográfico e político da época, privilegiam tanto a fotografia como o cinema, pois lidam com as práticas culturais em múltiplos ambientes. Trata-se de produção de tecnologia que acompanha o homem, traduzidas especificamente em suas relações com a máquina (câmera). Deste processo, os dilemas que surgiram na transição de tecnologias obrigaram a todos a repensar as várias práticas: a fotografia, o rádio, o cinema, a televisão e outras mídias sonoras. O momento era promissor tecnologicamente, mas igualmente carente de novos paradigmas teóricos e metodológicos. De certo modo, enfrentaram-se as mesmas contradições e dilemas de toda e qualquer área em plena expansão: os problemas são os mesmos e a passagem pela encruzilhada tecnológica que fornece muito material para pesquisas relacionadas à linguagem e também à técnica. Basta lembrar "os conceitos de "Tecnologia", "Técnica", Máquina criadora", entre outros, para historicamente vincular a revolução vivida no século XX e problemas enfrentados nas últimas décadas deste século. Pioneiros como Marshall McLuhan são retomados como modelo, tendo como propósito a tomada de consciência do tamanho da revolução à nossa volta, os níveis de implicações, sua amplitude e busca de respostas teóricas e metodológicas.

Benjamim Abrahão não foi o único a registrar o bando de Lampião, mas suas imagens merecem atenção especial. Revelam muitos sentidos. Os enquadramentos mostram um apuro técnico e sensibilidade estética exemplar no contexto brasileiro de 1930. O valor histórico de sua fotografia é inestimável. Não é nosso objetivo fazer uma análise histórica do contexto. Demandaria outros elementos que estão dispersos, perdidos ou sem registros. Nosso propósito maior é tomar como ponto de partida as ideias de Heidegger sobre A origem da obra de arte "que, de maneira filosófica e circular define o conceito de obra de arte".

Diversas afirmações feitas por Heidegger podem ser aplicadas ao trabalho do fotógrafo Sírio. Por exemplo: "Origem significa aqui aquilo a partir do qual uma coisa é o que é como é. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro" (HEIDEGGER, 1977, p.11). Nestas questões, especificamente em relação às imagens de Abrahão, a essência da obra implica uma relação existencial, histórica e filosófica do fotógrafo com sua obra. A relação traduz indagações maiores de Heidegger: Ser, Ente e objeto. O sentido da imagem que mostraremos abaixo aproxima-se de uma categoria especial de memória que expressa um valor de culto, uma saudade, uma melancolia como resistência ou revolucionária. É este o valor da arte pensado por

Heidegger e retomado por Walter Benjamim como resistência ao esquecimento (BENJAMIN, 1994, p.174). Veremos que a natureza da arte, ao invés de ser questionada ganha esta outra dimensão. Por isso, discutimos a dimensão da arte, tendo em conta não somente as ideias de Heidegger, mas também de outros autores.

1- Foto de Benjamin Abrahão. O bando de Lampião, 1936. Acervo IMS-Instituto Moreira Salles.

Diversas questões feitas por Heidegger podem ser ainda aplicadas ao trabalho de Benjamim Abrahão. Por exemplo, "o que é e como é uma obra de arte?" É neste sentido que as fotografias do autor revelam a essência da obra, implicando uma relação especialmente estética do autor com sua obra. Esta mesma relação traz questões maiores e fundamentais de Heidegger: "o que é Ser, Ente ou objeto?" O conceito de objeto aplicado à arte ganha força. Difícil não pensar os vários sentidos da obra de arte ao ver as imagens de Abrahão que transformadas pelo tempo, borradas, esmaecidas, ganham valor de arte, mas não sem avaliar criticamente aquele

momento do século XX, em que transitaram revoluções tecnológicas com pesados reflexos ideológico. Foi este artista, misto de aventureiro, artesão e negociante que fez os principais registros daquele momento sempre em contínua transformação. As imagens que apresentamos acima e todas as outras representam o Sertão Nordestino e nele uma parte importante do momento político brasileiro de 1930. São explícitas as ressonâncias dos poderes da época presentes na desconstrução do país, hoje: perdas de direitos e aumento brutal das injustiças e desigualdades sociais. Seria este momento propício ao aparecimento de novos Lampiões? Seria apenas um abismo niilista? Ou um portal dantesco sem esperança?

Avaliar os sentidos da obra fotográfica de Benjamim Abrahão, juntamente com questões regional e nacional exige decifrar as circunstâncias do momento de sua produção, englobando todas as dificuldades. Impõem-se às discussões uma volta à etimologia do conceito de Arte que transita entre os sentidos de indústria, ofício, habilidade, talento e técnica.

Desde modo, muitos aspectos assinalados, estudados, comentados e aplicados às imagens de Abrahão forjam uma mediação entre os tempos que abrange o Homem e a arte ou a Arte e o homem.

ENFRENTAMENTOS: MEDIAÇÕES E RESSONÂNCIAS.

A história da colonização da América Latina explica. Sentimos uma atração vertiginosa e incontrolável por “aquilo” - seja o que for - que vem de fora. Sofremos do complexo de Moctezuma, afirmou Octavio Paz. Vivemos em um labirinto de extrema solidão. Do México ao Brasil. Tudo igual. Não se trata de reivindicar xenofobia – passemos muito longe disso, mas de buscar diacrônica e sincronicamente justificativas em nossas raízes para o que somos ou para o que queremos ser ou escolheremos não ser.

Temos mitos, história, ritos, autores: cultura em vários sentidos, inclusive o tecnológico e nela autores “apocalípticos” e ainda aqueles muito “integrados”. Parece haver uma crise geral de reconhecimento de questões candentes e de fuga ao autorreconhecimento de quem somos e onde estamos. O personagem de André Gide em seus moedeiros falsos diz que somente os romancistas colocam ponto final. Na vida, tudo sempre continua: as mesmas repetições, mesmos autores, até as mesmices do lugar comum.

A justificativa dá-se em função da premente de se pensar a obra de arte do fotógrafo como fenômeno de seu tempo que, por meio das práticas ganham outras relevâncias e projetam novas dinâmicas com efervescência motivada, principalmente, pela oferta de novos dispositivos produzidos pelas aplicações tecnológicas em nossa atualidade. Os resultados destas mesmas experiências, nas relações sociais e humanas, consideradas como um grande laboratório, em processo complexo e dinâmico de trocas interativas, cognitivas, espirituais, emocionais e afetivas propiciadas pela técnica. As trocas não são imperceptíveis, mesmo diante de sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos, resultado da apropriação ideológicas das tecnologias e de como são compradas e vendidas.

De outro modo, ao analisar as fotografias de Benjamim Abrahão, deve-se pensa-las no contexto de uma a revolução industrial tardia que, a partir da introdução de tecnologias já gastas, ultrapassadas ou muito conhecidas, em seus vários estágios, principalmente no diz respeito a técnicas de produção e reprodução de diversos produtos. Isto se aplica, também às imagens artísticas. Basta lembrar do cinema na América do Norte e compará-lo ao cinema local. Além de mercado, verdadeiras máquinas reprodutoras, mas também mediadoras de novos hábitos que se constitui como mercado exótico. Assim mesmo, importante ressaltar a erupção de outras formas de construção de culturas por conta dele, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social como no político e econômico. É neste sentido que entendemos que a técnica como sistema de cultura que representa as finalidades máximas para justificar politicamente o momento retratado.

Deste modo, a dificuldade de se definir o conceito de técnica como processos subjetivos e delicados de percepção aplicados às imagens de Benjamim Abrahão, instigou-nos a repensar as linguagens (auto) geradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos já desgastados pelos usos, suscitando a transcendência do ir além ou voltar àquele momento histórico. Na análise das fotografias, o mundo mental do autor seria parte de outro mundo diverso, e o percebido por ele silencia-se no universo solitário e particular. Impossível não ressaltar as discussões sobre a arte de Heidegger, isto é, a técnica dentro da técnica como uma das grandes contribuições do filósofo que consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como médium, isto é, como tradutora e mediadora ao mesmo tempo das experiências humanas, levando em conta não somente a transferência de conhecimento, mas também a participação imediata de um no outro interlocutor, pois só assim

é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, objetivando exprimir consciente e inconscientemente o pensamento sobre as imagens, o fotógrafo teria colocado a câmera aleatoriamente ou feito escolhas de enquadramentos ou o que mostrar e como mostrar? O artista, além de preparar a câmera com a devidas intenções, participa da imagem, entra na foto. Como se dissesse: eu estava lá, não somente vi, mas fotografei o Rei do cangaço, Lampião. Faz lembrar Roland Barthes no A câmera clara. E assim, outras perguntas também feitas por Barthes: o que teria visto, pensado, sentido? Seriam estes registros o resultado de suas reais pretensões? Não existe a verdade. A verdade é a desocultação do objeto, da fotografia. É o aparecimento do Ser que se deixa ver, que se mostra (HEIDEGGER, 1977).

2-Foto de Benjamim Abrahão. Lampião, Maria Bonita, o fotógrafo Benjamin Abrahão e outros cangaceiros, 1936. Acervo IMS-Instituto Moreira Salles.

As experiências de Benjamim Abrahão vão além da mera repetição da técnica abarcada pela linguagem, indicam tomadas de consciência e revelam, ainda, as condições em que se realizam qualquer processo ou mecanismos de linguagem como entendimento prático. Por isso mesmo, tenta-se evitar aqui tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Por outro lado, linguagem da fotografia pressupõe fórmulas numéricas ou conceituais, tradutoras de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que acrescentamos a necessidade de atualização dos principais conceitos resultados desta nova ordem tecnológica que preconizam a necessidade sine qua *non* do domínio não só dos códigos, mas também dos avanços tecnológicos, que de uma forma ou de outra alteram os modos e usos por meio da prática. Mesmo assim, usando a linguagem no registro das imagens como médium, realiza-se um processo de trocas de conhecimentos e de consciências, além de experiências entre os interlocutores daquela época com os de hoje. Mesmo que o conceito de troca seja questionado por muitos teóricos, ele é essencial.

Esse debate pode se dar em várias etapas que envolvem decisões dedicadas de ambas as partes-fotógrafo de um lado e interlocutores do outro - implicando uma reiluminação. Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é o médium universal e a fotografia a desenvolve e aprimora a própria elaboração e compreensão de mensagens, na forma de imagens, mantendo observância e prática e na inclusão dos hábitos, usos e costumes.

Assim, a fotografia desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte sua prática em linguagem, que pode ser classificada como "consciência compreensiva", muito cara à Hermenêutica, realizada através do que foi registrado, incluindo aí a ideia da intervenção tecnológica e de sua relevância nos meios massivos, principalmente o jornal.

Neste sentido, a linguagem organiza a possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido (KRISTEVA,2003). Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais eficaz que a tecnologia seja, é uma reconstrução, no sentido das intenções que seriam plenamente atingidas. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito, tais como as imagens pretendidas, mas isso não quer dizer o absoluto objetivo alcançado. Os sistemas e a complexidade de qualquer tecnologia nova, com todas as suas potencialidades se

impõem como bases de convergência, pois ocupam um espaço importante nos estudos dos fenômenos sociais.

Em especial, o fenômeno da Interação foge às regras gerais, já não se restringe a uma trajetória linear entre fonte, mensagem e destinatário. Não é mais uma mera transferência, mas admite ser pensada também como mistério ou como fenômeno inexplicável. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples transferência de mensagens. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se, ainda, a tecnologia como "um conjunto de técnicas de que dispõe uma determinada sociedade em qualquer fase histórica de seu desenvolvimento (VIEIRA PINTO, p. 220)." Portanto, cada contexto faz uma apropriação diferenciada.

3-Foto de Benjamin Abrahão. O cangaceiro Corisco e Dadá, sua companheira e a cachorra Jardineira, 1936. Acervo IMS- Instituto Moreira Salles.

Neste sentido, independente de se ampliar discussões sobre os vários conceitos (homem, máquina, técnica, tecnologia) e de como compreender problemas relacionados aos aparatos ou extensões tecnológicas. Alguns autores argumentam, pensam e enfatizam o fenômeno físico; outros o fenômeno social articulado às múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Independente de quaisquer protocolos, a tecnologia está relacionada à construção social da realidade e aos valores das ações e interações, a reconstrução que cada um faz sobre si mesmo e do mundo, e buscar um sentido visto como epistemologia da técnica, justificando reflexões críticas sobre o processo objetivo, direção necessária à teorização, sem qualquer tipo de mistério.

Neste contexto, um de nossos propósitos é pensar em um conjunto de informações que sistematize as reflexões conceituais de Vieira Pinto sobre as tecnologias, atualizadas por ele como um processo seletivo e maduro muito particular de ideias antigas e novas, como faz por exemplo, Aristóteles, Kant, Heidegger e muitos outros, isto é, aquilo que é constituído como um saber necessário, vale dizer, como fundamentação de maneira mais elaborada e sólida as concepções sobre o tema, sem cair em ingenuidades. Portanto, este ato de fundamentação está interligado à distinção entre questões tecnológicas da atualidade como crença no surgimento da cibernética e das máquinas processadoras de inteligências. Não é mais importante a distinção entre memória coletiva e individual (HALBWACHS, 1990). As duas se interpenetram e se interconectam. E neste sentido mais categórico afirmamos: não é possível discutir sobre o contexto das últimas décadas do século XX, sem levar em conta as categorias dialéticas do ter e do haver, apontado por Álvaro Vieira Pinto como aspecto importante no desenvolvimento da razão técnica, reflexo da construção da razão teórica do caráter simultâneo, contínuo e descontínuo da tecnologia (p. 522).

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir e reexaminar os conceitos de arte face a "era tecnológica", fazendo aparecer ideologicamente a figura do homem maravilhado, que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a compreensão da máquina fotográfica se dá por sistemas de significação de base social, traz novas perspectivas de uso para classificar a câmera como um objeto que possibilita ver de maneira especial e também representar. E isto acontece lentamente, às vezes séculos. A partir daí, surgem também abordagens novas para explicar fenômenos que nascem das relações humanas com máquinas de diversos modos. Nesta relação, deve-se analisar o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros.

Do meio do século XX até o final, novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo tempo como economia, facilidade e comodidade no armazenamento da informação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi armazenado, melhor dizendo, o que foi memorizado e o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. Este processo não está dissociado da indústria de tecnologia da informação. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Há um total controle da informação e das pessoas. De maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. Alegam-se o direito de gerar e também o de difundir informações. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas.

Discussões como essas são importantes para caracterizar o momento da obra. Muitos dos aspectos com viés econômico típicos do século XX se fazem presentes na obra fotográfica de Benjamim Abrahão. Parte do sertão nordestino recebia influências dos grandes centros, há nas fotos muitas informações que circulavam através de jornais. Os compartilhamentos são inevitáveis. Lampião era um leitor assíduo e muito atualizado pela imprensa como mostramos na imagem abaixo. Seus trajes são tipicamente da região. Seus hábitos são refinados e os objetos desempenham uma função de rito: armas, botas, meias e preocupação com a autoimagem. Estes elementos são classificados por Edmond Couchot (2018, p.73) como condutas operatórias. São hierarquias de valores e práticas estranhas, desnaturalizadas ou forçadas.

4- Foto de Benjamin Abrahão. Lampião. Acervo IMS- Instituto Moreira Salles.

Neste contexto cultural, Lampião aparece de maneira posada. Pode-se argumentar se há uma síntese do jagunço com outros tipos urbanos já estabelecidos institucionalmente. Por isso mesmo, recorremos às hipóteses heideggerianas para afirmar que a obra de arte é o sinal específico do autor devido a sua natureza processual e pragmática e a origem imbricada de ambos. E o sinal autoral é a própria linguagem que se faz presente nos atos que ganham formas e sentidos. Neste sentido, Jean-Luc Nancy (1992) faz uma distinção entre operar e mediar, classificando a mediação como a inoperância de obra social. E é esta mesma inoperância que torna a obra de arte culturalmente forte, resistente à reificação mercantil, indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. A arte sutilmente se estabelece. É como um jogo que cria vínculos e impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na

criação de regras, rompendo continuamente com os limites. Seria lícito afirmar que as tecnologias não acompanham todos esses sentidos dos acontecimentos.

As imagens de Benjamim Abrahão ganham relevância. Naquela comunidade, a fotografia é um elemento central agregador, pois os processos de trocas são constituídos por indivíduos, e não ao contrário, tornam-se necessário para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando-se de maneira ilimitada. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a troca desempenham papel importante, pois criam e transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir o trabalho de Abrahão, no ambiente tecnológico, incluindo a linguagem e aproximando este conceito de "fala" saussuriana, como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades, dependendo de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, composta de múltiplos jogos imagéticos e caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem. Compartilhar jogos é dinamizar as práticas. E somente assim, conseguir atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos na construção de imagens que delimitam e regulam.

RESSONÂNCIAS E TECNOLOGIAS.

Discutir a tecnologia como simples transferência através do uso obriga-nos a retomar o debate a respeito do momento crucial da revolução tecnológica, caracterizada pela obsolescência nos contextos físico-espacial ou organizativo-social (KITTLER,2016). Neste processo, há uma dependência da cultura e do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial.

É neste sentido que podemos afirmar que as práticas artísticas- tecnológicas criam comunidades, colocam os seus participantes em estado de sincronismo, criam identidade coletiva que os distinguem de quem não participa. E a comunidade toma forma, cria limites e sentido. É a ação da arte que engloba as pessoas na comunidade e não há limites e nem identidades como processo. Por isso mesmo, a linguagem modelada pela tecnologia só ganha sentido dentro de uma comunidade, pois cria comunidade, não somente cria, mas multiplica as

comunidades e ao multiplicar as comunidades cria novas formas de interações e trocas, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilitações para interações entre os indivíduos, ainda que a priori sejam pertencentes a comunidades distintas (NANCY, 1992).

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, Jean-Luc Nancy (1992) diz que as comunidades são constituídas de individualidade, pois a tecnologia se faz essencial para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. De que maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como propostas teóricas?

Da discussão acerca dos conceitos vários circundados pelas tecnologias podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar melhor as questões contemporâneas, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais.

Neste jogo linguístico, percebe-se um processo ativo e profundo. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, torna-se difícil pensar as interações e trocas. Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo de apropriação de tecnologias não iluminam os problemas. As teorias podem esclarecem dúvidas. Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o que está sendo construído como cultura. Encontrar significados divergentes diz respeito à dificuldade de ver o que está próximo temporal e espacialmente. Pouco importa se a linguagem organizada e veiculada desprendeu-se das intenções, ganhou autonomia. O que é fazer uma crítica, tendo como base um pensamento que aponte caminhos e proponha roteiros. Verifica-se que há um abismo entre o novo e o obsoleto. Não há controle das práticas e em que elas redundam.

Deste modo, reconhece-se a dificuldade em lidar e pensar o contemporâneo no sentido de justificar com ideias e argumentos a rapidez dos acontecimentos (ECO, 2016). Será possível esclarecer as dúvidas nesta corrida sempre em direção ao novo? A tarefa é objetiva e ao mesmo tempo ativa. A pesquisa dá vida às práticas cotidianas e ao mesmo tempo, de modo claro, tenta encontrar respostas circunstanciais. E nessa procura de respostas, propõe-se preencher as brechas possíveis. Há, portanto, uma tomada de consciência dos limites materiais de se ligar com máquinas processadoras de atividades intelectuais, por exemplo. Por outro lado, como prever os resultados dessa relação entre homem e máquina inevitável no contexto?

Se as ações, os acontecimentos e as experiências humanas estão imbricados nos processos tecnológicos, torna-se imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões, diante de verdades parciais de que tudo se liquefaz tanto teoricamente como nos modos de pensar o cotidiano, em decorrência de modelos econômicos impostos. Há forças, alheias ao processo, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar propostas teóricas, tendo com respaldo os nossos pares acostumados com ideias alienígenas importadas. Neste ponto, não se pode falar em ideias autônomas: a materialidade do discurso de autoridade científica só tem validade porque repete o ideal e as emergências internacionais.

Neste contexto, o conceito de arte, projeto que levanta discussões esclarecedoras, é na verdade uma dinâmica sequencial envolvendo e abrindo caminhos para um completo compartilhamento em constante diálogo, como base para determinar os compartilhamentos e práticas que envolvem a área tecnológica.

Na mídia está explícito conceitos que dialogam com a tecnologia, englobando a memória, sem esquecer objetivamente da tradição e da historicidade e o que estes conceitos comportam. O contexto é rico em elementos que possibilitam estabelecer procedimentos metodológicos de abordagem tecnológica. Deve haver sim, um esforço para superar as resistências. É neste sentido que, a mídia enquanto técnica deveria ser entendida e fundamentada nas filosofias, preponderantemente nas clássicas.

Outro aspecto importante da fotografia como mídia é a memória como o elemento diferencial das relações humanas e ainda fundamentar por meio de mediações tecnológicas, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão, numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo. Desse modo, acreditamos que a importância da imagem encontra-se no fato de direcionar o pensamento humano, centrando-o e forjando a atualização de conceitos. A presença de pensadores como Heidegger em um projeto de atualização incansável provoca uma radicalização no tratamento do tema da “compreensão” tecnológica.

Heidegger ao buscar uma definição de arte, vê na tecnologia uma volta humana à natureza como um processo que marcará definitivamente os caminhos e as mudanças sobre o *Ser*. A importância fundamental está a dinâmica que se estabelece nessas buscas de

justificativas. A arte é o Ser aí –com seu vínculo eterno com o autor que compreende, mas também se faz compreender em um processo intenso de diálogo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a tecnologia com os vários momentos do *Ser no Tempo*.

Este mesmo elo dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte de um conhecimento acumulado. É um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos técnicos, culturais, sígnicos e histórico-linguísticos. É dessa interação que poderíamos aplicar a ideia de fusão de horizontes, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam a compreensão e apropriação das tecnologias. Não seria esse o papel da arte de Benjamim Abrahão? Difícil não associar todo esse processo ao caráter institucional tão caro ao momento histórico e da necessidade das tecnologias independentemente do número de pessoas envolvidas (COUCHOT, 2018).

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam. As tecnologias envolvem as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se participar do jogo técnico, instrumental e cultural.

Perceber os limites do universo de cada participante desse mesmo jogo é tarefa engenhosa. E nesse esforço de compartilhar, entra-se no jogo das trocas repertoriais necessárias, enquanto o modelo racional ganha espaço. O objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo. Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo que surgem novas propostas de atualizações conceituais nascidas das tentativas, correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda invenção tecnológica, aplicada à arte, como discute Heidegger em sua circularidade dialética, que não deixa de ser metodológica, é uma realização própria inesgotável para possibilidades de sentidos. Tenta-se incluir nos elementos que compõem as imagens e as repetições como parte das regras do jogo. O sentido das práticas tecnológicas não se esgota e revela outras interpretações. A tecnologia é aberta e por isso mesmo, evita-se sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade. O jogo faz emergir o que precisa ser mostrado, pensado e fundamentado, eliminando e superando, as distâncias temporal e espacial presentes no objeto experimentado.

Suas ressonâncias, em sentido específico, neste ensaio, se constituem em uma crítica à tecnologia como instrumento de dominação, englobando, inclusive, a concepção da técnica como linguagem, e mais ainda o caráter político dos registros fotográficos de Benjamim Abrahão, não somente como linguagem, mas para além do instrumental.

COMENTÁRIOS METODOLÓGICOS

Fazendo justiça ao célebre começo já mencionado da Crítica da Razão Pura, de Kant, que associa diretamente conhecimento à experiência, fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem os efeitos do fabuloso desenvolvimento tecnológico do século XX, pródigo em experimentações. Estamos praticando as mesmas ideias, pensadas no passado e persistem as dúvidas quanto às justificativas e aplicabilidade no século atual. Retomar Kant é assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano. É caminhar em uma determinada direção a um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de se pensar esse saber subjetivo e instável e buscar outros caminhos para a experiência em nosso contexto.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar modelos existentes ou, por outro lado, buscar novos que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, mesmo considerando ser interminável nossa tarefa que é a de determinar o objeto, de desenha-lo, de delimita-lo, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação de um conjunto de mecanismos, pressupondo também na escolha e decisão, o caráter infinito do “saber”, se contrapõe ao imediato de práxis. É neste sentido que o conhecimento não é mais a essência do saber sobre o mundo e o ser humano. Seu sentido moderno se traduz em experiência.

Ultrapassar a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir para o outro, encontrar no outro o encontro de horizontes, a troca de experiências que se dá verdadeiramente como diálogo mediado de maneira mais ardil (ROCCEUR, 2007). Neste intercâmbio, há o acordo com consenso, mas com desfecho ainda ignorado, comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo com a tecnologia se constitui em um processo amplo de atualização dos conceitos aplicados às imagens eletrônicas (digitais ou analógicas) pictóricas também como objetos tecnológicos, incluindo as linguagens, ampliando ainda mais o espaço de troca entre mundos, realidades e horizontes.

Especificamente no Brasil e também da América Latina de maneira geral para falar de ideias e experiências, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, abordando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, questões políticas. Por exemplo, as mídias de massa, em sua quase totalidade, estão inseridas em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação que nada mais é que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para esboço de um pensamento que comece a ganhar forma e fazer justiça ao sentido de um saber interessado intensamente, que, visto de modo ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade de justificar as práticas Tecnológico-experimentais.

E neste sentido, há urgência de cultuar, cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos críticos que possibilitem enxergar o "*alien"*, o alheio, o estranho, mas também dominador e enfeitiçador, como o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Estamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos pelo estranho. Há que se desencantar para de novo voltar a se reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo: o "Nonada" do Guimarães Rosa. Algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez, restando buscar respostas que poderão estar na arte (fotografia, cinema, pintura), na literatura, na cultura e na poesia.

CONSIDERAÇÕES, SEM PONTOS FINAIS.

No século XXI, em nosso contexto geográfico deveria retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário de seu tempo. Por isso, as ressonâncias e o tema da memória e da construção de sentidos na sociedade contemporânea com seus computadores e redes sociais, verdadeiras máquinas de memória capazes de registrar, transmitir

e memorizar tudo. São insuperáveis, quando comparadas à *Enciclopédie* iluminista, que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

Tornou-se necessário retornar aos pensadores que tratam da história do conhecimento, quando discutem os acontecimentos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, as crises e surgimento constante de tecnologia exigem também uma atualização constante dos conceitos como base para se repensar e avaliar as ideias. No entanto, é importante salientar que a história não se constitui somente do acúmulo de tecnologias, de práticas, de ideias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, englobando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e suas contradições.

Postman (1994), por exemplo, enfatiza que o acréscimo da informação não acarreta o aumento do conhecimento, ou seja, a inflação da informação pode significar "deflação do sentido", crise que atinge o auge com os Media, o computador e a Internet. São discussões necessárias para se pensar as tecnologias hoje, envolvendo, obviamente, os conceitos de memória, artificial ou humana, pois os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana que faz usos dos objetos, como a arte com sua capacidade de reter e compartilhar sentidos. Estes processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos tem a capacidade de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos tecnológicos.

Por isso mesmo é que Edward Hall (1990) estabelece uma grande tríade composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência midiática.

São discussões travadas no contexto do século XX que geraram outras abordagens metodológicas frente às relações de pensamento e reprodução do "real" inconstante, na atualidade, e de seus efeitos. É a relação do Eu com o Outro, muito caras a Sartre, em um processo de mediação e interação constantes, que na verdade é a essência da vida em comunidade.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, Rosario (Org). **L´estetica de Immanuel Kant.** Torino, Itália: Soc. Ed. Subalpina, 1971.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo-metodologia da pesquisa na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

COUCHOT, Edmond**. A natureza da arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético.** São Paulo. Editora UNESP, 2018.

DROYSEN, Johann Gustav. **Manual de teoria da história.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ECO, Umberto. **A definição da arte.** Rio de Janeiro. Record, 2016.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

HALBWACHS. Maurice. **A memória coletiva.** Vértice, Editora Revista dos Tribunais,1990.

HALL, Edward T.; HALL, Mildred Reed. **Understanding cultural differences: germans, french and Americans.** Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. **Le langage silencieux**. França: Éditions du Seuil, 1984.

HEIDEGGER, Martin. **El ser y el tempo.** México-Buenos Aires. 1962.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte.** Lisboa/Portugal, 1977.

JAKOBSON, Roman. **Saggi di linguistica generale**. Milano. Feltrinelli, 1996.

_____. **Linguística e comunicação**. São Paulo, Cultrix, 1995.

JOHNSON, Steven. **Emergência: a dinâmica de rede ou formigas, cérebros, cidade e softwares**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

KITTLER, Friedrich. **Mídias Ópticas.** Rio de Janeiro. Contraponto, 2016.

KRISTEVA, Julia. **História da linguagem**. Lisboa/Portugal, Edições 70, 2003.

MOLES, Abraham **A. Sociodinâmica da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NANCY, Jean Luc. **La comunità Inoperosa**. Nápoles: Cronopio, 1992.

_____. **Un pensiero finito.** Milão: Marcos y Marcos, 1992.

PEARCE, Barnett W. **Comunicazione e condizione umana**. Milão: Franco Angeli, 1993.

PETRI, C. A. **Comunication disciplines**. In: SHAW, P. (Ed.). Computing system design. Newcastle Upon Tune: University of Newcastle upon Tyne, 1976. p. 131-169.

_____. **Modeling as a comunication discipline**. In: BEILNER, H.; GELENBE, F. (Org.). Measuring, modeling and evaluating computer systens. Noth Roland: Amsterdã, 1977.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica.** Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **Esboço para uma teoria das emoções.** Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **The mathematical theory of communication**. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992. 2 v.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto,

2005. 2 v.

2.16 MCLUHAN DESDOBRADO: TEORIAS, CONCEITOS, ECNOLOGIAS E RUPTURAS.[28]

INTRODUÇÃO: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Muito já se disse sobre Mcluhan, suas ideias e teorias. No entanto, ainda há muito a ser decodificado sobre o que disse, quis dizer e que estão nas entrelinhas implícitas em sutis ironias. Isto faz crer que as afirmações filosóficas e categóricas feitas por Mcluhan exigem uma leitura especial, mais sensível e mais atenta.

Com suas ideias e teorias faz a seu modo uma supressão do tempo e do espaço, unindo filosofia, psicologia, sociologia e antropologia. Nesta sua viagem intelectual e conceitual que culminarão com grandes contribuições teóricas, detectou a necessidade de novas justificativas, diante do predomínio ou predominância da tecnologia eletrônica.

Neste sentido, a *hybris* ou a desmedida mcluhaniana está em desafiar a ordem estabelecida, própria dos revolucionários, para compreender os *media* e seus efeitos culturais, em um contexto extremamente rico, carregado de tecnologias, implicando reavaliar os órgãos de percepção ou os aparelhos perceptivos, em uma nova dinâmica com diferenças tênues entre atividade sensível e aparelhos perceptivos, traduzindo a complexidade da linguagem e predisposição sensorial (BOURDIN, 1979, p.9).

Para fazer justiça a Mcluhan, basta não mais que uma simples leitura em seu referencial teórico para aparecer os grandes temas do século XX e que, camuflados em outras nomenclaturas, permanecem no atual século (MCLUHAN, 2015).

A começar pelos efeitos da imprensa nas mudanças sociais, passando pelo mundo impresso criado por Gutenberg, Mcluhan aprofunda os estudos dos efeitos do livro no individualismo, na solidão, no isolamento e fragmentação do homem. Esta talvez seja a grande questão do século XX, elevando a televisão como a responsável por resgatar o humano em todos esses estados.

No entanto, o pensamento teórico de Mcluhan tem como base fundamental, não única, a literatura e a cultura. Seu mundo é o mundo elétrico, seu objeto é a televisão e seus efeitos a revolução cultural, política e social ou todas interligadas.

[28] Texto publicado na Revista Internacional de comunicación e desarrollo, v. 3, p.22, 2020.

Impossível não perceber que as teorias e conceitos mcluhanianos antecedem em quase meio século a idade das Redes. Muito do que se discute hoje são atualizações de Mcluhan. Os conceitos são quase os mesmos, a partir de sua justificativa da revolução como um aumento constante de velocidade a suprimir tudo: tempo e espaço.

As últimas tecnologias do século XX trouxeram para o cenário mundial, não somente as tão esperadas inovações em tudo que havia até então, cobrindo as diversas facetas da dinâmica que envolvia o domínio total da televisão, sobrepondo-se aos outros meios. Pretende-se repensar neste ensaio os *media* de massa, centrando especificamente na televisão como um meio que merece todas as atenções como as teorias de Marshall Mcluhan o projetam com o sentido e a importância da revolução de suas ideias, relacionadas aos meios técnicos de produção, transmissão e apropriação de mensagens, forçando, inclusive, uma reorientação metodológica, inaugurando outras vias de investigação com muitas justificativas para se repensar os processos e as práticas com inversões incríveis como por exemplo "o meio é a mensagem" .

O *PLEXO* MCLUHANIANO: DESDOBRAMENTOS DAS TEORIAS, CONCEITOS, TECNOLOGIAS E RUPTURAS.

Mcluhan, em seu início como intelectual erudito, provocou indagações sobre os caminhos e futuro não só da televisão no contexto norte-americano e canadense, mas também sobre todo o conteúdo veiculado pelos *media*, da forma como o conhecemos válido até hoje, como filmes, propaganda, telenovelas, programas de auditório, shows. Se a autonomia dos telespectadores era muito questionada por diversas teorias, acredita-se que houve, a partir da revolução mcluhaniana, transformação no pensamento sobre as relações dos *media* como emissores com seus receptores. Estas mudanças tiveram como centro a total dinâmica das influências que os *media* exerciam por eles mesmos, sem ter em conta as mensagens que veiculavam. Além disso, essas mudanças elevaram e muito o número de possibilidades, promovendo, por suposto, a democratização da televisão como sistema, apesar de trazer em seu bojo alterações do processo e a probabilidade de ameaçar a hegemonia das grandes redes que detém a maior parte desse lucrativo mercado. No mesmo contexto canadense e norte americano, percebe-se que um novo cenário está a se esboçar, transformando a realidade da televisão, frutos das mudanças que virão no arcabouço de novas tecnologias alardeadas por Mcluhan. São ventos novos que trazem as tão esperadas inovações no que havia de mais original e criativa, cobrindo

as diversas facetas que envolvem a dinâmica dessa passagem do cinema para a televisão (MCLUHAN, 2015).

Porém, é preciso observar criteriosamente que as três idades do homem: a pré-alfabética ou tribal; a de Gutenberg ou individual e a elétrica ou retribalizada, no sistema novo, a fim de entender como esse processo se dará e o que de fato ele mudará em termos, não só de avanço teórico, mas principalmente no que diz respeito às inúmeras possibilidades de transformação de todo um sistema conhecido que urgia mudanças, num contexto em que a tecnologia estava na ordem das discussões. Estes processos provocaram na televisão a valorização de experiências já consagradas pelo cinema. Tendo ainda – no caminho dessa transformação – as múltiplas possibilidades de interação que o novo prometia, com respostas ilimitadas nesse novo panorama que se desenhava diante dos avanços que estavam por vir – espacial e temporal – das comunicações massivas (FINKELSTEIN, 1969, p.15-16).

Nesse sentido, deve-se pensar as ideias de Mcluhan como uma síntese ou fusão revolucionária da filosofia, psicologia, sociologia e, principalmente, com a antropologia, em um processo que vive a ruptura com o surgimento da televisão que cumpriu importante papel para muitas pessoas e se constituiu no mais massivo meio para se obter informação e, também, de acesso ao lazer. No entanto, sua atuação ou programação, em muitos casos, tenha sido de gosto duvidoso. Mas, não se está aqui – neste texto – discutindo a qualidade televisa da programação que as emissoras veiculam. A ideia não é essa, mas sim analisar as possibilidades e contribuições de Mcluhan no sistema midiático.

Na propaganda, por exemplo, em The Machanical Bride, foi um tema importante para que Mcluhan pudesse pensar os *media*. Através da publicidade ele percebia que poderia combinar a segmentação do público que se desejava atingir e que este poderia dar respostas objetivas e imediatas. Percebeu ainda que isso poderia afetar o cotidiano das pessoas e, o mais importante, seu desejo de consumo, pois um consumidor nem muito passivo, nem ativo totalmente, mas sua capacidade de resposta seria quase imediata. Certamente, estas novas possibilidades ajudaram a pensar e a formatar um novo perfil de público mais crítico em relação ao consumo dos chamados bens simbólicos. Logo, antecipou que o público não era um mero receptor, mas um coprodutor que participa. Em tese, ele justapõe as diferentes áreas em que emerge a cultura popular como uma nova realidade tangível, no contexto geográfico, novos modos de intercâmbio entre produtor e consumidor, e a nascente interatividade, produto das extensões, tem a capacidade de transformar as realidades e seus papéis na sociedade.

Deste fluxo, nasceria uma alteração na relação entre a televisão e quem a assiste, recuperando certas sutilezas, nesta relação, brutalizadas pela imposição de conteúdo. A ideia do "meio é a mensagem" obrigará, obrigará o produtor a se especializar continuamente, a fim de reformular o que produz e inserir como palavra de ordem nesse novo universo a imagem de um homem omnipresente, brindando um mundo de símbolos e frases engenhosas que definem padrões de conduta.

Assim, pode-se compreender melhor o sentido e a importância da revolução de Mcluhan, extremamente dinâmica, dado que as extensões como complexo sistema proporcionará transformações em todos os níveis e isso implica ajustes não só técnicos, mas também de conteúdos veiculados como ferramenta a seu favor. Esta realidade forçou os pensadores dos *media* a refletirem sobre o que estão produzindo e como o público está recebendo esse produto.

As extensões, no sentido mediático, produzem um novo diálogo entre produtor e consumidor, inclusive, com todos os agentes envolvidos no processo midiático. É importante e necessário neste momento, lembrar a definição mcluhaniana de *medium* como qualquer tecnologia que "crie extensões". Tal discussão é necessária em virtude de apontar novos caminhos para se pensar os *media* como um todo. Além disso, fica evidente que será preciso repensar os modos de produção, veiculação e, sobretudo as apropriações de mensagens pelo receptor. Esta abordagem inaugurou outras linhas de investigação ao explorar uma nova variedade de ideias e, também, analisar os efeitos da técnica, forçando o surgimento das novas teorias que justificaram e repensaram os processos e as práticas mediáticas, necessárias para fundamentar o pensamento sobre as trocas de mensagens, presentes na dinâmica social, representando e aglutinando simbolicamente o mundo, pois *os mass media* , como o próprio nome sugere, aglutinam o público extensivo à condição de massa (MCLUHAN, 2015).

Mcluhan percebeu que quando uma nova tecnologia penetra na sociedade satura e ao mesmo tempo fragmenta ou segmenta o sistema e o público. No entanto, deve-se salientar, portanto, que teorias basilares da extensão, que vão ao encontro desse novo contexto, dentro do que estava nascendo, por exemplo, a internet no final do século XX, forçosamente ganhará novas configurações. Seria interessante pensar a internet como o resultado de um processo evolutivo a partir da versão de extensões que exigiriam como em algo diverso uma nova teoria, por exemplo, com o sentido ecológico midiático para dar conta dessa evolução, a fim de que esse processo seja devidamente analisado e entendido (MCLUHAN, 2005, p.137-140).

Acreditamos na importância desse estudo que ao partir da análise da tecnologia como aceleração de processos, tal como foi concebida, chega ao ponto de se recuperar o passado e,

assim, pensar na questão das sutilezas da linguagem, em que as pessoas estão prontas para agir, editar, transformar e, naturalmente, responder imediatamente a algum tipo de impulso ou provocação geradora de algum tipo de emoção, chegando a algum limite. Nesse sentido, é que as teorias de Mcluhan poderiam vir ao encontro do contexto atual em que processos mediáticos transformaram-se em linguagem de sinais exemplificados pelo próprio Mcluhan, depois em mímica, tal como pensamos ou aplicamos no cinema, teatro, jornalismo. Tudo que compõe e forma o pensamento de Mcluhan é interessante porque faz com que se esqueça de aspectos gerais dos *media*, tais como os conhecemos e, para não exagerar, trata-se de uma técnica da informação.

Uma grande parte destas teorias aplicadas aos, *mas media* detém, como base, nos efeitos dos meios sobre a sociedade e, aplicando esses efeitos e os estudos desses efeitos como processos que estendem ou prolongam algum sentido, características tão profundamente estudadas para que se chegasse ao *medium* que só existe devido a tudo que se relaciona a ele. O desenvolvimento da teoria pretendida por Mcluhan não é outra coisa senão remarcar o fenômeno da técnica que cria ao seu redor e exige a prioridade de uma resposta a curto prazo, quase que imediato. Portanto, o efeito principal seria a impossibilidade de controlar os *mass media* eletrônicos, em processo, ocupando-se em levar às pessoas algum tipo de efeito revolucionário e extremamente provocador. No sentido não só de atualizar, mas desenvolver, no novo contexto, um entendimento amplo das possibilidades que transformarão os *media*, de maneira geral (MCLUHAN, 2015).

Todavia, costuma-se dizer, romanticamente, que a vida já é irreversivelmente composta de extensões, mas a tecnologia que está onipresente na vida das pessoas surgiu trazendo com aparência de futuro, em seu bojo, efeitos produzidos, plenamente integrados, num quase presente às culturas existentes por meio das extensões, estimulando, de certo modo, uma inserção. Se bem que essa inserção é uma questão bem mais complicada e não pretendemos discuti-la no momento, porque requer uma amplitude de abordagem que desviaria o centro de nossa análise (MCLUHAN, 1976, p. 21).

De certo modo, as pessoas diante dessa revolução tecnológica, nas principais cidades do mundo, apontam e atuam nesta mesma direção, uma vez que o contexto global evidencia que o homem está profundamente integrado às mídias, juntamente com as conexões que essas mesmas mídias permitem estabelecer, em quase todos os sentidos. E, retomando a discussão sobre os efeitos midiáticos que esse poder vem revolucionando na sociedade tecnológica, podemos dizer que o processo – agora, século XXI – se dá quase que individualmente e não

mais como fenômeno grupal. Situação esta que torna patente à realidade, no contexto dos atuais agrupamentos humanos, visto que já nos final dos anos 80, portanto, no século passado, já se falava categoricamente no isolamento como um processo a que o homem estaria sujeito nos grandes centros urbanos.

Tal isolamento torna-se natural – inclusive por uma questão de segurança, evita-se sair de casa é a informação que chega aos lares, via *web*, televisão, celular e por todos os meios interativos possíveis. Agora, as experiências são quase que individuais e mesmo os compartilhamentos através da Internet ficam no plano do intangível, virtual, à distância. Isso não significa dizer que nessas experiências não estejam explícitas nas trocas culturais e processos de persuasão e convencimento, questões que levam a analisar a eficácia das ideias de Mcluhan.

Assim, é preciso olhar para as várias abordagens dos *media*, principalmente as que discutem a vulnerabilidade ou invulnerabilidade das pessoas, diante de seus efeitos, não só na vida das pessoas que estão se relacionando em grupo, mas daquelas que estão em processo de isolamento. As próteses, sejam elas pequenas ou não tão pequenas, adaptáveis a óculos, joias, canetas, dissimuladas ou inseridas, incrustadas nos ouvidos, se tornarão a grande porta para a teoria mcluhaniana dos efeitos. E, assim, pensa nos efeitos dos *mass media*, nas dimensões desses efeitos, sem esquecer que Mcluhan pensou a televisão como um artefato, uma máquina que codifica e transmite mensagens com sons e imagens, desenvolvendo e evoluindo continuamente, as suas qualidades técnicas. Em outro momento, devemos entender que a televisão é uma indústria e, como uma indústria, está cheia de intenções – sejam elas empresariais ideológicas ou culturais, e essas intenções estão principalmente projetadas, principalmente, nas mensagens publicitárias que alimentam essa mesma indústria.

A teoria de Mcluhan aplicada à publicidade é clara: a televisão é constituída de um conjunto de conteúdos construídos de vários sentidos, sejam comerciais, culturais ou ideológicos. E as análises nos levam a refletir sobre esses conteúdos, pois quase todos têm acesso a eles, principalmente as crianças que passam muitas horas assistindo aos programas, consumindo muito televisão, e neste consumo estão a possibilidade de se avaliar os efeitos desses *media*, válidos também para a internet. É fácil perceber que todo telespectador constrói indagações, constrói perguntas a necessitar de respostas.

Voltando às ideias de Mcluhan, o conceito de extensão se constitui em um enorme canal de participação para esse público a fim de se chegar às respostas, isto porque esse público, repetimos, necessita destas respostas e as exigem. Sabemos que o público tem dúvidas e,

quando elas surgem, são necessárias para que sejam facilitados, por exemplo, o consumo, além de suprir anseios e necessidades, sejam eles, espirituais ou básicas. É exatamente por isso que a interatividade, por meio das extensões seduz, pois atua em todos os espaços da cultura, do entretenimento ou mesmo ideológico, tornando-se mais marcante principalmente nos espaços massivos e, assim, e por isso mesmo seduz justamente pela possibilidade de representar mais pontos de convergências, nos quais as emissoras podem se apoiar como modelos de difusão cultural ou negócios envolvendo a cultura (MCLUHAN, 2015, p. 269).

Obviamente, muitas perguntas ficarão sem respostas, mas há questões fundamentais em nossas análises, importantes a serem colocadas em relevo: as ideias de Mcluhan permanecem atuais como se estivesse antevendo um futuro próximo – com a entrada e intensificação das redes sociais interativas e, portanto, com as mídias interativas? Qual seria o ponto central a ser atualizado nessas teorias? O centro das atenções estaria no acesso ao público ou na participação comunitária? E, como serão os conteúdos gerados pelos próprios usuários? Estas são algumas das muitas indagações que nos chegam e que só a prática dessa nova realidade, ao longo do tempo, poderá responder, incluindo o processo ecológico midiático. E quais as atualizações precisam ser feitas para que os efeitos de fato sejam realmente justificados teoricamente? A evolução pela técnica ou a passagem de uma tecnologia a outra transforma, envolve todo o sistema que compõe os *mass media* como a televisão e também o sistema de radiodifusão, forjando outras características. Estas características associadas à velocidade de transmissão e qualidade da imagem e do som, além dos chamados efeitos diversificados provocam um aumento muito significativo na eficiência do sistema de radiofrequência, dando possibilidades de maior oferta de conteúdos culturais e opções de serviços de toda ordem. Ampliando um pouco mais esta questão, podemos dizer que muitas destas discussões estão centradas nos modelos de negócios e produção de conteúdo, na legislação, na estética, na programação e na cultura efetivamente televisiva. Dentro destas abordagens, percebe-se, ainda, que há uma implementação ou uma possibilidade de melhoria, cada vez mais rápida, que significa realmente uma revolução dos *mass media.*

Esta questão com seus desdobramentos, certamente, será o centro de nossa atenção, voltando um pouco mais ao processo em que se baseia a informação. É, nesse contexto, que ressaltamos a apropriação de nossos sentidos através das extensões, ligadas ou não diretamente ao sistema nervoso central, à apropriação de novos valores estéticos, dentro da supremacia do audiovisual nominada por Mcluhan. Além de alterar também os modos de apreensão do conteúdo, talvez, a grande contribuição das ideias mcluhanianas seja – de fato – a possibilidade

de se pensar os prolongamentos como a passagem do homem fragmentado de Gutenberg ao homem integral dos media eletrônicos como interação entre os *media* e com outros homens que também estão em sintonia de maneira permeável (MCLUHAN, 2005, p. 90).

É bom ressaltar que esta permeabilidade, ao ser adotado como mais uma possibilidade, não ficará restrita a simples ampliação do sistema nervoso central, mas será algo mais amplo, diversificado, dinâmico. A proposta teórica de Mcluhan leva a crer que, na construção de um espaço mediático realmente democrático, o usuário poderá não somente assistir, mas produzir conteúdos e inseri-los no *medium* de massa de sua escolha. Será deste processo que sairão as novas linguagens e as novas produções, ou a nova linguagem como síntese de linguagens como caminho para atualização teórica.

Na atualidade, os *media* realizam um diálogo multidirecional, abre espaço para uma interação entre os *media*. Atingem a vida cotidiana das pessoas, justificando o conceito de mídia de Mcluhan como "tudo que se relaciona com o meio". A grade de programação procura – dentro do possível – entreter, recriar a realidade e tirar os *media* da atual condição que, como a televisão não mudou completamente para uma realidade multidirecional, é pouco dissimulada e integrada tecnicamente, estabelecendo um diálogo no imenso mar informativo, exigindo, de fato, ajustes técnicos e uma nova postura que permitirá incorporar o homem em toda a sua humanidade. No sentido mcluhaniano, é o de levar cada pessoa ao mundo dos, *mas media* eletrônicos e não apenas buscar informações, como ocorreu, num primeiro momento, com a televisão. Uma saída interessante seria buscar soluções a partir da participação ativa e assim atender as necessidades reais do telespectador, quando este preenche os espaços pela interatividade, permitindo encontrar soluções para os problemas que o aflige (MCLUHAN, 2015, p 307-309).

Para Mcluhan só assim a televisão poderá aprimorar e evoluir como linguagem poderá chegar daqui a algum tempo ao ideal como *medium* de massa interativa. Além disso, deve-se relembrar que uma das características de um *medium* de massa é o fato de uma única informação partir de um único ponto para milhões de receptores ao mesmo tempo. Assim, ressaltamos que a televisão não mudará as características gerais dos *media* de massa, mas poderá se democratizar como veículo – não por trazer conteúdos em quantidade descomunal para um grande público, mas por mantê-lo alienado sempre da realidade social e política

No entanto, mesmo alienado tem a capacidade de dar respostas imediatas ou simultâneas através da televisão. Mcluhan usou as histórias policias para pensar teorias que explicassem, e ao mesmo tempo justificassem estes processos rápidos de mudanças de comportamento. Por

exemplo, os conceitos de extensão, prolongamentos, agilidade e trocas culturais estão sempre presentes quando se pretende chegar à essência propriamente dita da revolução mcluhaniana. Um dos temas mais desenvolvido por Mcluhan no campo da televisão, são os efeitos dos meios como extrema relevância por atingirem as questões essenciais dos indivíduos e das populações.

Aproximando as discussões sobre as mídias com suas potencialidades, pode-se dizer que os efeitos invisíveis como os prolongamentos do sistema nervoso central, aplicados ao telespectador, devem ser repensados e justificados em termos teóricos de atualização teórica.

Neste sentido, não seria exagero propor um retorno às ideias de McLuhan e Harold Innis ao iniciarem os estudos não apenas dos efeitos da tecnologia forneceram elementos para revolucionar, drasticamente, a forma de fazer televisão, justificando, portanto, pensar todos os sentidos e maneiras padronizadas de receber informação e outros conteúdos. Deste modo, Schettino (2007) acrescenta que o atual modismo da palavra extensão vem com o sentido de dotar o receptor de um ou vários *media* da competência de reagir a ele em processo contínuo. As ações deste telespectador estão carregadas de significados subjetivos que traduzem a sua conduta e também a dos *media* com os quais interage, ultrapassando as fronteiras da subjetividade como processo de interpretação da conduta dos outros, para se chegar à intersubjetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os vários conceitos que Mcluhan criou estão ainda em uso e certamente demandarão a necessidade de mais alguns anos de experiências e amadurecimento para se chegar à sua abrangência, ou melhor, à sua essência que inclui atualizações no contexto do século XXI. Mas seus sentidos imediatos, hoje, encontram-se na capacidade do telespectador, não só de assistir televisão, mas também de participação quando executa um papel verdadeiramente ativo no processo midiático.

Estes conceitos, obviamente, como proposta ainda nova, muito pouco explorada dentro de suas múltiplas possibilidades. Indagam-se quais seriam os limites das teorias de Mcluhan em decorrência da amplitude das capacidades de suas ideias, possivelmente derivadas de seu repertório inventivo próprio. Estamos a lidar com uma tecnologia que inova de maneira rápida,

e suas potencialidades ainda perduram como incógnitas no campo de conhecimento do homem comum.

As possíveis respostas dependerão das futuras práticas e de seus resultados.

Parece-nos ser um bom começo comparar a televisão com a Internet na utilização das teorias e conceitos mcluhanianos, incorporando os resultados dos estudos dos efeitos, aplicados aos *media* atuais que deverão aparecer em breve. Seria interessante se aparecessem juntamente com teorias que dessem conta e que fundamentassem as ações e efeitos provocados, não somente como fenômenos estatísticos, mas como resultados. É temeroso pensar, sem a necessária cautela, a televisão neste momento de plena ação prática e mudanças contínuas. Pode-se correr o risco de exercício de mera futurologia.

No século atual, as mudanças tecnológicas atingem nossa capacidade de ler e perceber e ainda os nossos modos de ver e fazer televisão. Os argumentos disponíveis são apenas uma solução paliativa e momentânea à grande maioria das análises dos produtos televisivos que serão veiculados ou exibidos em tela com formatos e graus diversos (MCLUHAN, 2005, p.87).

Como Mcluhan, acredita-se que a televisão revolucionará ainda em novas plataformas convergentes. Os exemplos são convincentes e ilustrativos, mas carecem de análises mais aprofundadas das questões tecnológicas, sociais e históricas que permeiam e envolvem século XXI. Algumas experiências poderiam ajudar a compreender melhor, no que diz respeito aos fenômenos mesclados à apreensão, extensão e próteses como prolongamentos de sentidos, projetados nas análises da televisão em seu momento atual de enfrentamento com a internet, segmentados em redes e pelos canais específicos (MCLUHAN, 2005, p.73).

Acreditamos não existir uma única teoria capaz de subsidiar todos os fenômenos dos *media* e especialmente os televisivos. Somente as experiências que ainda estão sendo realizadas, ou por vir, trarão respostas. Na atual circunstância, a televisão é classificada como um *mix* de mídias convergentes, incluindo todo o seu entorno e relações tecnológicas, talvez seja possível pensar em de um *mix* de teorias para dar conta da multiplicidade de fenômenos. Estas são as intersecções mcluhanianas a exigir um diálogo constante entre as suas teorias e conceitos, compreendendo os *media* como forma política, como formas artísticas, como batalha e como mensagem. Por outro lado, a natureza interdisciplinar das ideias de Mcluhan aponta para alguns caminhos na superação dos obstáculos às justificativas presentes desde o começo de existência.

1. A transformação da sociedade é feita através de mensagens trocadas entre os indivíduos e estes, por sua vez, com os meios massivos, com tecnologia como extensões,

revolucionando a sociedade e a cultura, que representam e refletem simbolicamente o mundo.

2. Antes, os *mass media*, como o próprio termo já denota, aglutinavam públicos. Agora, os públicos são fragmentados em segmentos estanques, cada qual a fazer sua própria escolha: selecionando e/ou editando e construindo sua programação particular, a partir daquela comum produzida e enviada a todos.
3. É imperioso pensar as teorias e conceitos mcluhanianos que objetivam dar conta das análises dos processos atuais em que as práticas das relações interpessoal, grupal e coletiva ganham novas configurações.

REFERÊNCIAS

BOURDIN, Alain. Mcluhan. Edições São Paulo, Melhoramentos, 1979.

FINKELSTEIN, Sidney. Mcluhan : a filosofia da insensatez. Rio de Janeiro,

Paz e Terra, 1969.

MCLUHAN, Marshal. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix, 1966.

MCLUHAN, Marshal. McLuhan por McLuhan; conferências e entrevistas. Rio de janeiro, Ediouro, 2005.

MCLUHAN, Marshal. Compreender-me conferências e entrevistas. Lisboa, relógio D'água, 2009.

MCLUHAN, Marshal. Inédito/Marshal Mcluhan, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, La Marca Editora, 2015.

HASS, Hans. O Homem-os mistérios de seu comportamento. Lisboa, Moraes Editores, 1970.

SCHETTINO, Paulo. Diálogos sobre a tecnologia do cinema brasileiro. São Paulo, Ateliê Editorial, 2007.

CASASSÚS, José Maria. Teoria da Imagem. Biblioteca Salvat de Grandes Temas. Lisboa,1979.

3 LIVRO NO PRELO

3.1 FLUXOS CULTURAIS e CONEXÕES MIDIÁTICAS [29]

APRESENTAÇÃO: Paulo B. C. Schettino

[29] Trata-se de seleção dos textos produzidos nos três últimos anos com temas tratados pelo autor, que criticamente faz um exercício de entendimento dos usos dos conceitos, das teorias, das relações interculturais, interpessoais, interinstitucionais diretas e indiretas. Salientamos que o livro está ainda em preparação.

AVISO!

Este é um livro de um pesquisador para pesquisadores. Com generosa e honesta intenção, pretende disponibilizar aos seus leitores todos os passos do percurso de uma pesquisa teórica e acadêmica.

Em um arroubo metalinguístico, escritor francês Andrè Gide coloca na boca de uma de suas personagens no romance "Os Moedeiros Falsos" que somente os romancistas põem 'ponto final' para encerrarem suas narrativas. Bem ao contrário do que acontece com as pessoas reais, de sangue de carne e de ossos, pois a Vida dessas sempre continua. Assim sucede com o pesquisador ao dar a largada de sua pesquisa - aceita que não ousará jamais fazer uso de 'ponto final' ou 'conclusões'. Acrescente-se também o aceite de ser infinito o Conhecimento, tal como o Universo.

Pois bem, um pesquisador de todas as Ciências, entendidas como áreas estanques do Conhecimento, seja qual for a sua área de atuação pode vir a se tornar uma personagem por ser uma pessoa, de sangue de carne e de ossos, mas apenas quando outrem passa a ser o narrador de suas façanhas. Como agora fazemos. Afinal, tanto a palavra 'pessoa' quanto a palavra 'personagem' dividem a mesma raiz, 'persona'. A pessoa do pesquisador difere das outras pessoas comuns por trazer uma idiossincrasia: por se tratar de um ser humano com a teimosia que quase beira obsessão quando se depara com o desconhecido ou o inusitado ou qualquer coisa que seja a que ele venha atribuir a condição de fenômeno. E, dentro desse vasto conceito da fenomenologia é que reconhece a Comunicação como um fenômeno do humano, à moda de um Teillard de Chardin do século 21.

Como pesquisador da Comunicação e da Cultura é que se volta para a Filosofia em busca dos subsídios no intento de repensar as teorias e práticas daquelas. Eis que é dessa forma que ele descobre o ponto de partida para a sua pesquisa: o Tema – as possíveis relações entre a mãe das ciências, a Filosofia, e a atualização do fenômeno Comunicação.

Isso assente, o autor trata de construir o *corpus* teórico que irá se basear a partir da obra do filósofo Hans Georg Gadamer e de seu estudioso e seguidor, Paul Ricoeur. Ao longo dos passos de seu percurso, e por força de descoberta de entrelaçamentos e liames em outras obras de outros autores como tipifica as 'intertextualidades' de Gérard Genètte, vai paulatinamente construindo uma preciosa rede ou teia de textos afins com o tema escolhido.

PREFÁCIO: MUNIZ SODRÉ

O pensador alemão Hans Georg Gadamer, como bem se sabe, é um dos maiores expoentes da teoria de interpretação de textos verbais ou não verbais, isso que se reconhece academicamente como "hermenêutica filosófica". Impossível resumí-lo em poucas palavras, mas admitamos que se trate de um cultor da experiência e da compreensão, tal como se infere de "Verdade e Método", sua obra principal. Para ele, o ser é experimentado "lá, onde aquilo que acontece pode ser meramente compreendido". E isso não se passa como um subjetivo jogo de linguagem na consciência do falante, mas como uma experiência histórica do sujeito.

Nessa experiência, é fundamental interação com um "tu" (ponto em que Gadamer e Martin Buber se encontram), geradora da pergunta: Quem é, para mim, este outro com quem eu falo e vice-versa? Esta é a dimensão enunciativa, da qual não dão conta por inteiro a racionalidade linguística nem as muitas lógicas argumentativas da comunicação, porque está visceralmente referida a um *existencial* (modo de ser possível do homem) designado por Heidegger, aliás, mestre de Gadamer. A compreensão e a interpretação vinculam-se num regime comunicativo em que o sentido troca a lógica circulação de valores do enunciado pela co-presença somática e sensorial dos sujeitos.

Pois bem, é precisamente em Gadamer que Osvando J. de Morais vem apoiar-se para revisitar teoricamente o conceito de comunicação. Osvando sustenta, e com acerto, que esse conceito mora no círculo da filosofia, como sugere, aliás, Peter Sloterdijk (por nós citado em trabalho recente): "A parelha formada por Sócrates e Platão marca a entrada da nova ideia educativa. Em face do convencionalismo e do oportunismo dos professores de retórica e dos sofistas, eles desenvolvem um arrazoado em favor duma reforma global do homem. *Paideia* ou a educação como formação do homem para um grande mundo com a imperialidade latente ou manifesta, não é só um termo fundamental da prática antiga da filosofia, mas designa também o programa da filosofia como prática política. Pode-se aí discernir o nascimento da filosofia, condicionada pela emergência de uma nova forma de mundo, arriscada e encarregada de poder — hoje, nós as chamamos culturas urbanas e impérios".

Educação, portanto: A ideia já está contida na palavra "experiência", que Gadamer destaca e Osvando confirma. É que experiência inscreve etimologicamente a ideia de deslocamento espacial, de uma travessia a partir de um ponto original. Análoga, assim, ao que semanticamente implica *educar*, isto é, conduzir-se ou conduzir alguém de um ponto para outro — "viajar", em última análise, que conflui para o significado, de criar ou formar espiritualmente

alguém. Educar equivale a iniciar a consciência na trilha de um estranhamento interno e externo, que significa a possibilidade de crescer em autonomia.

Em John Dewey, experiência é a interação entre o indivíduo e o ambiente, regulada pela *situação*. Ela tem como pressuposto um conjunto anterior de saberes, que possibilita ao sujeito o desenvolvimento de sua interação com o mundo, portanto, de sua experiência. Este aspecto é relevante para a consideração do processo educacional, na medida em que sugere a ampliação do ser comunitário, assim como o desloca das rotinas para capacitá-lo a interagir expressivamente com a pluralidade das situações presentes em sua interação com o mundo.

Osvando parece-me caminhar nessa direção. Por isso, expande o tratamento teórico da comunicação para a especificidade latino-americana, onde, segundo ele, os discursos podem criar comunidades. Trata-se de um trabalho ao mesmo tempo didático e reflexivo.

PRIMEIRO PASSO

O começo: HANS-GEORG GADAMER

Parte-se do pressuposto de que a mídia de maneira geral, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que os eventos e as ações, como matrizes centrais no processo midiático, seriam imperceptíveis por sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos.

De outro modo, interessa-nos suas mudanças observáveis a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras. É possível perceber outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, no contexto social, político e econômico.

Neste sentido, a dificuldade de se definir a comunicação como processos subjetivos delicados de percepção, instigou-nos a repensar a comunicação como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicas e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos de comunicação suscitando a transcendência do ir além: o mundo mental como outro mundo e o percebido silencia-se no universo solitário e particular.

Uma das grandes contribuições de Hans Georg Gadamer é a de que a linguagem atua constantemente como *medium*, isto é, como mediadora das experiências humanas, levando em

conta o conceito clássico que pressupõe não somente a compreensão que se funde na transferência de conhecimento para o outro, mas também a participação imediata de um no outro, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, atua para exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomada de consciência e, ainda, as condições em que se realizam qualquer entendimento.

Por outro lado, todo entendimento pressupõe a transposição de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que incluímos os conceitos de mídia que preconizam o domínio de um mesmo código. Mesmo assim, comunicar para Gadamer significa traduzir, usando a linguagem como *medium*, em um processo de acordo biunívoco que possibilita trocas de consciência e experiências entre os interlocutores.

Outro sentido explorado por Gadamer para comunicação é o de conversação, implicando reações entre os envolvidos. Esse debate pode dar-se, em várias etapas, é a compreensão que envolve decisões delicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação. "Como ocorre entre duas pessoas, também entre os terceiros dessa "conversação" se dá uma interação que é mais que mera adaptação". (GADAMER, 2005, p. 502)

Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é o *medium* universal e cada meio de midiático a desenvolve e aprimora a sua própria compreensão de mensagens, seja na forma escrita, oral, com seus usos e costumes incluídos.

Cada meio de comunicação desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte seu texto em linguagem, e, Gadamer classifica esse processo como "consciência compreensiva" realizada através do que foi comunicado, incluindo aí a ideia da fala oral e de sua relevância nos meios massivos.

A palavra falada para Platão se constitui como o pensar verdadeiro e como comunicação surpreende pelo modo de falar, o tom, a cadência e não sofre da mesma debilidade do texto escrito que pode sucumbir a mal-entendidos. É na conversação que se dá a comunicação que fortalece o sentido do que foi dito.

Pensar a comunicação seria ater-se a um conjunto de interações possíveis que se revelariam abissais, pois o que realmente foi comunicado, em sua essência, ficou discreto por redução a uma dimensão mental.

Neste ponto, a linguagem organiza didaticamente a compreensão e é essa possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido. Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais

eficaz que a comunicação seja, ela é sempre aproximada. Apenas parte das intenções seria plenamente atingida. “Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito.”

As ideias de Hans Georg Gadamer são muito conhecidas e debatidas na área de filosofia, em quase todo o ocidente, principalmente por aqueles interessados em discutir as questões relacionadas à hermenêutica contemporânea para além de sua aplicação original aos textos religiosos e à tradição jurídica. A grande contribuição de Gadamer pode ser encontrada em seu livro “Verdade e Método” (1960), traduzido para o idioma inglês, italiano, espanhol e português, entre outros. Um exemplo importante a ser mencionado, o que de certa forma configura o início da relação das ideias gadamerianas à área de comunicação é a tradução do italiano Gianni Vattimo, no início dos anos setenta (Vol I Fabbri 1972, e Vol II Bompiani 1983), que teve obviamente uma grande repercussão, graças também às apresentações e aos estudos do tradutor, dando origem na Itália a muitos outros estudos de diversos pesquisadores.

Nos últimos anos, intensificamos o trabalho de leitura das traduções dos escritos gadamerianos que incluem, entre outras coisas, os importantes estudos sobre o pensamento de Platão, com os quais demos início a uma espécie de aproximação dos dois filósofos às Teorias da Comunicação.

A iniciativa não veio ao acaso, mas pela extrema necessidade de buscar elementos que pudessem justificar novas abordagens das teorias da comunicação desde que não coincidissem com as centenas e centenas de estudos realizados nos países ocidentais e repetidos à exaustão por uma grande maioria dos pesquisadores da América Latina. A proposta de realizar e aprofundar estudos de comunicação, usando como base a filosofia de Gadamer tem como propósito, além de fugir da mesmice e das repetições facilitadoras, pensar o que temos de característico na área de comunicação no Brasil e tentar extrair ou organizar uma espécie de essência de nossas práticas, de nossas teorias, de nossa cultura e de nossa identidade que possa, pelo menos, oferecer uma direção mais segura e menos subserviente.

A publicação na Alemanha, das “Gesammelte Werke”, em dez volumes, encorajou a nossa brasileira Editora Vozes a fazer o mesmo, e isso facilitou muito o nosso trabalho a contribuir para que fique muito próximo do ideal que nos propomos. As atividades do filósofo de Heidelberg são muito vastas e complexas e esta pesquisa poderia ser um trabalho de décadas para aproximar de tal modo as ideias hermenêuticas à comunicação, sobrepondo-as de tal modo que se transformariam em uma só, em só objeto. É este o nosso objetivo. Consolidar um trabalho realizado por Gadamer ao longo de um século não é uma tarefa fácil e muito menos

comum. Ligar essencialmente a realidade de *Wahrheit und methode*, a um trabalho teórico novo em comunicação, é sem dúvida, um atrevimento, não muito humilde de se tentar ou pelo menos sonhar com uma *opera magna* dentro da *magnum opus* do filósofo alemão, sendo em grande medida, uma forte recuperação da hermenêutica como debate no pensamento contemporâneo.

Este trabalho, fruto tardio de muitas leituras e de alguma maturidade de pensamento traduz o resultado de pesquisas e reflexões ao longo de anos, representando uma síntese e compêndio de parte e aspectos da obra do filósofo. No entanto, justo por isso, não significa que todo o pensamento de Gadamer está contido nesta pesquisa, não seria possível abarcar tudo o que ele produziu antes e depois de *Wahrheit und methode*. No entanto, o mais importante no projeto é considerar o que a obra filosófica contém como comunicação e o que de novo surgirá desta relação. Já nos referimos anteriormente que os estudos da comunicação no Brasil, na maioria dos seus intentos quase não apresentam nada de novo, restando apenas obras de alguns poucos pesquisadores tanto como propostas e como atividades de pesquisa acadêmica. E neste sentido, do ponto de vista filosófico podemos considerar como um grande desafio visto estarmos diante de tantas possibilidades e desdobramentos nessas atividades que intentamos.

Neste trabalho, para ser possível seguir cada passo da trajetória de Gadamer, devem-se adicionar os estudos hegelianos em numerosos escritos, muitos dos quais são dedicados à leitura dos poetas: Rilke, Hölderlin e Paul Celan. O pensamento de Gadamer, pode-se dizer que nasceu gradualmente na interpretação, e sua hermenêutica filosófica cresceu por meio de um diálogo contínuo empreendido com os pensadores tanto do passado quanto do presente, principalmente com Platão e Hegel. No entanto, devem-se às ideias de Heidegger a longevidade de Gadamer, seu discípulo e seguidor. E esta vitalidade como estudioso e pensador tem transformado o seu pensamento em uma referência fundamental para a compreensão do debate, não somente sobre cultura contemporânea, mas também sobre o intérprete e o mediador, no sentido mais denso de uma grande tradição filosófica que justo Gadamer é colocado como o herdeiro legítimo. Por isso mesmo, pode-se falar de muitos conceitos caros à comunicação tais como compreensão, interpretação, entendimento, mediação e, principalmente, diálogo, através da obra gadameriana.

Gadamer é parte importante de cultura humanística que corre o risco de extinção já em processo dado ao visível descaso do Humanismo em nossos dias, e é um dos seus últimos grandes representantes. Obviamente, como não poderia deixar de ser, incluímos em nosso projeto outro desdobramento da pesquisa que terá como centro a *Comunicação e o Humanismo,*

através dos pensadores pós Marx que inauguraram novas formas de se pensar a comunicação, a cultura e as relações humanas.

No contexto alemão, a cultura é entendida essencialmente como *Bildung* que, se aproxima muito, e melhor complementa o que se entende hoje como comunicação. Por exemplo, quando a cultura aparece fragilizada, de repente surge uma inesperada vitalidade e capacidade de renovação e poder. Nossa proposta de leitura da obra de Gadamer, não somente como filosofia, mas também como teorias da comunicação, justifica-se porque os seus conceitos estão amadurecidos e próximos dos conceitos comunicacionais que traduzem os sentidos de maneira muito mais completa do que aqueles comunicacionais adaptados. Acreditamos que a característica mais importante da filosofia gadameriana seja provocar reflexão, vigilância crítica, em um exercício constante de humanismo. Isto quer dizer que a obra é ainda mais significativa porque faz parte de um século que testemunhou falsos humanismos e falsas culturas como construção, teorizadas como mediação.

Sobre o século XX que passou, ensinava o filósofo, prioritariamente devemos começar a reconhecer a razão como a capacidade de reconhecer no ser o centro de nossos interesses. Trata-se de reconhecer que basta ter vontade e coragem para se chegar à verdade que está em todas as coisas. É preciso trazer de volta a honra e a razão, juntas. Mesmo tendo vivido o século XX inteiro na Alemanha, Gadamer se manteve fiel a esse princípio. É isso que mais torna seu exemplo importante.

Este projeto é uma tentativa de ler os textos, as ideias e as características específicas de um autor que vivenciou, debateu e compartilhou com outros grandes pensadores as discussões mais importantes do século XX.

Nossa pesquisa pretende ir muito mais além de um balanço crítico ou uma avaliação, pois o próprio Gadamer já o fez, mas, ver em detalhes nos interstícios de seus textos, minuciosamente mesmo e com paciência, uma maneira de enfrentar o momento atual da comunicação, e como quer Gadamer, chegar a um ponto de vista mais verdadeiro sobre as coisas. Esta pesquisa é especificamente um estudo do pensamento de Gadamer, que objetiva fazer emergir aspectos importantes de seu trabalho que foram pensados como comunicação, como cultura e como arte, mas que, no entanto, se mantiveram na penumbra, nem sempre considerados como comunicação como mereciam, não tendo o espaço midiático que os frankfurtianos tiveram. São os efeitos perversos dos meios massivos.

De maneira pessoal, nossa intenção levou-nos a não ignorar da hipótese de se estar em uma encruzilhada do pensamento contemporâneo. Imagem da comunicação projetada para simular

um lugar em que muitos passam e poucos ficam. Acreditamos, no entanto, que Gadamer deve ocupar com justiça um lugar especial com esse seu pensamento, construído no diálogo como sempre foi feito na filosofia Grega. É neste sentido dialógico, com a comunidade e para a comunidade que sua hermenêutica caminha em direção à comunicação.

SEGUNDO PASSO

As Ciências da Comunicação e as Hermenêuticas

As Ciências da Comunicação no Brasil sempre foram ancilas das teorias europeias, canadenses e estadunidenses, apreendidas em seus centros de origem e trazidas como novidades pelos estudantes brasileiros após lá serem transformados em professores-doutores, tornando-se delas aqui simples vetores ao se desincumbirem da tarefa única de sua disseminação no país. Este é o ponto de partida nevrálgico de nossa pesquisa na área de Comunicação. Até agora, ainda não tivemos propostas teóricas capazes de retornar às nossas origens, à nossa história e aos antecedentes de nossa construção como sociedade com justificativas aprofundadas capazes de mostrar o que somos e em que nos tornamos, mais ainda diante das ideias em rotação e da espiral tecnológica aceleradamente ascendente. E, este será o nosso grande desafio.

Objetivamos repensar as Teorias da Comunicação a partir dos debates provocados pelas leituras das teorias já consideradas clássicas, com o intuito não somente de construir uma base teórica, mas para pensar criticamente as potencialidades de uma nova teoria. Para tanto, percorremos os sequenciados esforços empreendidos para consolidar o espaço da prática de pesquisa e reflexões acadêmicas teóricas do campo da Comunicação, pretendendo ainda, demarcar o espaço de estudo dentro da grande área do Conhecimento que constituem as Ciências Sociais Aplicadas, nossa área.

Por exemplo, no Brasil, para que as Ciências da Comunicação obtenham o reconhecimento de sua unidade e de sua organicidade sistêmica da complexidade científica, norteadora de um segmento importante como o da comunicação, não basta o desejo inato de buscar o conhecimento que se encontra enraizado em todo exemplar de ser humano. Seria, acima de tudo, necessário retornar às ideias, obras e autores, no contexto de nosso passado

histórico, voltado agora para o século XXI, avaliando as contribuições ao pensamento comunicacional que vem em movimento contínuo e em amplificação desde os meados do século passado, caracterizado por usos servis de teorias importadas de outros continentes, que não falam obviamente de nossa experiência, de nós mesmos e, principalmente, de nossa identidade.

O objetivo geral deste projeto é também abordar as Teorias da Comunicação à luz da Hermenêutica, situando as comunicações no Brasil em um conjunto de textos clássicos que discutem as práticas brasileiras, não somente do ponto de vista da formação do pensamento crítico, desenvolvido em nosso país, mas também empreender uma tentativa de avaliar as influências advindas destes autores, bem como os modos específicos de amalgamar e deglutir as ideias que aqui chegaram e perceber a evolução destes mesmos pensamentos, em um processo de amadurecimento até os nossos dias.

O evidente caráter mestiço da cultura brasileira forjada desde os tempos primeiros da primeira colonização que se formou a princípio no convívio com a cultura europeia, e ainda enfrenta obstáculos observáveis quando se compara com o pensamento dos autores de hoje, analisados e debatidos, no contexto da cultura brasileira, que em suas raízes e convívio com instituições, em suas explicações teóricas, não aprofundam as análises das causas socioculturais, menos ainda, sem refletir no plano das ideias uma sociedade em constante mutação.

Neste momento da história da cultura no Brasil as características subservientes ainda persistem: por exemplo, na carência de orgulho nacional e racial – sentimentos de nativismo e identificações de origem têm recebido aceitação e repúdio (este em maior grau), alternadamente, conforme sopram os coloniais ventos dos modismos. Desvios de olhares aprovadores ora para a próxima e própria circunstância ora para a ubiquidade atenta e atraída pelo global.

É no interior desta formação paradoxal que elementos importantes podem ser observados ainda hoje, nos modos de ser, diante de pouca teoria e ainda na tensão entre sociedade e instituições com paradigmas e problemas estranhos, ardilosamente servis para discussões sobre o estágio que se encontram as ciências sociais e humanas no país.

Os teóricos que fundamentam as ideias discutidas na área das Ciências de Comunicação formam um corpo substancial com pouco pensamento novo, embora exista muita produção, traduzindo as variadas dimensões da diversidade de pensamentos reciclados e que são aplicados à comunicação, em um processo continuo sem mudanças, que não ajudam a perceber como

essas mesmas mudanças influenciaram as novas gerações a repetir comportamentos que definem politicamente, de maneira marcante, no desenvolvimento de uma área complexa como a da Comunicação.

E eis que surge uma nova realidade no contexto da comunicação no novo século: desenvolvimento vertiginoso dos *mass media,* reféns da aceleração das pesquisas científicas de base que alimentam as Ciências Sociais Aplicadas – Tecnologias, voltadas para o incremento e produção de instrumentos e artefatos utilizados nos processos comunicacionais com rapidez de obsolescência, em razão de curto período de uso e já suplantado por um mais 'novo' e atual modelo.

E, neste contexto, as instituições de mídia ganham força e assumem papéis importantes (normativo e na formação do 'juízo' público), a confirmar sua condição de poder junto aos poderes do estado já antevisto pelo historiador inglês, Thomas Carlyle, desde os meados do séc. XIX – notadamente na área de telecomunicação com suas qualidades atuais de portabilidade, simultaneidade e ubiquidade refletidas nas intercomunicações individuais e de grupo viabilizadas pela Internet.

Quase todas as grandes teorias não conseguiram consolidar o campo acadêmico da Comunicação no Brasil, pois em seus usos estão contidos imposição de ideias, de valores e de discursos alienígenos e estranhos como consequência da divisão desigual do mundo. O propósito de tais imposições é subsidiar as novas gerações de pesquisadores com elementos que inibam as resistências. A estratégia tem sido mostrar que os espaços não se fortaleceriam criticamente na área por meio dos modelos de pensamento comunicacional local, pois, quando demandados pelas transformações e práticas locais, principalmente as de cunho cultural e comunicacional, são inúteis pois é o global que predomina.

A Comunicação em nosso país mudou no que diz respeito aos *media*, à indústria cultural, à pesquisa e ao ensino. No entanto, as teorias não refletem essa mesma mudança. Pode-se afirmar que à Comunicação no Brasil competiria refletir e debater essa visão alienígena antes de sua assimilação imediata; deveria registar a ausência, o esquecimento e o desprestígio das teorias dos pesquisadores locais, e também do continente Latino Americano. Pouco se vê nas pesquisas das grandes instituições nacionais trabalhos centrados e fundamentados por autores que participaram ou participam dos grandes embates sobre a construção do universo multifacetado da Comunicação e as causas desta fragmentação. O que se observa é uma repetição de citações e usos dos mesmos autores e ideias, reutilizando conceitos, dispensando reconceituações que deveriam levar em conta elementos e valores das "realidades" locais.

Justificando o embasamento tanto nas hermenêuticas filosóficas quanto em sua prática, proposto de nossa pesquisa, objetiva-se refletir sobre a perceptível cisão observada no meio acadêmico entre os puramente teóricos de um lado e do outro, os tecnólogos enfatizando a prática; percebe-se ainda existir a mesma cisão entre Universidade e Mercado frente às diferentes habilitações profissionais ofertadas àqueles que buscam o aprendizado na área. Tais discussões, em latência nos projetos acadêmicos de jovens-pesquisadores, afloram por meio de temas, especificamente, documentados nos projetos e ideias, como resultantes dos trabalhos pouco reflexivos desta nova geração.

Nosso projeto de pesquisa tem como propósito aprofundar filosoficamente, devido à universalidade da *compreensão* e *entendimento* como questões indissociáveis às Teorias da Comunicação, tendo como objetivo constante a busca de referências complementares e enfática, principalmente em textos clássicos de pensadores nacionais e também àqueles universais que influenciaram a comunicação no Brasil. Este foi o caminho encontrado para fazer a passagem inaugurada no século passado para o atual, mas indo mais além, voltar no tempo e situar os nossos autores ante às influências fundamentais para se entender, pelo viés epistemológico, a Comunicação nos Séculos XX e XXI.

Neste sentido, somos conduzidos a voltar nossa atenção para a Comunicação em seu estágio atual de existência, embora ainda no começo do novo século, demandando primeiramente associá-la ao poder das novas plataformas, ou ainda aos que se apropriaram da Comunicação, exercendo o poder econômico de forma tanto concreta quanto simbólica, para depois empreender a complexa tarefa de entender a sociedade mediatizada de massa, assim como os produtores de conteúdo que veiculam seus trabalhos nos meios de difusão coletiva com grande peso ideológico. No entanto, pensar mais e ver mais longe, podendo dizer ainda que, sem sombra nenhuma de dúvida e nenhum medo de errar, trata-se de buscar as grandes referências para projetos que queiram se vincular às práticas atuais, mas que necessitam, acima de tudo, de justificativas teóricas que deem conta de um sentimento ainda impreciso, que muito embora já dê sinais de encontrar-se em construção.

É nítida a presença dessa mistura ambígua nas opções e ênfases colocadas nas disciplinas dos cursos de graduação em comunicação. Acredita-se na necessidade de mapear o Campo no Brasil, em constante mutação, cheio de armadilhas e contradições. Neste território, há cruzamentos que colocam à mostra os movimentos da academia, os questionamentos e discussões sobre as dificuldades de se ler e lidar com nossos autores, pois os pesos e medidas recaem sempre positivamente nos autores internacionais. São empecilhos aos avanços

necessários, envolvendo tanto os teóricos quanto os técnicos, que por sua vez também participam como autores da moda em um mercado de ideias em espiral crescente, estimulados, principalmente, por uma visão não muito clara, deixando emergir inconscientemente o sentimento de uma nação recém-nascida que aceita e recebe com fervor as concessões de presentes sedutores.

A cultura de massa tal como é praticada no Brasil, merece uma abordagem especial, dado que, como dito anteriormente, vivemos e sofremos influências provenientes da Europa, EUA e Canadá, de visíveis consequências. O Cinema, a Televisão, e a Imprensa (e dentro dela o Jornalismo, notadamente) são o resultado da interação entre teorias e práticas importadas em processos contínuos sem aclimatação, amadurecimentos e adequação à nossa realidade. A antropofagia tão decantada cedeu seu lugar a uma subserviência sem crítica, predatória e dominadora.

Por isso mesmo, Ciro Marcondes Filho alerta ironicamente, sem perder o rigor científico, que a Academia não gosta de comunicar e de comunicação, preferindo os discursos técnicos e vazios sobre as parafernálias. É neste sentido que suas ideias acerca de uma Nova Teoria da Comunicação ocupam importante espaço em nossas reflexões. Diversas teorias que constam do catálogo, assumidas como matrizes seminais não conseguem justificar um pensamento que tenha sido desenvolvido no Brasil e na América Latina.

As consequências e os resultados dos usos políticos das teorias da comunicação em quase todas as instituições de ensino público e privado geram sentidos perversos no ensino e na pesquisa em comunicação. Não se trata aqui de retomar a velha divisão proposta por Umberto Eco, entre apocalípticos e integrados, mas de uma sequência de projetos políticos implantados no Brasil cujos resultados são perceptíveis na formação de pesquisadores e docentes cujas identidades e consciência de suas raízes, oscilam.

Faz parte da luta reconhecer o trabalho daqueles que palmearam cada espaço, demarcando territórios, tal como bandeirantes. Por outro lado, reabilitar os pensadores brasileiros, é um dever em função não somente da importância de suas ideias, mas também dos desdobramentos da comunicação nos dias atuais.

A construção do Campo da Comunicação também faz emergir implicações políticas e influências de ideias dominantes que chegaram e chegam até aqui, mudando os modos de pensar e praticar a comunicação no Brasil, maquiando as especificidades locais, substituindo o processo de vivência e amadurecimento lento que redundaria, no mínimo, na reconstrução dos conceitos.

Por isso, a comunidade acadêmica da área de Comunicação, representada pelos livros e ideias dos autores analisados ainda briga por estabelecer conceitos como o de comunicação, fazendo valer aqueles outros que nos chegam prontos, tarefa segura e facilitadora em todo o processo de ensino e pesquisa. E o resultado, como se constata tanto no Brasil como em toda a América Latina, é o mesmo sentimento da atração vertiginosa, diante do conquistador, como o Moctezuma suicida ao receber historicamente, de maneira hospitaleira e cordial, os invasores espanhóis.

A Comunicação é um verdadeiro mercado de ideias que circulam na academia sendo essa um *locus* hipoteticamente apropriado de reflexão, inclusive sobre o próprio mercado. São polos antagônicos que, por um lado, desvelam uma aquiescência ao pragmatismo, e por outro, uma tentativa de conjugar uma consciência crítica com conhecimento profundo que acabaria garantindo trabalho duradouro, independente das ondas tecnológicas.

As distorções curriculares, neste sentido, sempre existirão, pois as universidades ainda não apreenderam uma maneira de conviver com a tradição do país continuamente em confronto com o universal, fazendo um acurado cotejamento crítico frente às novidades. Por isso mesmo, dá-se o clichê da aparição de forças de ação e reação que traduzem as tentativas de ingerências do mercado na academia. Acima de tudo, busca-se preservar, porém, em concomitância ao convívio com o novo, com o sempre novo, sem cair nas armadilhas ideológicas oriundas da crença de que a tecnologia resolve todos os problemas e traz soluções infalíveis, inclusive da qualidade de ensino e pesquisa.

No contexto geográfico continental que habitamos, a consciência do gigantismo nacional traz discussões que exigem que não se deixe de ressaltar que os diálogos são necessários entre as regiões do país, com enfrentamento das suas diferenças e semelhanças nas abordagens da comunicação, seja do ponto de vista dos conglomerados comunicacionais, ou da academia, representando o ensino e a pesquisa. Pensa-se, sobretudo, em uma resistência crítica, necessária à inserção do pensamento universitário e também à convivência pacífica e utopicamente construtiva com o mercado. E justo nessa problemática é que se localiza um distanciamento entre Graduação e Pós-Graduação.

As quase sempre sutis diferenças entre as teorias das matrizes comunicacionais estadunidenses, europeias e canadenses produzem seus efeitos e influências de modo também diferenciado e de acordo com cada realidade da América Latina. Neste contexto, as habilitações profissionais em Comunicação de cada país latino-americano ganham contornos que não deixam de se manifestar não somente em diversidade de cores, mas também nas vozes

encarregadas de misturar as diferenças. São as culturas que, multiplicadas em comunidades se alimentam paradoxalmente de aparatos midiáticos, ao mesmo tempo em que tentam resistir a seu domínio e, elas próprias, porém, já se sentindo melhor aparelhadas e preparadas para o enfrentamento da ameaça que representa a força cada vez maior do poder político e econômico. São os choques culturais provocados pelas diferentes realidades socioeconômicas mostradas pelos meios de comunicação de massa, contrastando com aquela vivida na prática cotidiana.

O século XXI, diante dos avanços tecnológicos e do acesso cada vez maior dos produtores/consumidores de informação e de ideologias, demanda por teorias que abarquem não somente a comunicação por meio de redes sociais, mas também incluir as novas práticas que estes usos implicam.

As consequências desta grande mudança, começada no final do século passado e que continua de maneira aprofundada e muito mais acelerada no atual, ainda não foram sequer imaginadas em sua totalidade, muito menos configuradas, no que se refere a conceitos e teorias. Assim, diante das dificuldades naturais de se trabalhar com a contemporaneidade, entendida como fenômeno ainda em processo, a realidade brasileira e a comunicação podem se constituir em um grande laboratório, fornecendo elementos históricos, funcionando como guia aos pesquisadores iniciantes, exatamente no intuito de lhes instigar a prosseguirem em sua árdua e ao mesmo tempo prazerosa viagem. Justifica-se, portanto, a comunicação aqui estudada, fundamentada na hermenêutica, tendo como essência o diálogo em sentido específico e amplo, justo o sentido máximo de nossa proposta teórica.

TERCEIRO PASSO

As culturas na comunicação: reconfigurações, sobreposições e flutuações conceituais

Introdução

O conceito ambíguo de cultura, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizado. Isto porque as práticas culturais não estão isoladas de todo um conjunto de outras práticas como aquelas de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de suas mensagens. No entanto, essa ordem linear é

apenas uma maneira didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que faz crescer entropicamente sua complexidade.

Em uma longa introdução à reedição de seu livro "Ensaios sobre o conceito de Cultura" (2012), Bauman atualiza não só o conceito, mas também suas ideias, amadurecidas nos últimos trinta anos, que, como ele diz, estão sob o impacto da obsolescência que é filha da instantânea mutação. Ademais, sugerimos aqui, talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas. "[...] ponderar o que o autor teria alterado no texto caso o estivesse escrevendo pela primeira vez (p. 7)". Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, o autor parece não ter se dado conta de todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica. E o quanto as relações das pessoas com as outras pessoas e com o mundo mudaram.

Nosso objetivo neste ensaio é discutir as questões relacionadas à cultura que não podem ser dissociadas da produção de conteúdos simbólicos dos sistemas culturais e sociais e dos meios de comunicação como instituições dedicadas *a priori* a esse fim.

No entanto, acreditamos não se pode dizer de maneira generalizante que todas as culturas têm uma relação imediata com os *media* mesmo reconhecendo ser o corpo um *medium* usado nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação dos meios artificiais de comunicação que de forma paradoxal quando se pensa em sua veloz evolução ainda é limitada, e que esta é uma realidade a ser pensada preferencialmente em longo prazo. Sabemos ser o desenvolvimento cultural e social refém de aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento que as culturas inventam estratégias como mecanismos de sobrevivência. Estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pesquisadores dedicados a esmiuçar as culturas ou no caso específico dos antropólogos culturais, preocupados com os ambientes construídos pelo homem e o que faz de si mesmo e com os outros.

Importa dizer que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização da cultura, seja como tradição, civilização ou conduta habitual do indivíduo único. O homem contemporâneo enfrenta ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento e continuar a manter viva a sua lembrança. Não é simplesmente instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve novas culturas ao mesmo tempo em que preserva a sua herança pessoal e alienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, é nosso propósito entender como a comunicação mediática constrói uma nova cultura por meio de ações e

interações mediadas de maneira alternada, ou mesmo não mediadas. Impõe-se para o homem um novo ambiente, a obrigar a novos tipos de relações.

2. Reconfigurações e sobreposições

Neste contexto tecnológico do século atual, quando a cultura ganha outras dimensões, resultando em produções mediadas, Terry Eagleton, ao mostrar uma evolução e atualização de conceito, situa a cultura como apenas uma ideia, uma ideia porque está sempre em crise e guerras diante das transformações impostas que mudam outros dois conceitos chave: cultura e natureza. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem caminho e sugerem respostas a uma cultura comum ou que se almeja comum. Esta cultura é socialmente construída com a participação efetiva dos meios de comunicação de massa como quer conceitualmente Eagleton: "diversos modos de viver juntos", sem confundir os problemas sociais com cultura, sendo irrelevante a contribuição dada pelos teóricos culturais neste aspecto (2005, p. 183).

Tanto o conceito de comunicação como o conceito de cultura leva em conta uma vida em comunidade, uma relação do indivíduo em sociedade que atribui significados e dá sentidos subjetivos à sua conduta esta em relação à conduta dos outros. Compartilhar valores e crenças significa construir representações do mundo e comunicá-las aos outros a ponto de construir perigosamente uma sociedade sincronizada, não entrópica a custo da eleição de um pensamento único. Esse caminhar no sentido único de uma homeostase que caracteriza um sistema social fechado cuja destinação seria a sua própria morte insistirá no banimento ou supressão de qualquer pensamento dissonante a rotular seu próprio proponente como indivíduo indesejável ao grupo e, bem pior, de aberrante seu comportamento. A fragilidade da condição humana impõe a necessidade de reconhecimento fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão. Por exemplo, a exclusão não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação negativa da rejeição. O anonimato compreendido como falta de reconhecimento ou isolamento não apenas dói para aquele que se crê inserido em um grupo, causa danos às vezes além do limite do suportável.

É neste contexto que o conceito de interação transita entre comunicação e cultura e provoca uma aproximação entre as duas frentes, tornando-as praticamente indissociáveis – comunicação e cultura numa estreita relação biunívoca. A ponto de podermos dizer não ser possível a existência de uma cultura aos arrepios da comunicação, sendo esta a substância

catalisadora nas relações entre humanos cuja resultante seria a primeira. A clássica frase de Gerbner em que conceitua a comunicação como "a interação social através da mensagem" comprova isso, deixando explícito que se trata de uma comunicação mediática com características próprias, e como deve ser analisada em seu contexto social (1972, p. 39). O "através" diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas numa cultura em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um distanciamento próprio dessa nova cultura.

Para Alfred Schutz, atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo, compreendê-lo, efetuar trocas (2008, p. 35). Este é o "mundo da vida" onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações entre pessoas.

Seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões presentes na obra de Schutz permitem aplicações no mundo da cultura.

Neste mundo, torna-se necessário observar as relações interpessoais indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das ideias de Schutz, pode-se compreender que o mundo da cultura se caracteriza pelo conjunto do *habitus* e de condutas, estando presente em suas principais preocupações sobre as atividades humanas em sociedade. Os indivíduos repetem essas mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita por introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A comunicação e a cultura estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, o original. E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar ideias a ações.

Há uma mistura de experiência com aquilo que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pelas culturas, entendido em sentido amplo, que permite ações, interações e troca de experiências e ainda consciência dessas transformações (KANT, 2007, p. 36). Comparativamente, a comunicação pressupõe elaboração e codificação consciente e intencionada de mensagens, em que, no modelo clássico, como participam os dois jogadores que compartilhem o mesmo código.

Na atualidade, os processos de mudança cultural estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos pelos meios de comunicação. Por isso há novas formas de ação e interação no mundo social (THOMPSON, 1995, p. 286). O mais importante é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais como consequência, com predominância inclusive de técnicas.

O aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com as redes sociais se devolve concomitante, supostamente em consonância à capacidade do receptor de intervir, influenciar ou mudar de posição.

A cultura neste estágio característico de nossa atualidade sofre os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, no mais das vezes efêmeras e pouco duradouras. Deste modo, as características de cultura de massa através dos meios técnicos tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações sociais.

Observa-se que as interações se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de cultura fugaz ao sabor de modismos como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos.

Segundo Schutz o modo de vida, a cultura do cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo "intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros" (2012, p. 179). Este é o mundo de cultura, o mundo comum onde possivelmente pode haver comunhão.

No entanto, esse mundo das realidades face a face, dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade das trocas é a da cultura mediatizada, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem, todas mediadas tecnicamente. É dessa cultura em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido paradoxal de alternância da presença e ausência. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora a cultura.

Desse modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de cultura. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse ambiente "comunicativo compartilhado" de Schutz que surge a cultura como um agora fenomênico: "As pessoas que participam desse ambiente comunicativo são dadas umas às outras, não como objetos, mas como contrassujeitos, como consócios (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas" (p. 181).

Salienta-se que as relações interativas de Schutz são verdadeiras construções culturais. Trata-se de uma cultura composta de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Para ele, cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de comunidades e de culturas.

Neste contexto teórico, as ambiguidades do conceito de cultura podem ser justificadas. A cultura adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abre para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente "real".

As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste aspecto, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sígnicas como espelhos das dimensões culturais.

A comunicação e a cultura ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuanças em todo o processo. Do mesmo modo, torna-se inseparável à comunicação e à cultura. Os debates são intermináveis a esse respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho da antropologia cultural.

Por exemplo, Bauman (2012) citando Lévi-Strauss define a cultura como uma série infindável de permutas. Dispensa-se a análise de sentido etnológica das relações em que há permutas. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo de cultura como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias de Schutz formam um arcabouço teórico em que os processos culturais se misturam e não se diferenciam dos comunicacionais. São justificados tendo como base a teoria fenomenológica de Husserl, aproximando a processos sígnicos o visual, verbal, oral, gestual, culminando com a cultura das relações indiretas que premonitoriamente serviria à cultura dos *media* (p. 236-240).

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Thompson (1995) desenvolve em suas teorias conceitos amplos de cultura, de ideologia para

discutir a cultura como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos a trocas.

Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento dos meios de comunicação como indústrias, sem esquecer, por exemplo, da escrita impressa e da notícia como comércio e antes ainda as relações de troca corpo a corpo até chegar à contemporaneidade com as trocas culturais mercantis.

O conceito de cultura de Thompson, de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discute hoje como cultura dos *media* ou dos meios, considerando esses mesmos meios de comunicação como característica essencial de cultura moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova cultura.

Carecem de serem encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem a cultura e a comunicação em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando o método descritivo bachelardiano (2004) como forma, para atingir o conhecimento despretensioso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas ciências humanas de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo e a tradição, estabelecendo pontes e a cultura viva forjando as relações interculturais (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma "desconstrução" involuntária. A fragilidade da cultura está visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascará-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar ao homem "multiforme, instável e desestabilizado, caprichoso e cheio de surpresas" (BAUMAN, 2012, p. 13).

Portanto cultura não significa mais regularidade e padrão, como queriam os antropólogos. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis.

Muitos veem este estágio como um impulso negativo. O conceito é visto como um conglomerado de culturas. Fala-se em inúmeras mediações: mediações físicas - face a face, mediações mentais e de culturas mediadas por *hardwares*. Culturas de interações, mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Há que se construir uma metodologia que dê conta da continuidade e descontinuidade. Paralelamente o mesmo deveria acontecer com as teorias, sem esquecer as origens religiosas do conceito de teoria que inicialmente tem valor de contemplação, ligando os elementos à teoria, práxis e ao conhecimento.

3. Perorações: sínteses circunstanciais

O nosso propósito neste trabalho é o de mostrar que vivemos uma crise de conceitos. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos aos conceitos de cultura e comunicação. A cultura, embora consolidada como conceito, principalmente pelos antropólogos culturais e, na atualidade pelos culturólogos, carece também de revisão constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudam-se as culturas e consequentemente as pessoas.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos que se quer científico.

Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: "[...] Eu com o mundo em torno" (2010, p. 19). Em termos gerais existe o problema da comunicação que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. "Nosso sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente" [...] (*ibidem*). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o "ser" também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo da comunicação nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o

mundo da cultura e o mundo da comunicação, por exemplo. O mais interessante é a injunção paradoxal que segundo Freud se configura: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo.

Há o problema da verdade absoluta que em uma área em processo não consegue lidar por variar à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da comunicação, ainda não há consenso sobre o conceito de comunicação muito embora nos seja impossível dela prescindir visto que atados todos somos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir.

As flutuações e o não equilíbrio surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da cultura em processo que se multiplica em ramos em que todos são possíveis. As comunidades, sinônimo de cultura, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo da área está em construção, sem delimitação de fronteiras a sugerir a indagação: será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar dele, e dele participam de uma ou outra forma, inda que não queiram, já que o poeta John Donne nos proíbe o isolamento.

E essa fragmentação que tudo multiplica poderá ou não levar ao nada, ao vazio?

QUARTO PASSO

Teorias da Comunicação, Interpretação, Entendimento e Diálogo: Uma Hermenêutica das Bifurcações e Flutuações teórico-metodológica.

Introdução

Este trabalho tem como objetos as Teorias da Comunicação, as linguagens dos *media* bem como o método científico da pesquisa acadêmica, tendo por desafio a análise das inúmeras correntes teóricas das Ciências Sociais Aplicadas e dos métodos de análise da área.

Propõe-se ao mesmo tempo a hipótese de que a Comunicação, em sua dinâmica, pode também ser compreendida a partir de suas matrizes filosóficas que nos fornecem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar sobre os aspectos intrincados de suas possíveis conceituações. Discutem-se, ainda, as *Teorias da Interpretação* e do *Diálogo* na tentativa de

entender as relações sociais e humanas como processos complexos que incluem, na dinâmica das trocas, o caráter cognitivo, espiritual, emocional e interativo, mas requerendo, acima de tudo entendimento e compreensão. Propõe-se, aqui, aprofundar as análises das ideias de Gadamer, principalmente em *Verdade e Método* e de Paul Ricoeur em *Teoria da Interpretação* com a intenção de melhor pensar teoricamente a Comunicação.

Metodologicamente, fizemos um levantamento de argumentos e conceitos próximos à comunicação que, por tratar-se de pesquisa teórica, possibilitam fazer uma reflexão aprofundada acerca dos fenômenos teóricos e bifurcações da comunicação como estratégia de abordagens de objeto de pesquisa e tratamento dos problemas sempre à luz dos textos de Gadamer e Ricoeur, principais integrantes do *corpus* teórico em que se sustenta nossa pesquisa. Por isso mesmo, detectamos, ainda, a necessidade de se pensar as novas possibilidades teóricas que surgem das constantes flutuações e bifurcações provocadas pelas tecnologias aplicadas às comunicações em função das práticas e usos de dispositivos em incessante renovação.

As Teorias da Comunicação vivem paradoxalmente, no século atual, as suas contradições e incertezas em que os conceitos, imprecisos por natureza, tornam-se mais incertos ainda. As mudanças em fluxo contínuo exigem pensar as relações complexas do ser humano com outros seres humanos que estabelecem novas conexões e interações diante de uma realidade mutante, instável e incerta.

Os teóricos da comunicação hoje continuam a repetir os mesmos modelos clássicos, e parecem não ter assimilado ainda a ideia de que vivemos em um momento entrópico e que as relações humanas mediadas ou não, necessitam de justificativas para o incerto, para uma realidade livre e aberta, em que as conexões surgem de todos os lugares e as possibilidades de escolhas transformam-se em dificuldades, eliminando a utilidade dos modelos atuais que restaram carcomidos e desfibrados pelo vírus da obsolescência.

Um de nossos objetivos neste trabalho é o de apontar alguns elementos importantes a serem discutidos e pensados no contexto teórico das comunicações. Neste sentido, os conceitos prigoginianos de "Flutuações, Bifurcações" utilizados pelo o autor como incertezas provocadas por rupturas caóticas contribuem para a edificação de pensamentos comunicacionais tradutores deste estado: "[...] nos encontramos diante de um mundo rico em flutuações, em instabilidades [...] (PRIGOGINE, 2001, p. 42)". É desta instabilidade que de maneira criativa sugerem, no domínio das ciências humanas, outras formas de pensar.

Para Prigogine, a ideia de complexidade gera conflitos, provoca rupturas e é esse o motor das mudanças, impondo a obrigatoriedade de pensar o incerto e a repensar o irracional, criativamente.

Nesta trajetória de bifurcações, aproximamos os conceitos hermenêuticos de "interpretação, entendimento e diálogo" como uma abordagem essencialmente comunicacional.

A comunicação como entendimento e interpretação impõe outras necessidades teóricas e metodológicas. Não estamos mais diante de uma comunicação estabelecida entre sujeitos que se encontram face a face com outros sujeitos, mas discutindo o estado atual de trocas interativas e afetividade em múltiplos sentidos e direções: trocas sensitivas e trocas de consciências, por exemplo.

Importa reconhecer que sujeitos se interconectam e a subjetividade dá lugar à intersubjetividade. Explicita-se a fragmentação, os sujeitos se misturam: um está no outro ou nos outros, dentro e fora da esfera da razão. As fronteiras foram ultrapassadas e neste espaço indeterminado, sem demarcações houve o encontro de tipos diferentes de saber, de conhecer, de consciências e de arraigados preconceitos.

A dificuldade neste processo está em saber que não se pode atingir a certeza. Não existe parâmetro de compreensão e as fragilidades humanas deixam aflorar as grandes indagações de relações mediadas, misturadas às não mediadas como atualização, atualização e substituição. Este seria talvez um caminho metodológico, redundantemente pensado: "[...] estudar a natureza de forma a associar a ordem e a desordem, a regularidade e o caos, o repetitivo e o novo [...] (PRIGOGINE, 2001, p. 59)".

A comunicação hoje está no instantâneo e no imediato, mas contraditoriamente a compreensão não se efetiva deste mesmo modo. Ressaltamos a ideia de contínua construção estabelecida no diálogo do modelo socrático.

No entanto, a mediação como fenômeno introduz outros tipos de diálogo. O instantâneo e o imediato, mesmo sem a riqueza da interação face a face que complementa com expressões faciais e gestos, impõem outras compensações, provocando uma perturbação na comunicação a exigir novas condições de interação (HABERMAS, 1987, p. 87).

Desenvolvimento

É importante considerar que no contexto atual, as trocas adquirem dimensões mercantis e as culturas são construídas neste mesmo contexto e por esse motivo o conceito carece de atualização. A existência humana como algo sem valor comercial foi esquecida e esse mesmo esquecimento foi incorporado ao mundo como ação, configurando inclusive o mundo da comunicação.

Neste sentido, aproximamos a experiência hermenêutica ao domínio da comunicação. Os múltiplos sentidos impositivos desta nova ordem do momento histórico exigem um entendimento constante, um acordo, como exercício de reflexão instantânea que é, na melhor das hipóteses, o sentido de interpretar para a comunicação. Salienta-se que o valor dos conteúdos da comunicação não mais se atém ao que foi dito e muito menos ao que se queria dizer. As interações mediadas eliminam o discurso oculto das enunciações. Explicitam-se o máximo para que o instantâneo se conceitue como tal. Criam-se condições linguísticas favoráveis: nada a ser preenchido com interações. As interações são realizadas para reafirmar e repetir. O efeito é o de compreensão plena e não o da perturbação. Tudo deve ser traduzido sem dificuldades.

É deste modo que a clássica indagação de Gadamer: "O ser que se pode compreender é linguagem?", diante do momento histórico-efeitual se adapta também às interações contemporâneas mediadas. O resgate das tradições recupera o acontecimento próximo no tempo e espaço e não o distante. A memória afetiva é a do instante (GADAMER, 2005, p. 20-21).

Por isso, a consciência comunicacional surge dessas instâncias: o instante de compreensão, a busca do sentido e o querer humano em estar com o outro, em sociedade, não contrapondo ao real, mas real.

O engajamento de se pensar a comunicação e aproximá-la dos conceitos-chave de hermenêutica possibilitam discutir também as condições específicas de pesquisa comunicacional hoje. Vivemos um tempo em que os modos de comportamento não mais dependem da presença física dos sujeitos. O próprio Gadamer quando pensa a hermenêutica do século XX fala de mobilidade da presença como "Dasein" (2005, p. 16). Isto significa que aproximar a comunicação da hermenêutica quer dizer adaptar e atualizar os conceitos e também fazer a passagem do século XX para o atual.

Não se pode negar e nem mesmo questionar a verdade apenas relativa dos sistemas de cultura e comunidade. "[...] experimentamos as tradições históricas, as ocorrências naturais da

nossa existência e nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico (GADAMER, 2005, p. 32)".

No entanto, questiona-se ou exige-se uma atualização dos conceitos de história e tradição que possa se adequar ao entendimento transcultural e trans histórico, incluindo as consequências usuais que provocam efeitos radicais profundos.

Devem-se utilizar os conceitos criticamente, isto é, exige-se uma nova consciência crítica que possa acompanhar todas as transformações. Essa crítica pressupõe também um alerta em relação ao cuidado que se deve ter em relação às contínuas mudanças.

Neste sentido, à "fusão dos horizontes", incluem os horizontes dos outros e nossos próprios horizontes culturais com as linguagens e tudo que elas têm em comum. É o "[...] acompanhar todo o filosofar responsável, colocando os costumes de linguagem e de pensamento que se formam para o indivíduo na comunicação com o seu mundo circundante diante do fórum da tradição histórica, da qual todos nós fazemos parte (2005, p. 33)".

Mesmo diante das transformações há os resíduos. As apropriações, reproduções e recriações são interpretações dialógicas. Verdadeiro palimpsesto genettiano. As camadas encobrem, deixam invisíveis os traços do momento que acabou de acontecer. Mas os resíduos permanecem.

Neste contexto, pensar a comunicação tecnocrática e mediada significa observar atentamente um discurso dominante imposto pelos produtores de tecnologia aos consumidores. Esta observação traz de volta a discussão sobre a recepção em muitos aspectos e sentidos, mas ainda não concretizadas em teorias. Por exemplo, os conceitos de comunicação como conversação, diálogo, interpretação, entendimento e compreensão, vagamente comentados e pouco aprofundados, merecem maior atenção como conceitos que possibilitam justificar as rupturas entre a comunicação desenvolvida no século passado e a que estamos presenciando em plena experiência hoje.

Nestes processos, inclui-se a interação não simplesmente como "ação entre", mas como linguagem que faz a mediação entre os interlocutores que possibilita entrar em acordo e desacordo.

É destas condições de tomada de consciência que se pode pensar a comunicação como entendimento que se dá em vários contextos espaciais, simultaneamente.

Deste modo, reelaborar uma linguagem comum, tanto no ponto de vista de linguagem como *medium* quanto do *medium* tecnológico faz de comunicação um elemento catalisador sobreposto à conversação e compreensão: "Todo compreender é interpretar, e todo interpretar

se desenvolve no médium(?) de uma linguagem que pretende deixar falar o objeto, sendo, ao mesmo tempo, a própria linguagem do intérprete" (GADAMER, 2005, p. 503).

Neste mesmo sentido, a compreensão do humano não escapa às mediações simbólicas como processos comunicacionais intensos de interações que permeiam quase todas as experiências humanas.

Quando se fala em perspectivas teóricas, surgem múltiplas divergências. Não se pode deixar de pensar que as dimensões, objetiva e subjetiva, estão misturadas, sobrepostas e qualquer justificativa com intenções teóricas deve incluir essas transformações.

Gadamer refuta a ideia de um sujeito racional cartesiano. O centro de suas discussões está em um sujeito contemporâneo que muda de destino interminavelmente. A imagem deste sujeito é a de um espelho distorcido ou mesmo fragmentado, retomando o tema da fragilidade das coisas humanas. E o princípio de comunicação deve ter sempre presente este sentido.

Neste contexto, Paul Ricoeur ressalta a ideia do sujeito multiplicado, lutando entre eles, é a dialética do si e do diverso do si (RICOEUR, 1991, p. 13). É a crise hiperbólica do eu que radicalmente oscila entre o acreditar e o duvidar. No lugar da máxima cartesiana "eu sou", surge o "eu duvido". No entanto, duvidar pressupõe ser.

O contexto político, cultural e tecnológico aponta algumas direções a serem tomadas. Contraditoriamente, o mesmo ser que se identifica com o outro e se relaciona ou tenta se relacionar, se isola e se individualiza. Desumaniza-se, sem compaixão e o mínimo de solidariedade. Talvez seja esta a grande questão contemporânea a ser teorizada aglutinando e intertextualizando experiências, por exemplo, da psicologia social.

Apreender o sentido que se esconde muito além da superfície. O compreender nesta estrutura mais aprofundada não basta. Compreender aglutina o sentido de apreender com o outro.

Inicia-se a comunicação como dialética, como diálogo em um processo de comunicação dialógica, explicativa à exaustão. Explicar mais é compreender melhor. E na dialética do si, compreender-se é compreender o outro. Mesmo neste processo de uma comunicação promissora, para Ricoeur é a ausência de um projeto coletivo o grande problema contemporâneo. Cada indivíduo se apega àquilo que mais interessa e o satisfaz naquele instante. E isto traduz também uma ausência de humanismo em todas as instâncias e instituições (2008, p. 162-163).

Pode-se pensar, teoricamente, a partir desses elementos em uma rede simbólica que nutre instantaneamente os homens no mundo, mantida pelos próprios homens. Rede carregada

de ideologias em suas várias nuanças, a começar pelo mais forte que impõe didaticamente os seus valores.

Por isso, a ideia hermenêutica de interpretar e reinterpretar, infinitamente, pode aplicar-se sem restrições à comunicação. É importante ressaltar que a ética do agir, como elemento importante da comunicação ganha dimensões transformadoras: o bem individual e o bem do outro, o bem comum - comum de comunicação - traduz-se na crise do aquilo que é bom para mim, não é para o outro.

É o reflexo do esgotamento das democracias representativas, experiência frágil na América Latina, por exemplo, que culminará com o esgotamento do sonho tecnológico (RICOEUR, 2008, p. 164-165).

A ideia - ideológica da resolução de todos os problemas a partir das tecnologias funciona como consolo e como ferramenta de mera técnica de venda. É nesta perspectiva ética que a sociedade institucional cede espaço e dá lugar ao estado policial/policialesco. A vida boa com e para com os outros, "evolui" da utopia para pesadelo e o terror.

São elementos importantes ou mesmo fundamentais para se pensar a comunicação na atualidade e tentar caminhos justificados teórica e praticamente, diante dos inúmeros fenômenos atuais.

Pensar as Teorias de Comunicação, como compreensão e como um jogo aberto diante da "realidade" que forja uma linguagem nova e ao mesmo tempo mantém suas ligações com as tradições que funciona como um repositório de situações, acontecimentos e ações. Por isso, a atualização dos conteúdos sempre dialoga com essas mesmas tradições, tanto em um sentido universal quando nacional ou regional.

É neste sentido que o conceito de diálogo de Gadamer pode ser entendido em uma dimensão mais ampla: diálogo com as culturas, com as tradições e acima de tudo, diálogo como interação mediada entre pessoas, diálogo de consciências e de valores, de sensações e afetividades.

Neste sentido, urge que se almeje construir uma hipótese contemporânea de comunicação que independente dos meios de comunicação, busque compreensão.

Nesta hipótese avultam as ideias gadamerianas que colocam o humano não apenas como ser compreensivo, mas compreensivo em sua constituição. O racional funciona em paralelo com o emocional. O "eu duvido" completa o "eu penso cartesiano", que por sua vez necessita do diálogo para a compreensão e o entendimento.

São construções feitas em comunidades que dialogam incessantemente. E assim a compreensão se constrói. Este é um exemplo do processo hermenêutico que como comunicação atualiza os modos de trocas, às regras dos jogos, as linguagens, buscando elementos da historicidade, mesmo momentaneamente destes processos que exigem ver os objetos e ações como atos a serem compreendidos.

Impossível no diálogo como comunicação excluir o modelo de racionalidade do esclarecimento. Coloca-se aqui o problema da perenidade do conceito de comunicação com sua característica de inacabado, pois as criações culturais interferem constante e diretamente nas atualizações do conceito.

Compreender e interpretar se interligam não somente às ações e criações aceitas como cultura, mas também às outras categorias invisíveis que tem no inconsciente uma grande e fundamental matriz. São pressupostos de que a consciência atua interconectada a múltiplas dimensões: racionais, irracionais, emotivas e adjetivas.

Em todo caso, há também o limite das teorias da comunicação engendradas no Século XX com marcas específicas deste mesmo século e que aplicadas hoje deixam transparecer as lacunas. Retroceder historicamente ao Século XX é necessário para buscar justificativas às transformações de praticamente todos os modos de ação, interação e trocas.

A provisoriedade inerente à comunicação é um dos recortes importantes a serem considerados. As teorias da comunicação clássicas sucumbiram diante da revolução tecnológica e as discussões conciliadoras não são soluções para se pensar os contornos e aprofundamentos essenciais às reconceitualizações e atualizações teórico-metodológicas. Há a necessidade de alijar os pressupostos ineficientes e buscar fundamentos o mais isento possível de preconceitos ou de ideias formatadas e solidificadas como modelos.

Neste sentido, no significado de compreender está o de corrigir ininterruptamente, aproximando-o do conceito de comunicação como fusão de horizontes, no âmbito da atualização dos modelos de comunicação como instrumento mediador àquilo que se quer compreender.

Deste modo, uma das sínteses gadamerianas ressalta que toda compreensão envolve estruturas prévias de interpretação necessárias à compreensão. Neste sentido, o jogo de compreensão envolve um movimento incessante ao processo comunicativo.

A ideia de aproximação da hermenêutica à comunicação está justamente em analisar comparativamente os conceitos. Nesta tarefa de reconstrução é que percebemos as evidências que se impõem muito mais nas semelhanças do que nas diferenças.

É dessa discussão que ressaltamos a ideia de Gadamer que tem na linguagem como o grande *medium*. Talvez esse conceito de *medium* se imponha acima das práticas comunicacionais contemporâneas que sobrepõem às definições de mídia e meios com vínculos de comunicação. Obviamente que à concepção instrumental de Gadamer devem-se acrescentar outros elementos, inclusive filosóficos, como um caminho essencial para se discutir a comunicação na atualidade. Somente em um plano teórico é possível repensar uma suposta linguagem despida de caráter empírico para se atingir o sentido puro e sem contaminações de apreensão, ou seja, restituir plenamente o sentido liberto de quaisquer preconceitos, embutindo nesta linguagem um caráter suprassubjetivo ou metassubjetivo.

Por isso, percebe-se uma crítica muito procedente ao conceito de comunicação como processo finito de compreensão. A linguagem em sua constante estruturação e reestruturação e a comunicação sincronizada ao contexto são processadas e reprocessadas *ad infinitum*. Assim, a linguagem tem sempre um intuito comunicativo. "Aquele que compreende está sempre incluído num acontecimento, em virtude do qual aquilo que possui sentido acaba se impondo" (GADAMER, 2005, p. 631). É deste modo que se emprega os mesmos conceitos para o fenômeno de busca de sentido que está justamente em compartilhar por meios de acontecimentos e ações de sentido comum. Existe uma atração plena exercida pela necessidade de compreensão. Por isso, para garantir a eficácia da comunicação faz-se necessário livrar-se do uso dos preconceitos que estão nos repertórios culturais, nos jogos de linguagem, nas redundâncias e repetições.

No entanto, na ideia de comunicação como compreensão, como entendimento está considerada a iluminação na construção de novas linguagens e uma tentativa em escapar de todos os preconceitos. Legitimar esta pretensão é apenas uma utopia.

PERORAÇÕES: SÍNTESES CIRCUNSTANCIAIS

Em nosso trabalho, colocamos como centro de todas as nossas atenções, de maneira premeditada, entremeadas ou sobrepostas à hermenêutica de Gadamer, o humanismo de Ricoeur, e a comunicação.

O conjunto de argumentos que aproximam a hermenêutica da comunicação elimina possíveis obstáculos teóricos pensando principalmente na ideia filosófica de se considerar o

homem como um animal hermenêutico, seja em suas dimensões estética, ética, política e metafísica.

O conceito tanto de compreender como interpretar não é exclusividade científica, mas de toda a experiência humana, que de maneira abrangente se estende também à comunicação.

A justaposição da comunicação com a hermenêutica pressupõe pensar os múltiplos sentidos que, apesar dos conflitos, mais aproxima do que distancia. As duas estão impregnadas, na atualidade, de emergências aplicadas à oralidade, ao impresso e às imagens como elemento essencial para se entender tal aproximação.

Não se trata simplesmente de uma possibilidade, mas de se fazer uma ultrapassagem dos limites teóricos, sem cair no comparativismo simplificador. O tema de nosso trabalho está intimamente ligado às ideias de Gadamer aplicadas à comunicação como diálogo, no legado socrático estudado por este filósofo alemão, mas sem uma preocupação exclusiva com a comunicação.

No entanto, ao retomar as definições aristotélicas de que o ser humano é um ser que produz linguagem e a linguagem se dá no diálogo, explicitamos esta aproximação que se processa entre a hermenêutica e a comunicação.

O diálogo em nosso novo modo de pensar que propomos deve ser entendido como uma forma de estabelecer pontes entre as pessoas, mundos, culturas e tradições.

É neste contexto complexo que defendemos a hipótese de um encontro teórico que poderá contribuir para uma nova proposta teórica.

O papel da comunicação exige um entendimento aprofundado do contexto e das pessoas que habitam esse mesmo contexto traduzido como circunstância a obrigar que cada uma delas se torne um ser diegético, indistinto e inseparável de seu entorno.

Neste sentido, discutir o contexto atual significa aprofundar o papel das mediações tecnológicas e também um conjunto de interações face a face que compõem experiências culturais que fazem parte da “tradição”.

Portanto, o instantâneo, o previsível e o imprevisível impõem-se como emergência conceitual em uma proposta teórica que pretende dar conta de uma compreensão que tem o humano e suas interações como centro.

QUINTO PASSO

LATINIDADE I

A Comunicação e a Cultura na América Latina: Mediações da Literatura Como Projeto Político Para As Novas Teorias

Carlos Fuentes e Octavio Paz, nos seus textos, deixam explícitas preocupações com a comunicação, principalmente, com as práticas aplicadas à instantaneidade da comunicação, informação e cultura, verificadas no vocabulário visual, nas mudanças do imaginário e na assimilação simultânea de outras culturas. Propõe-se discutir, neste trabalho, as questões diretamente relacionadas à comunicação, presentes nos textos de Fuentes e nas críticas ensaísticas de Octavio Paz. Temas como auto determinismo, pluralismo e diversidade cultural já foram muito pesquisados e analisados, na América Latina, com muita frequência, por diversos pensadores e as ênfases recaem, na maioria das vezes, nas ideias e experiências paradoxais impostas pela dinâmica econômica e cultural com todas as irracionalidades que lhes convém. Podem-se acrescentar ainda os problemas que envolvem as diversidades e demandas étnicas comuns a maioria dos países. É neste sentido que Fuentes defende o Federalismo como solução para os problemas nacionais, culturais e econômicos na América Latina como um todo, pois, somos uma mistura de raças, de gostos, de costumes, de crenças, de sotaques e de lembranças. Já Paz está preocupado é com as mudanças do imaginário construído e que se repete em quase todos os países e como este mesmo imaginário, carregado de eurocentrismos, é assimilado pelo "outro". O exemplo ideológico contido nestas ideias pode ser discutido como proposta de comunicação contida nos trabalhos desses autores que através dos meios de comunicação de massa traduzem a sensação de presença a todo o tempo, mas que leva ao nada, ao tempo nenhum.

Há muitas referências importantes para se tomar como base e discutir as realidades latino-americanas. Países como o México, por exemplo, que enfrenta realidade diferente e em diversos sentidos piores que outros países como o Brasil.

Independentemente de suas nacionalidades, dois grandes pesquisadores, Nestor Garcia Canclini e Jesús Martin-Barbero são nossas maiores referências, mas isto não significa que suas análises e leituras sejam definitivas e suficientes. Por isso, neste trabalho, o nosso propósito é discutir a comunicação como disciplina multidisciplinar, buscando autores como Octavio Paz, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, não somente partícipes como autores literatos, mas pensadores da cultura e da comunicação que não desvinculam as questões comunicacionais das políticas e culturais.

É neste sentido que reafirmamos sempre: não se pode discutir a comunicação, em nosso continente, desvinculada das culturas que são fruto das misturas das raças, das nossas relações históricas com os primeiros colonizadores – Espanha e Portugal – passando pela presença europeia até os efeitos da Guerra Fria com a implantação das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA em toda a América Latina com exceção de Cuba.

A Comunicação é fruto histórico desse processo colonizador. Foi implantada com orientação norte americana, surgindo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

Neste contexto, seria infrutífero discutir a comunicação, sem levar em conta uma relação de domínio. Muitas perguntas ainda não foram feitas e, por isso mesmo, sequer respondidas. Devemos antes analisar as relações de poder com as nossas produções culturais que passaram a ter dependência direta dos meios de comunicação de massa. Poucos exemplos dessa mesma produção fugiram ao controle por um período curtíssimo de tempo, pois, a Indústria Cultural se apodera daquilo que está em evidência e sua voracidade é incontrolável. Por isso os chamados *Booms*: o da literatura latino-americana com o realismo fantástico, o das telenovelas brasileiras com uma suposta revolução nas linguagens.

Nesta construção de um amplo espaço mercadológico, a TV e a academia ocupam lugares especiais. A TV por garantir uma divulgação eficaz e a academia por traduzir as ações dos meios massivos em verdade e consequentemente respeito. Qual o papel da América Latina neste cenário? Sobraram alguns focos de resistência, mas acima de tudo, o papel de consumidores em um sentido amplo: consumidores de bens de consumo – duráveis ou não; consumidores de bens simbólicos e juntamente com esses dois as ideologias altamente fomentadoras, diluindo com "desmanche no ar" uma cultura já não mais sólida como antes, e sim, fragilizada por conta de uma educação fragmentada, provocada por problemas econômicos e de uma tradição com raízes superficiais e, portanto, pouco resistentes, aos ataques atraentes de um projeto mercantil predador.

Nestor Garcia Canclini (1991), um dos maiores entre os mais conceituados pesquisadores mexicanos, fez uma longa pesquisa nos anos 1990 do século passado sobre o consumo. No entanto, mesmo oferecendo dados bem fundamentados às Teorias da Recepção, esqueceu-se de que o consumo em nosso continente não faz pensar e que é preciso sim estuda-

lo do ponto de vista sociológico e antropológico para ver com mais luz um jogo de poder e uma construção ideológica de comportamentos.

A pesquisa de Canclini traz dados muito interessantes e, ao mesmo tempo, perguntas ingênuas, tentando responder construção cultural midiática que leva pessoas a consumir, mesmo sem ter casa própria ou o mínimo para uma alimentação satisfatória. Para explicar que justamente a grande massa, quando é chegado o período das festas de fim de ano, se endivida para dar presentes, esquecendo-se do dia-a-dia e da sobrevivência. Parece tarefa muito simples, mas não é. Basta olhar com alguma atenção ao apelo das propagandas televisivas que utilizam um glamour irresistível. Justificar o comportamento dos consumidores através dos processos de comunicação e recepção também é simplista. Para a América Latina, sobrou o consumo e com ele a tradução visual da suprema felicidade.

Queremos dizer com isso que ao relegar à última instância uma análise aprofundada de nossas carências e fragilidades que têm como base as nossas raízes, estamos cometendo um suicídio acadêmico e provocando um esquecimento de nossas identidades. Somos submetidos às artimanhas do capital e suas técnicas de administração são eficazes.

É ideológico quando se discute a instabilidade aplicada tanto à racionalidade como aos códigos e aos relatos. Do mesmo modo, perceberam-se as mesmas estratégias quando se fala no fim da história, da nacionalidade, das culturas e das classes.

Na realidade, as fronteiras dos países colonizadores estão muito bem guardadas, Estes países administram e concentram com mãos de ferro um imenso poder chamado mercado.

Por isso, a retórica que conceitua o fim de qualquer coisa: do homem, das classes, das nações para imperar o homem mcluhaniano, simbolicamente, prostrado diante de uma tela com imagem.

Queremos reafirmar que as pesquisas canclinianas foram e são importantes, pois, abrem caminho para uma dimensão histórica e cultural da América Latina que ainda deverá ser feita por meio de análises para que se obtenha da efervescência uma visão da mutação em andamento. Como diz Canclini, a “televisão manipula o México”, poderíamos aplicar essa mesma afirmação, sem medo de errar, a todos os países do continente.

Sob a aparência do transnacional, do global, do pós-nacional, da não identidade, esconde-se um poder neoconservador. Por isso, nunca é demais reafirmar que se esse poder vem diretamente dos meios massivos, é impossível ignorar o poder e mais ainda, aceitar as Teorias da Comunicação pensadas a partir da realidade de cada desses países que as exportam.

Por isso, Jesús Martin-Barbero chama atenção para as modas teóricas, embora, sua posição política ainda esteja muito carregada de um eurocentrismo que tenta a qualquer custo despolitizar um campo como o da Comunicação que sempre esteve atrelado às questões políticas e consequentemente do poder.

No entanto, quando analisa o século XX e as ideologias dominantes, não deixa de perceber a saída da comunicação como cultura, obrigatoriamente, como passagem para o século atual com suas transformações tecnológicas, implicando transformações também nas culturas. Da mesma forma, houve uma dominação das ideologias no século passado, alertando que se corre o risco de sair de Cultura e cair no culturalismo (1991, p. 7).

Na verdade, a academia tenta o tempo todo entender e aceita um projeto de poder para a América Latina, buscando ora uma teoria, ora culpabilizar as ideologias. E para fugir às questões ideológicas, inventa-se o fim de tudo, a começar pelo nacional que se transforma em pós-nacional e transnacional. Podemos lembrar a frase machadiana usada por Roberto Schwarz como título magistral de seu livro: Ao Vencedor, As Batatas. Só que o vencedor agora não se contenta só com as batatas, ele quer muito mais que isso. Estão lidando com uma *banana republics* e diante da impossibilidade de qualquer país latino se transformar em *balalaica republics* reinam em berço esplêndido. Entender as comunicações exige estratégias teóricas que comprovadamente jogam o jogo do poder e dos políticos. Repetem-se, nos meios de comunicação, tudo que é feito lá fora. Do Jornalismo à Interatividade dirigida e instantânea do *Big Brother*. Neste sentido, as mesmas teorias deveriam valer? O labirinto da solidão, de Octavio Paz, conta poeticamente a história do México. Nele, há muito que se relacionar com a história de todo o continente.

O grande mito da história mexicana, Moctezuma cede à invasão espanhola, pois, sente uma atração incontrolável (PAZ, p. 87), uma fascinação carregada de mensagens sagradas, interpretadas como um ciclo que se fecha e começa outro.

Do mesmo modo, parece que toda a América Latina está condenada a sentir essa estranha atração. Estamos fadados a repetir as tentações de Moctezuma. A sedução irracional e injustificável pelo estrangeiro como se fosse uma trama sagrada.

Pensamos nas Teorias da Comunicação e suas aplicações, como conquistas sem resistências, como um querer ser, o outro, mesmo que isso signifique suicídio, aproveitando o exemplo de Moctezuma. Analisar as culturas do continente latino-americano inteiro não é o nosso propósito. No entanto, pensar em nossa realidade não só a partir das ideias de Octavio Paz, mas também da colocação de Carlos Fuentes que relata minuciosamente as relações do

México com os EUA e as imposições culturais e dos meios de comunicação de massa, principalmente o cinema (Fuentes, 1989) instaurando uma verdadeira evolução.

Politicamente, Fuentes é um escritor híbrido, bipartido, dividido em dois: uma metade, mexicano; outra metade, estadunidense. Sua cultura obedece a esses mesmos parâmetros e a ética protestante o coloca em contradição. Difícil superar, neste contexto particularmente rico dos anos 1950 até os anos 1960 em diante, a efervescência dos efeitos da Guerra Fria. Luís Buñuel e autores como Gabriel García Márquez foram figuras presentes nesta mesma época. Portanto estamos lidando com realidades culturais que extrapolam as fronteiras de um país.

Do mesmo modo que se lê a literatura francesa, lê-se a russa. Vive-se entre Diderot e Gogol e convive-se com Gabriel García Márquez, Borges e o cinema norte americano, o próprio Fuentes se classifica como um misto da cultura daquele contexto: “Somos o que comemos. Também somos as histórias em quadrinhos que consumimos na infância”. (Fuentes, 1989, p. 12).

É neste universo povoado pelos cidadãos Kane, Dick Tracy, Tess Trueheart, Clark Kent e Lois Lane, que se configura a cultura do México e de toda a América Latina. Discutir a comunicação, sem levar em conta essas dimensões seja no campo político, seja no comunicacional, são inseparáveis e seria infrutífero.

No entanto, as Teorias da Comunicação, com raríssimas exceções, são utilizadas sem levar em consideração as devidas diferenças de práticas e vivências culturais dos meios massivos. Cada país extrapola os limites que os modelos importados impõem. A comunicação não está desligada das experiências acumuladas ao longo de séculos. Estudá-la e praticá-la sem os laços com a cultura seria fazer o pacto da morte de Moctezuma.

Outro grande nome da literatura latino-americana de língua espanhola, Gabriel García Márquez, não pode ser esquecido dos estudos comunicacionais e aprisiona-lo na literatura seria não levar em conta os elementos históricos contextuais do século XX dos quais ele participou ativamente não somente como literato, mas como homem político. Sua consciência política e importância de suas ações devem-se às suas denúncias e luta contra as ditaduras em quase todo o continente, financiadas pelos EUA. E coincidentemente, após a década de 1960, houve o *boom* da comunicação. Por isso mesmo, não se pode separar política da comunicação porque como projeto de poder e construção de mercado, foram planejados conjuntamente.

O discurso de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, escrito em poucas páginas, deveria ser texto obrigatório àqueles que estudam a América Latina. Não importa a especificidade dos estudos. Seja televisão digital ou analógica, Jornalismo, Publicidade e

Cultura. Trata-se de um resgate histórico das atrocidades cometidas pelo colonizador espanhol, dos enganos da independência até o domínio norte-americano, no século XX, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial em que o mundo ficou dividido em dois grandes donos.

Só será possível propor Novas Teorias da Comunicação a partir de estudos realmente aprofundados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais e ainda assim, analisar as diferenças e semelhanças entre os países: "A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez menos livres, cada vez menos solitários". (GARCÌA MÁRQUEZ, 2010, p. 10).

Não é por acaso que o tema da solidão está presente tanto na obra de Octavio Paz como na de Gabriel García Márquez. É o abandono político provocado pela desunião e falta de consciência política. É ter uma educação midiática, escolar, formal e informal voltada sempre aos interesses alheios. É a recusa do espelho. E usar os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Nada escapa: impõe-se da língua aos pequenos hábitos e práticas alimentares. É o Transnacional, o Pós-Nacional e o Global que funciona nos países consumidores. Do outro lado, as fronteiras estão muito bem guardadas e protegidas. O comércio é igualmente protegido.

CONSIDERAÇÕES

Podemos pensar em duas hipóteses para se entender a América Latina. A primeira: seria possível a partir de uma análise histórica e cultural, com os elementos já previamente levantados pelos estudiosos destas áreas, propor uma teoria da comunicação que justificasse as transformações culturais e os processos intermediadores e mediados?

A segunda: seria possível a partir das imposições culturais, verificadas nos processos de colonização contínuo, pensar uma teoria da comunicação e da cultura, levando em conta a Teoria Crítica e os Estudos Culturais, que pensassem os meios de comunicação como aparelhos ideológicos construtores de mercados?

É neste sentido que retomamos as ideias de García Márquez quando expõe o tamanho da América e a imensidão de seus problemas. As contradições são muitas e diante da dificuldade de cada um dos países do continente, inventa-se uma América. Na impossibilidade de ser contar o Real, inventa-se o realismo mágico porque é uma saída, não a única como em

Cem Anos de Solidão, para perda de memória, colocaram-se placas nominando cada coisa. Para luta contra o esquecimento, existe a própria realidade que está presente em todas as coisas. A saída está no próprio homem que dialoga, troca e deixa marcas, registros e ideias.
É neste universo latino, misto de abstrações históricas, realidades mágicas, pois, a realidade é feia e insuportável, que se encontra a literatura que também foi reinventada não somente para contar histórias, mas para lembrar o que somos e de maneira não muito precisa, mostrar o que podemos ser ou o que não queremos ser. Pensar os meios como transgressão, como engajamento contra os modelos porque pressupõem o comum, o igual que repete sempre.

LATINIDADE II

América Latina: Mediações para o Pensamento Latino-Americano como Projeto Político e Cultural.

Carlos Fuentes, Octavio Paz e Gabriel García Márquez em seus textos, deixam de maneira explícita suas preocupações com a comunicação, principalmente, com as práticas aplicadas à instantaneidade da comunicação, informação e cultura, verificadas por eles mesmos no vocabulário visual, nas mudanças do imaginário e na assimilação simultânea de outras culturas por imposição dos EUA, indiscriminadamente, verificável em todos os países da América Latina. Propõe-se discutir, neste trabalho, as questões diretamente relacionadas à comunicação, presentes nos textos de Fuentes, nas críticas ensaísticas e de resgate histórico de Octavio Paz, e no mapeamento das dimensões humanas, culturais e também históricas de Gabriel García Márquez.

Temas como autodeterminação, pluralismos e diversidade cultural, na América Latina, já foram pesquisados e analisados com muita frequência, por diversos pensadores e as ênfases recaem, na maioria das vezes, nas ideias e experiências paradoxais impostas pela dinâmica econômica e cultural com todas as irracionalidades que lhe convém. Acrescentam-se ainda os

problemas que envolvem as diversidades e demandas étnicas comuns a vários países latino-americanos. É neste sentido que Fuentes defende o Federalismo como solução para os problemas nacionais, culturais e econômicos na América Latina como um todo, desde que somos uma mistura de raças, de gostos, de costumes, de crenças, de sotaques e de lembranças. Paz, por sua vez, parece-nos preocupado com as mudanças do imaginário construído e que se repete em quase todos os países e como este mesmo imaginário, carregado de eurocentrismos, é assimilado pelo "outro". O reconhecimento da existência da alteridade tem peso ideológico e pode ser discutido como proposta de comunicação, contida nos trabalhos desses autores que têm a percepção dos meios de comunicação de massa, traduzindo a sensação de presença o todo o tempo, mas que leva ao nada, ao tempo nenhum.

Gabriel García Márquez pode ser visto, por exemplo, como embaixador político de muitos dos países latinos, projeção conseguida graças a suas opções explicitadas em seus livros, ao fazer mediações entre os poderes e discutir questões fundamentais e essenciais para a América latina.

Sua base de ação sempre foi o México e por isso mesmo, há muitas referências importantes e semelhantes deste pais para se discutir as realidades latino-americanas. Poucos países como o México enfrentaram e enfrentam realidades diferentes e em diversos sentidos, piores, pois irá muito além da pecha histórica de 'republiqueta banana' e de 'quintal' imortalizada pelo cineasta Woody Allen, quando todas as ações dos EUA são justificadas em nome de interesses e segurança próprios.

Nestor Garcia Canclini e Jesús Martin-Barbero são nossas eternas referências por repetição, quando se pesquisa sobre a América Latina, mas isto não significa que suas análises e leituras sejam definitivas e suficientes. Por isso, neste trabalho, o nosso propósito é ampliar e discutir a comunicação de maneira multidisciplinar, buscando autores como Octavio Paz, Carlos Fuentes e Gabriel García Márquez, não somente partícipes e literatos, mas pensadores da cultura e da comunicação. E o mais importante: não desvinculam as questões comunicacionais das políticas e culturais.

É neste sentido que reafirmamos sempre: não se pode discutir a comunicação, em nosso continente, desvinculada das culturas que são fruto das misturas das raças, das nossas relações históricas com os primeiros colonizadores – Espanha e Portugal – passando pela presença europeia até os efeitos da Guerra Fria com a implantação das ditaduras treinadas e apoiadas pelos EUA em toda a América Latina com exceção de Cuba, único pais que não teria se curvado a mesma imposição.

A Comunicação nos países latinos é fruto histórico desse processo colonizador. Ela foi sistemicamente implantada com orientação norte-americana, surgindo desse processo os conglomerados comunicacionais e juntamente com eles políticas que direcionaram os países aos interesses específicos comerciais, econômicos e culturais dos EUA.

Neste contexto, seria infrutífero discutir a comunicação, sem levar em conta uma relação de domínio. Muitas perguntas existentes, porém mantidas em estado de latência, ainda não se ousou fazer e, justo por isso mesmo sequer não foram respondidas. Ambas quase de conhecimento geral, mas não enunciadas igualmente. Devemos antes analisar e reavaliar as relações de poder com as nossas produções culturais que passaram a ter dependência direta dos meios de comunicação de massa.

Poucos exemplos dessa mesma produção fugiram ao controle por um período curtíssimo de tempo, pois, a Indústria Cultural se apodera daquilo que está em evidência e sua voracidade é incontrolável. Por isso os chamados *booms*: o da literatura latino-americana com o Realismo Mágico, o das telenovelas brasileiras com uma suposta revolução nas linguagens.

Nesta construção de um amplo espaço mercadológico, a TV e a academia ocupam lugares especiais. A TV por garantir uma divulgação eficaz e a academia por traduzir as ações dos meios massivos em verdade cientifica e consequentemente com uma roupagem de respeito. Qual o papel da América Latina neste cenário? Sobraram alguns pontos de resistência, mas acima de tudo, o papel de consumidora, em um sentido amplo: consumidores de bens de consumo – duráveis ou não; consumidores de bens simbólicos e juntamente com esses dois as ideologias altamente fomentadoras, diluindo com "desmanchando no ar" uma cultura fragilizada por conta de uma educação fragmentada, que reproduz efeitos de problemas econômicos sérios, muito distantes de uma branda aceitação de má distribuição de renda , isto é, sem distribuição alguma , aproveitando-se de uma frágil tradição com raízes superficiais nas relações senhoriais e vassalagem e, portanto, pouco resistente, aos ataques atraentes de um projeto mercantil predador.

Nestor Garcia Canclini (1991) fez uma longa pesquisa nos anos 1990 do século passado sobre o consumo. No entanto, mesmo oferecendo dados bem fundamentados às Teorias da Recepção, esqueceu-se de que o consumo em nosso continente "não faz pensar" e que é preciso sim estudá-lo do ponto de vista sociológico e antropológico para ver com mais luz o jogo de poder e a construção ideológica de comportamentos.

A pesquisa de Canclini traz dados muito interessantes e, ao mesmo tempo, perguntas ingênuas, tentando encontrar respostas para uma construção cultural midiática que leva pessoas

a consumir, mesmo sem ter casa própria ou o mínimo para garantir ou propiciar uma alimentação também mínima – o mais basilar das necessidades humanas. Justamente para explicar ou justificar que a grande massa, quando chega as festas de fim de ano, se endivida para dar presentes, esquecendo-se do dia a dia e da sobrevivência é tarefa simples, mas não pode ser simplista a argumentação que a favorece. Basta olhar com alguma atenção ao apelo das propagandas televisivas que utilizam um *glamour* irresistível. Justificar o comportamento dos consumidores através dos processos de comunicação e recepção também é simplista. Para a América Latina, sobrou o consumo e com ele a tradução visual da suprema felicidade, estrategicamente pensada pelas agências de publicidade e propaganda que também em sua maioria defendem forasteiros interesses.

A grande pergunta de Canclini está centrada em indagar como entrar na modernidade sem estar nela, ou melhor, vive-se em vários momentos históricos ao mesmo tempo: somos cidadãos do século XIX e habitamos por acaso o momento contemporâneo cheio de dilemas políticos, culturais e econômicos.

Pode-se aprofundar mais ainda as questões levantadas e avaliar melhor a formação de um público consumidor e verificar se seria possível, ainda possível, neste mesmo contexto, fazer uso político e cultural do imenso patrimônio histórico do continente? Esta questão revela de fato o papel dos latinos visto estar relacionada a heterogeneidade cultural e o porquê e para que tantos jovens ingressam ou são incentivados a ingressar em cursos humanísticos.

Podemos pensar em algumas possibilidades de respostas que podem estar na própria realidade apontada por García Márquez quando afirma que "a nossa condição de joguetes de um fado indecifrável, cuja única e desolada recompensa costuma ser, na maioria das vezes, a incompreensão e o esquecimento" (GARCÍA MÁRQEZ, 2010, p.12).

Joguete e isolamento. É neste sentido que o tema da solidão também se faz presente nos textos de Octavio Paz, pois diante do abandono à própria sorte, deveria ter sobrado pelo menos uma segunda chance. Talvez uma saída "mágica" vinda das alturas de Macchu Picchu.

Queremos dizer com isso que ao relegar à última instância uma análise aprofundada de nossas carências e fragilidades que têm como base as nossas raízes, estamos cometendo um suicídio em vários sentidos, inclusive acadêmico, provocando um esquecimento de nossas identidades. Somos submetidos às artimanhas do capital e às suas técnicas de administração tão eficazes.

É dramático quando se discute a instabilidade aplicada tanto à racionalidade como aos códigos e aos relatos. Do mesmo modo, perceberam-se as mesmas estratégias ideológicas

quando se fala no fim da história, da nacionalidade, das culturas e das classes. A ideia que parece permear o discurso seria tornar as pessoas estranhas: estranhas aonde moram e trabalham, e completamente alheias em sua essência social e também aos outros homens. Mais estranhas ainda em relação aos seus países. Não existe país e o sentido de nação está vazio de sentimentos.

Ironicamente, na realidade, esses sentimentos fazem parte da cultura, pois as fronteiras dos países colonizadores estão muito bem guardadas, Estes países administram e concentram com mãos de ferro um imenso poder chamado mercado, mas praticam nos seus quintais, essas mesmas ideias com a máscara do Global e uma força de verdade insuspeita.

Por isso, a retórica ideológica da não ideologia que conceitua o fim de qualquer coisa: do homem, das classes, das nações para imperar o homem 'mcluhaniano' sem cultura, sem nada, simbolicamente, prostrado diante de uma tela com imagem.

Queremos reafirmar que as pesquisas 'canclinianas' foram e continuam importantes, pois, abrem caminho para uma dimensão histórica e cultural da América Latina que ainda deverá fazer parte das análises das mutações em andamento provocadas pelos meios massivos e pelas tecnologias. Como diz Canclini, a "televisão manipula o México" (2005), poderíamos aplicar essa mesma afirmação, sem medo de errar, a todos os países do continente.

Sob a aparência do transnacional, do global, do pós-nacional, de negação da identidade, esconde-se um poder neoconservador. Por isso, nunca é demais reafirmar que se esse poder se encontra fincado nos meios massivos, na verdade é porque representa outros ainda maiores. E impossível ignorá-los e mais ainda, aceitar as Teorias pensadas a partir da realidade de cada um desses países que as exportam.

Por isso, Jesús Martin-Barbero chama atenção para as modas teóricas, embora, sua posição política ainda esteja muito carregada de um eurocentrismo que tenta a qualquer custo despolitizar um campo como o da Comunicação que sempre esteve atrelado às questões políticas e consequentemente do poder.

No entanto, quando analisa o século XX e as ideologias dominantes, não deixa de perceber a saída da comunicação na cultura, obrigatoriamente, como rito de passagem para o século atual com suas transformações tecnológicas, implicando transformações também nas culturas. Da mesma forma que houve uma dominação das ideologias no século passado, alerta que se está a correr o seguinte risco: sair da Cultura e cair no culturalismo (1991, p. 7).

Na verdade, a academia tenta o tempo todo entender e aceitar um projeto de poder para a América Latina, buscando ora uma teoria para justificar as transformações sociais, ora

incriminar as ideologias. E para fugir às questões ideológicas, inventa-se o fim de tudo, a começar pelo nacional que se transforma em pós-nacional ou transnacional. Podemos oportunamente lembrar a frase machadiana usada por Roberto Schwarz como título de seu livro: "Ao Vencedor, as batatas.". Só que o vencedor agora não se contenta só com as batatas, ele quer muito mais que isso. Eles sabem que estão lidando com uma *banana republics* após o fim das URSS, diante da impossibilidade de qualquer país latino se transformar em *balalaica republics*, e por isso reinam em berço esplêndido.

Entender as comunicações exige estratégias teóricas que percebam como se jogam o jogo do poder e o dos políticos, o jogo dos dominadores e dos dominados. Repetem e usam na integra, teórica e praticamente, tudo que vem pronto para o consumo. Do Jornalismo à Interatividade dirigida, instantânea que transmite uma inclusão e participação libertadora do telespectador do *Big Brother*. Seria ironicamente revelador se alguém afirmasse ser justo desse modo que a televisão faz pensar.

O labirinto da solidão, de Octavio Paz, conta poeticamente a história do México. Nele, há muito que se relacionar com a história de todo o continente. Basta somente comparar os mapas das fronteiras mexicanas de antes com as de hoje.

Por exemplo, o grande mito da história mexicana, Montezuma cede à invasão espanhola, pois, sente uma atração incontrolável (PAZ, p. 87), uma fascinação carregada de mensagens sagradas, interpretadas como um ciclo que se fecha e dá início a outro que começa.

Deste mesmo modo, parece que toda a América Latina está condenada a sentir esta mesma estranha atração. Estaremos fadados a repetir as tentações de Montezuma? Por que a sedução irracional e injustificável pelo estrangeiro como se fosse uma trama sagrada ainda persiste em toda a América Latina?

Por exemplo, pode-se pensar nas Teorias da Comunicação e suas aplicações, como conquistas sem resistências, como um querer ser o outro, mesmo que isso signifique suicídio, aproveitando o clássico exemplo de Montezuma. Impossível e desnecessário analisar as culturas do continente latino-americano inteiro para se chegar a essa mesma conclusão. No entanto, preferimos pensar a nossa realidade não só a partir das ideias de Octavio Paz, mas também das colocações de Carlos Fuentes que relata minuciosamente as relações do México com os EUA e as imposições culturais e dos meios de comunicação de massa, principalmente com o Cinema (Fuentes, 1989) instaurando uma verdadeira revolução.

Politicamente, Fuentes é um escritor híbrido, bipartido, dividido em dois: metade mexicana e metade estadunidense – duplamente americano. Sua cultura obedece a esses

mesmos parâmetros e a ética protestante o coloca em contradição. Difícil superar, neste contexto particularmente rico dos anos 1950 aos 1960 em diante, a efervescência dos efeitos da Guerra Fria. Luís Buñuel e autores como Gabriel García Márquez foram figuras presentes, em território mexicano, nesta mesma época. Portanto estamos lidando com realidades culturais que extrapolam as fronteiras deste país.

Ali, do mesmo modo que se lia a literatura francesa, lia-se a russa. Vivia-se entre Diderot e Gogol, e convivia-se com Gabriel García Márquez, Borges e o cinema hollywoodiano. O próprio Fuentes se classifica como um misto da cultura daquele contexto: "Somos o que comemos. Também somos as histórias em quadrinhos que consumimos na infância". (Fuentes, 1989, p. 12).

Não é difícil imaginar a força e poder desses meios massivos de comunicação, principalmente no público infanto-juvenil. A formação cultural de Fuentes como um ser híbrido como resultante dessas forças pode ser facilmente depreendida em seus textos. Nele, habitam duas culturas: uma estadunidense, pragmática com vocação econômica protestante, e outra mexicana carregada de mitos como Zapata e o da cabeça decepada de Miguel Hidalgo.

Sua "Aula Inaugural em Harvard" está cheia de referências importantes que mostram essa dissociação. Ele faz um retrospecto das atrocidades americanas em seu país, mas ao mesmo tempo quer comprovar uma amizade que se supõe existir.

> Mas nós, amigos verdadeiros de sua grande nação na América Latina, nós , os admiradores de suas conquistas extraordinárias nos campos da literatura, da ciência e das artes, bem como de suas instituições democráticas, de seu Congresso e de seus tribunais, de suas universidades e editoras, e sua imprensa livre – nós, seus verdadeiros amigos, porque somos seus amigos , não permitiremos que vocês se comportem nos negócios latino-americanos como a União Soviética se comporta nos negócios da Europa Oriental e da Ásia Central. (FUENTES, 1988, p.243).

Difícil ler um trecho como este, sabendo da história do México e das relações dos EUA com a América Latina. Ironia? Deboche? Ou ele realmente acreditava em tudo que disse? Seus leitores somos tentados a perceber ressonâncias shakespearianas do elegíaco discurso fúnebre de Marco Antônio em "Júlio César". Mas de fato olhar para longe é muito mais fácil que para perto. Esqueceu-se de que as práticas dos dois grandes donos do mundo são as mesmas e que o mexicano será sempre um animal enjaulado. Não existe reconciliação, apenas imposição. A história não permite, mesmo aceitando o esquecimento como um fato. Não adianta pedir que os EUA sejam humanos, responsáveis e inteligentes. Independente das nuanças do que foi dito.

Há também um mapeamento dos problemas sociais e políticos feitos nesta mesma aula. São esses mesmos elementos que devem fazer parte de estudos que embasem a comunicação como prática social e como troca de experiências em comunidades.

É neste universo povoado pelos cidadãos Kane, Dick Tracy, Tess Trueheart, Clark Kent e Lois Lane, que se configura a cultura do México e de toda a América Latina. Portanto, discutir a comunicação sem se levar em conta essas dimensões culturais, seja no campo político, seja no comunicacional, seria infrutífero.

No entanto, as Teorias da Comunicação, com raríssimas exceções, são aceitas e praticadas sem ao menos adaptá-las às devidas diferenças de práticas e vivências culturais dos meios massivos. Cada país deveria ao menos cuidar em não permitir que sejam extrapolados os seus limites por aqueles que os modelos importados impõem. A comunicação não deveria prescindir de estar atenta às experiências acumuladas ao longo de séculos. Estudá-la e praticá-la sem os enlaces com a cultura não seria fazer o pacto de morte de Moctezuma?

Gabriel García Márquez não pode ser esquecido pelos estudos comunicacionais e mais ainda, aprisioná-lo à literatura seria esquecer os elementos históricos e contextuais do século XX dos quais ele participou ativamente não somente como literato, mas como homem político. Sua consciência política e importância de suas ações se devem às suas denúncias e luta contra as ditaduras financiadas pelos EUA em quase todo o continente. E coincidentemente, após a década de 1960, houve o *boom* da comunicação e da Literatura Latina. Por isso mesmo, não se pode separar os projetos políticos e culturais da comunicação porque são projetos de poder e de construção de mercado, planejados conjuntamente.

O discurso de Gabriel García Márquez para o Prêmio Nobel, escrito em poucas páginas, deveria ser texto obrigatório àqueles que estudam a América Latina. Não importa a especificidade dos estudos. Seja televisão digital ou analógica, Jornalismo, Publicidade ou Cultura. Trata-se de um resgate histórico das atrocidades cometidas pelo colonizador espanhol, dos enganos da independência até o domínio norte-americano, no século XX, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial em que o mundo ficou dividido em dois grandes donos.

Por isso, quando se retoma, mesmo de maneira panorâmica, os relatos históricos torna-se difícil não indagar: Seria possível propor Novas Teorias da Comunicação para a América Latina sem se fazer estudos realmente aprofundados históricos, antropológicos, sociológicos e culturais e sem analisar as diferenças e semelhanças entre os países? “A interpretação da nossa realidade a partir de esquemas alheios só contribui para tornar-nos cada vez menos livres, cada vez menos solitários”. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2010, p. 10).

Não é por acaso que o tema da solidão deveria fazer parte dos estudos latinos. É o abandono político provocado pela desunião e falta de consciência política. Feito de uma educação midiática, escolar, formal e informal voltadas sempre aos interesses alheios. É a recusa do espelho. É usar os modos de ser do outro e também o outro como espelho. Nada escapa: impõe-se desde a língua aos pequenos hábitos e práticas alimentares. É o Transnacional, o Pós-Nacional e o Global que funcionam nos países consumidores. No entanto, contraditoriamente, as fronteiras geográficas, culturais e, principalmente da semiosfera destes mesmos países que inventam teorias para justificar o global livre em todos os sentidos, estão muito bem guardadas e protegidas. O comércio igualmente seguro por pesados subsídios. Os arquivos digitais construídos a partir das redes sociais comprovam o amplo domínio das Américas.

CONSIDERAÇÕES

Podemos pensar em duas hipóteses para se entender a América Latina. A primeira: se seria possível a partir de uma análise histórica e cultural, propor uma teoria que justificasse as transformações culturais e os processos intermediados e mediados.

A segunda: se seria possível a partir das imposições culturais, verificadas nos processos de colonização contínuo, pensar uma teoria ou que pudesse ser chamada de teoria que justificasse as transformações forçadas pelas tecnologias, manipuladas pelos meios massivos e mascaradas como verdades pelas instituições.

É neste sentido que retomamos as ideias de García Márquez quando mostra o tamanho da América e a imensidão de seus problemas. As contradições são muitas e diante da dificuldade de cada um dos países do continente, inventa-se uma América. Na impossibilidade de se contar o Real, inventa-se outro, o Mágico, por ser uma saída possível, não a única como em Cem Anos de Solidão, que para compensação da perda de memória, colocaram-se placas nominando cada coisa. No entanto, para lutar contra o esquecimento, existe a própria realidade que está presente em todas as coisas. Mesmo assim, a saída está no próprio homem que dialoga, faz trocas e deixa marcas, registros e ideias.

É neste universo latino, misto de abstrações históricas, realidades mágicas, pois, a realidade é feia e insuportável, que se encontra a Literatura que também foi reinventada não somente para contar histórias, mas para lembrar o que somos e de maneira não muito precisa, mostrar o que podemos ser ou o que não queremos ser. Propõe-se pensar os modos de

transgressão, como engajamento contra os modelos estabelecidos porque pressupõem o comum, o igual que repete sempre.

Para isso, pode-se retomar pelo menos um dos sentidos possíveis do conceito de teoria, Theos, como abordagem abstrata que pressupõe um número variado de participantes com instrumentos também variados que se completam , instigam e são instigados.

Entre os muitos instrumentos destacados por García Márquez está a própria reinvenção da América Latina através da cultura, não simplesmente da cultura no sentido especifico, mas daquela cultura que reúne sonhos, hábitos, leis, fatos, mitos, lendas e evocações de maneira geral, que possibilitam tal recriação.

Por isso mesmo é que lembramos não se separar cultura da história 'verdadeira' e menos ainda da história 'fictícia' costumeiramente tornada 'oficial'. Estão misturadas, se completam e nos documentos oficiais não estão incluídos os sonhos, os desejos e as fantasias que são parte essencial da cultura.

A realidade da cultura na América Latina está ainda dividida entre o mundo letrado e o ágrafo, oral. Entender para justificar seria a grande força do culto exigido aos participantes de qualquer teoria, nova, velha ou recriada.

Ironicamente, lembra Fuentes, a América e muito grande. Ela e surreal, pois contém todas as realidades. A realidade das redes de comunicação, das parabólicas, mas também a realidade daqueles que não participam da história, dos que estão fora das redes, dos que simplesmente não sabem o que é uma antena parabólica ou, mais ainda, dos que não conhecem nem mesmo a luz elétrica.

Há ainda aqueles que vivem em lugares que não existem por serem locais que não constam de nenhum mapa. Vivem fora do mundo, sem lugar ou fora dos lugares, em vários sentidos. Falam e vivem outra língua, outra cultura. Participam de um mundo esquecido.

Por isso mesmo, a América é um Continente e nele tudo cabe: os topos e o U-topos. E para pensar as realidades que intercruzam, como as linhas das redes invisíveis da comunicação, necessitam-se conhecê-las para depois as decompor e recompor, fazendo aparecer o objeto, simulacro que tornou visível o invisível. Isto seria teorizar?

Este poderia ser o caminho para se pensar a América Latina, porém, sem esquecer-se jamais de suas extremas contradições.

SEXTO PASSO

Teorias da comunicação, a hermenêutica, o diálogo, a compreensão e a interpretação: esboço para uma contribuição às "novas teorias" e aos "novos métodos"

Este trabalho tem como objetos principais as teorias da comunicação e o método científico de pesquisa, levando em conta as dificuldades enfrentadas em função de inúmeras correntes teóricas das ciências sociais aplicadas, e da diversidade de métodos de análise utilizados na área.

Propõe-se, ao mesmo tempo, a hipótese de que a comunicação, em sua dinâmica, pode também ser compreendida a partir de suas matrizes filosóficas a fornecerem elementos de conhecimento e teorias, justificando pensar sobre os aspectos intrincados do conceito de comunicação.

Propõe-se discutir ainda, as teorias da interpretação e do diálogo na tentativa de entender as relações sociais e humanas, vistas aqui como processo complexo que inclui, na dinâmica das trocas, o caráter cognitivo, espiritual, emocional e interativo, mas requerendo, acima de tudo, entendimento e compreensão.

Pretendemos acrescentar mais um objetivo nesta pesquisa que é a tentativa de aprofundar as análises das ideias de Gadamer, principalmente em *Verdade e Método,* e de Paul Ricoeur, em o *Si mesmo como um outro* e *Teoria da Interpretação,* com a finalidade de melhor pensar a comunicação. Acrescentamos termos que procedem a um levantamento de teóricos da comunicação que constam das referências. Dentre eles, destacamos alguns por acreditarmos trazerem discussões mais pertinentes e, às vezes, pouco usuais, casos de Shannon, Weaver, Luhmann, Nancy, Pearce e Petri. Por tratar-se de pesquisa teórica, propomos uma reflexão acerca dos fenômenos teóricos e metodológicos da comunicação como estratégia de abordagens do objeto de pesquisa e tratamento dos problemas.

Aproveitando a clássica definição de Kant de que a filosofia é a ciência da relação de todos os conhecimentos com os fins essenciais de razão humana, parte-se do pressuposto de que a comunicação, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que os eventos e as ações são matrizes centrais no processo comunicacional, e seriam imperceptíveis por sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos.

De outro modo, a partir da introdução de tecnologias, de início, a revolução industrial, pensada em seus vários estágios, ao inserir técnicas de produção e reprodução de imagens com suas máquinas mediadoras, pode-se perceber a erupção de outras formas de construção de culturas, outros condicionamentos, outras capacidades de significações, tanto no contexto social quanto no político e econômico. É neste sentido que entendemos que os sistemas de cultura possam representar as finalidades máximas da Razão.

Neste sentido, a dificuldade de se definir a comunicação como processos subjetivos delicados de percepção, instigou-nos a repensar a comunicação como linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicos e imprevisíveis que provocam rupturas nos conceitos de comunicação suscitando a transcendência do ir além: o mundo mental seria parte de outro mundo diverso, e o percebido silencia-se no universo solitário e particular.

Uma das grandes contribuições de Gadamer consiste na ideia de que a linguagem atua constantemente como *medium*, isto é, como tradutora e mediadora das experiências humanas, levando em conta o conceito clássico que pressupõe não somente a compreensão que se funde na transferência de conhecimento para o outro, mas também a participação imediata de um no outro, pois só assim é possível compreender o que se exprime, pondo-se de acordo com a linguagem. Desse modo, objetivando exprimir consciente e inconscientemente o pensamento.

As experiências vão além da mera reprodução abarcada pela linguagem, indicando acordos fáceis ou difíceis, tomadas de consciência e, ainda, as condições em que se realizam qualquer entendimento. Por isso mesmo, tenta-se evitar tanto o empirismo simplista como o racionalismo radical e dogmático.

Por outro lado, todo entendimento pressupõe a transposição de sentido de um contexto para o outro. É nesse ponto que incluímos os conceitos de comunicação que preconizam a necessidade *sine qua non* do domínio de um mesmo código. Mesmo assim, comunicar para Gadamer significa traduzir, usando a linguagem como *medium*, em um processo de acordo que possibilita trocas, inclusive, também de consciências além de experiências entre os interlocutores. Mesmo que o conceito de troca seja questionado por muitos teóricos da comunicação, ele é essencial.

Outro sentido explorado por Gadamer para comunicação é o de conversação, implicando reações entre os envolvidos. Esse debate pode dar-se em várias etapas, e a compreensão que envolve decisões dedicadas de ambas as partes, implicando uma reiluminação, “Como ocorre entre duas pessoas, também entre os terceiros dessa ‘conversação’ se dá uma comunicação que é mais que mera adaptação”. (GADAMER, 2005, p. 502)

Neste sentido, pode-se dizer que a linguagem é o *medium* universal e cada meio de comunicação a desenvolve e aprimora a própria compreensão de mensagens, seja na forma escrita, oral ou por imagens, mantendo observância na inclusão de seus usos e costumes.

Assim visto, cada meio de comunicação desenvolve sua linguagem, isto é, reconverte seu texto em linguagem, e Gadamer classifica esse processo como "consciência compreensiva" realizada através do que foi comunicado, incluindo aí a ideia da fala oral e de sua relevância nos meios massivos.

A palavra falada para Platão se constitui como o pensar verdadeiro e, como comunicação, surpreende pelo modo de falar, o tom, a cadência e não sofre da mesma debilidade do texto escrito que pode sucumbir a mal-entendidos. É na conversação que se dá prontamente a comunicação que fortalece o sentido do que foi dito.

Pensar a comunicação seria ater-se a um conjunto de intenções possíveis que se revelariam abissais, pois o que realmente foi comunicado, em sua essência, ficou discreto por redução a uma dimensão mental.

Neste ponto, a linguagem organiza didaticamente a compreensão e é essa possibilidade mediadora que torna concreto o próprio sentido. Por isso mesmo, pode-se dizer que por mais eficaz que a comunicação seja, ela é sempre aproximada. Apenas parte das intenções seria plenamente atingida. Os processos mentais de ordenação e seleção gerariam possibilidades em grau infinito.

A comunicação, juntamente, com a difusão em jornais, rádio e da televisão, incluindo neste contexto seus modernos sistemas como, por exemplo, a complexidade de telefonia móvel, com todas as suas potencialidades, e da Internet que se impõe como base de convergência, ocupa um espaço importante nos estudos dos fenômenos sociais.

É neste ponto que poderíamos aproximar, por exemplo, as teorias do linguista Roman Jakobson, que não reduz a comunicação a uma simples troca de mensagens, mas tenta entendê-la como Fenômeno de Interação entre fonte, mensagem e destinatário. A comunicação, neste contexto, não seria uma mera transferência, mas admite ser pensada, também, como mistério ou como fenômeno inexplicável. Não se pode, portanto, reduzi-la à simples transferência. Mesmo diante de argumentos teóricos sólidos conceitua-se, ainda, a comunicação impregnada dos sentidos de transmissão de mensagens, de notícia, de informação, de partilha.

Independentemente de ser referência universal para a comunicação, o modelo de Shannon e Weaver é criticado por autores como os teóricos Carl Adam Petri, Barnett Pearce e Niklas Luhmann, que ampliam discussões ao conceito de como encontrar o interlocutor,

compreender-se; problemas relacionados à privacidade e à publicidade e ainda à comunicação em rede. Estes autores argumentam e pensam no modo como a comunicação acontece e a enfatizam não como fenômeno físico, mas como fenômeno social articulado à múltiplas dimensões e funções ou protocolos. Lembremo-nos que Shannon, como engenheiro empregado de uma companhia telefônica, teve como objetivo principal a melhoria de qualidade da transmissão do enunciado do falante ao receptor, independendo do conteúdo. Desse modo, acreditamos que "a teoria matemática" de Shannon deve estar situada mais apropriadamente entre as teorias da informação muito embora tenha seu lugar, também, entre as chamadas "teorias" da comunicação.

Independente de quaisquer protocolos, a comunicação está relacionada à construção social da realidade e aos valores das ações e interações, à construção de histórias que cada um faz sobre si mesmo e o mundo, e buscar um sentido comum às mensagens transforma a comunicação em um mistério.

A teoria dos sistemas de Luhmann foi construída como sistemas de comunicação que é também um processo seletivo, isto é, aquilo que é constituído como seleção, vale dizer, como informação. Portanto, o ato de comunicar está interligado à escuta e à informação. Por outro lado, a distinção entre informação e o ato de comunicação só é possível quando há divergência entre a escuta e as instruções de fonte. É neste sentido que ele é mais categórico ao afirmar que a comunicação só é possível como processo autorreferencial, pois o ato de comunicar, informação e escuta são três processos irredutíveis um ao outro.

Faz-se necessário, neste sentido, ainda, discutir a comunicação a partir do conceito de sociedade da informação. Informação esta que permeia as relações sociais, econômicas, interpessoais e afetivas. Assumir que a transmissão de conhecimento se dá por sistemas de transmissão traz novas perspectivas de pensar a comunicação. A partir daí, por exemplo, surgem também abordagens comunicacionais novas para explicar fenômenos humanos diversos como: o funcionamento da mente humana e do sistema nervoso central; o caráter genético da individualidade dos seres humanos, entre outros. Novas formas de representação, memorização e manipulação podem ser repensadas ao mesmo tempo como comunicação e como informação. Torna-se fundamental saber, por exemplo, aspectos qualitativos e quantitativos daquilo que foi comunicado. Melhor dizendo, o que foi memorizado e o quanto foi esquecido e ainda o custo de tudo isto. A comunicação não está dissociada da indústria de tecnologia da informação. E, a ampliação da potencialidade humana, como causa e efeito, mudou o modo de entender as complexidades dos processos sociais. Há um total controle de informação e das pessoas. De

maneira planejada, as pessoas são submergidas cotidianamente por informações em quantidade acima de seus limites. Alegam-se o direito de gerar e também o de difundir informações. Há ainda o direito de recebê-las, mas há também o de não recebê-las. É neste sentido que a Sociedade da Informação parece estar reduzida às relações econômicas. Neste contexto cultural, pode-se também argumentar sobre a possibilidade de se fazer uma síntese do *homo economicus* com o *homo juridicus* como simples ator do mercado que tem leis, além de direitos, ambos estabelecidos pelas instituições. Por isso mesmo que recorremos às teorias de Gadamer para afirmar que a linguagem é o sinal da comunicação devido a sua natureza processual e pragmática.

É na linguagem que os atos comunicativos ganham formas e sentidos. Jean-Luc Nancy faz uma distinção entre operar e comunicar, classificando a comunicação como a inoperância de obra social. E é esta mesma inoperância que torna a comunidade culturalmente forte, resistente à reificação mercantil indo além de qualquer lógica econômica, institucional ou técnica. Os jogos linguísticos elaborados pelas comunidades sociais criam vínculos, impõem limites, mostram divergências. No entanto, existe uma dinâmica na criação de regras, rompendo continuamente com os limites.

A comunidade e a comunicação são constituídas por indivíduos, e não ao contrário, pois a segunda se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos, multiplicando de maneira ilimitada a comunidade. Por outro lado, o contexto, a cultura e a comunidade em que acontece a comunicação desempenham papel importante, pois criam e transformam os contextos e projetam as relações entre contextos e cultura. É neste sentido que nos interessa discutir a comunicação como linguagem, aproximando o conceito de linguagem ao conceito de "fala" saussuriana como um processo contínuo que evolui também de maneira contínua, criando novas possibilidades a partir de como as pessoas a praticam. A linguagem é, de maneira abstrata, comunicação, pois é composta de múltiplos jogos linguísticos e caracterizam múltiplas comunidades e formas de vida do próprio homem. Compartilhar jogos linguísticos é comunicar. A comunicação só consegue atingir seus objetivos, tornar comum, por meio dos jogos linguísticos que delimitam e regulam.

Discutir sobre a comunicação como simples transferência obriga-nos a retomar em nosso texto o debate a respeito do momento crucial da comunicação que é a escuta, caracterizada pelos contextos sejam físico-espacial ou organizativo-social. Neste processo, há uma dependência da cultura e do compartilhamento devido, principalmente, a seu caráter dinâmico, processual e autorreferencial. (LUHMANN)

É neste sentido que podemos afirmar que a comunicação cria comunidades, coloca os seus participantes em estado de sincronismo ao criar uma identidade coletiva que os distingue de quem não participa. É na comunicação que a comunidade toma forma, cria limites e sentido. A comunicação é a ação que engloba as pessoas na comunidade e não haveria limites e nem identidades como processo (LUHMANN). Por isso mesmo, a comunicação só tem sentido dentro de uma comunidade, pois somente a comunicação cria comunidade. A comunicação, no entender de Luhmann, não somente cria, mas multiplica as comunidades. A comunicação multiplica as comunidades e a multiplicidade de comunidades cria novas formas de comunicações, como se pode observar, hoje, com o incremento das facilitações para interações comunicacionais entre os indivíduos, ainda que *a priori* sejam pertencentes a comunidades distintas.

Acrescentando mais alguns argumentos a essa mesma discussão, Jean-Luc Nancy diz que a comunidade e a comunicação são constituídas de individualidade, pois a comunicação se faz necessária para fazer do homem um ser social, dando forma a seus comportamentos sociais, multiplicando ilimitadamente as comunidades em que participa e dando forma a cada uma delas. De que maneira estes processos que criam, multiplicam, e dão forma poderiam ser pensados como objetos da comunicação?

Da discussão acerca dos conceitos de comunicação como informação, transferência, escuta, troca, compartilhamento, diálogo e interpretação podem vir contribuições teóricas e metodológicas para se pensar a comunicação, hoje, com seus desdobramentos multidisciplinares, intertextuais e tecnológicos. Propõe-se aqui incluir aspectos relevantes nesta discussão a partir das ideias de Ricoeur e Gadamer sobre as diferentes maneiras que o Outro como si mesmo e Outro se fazem presentes nos processos comunicacionais. Pode-se dizer que se trata de um sujeito diante de outro sujeito, em um processo contínuo de intersubjetividade. Conviver e viver com o outro, próximo ou distante, no tempo e espaço, são problemas essenciais da comunicação. No contexto atual, conviver e viver ganham novas dimensões por meio do uso massivo das tecnologias de telecomunicação exemplificadas nas redes sociais. É destas relações que são travados novos tipos de diálogos com consequências ainda imprevistas, envolvendo a intimidade, a impossibilidade e a pessoalidade como relações sociais. É esse "si-mesmo" como um Outro, é esse Outro que sou eu mesmo que estabelecemos múltiplas mediações, principalmente através das obras da cultura que os sujeitos produzem e nela se reconhecem. A cultura é o reflexo do sujeito que comunica, age e interage consigo mesmo e com os outros. A cultura como sistema são os fins máximos da Razão. É neste sentido, como

aponta Kant, que se faz necessário um duplo combate contra o empirismo puro e outro, tão intenso quanto, contra o racionalismo dogmático. A cultura deveria ser entendida em vários sentidos que completam as dimensões do humano: a cultura, como astúcia, calcula e desvia.

Nossas discussões centram-se na importância que o diálogo representa para a comunicação. É no diálogo que a linguagem se manifesta, estabelecendo o encontro de dois mundos com desdobramentos imprevisíveis, transformadores e enriquecedores entre os participantes do processo comunicacional.

É no diálogo que o Outro se faz presente ou se apresenta. Evocam-se aqui as ideias de Paul Ricoeur ao rastrear esse Outro ou Outros na convivência, na vivência entre, próximos e distantes no tempo e no espaço. Em relação ao tempo, devemos levar em conta os antecessores como resgate, como dívida; pensam-se ainda nos sucessores, que como promessa, sofrerão as consequências das ações, decisões de cada iniciativa. Quanto ao espaço, fala-se dos contemporâneos, próximos e distantes, íntimos ou impessoais ou no anonimato como sendo relações intrincadas que se aplicam à comunicação, e não considerar tais complexidades seria fazer uma análise simplista. Difícil seria não colocar o humano com suas interrogações no centro. Na verdade, o humano traz de volta as relações sociais que poderiam ser traduzidas na trajetória sensível "recoeuriana" como puramente comunicação: o Outro que pode estar à nossa frente ou ao nosso lado. O Outro que está em nós. O Outro que somos nós mesmos. Nós mesmos que somos Outro. Esse Outro, diverso de nós mesmos, somos nós mesmos. O Outro, mas o mesmo. O mesmo, mas o Outro.

Neste jogo linguístico, percebe-se um processo comunicacional ativo e profundo. Impõe-se uma reflexão sobre todo o processo, que sem esse exercício, torna-se difícil pensar a comunicação.

Os múltiplos sentidos gerados pelas relações sociais no processo comunicacional não iluminam os problemas do entendimento. As teorias do diálogo esclarecem as dúvidas. É no diálogo que você esclarece o que quis dizer. Como escolher entre as várias interpretações aquela que mais se aproxima da tradução da mensagem?

Nesta perspectiva há, primeiramente, a necessidade de entender o Outro, o humano que está presente em todo ato comunicacional linguístico verbal, tanto na oralidade quanto no impresso e visual. É evidente que se pode dizer algo e compreender as interpretações divergentes, porém, fazendo parte de um projeto que pressupõe intenções intercaladas em um jogo de mensagens explícitas e implícitas.

Encontrar significados divergentes diz respeito à autonomia do autor ou emissor. O que ele quis dizer pouco importa. A mensagem organizada e veiculada desprendeu-se das intenções, ganhou autonomia. O que se tenta interpretar independe do autor. Interpreta-se o que está organizado como mensagem. Verifica-se que há um abismo entre os dois: o autor e a interpretação do que foi produzido por ele. Não há controle das suas intenções sejam elas quais forem.

Deste modo, reconhece-se a diferença do diálogo oral e da escrita. No diálogo, é possível esclarecer as dúvidas. Dizer com outras palavras, de outro modo. Já na escrita, o leitor interpreta a seu modo. O texto impresso está ali, organizado e aberto às boas e más interpretações. A tarefa do leitor é objetiva e ao mesmo tempo ativa. É ele que dá vida ao texto e o faz falar, a seu modo, é claro. E nesse falar pressupõem-se todas as brechas possíveis. Há um diálogo. É o diálogo do leitor com o texto. Há, portanto, uma briga entre os dois, estabelecendo uma relação de consciências. Por outro lado, pode-se prever a imposição do leitor do texto impresso que aproveita de sua suposta condição de ser agente.

Se a interpretação, enquanto comunicação, acompanhar as ações, os acontecimentos e as experiências humanas, se torna imperioso tomar cuidado para não se fechar em apressadas conclusões de que tudo é interpretação e, em decorrência do assim pensar que todas seriam válidas. Há forças, alheias ao texto, que, ao se imporem, transformam tudo em verdadeiro jogo. A dimensão objetiva com seus elementos estruturantes transforma-se apenas em uma base, mas não é suficiente para fornecer segurança e validar as interpretações. Neste ponto, pode-se falar de ideias autônomas: a do autor/emissor e a do receptor com todas as nuanças que o conceito requer. No entanto, a materialidade seja verbal-impressa ou visual independente do meio, é base para interpretação.

O conceito de compreensão faz parte do grande projeto teórico de Gadamer que levanta discussões comunicacionais esclarecedoras. Isto quer dizer que o pensamento hermenêutico é na verdade uma dinâmica sequencial envolvendo a interpretação, abrindo caminho para um completo compartilhamento em constante diálogo, como base para determinar a comunicação.

Na comunicação gadameriana está explícita uma teoria do diálogo que engloba, ao mesmo tempo, o entendimento e a interpretação, sem esquecer objetivamente a tradição e a historicidade que estes conceitos comportam. O contexto é rico em teorias e é justo dar a Friedrich Schleiermacher o papel de pioneiro, pois foi o primeiro a elevar a hermenêutica a outros parâmetros que ultrapassaram a simples interpretação, estabelecendo procedimentos metodológicos de abordagem de textos. É neste ponto que afirma não haver nenhuma gramática

universal que possibilita aos falantes de uma mesma língua se entender e se comunicar. Deve haver sim, um esforço de compreensão que supere as diferenças. É neste sentido que a comunicação, como diálogo, deve ser entendida, e fundamentada nas naturezas filosóficas, preponderantemente nas clássicas.

Não se deve esquecer outra influência importante nas teorias de Gadamer, que foi Wilhelm Dilthey ao difundir a compreensão como o elemento diferencial das ciências humanas em relação às ciências da natureza. Sua proposta era fundamentar um processo rigoroso nas ciências humanas por meio da compreensão, ligando os vários universos, as várias culturas, as várias vivências, numa tentativa de supressão das distâncias numa prática de compartilhamento de experiências e de visão de mundo.

Desse modo, acreditamos que a importância de Schleiermacher e Dilthey encontra-se no feito de direcionar o pensamento hermenêutico, centrando-o no conceito de compreensão. Constatada a presença dos dois pensadores no pensamento de Gadamer, é com Heidegger, seu professor, que há um intenso diálogo, provocando uma radicalização do termo "compreensão".

Heidegger vê a interpretação como um processo possibilitado pela compreensão que é, na verdade, uma intensificação do conceito diltheyano e marcará definitivamente os caminhos teóricos de Gadamer.

As mudanças do pensamento filosófico de Heidegger sobre o Ser terão importância fundamental na dinâmica comunicacional que se estabelece nessas teorias. O Ser – aí compreende, mas que também se faz compreender em um processo intruso em diálogo como processo que se projeta no mundo como vivência e que faz o elo entre a compreensão e interpretação.

Este mesmo elo dialoga com as estruturas prévias já sedimentadas e que fazem parte da tradição. Por exemplo, a compreensão como comunicação é um jogo com regras mutantes e o campo desse jogo é formado por elementos culturais, sígnicos e histórico-linguísticos.

É dessa interação que poderíamos aplicar a ideia de Gadamer de fusão de horizontes à comunicação, pois, envolve uma pluralidade de elementos que orientam o desempenho compreensivo.

Difícil não associar todo esse processo à comunicação, pois, o caráter institucional tão raro à comunicação se repete na necessidade de compreender e ser compreendido, independente das tecnologias e do número de pessoas envolvidas.

Os horizontes, os universos culturais se misturam e se interpenetram. Por isso, faz-se necessário levar em conta os repertórios de vida, de acontecimentos e mundo que formam e determinam as modulações, obedecendo às condições particulares de cada horizonte que se interceptam. Toda compreensão envolve as estruturas prévias que, na verdade, são indispensáveis para se compreender ou participar do jogo interpretativo-comunicacional.

Perceber mais elementos ou menos elementos da mesma obra, por exemplo, já determina os limites do universo de cada participante. É nesse esforço de comunicar que entram no jogo comunicativo as trocas repertoriais necessárias, enquanto o modelo racional ganha espaço. O objetivo não descarta, mas ameniza o subjetivo.

Embora seja necessário que se faça a distinção entre objetivo e subjetivo, é desse jogo comunicacional que surgem novas compreensões nascidas das tentativas e correção e autocorreção dos pressupostos.

Toda compreensão, em sua circularidade, é uma realização própria inesgotável das possibilidades de sentidos daquilo que se pretende compreender, incluindo as repetições que fazem parte das regras do jogo da comunicação.

O sentido de um ato comunicacional, daquilo que precisa ser compreendido, é para Gadamer uma interpretação finita que, porém, não se esgota e revela apenas uma possibilidade. É nesse sentido que o caráter da compreensão como comunicação é aberto e evita-se sequer pensar em qualquer tipo de arbitrariedade interpretativa. O que está em jogo é fazer emergir o que precisa ser compreendido e interpretado, eliminando e superando, com o intuito comunicativo, as distâncias temporal e espacial presentes no objeto interpretado.

No sentido específico, a hermenêutica de Gadamer é uma crítica da compreensão finita, englobando, inclusive, a concepção da linguagem, isto é, o caráter político da linguagem para além do instrumental.

A CAMINHO DAS “NOVAS” METODOLOGIAS

Fazendo justiça ao célebre começo de *Crítica da Razão Pura*, de Kant, intensamente comentado por Gadamer, quando associa diretamente conhecimento à experiência, fica explícito que devemos buscar metodologias que acompanhem a ciência no século XXI que sofre os efeitos das teorias e do fabuloso desenvolvimento tecnológico do século XX.

Ainda estamos fazendo a passagem do século passado, pródigo em experimentações e teorias, mas foram esses mesmos movimentos que contribuíram para um novo projeto político e social cuja práxis dividiu o planeta em duas ideologias. É neste sentido que ainda estamos praticando as mesmas teorias, pensadas no século passado a provocar dúvidas quanto às suas justificativas e aplicabilidade no século atual. Por exemplo, retomar Kant, ao assumir que conhecimento e experiência revelam a essência do ser humano e é caminhar em uma determinada direção em que há um saber adquirido, através da práxis, acumulado pelas vivências, verificado não só na herança cultural e na tradição, mas acima de tudo na necessidade de teorias e métodos que pensem esse sabor/saber subjetivo e instável e busquem caminhos científicos seguros para a experiência em nosso contexto.

Não é possível avaliar em que dimensão poder-se-ia adaptar as teorias existentes ou, por outro lado, buscar novas que justifiquem a tentativa de delimitar os objetos, mesmo considerando ser interminável a tarefa do pesquisador que é a de determinar o objeto, no contexto contemporâneo da práxis como aplicação da ciência, pressupondo também escolha e decisão, o caráter infinito de ciência que, se contrapõe ao imediato de práxis. É neste sentido que a ciência não é mais a essência do sabor/saber sobre o mundo e o ser humano. A ciência moderna se traduz em experiência.

Ultrapassar a estreiteza dos preconceitos já é, em si, a tentativa de se abrir para o outro, encontrar no outro o encontro de horizontes, a troca de experiências que se dá verdadeiramente como comunicação no diálogo. Nesse intercâmbio, há o acordo com consenso, mas com desfecho ainda ignorado comportando aventuras e riscos com final imprevisível.

Em sua essência, o diálogo se constitui como um processo linguístico para Gadamer, mas ampliando um pouco mais o conceito de texto, com sentido linguístico, metodologicamente, incluímos às imagens eletrônicas (digitais ou analógicas) pictóricas também como objetos hermenêuticos, que abarcam inclusive as linguagens, ampliando ainda mais o espaço de troca, de diálogo enquanto compreensão de mundos, realidades e horizontes.

Especificamente do caso brasileiro e também da América Latina para falar de teorias, faz-se necessário fazer uma retrospectiva, abordando as intrincadas questões históricas e culturais que são, acima de tudo, autor de questões políticas. Por exemplo, os meios de comunicação de massa, em sua totalidade, estão inseridos em um jogo político com funções determinadas, ainda que negadas peremptoriamente. Negação que nada mais é que fruto de cumplicidade. São as contradições latino-americanas que precisam, dialeticamente, ser estudadas para que um esboço teórico comece a ganhar forma e fazer justiça ao sentido da

palavra *Theoria*, que, vista de modo ampliado, quer dizer cortejo, ritual organizado com muitos participantes com a finalidade de justificar as práticas comunicacionais.

É neste sentido que cultuar e cultivar e pensar as práticas juntamente com os instrumentos possibilitam enxergar o *aliens*, o alheio, o estranho, mas dominador e feitiço tanto quanto o colorido das miçangas trocadas em um processo contínuo de colonização.

Estamos sob a ação de fetiches – alienados e encantados que somos pela teoria. Há que se desencantar para de novo voltar a nos reencantar. No Brasil e América Latina, as coisas são e não são ao mesmo tempo. Algo próximo ao realismo mágico de Gabriel García Márquez, restando buscar respostas que poderão estar na arte, na literatura, na cultura e na poesia.

O século XXI, em nosso contexto geográfico, deveria retomar os ideais e refazer o convite de Feuerbach ao ativismo revolucionário do século passado.

CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Tornou-se necessário retomar os teóricos que tratam da história da ciência, quando discutem os acontecimentos científicos colocados em sequência ou deslocados de seus contextos, as crises e surgimento de novas teorias. No entanto, é importante salientar que a história da ciência não se constitui somente do acúmulo de práticas, de ideias e de teorias.

As questões filosóficas trazem à luz elementos que provam a herança dos iluministas que, por sua vez, retomam Platão e Aristóteles ao proporem o uso livre da razão e do intelecto que viria a determinar a cultura do século XX, englobando o mundo da técnica com seus desdobramentos relacionados à informação, conhecimento e suas contradições.

Baudrillard e Postman, por exemplo, enfatizam que o acréscimo da informação não acarreta o aumento do conhecimento, ou seja, a inflação da informação pode significar "deflação do sentido", crise que atinge o auge com os *Media*, o computador e a Internet. Constituem discussões necessárias para se pensar a comunicação hoje, envolvendo, obviamente, os conceitos de memória artificial garantida para os meios de comunicação de massa.

O tema da memória e da construção de sentidos é pertinente na sociedade da informação com seus computadores e redes sociais, que podem ser vistos como máquinas de memória capazes de registrar, transmitir e memorizar tudo. São insuperáveis, quando comparadas à

Enciclopédie, que não conseguia uma atualização instantânea como fazem atualmente as redes sociais.

No entanto, todos os suportes materiais fazem e sempre fizeram esse mesmo papel: armazenar, prolongar e reter a memória humana, pois, diante da necessidade constante de atualização, se percebeu, inevitavelmente, os limites da memória humana, incluindo os objetos. Por exemplo, a arte com sua capacidade de reter e comunicar.

A comunicação como processos constantes de atualizações, trocas e compartilhamentos teria a tarefa de provocar interpretações em seus múltiplos sentidos e, mais ainda, instituir diálogos.

Sobretudo, aludíamos a alguns pensadores como, por exemplo, Francis Bacon, ao fazerem colocações sobre o método científico e a necessidade de isenção de preconceitos, devendo-se travar uma luta constante contra a generalização apressada, típica da natureza humana.

Bacon propõe muito cuidado com estes estados na observação, atenção especial às ideias recebidas da educação, cuidados e precisão no uso da linguagem. Por fim, chama atenção para necessidade de se desenvolver experiências específicas para atender às interrogações científicas de pesquisa.

Quando se discute as teorias e os fatos que as acompanham, Popper nega qualquer lógica na descoberta científica. Pode-se valer de tudo: *insights*, intuição, imaginação e observações controladas.

Fazer uma leitura atenta da profusão de teorias e discussões metodológicas deverá ser atividade constante desta nossa pesquisa rumo ao entendimento e conhecimento das teorias da comunicação. Metodologicamente, existe uma relação estreita entre comunicação e cultura. Poderíamos dizer tratar-se de uma imbricação perceptível nas práticas e nas trocas, e inclusive nos conceitos.

Por isso mesmo é que Edward Hall estabelece uma grande tríade composta de estados de consciência relacionados diretamente aos conhecimentos e práticas formais, informais e técnicas que, por sua vez, se desdobram em efeitos que se ligam estreitamente a essas mesmas categorias, completando os vários sentidos nas relações humanas diretas como a própria essência da comunicação.

Dessa relação triádica, pensada como comunicação e cultura, é que se busca reunir as diferenças culturais e comunicacionais divididas em países e regiões com suas especificidades

como justificativas teóricas da comunicação, com todas as suas contradições observáveis no século atual.

Não se pode esquecer, por exemplo, do encontro frutífero da desconstrução de Derrida com a Hermenêutica. Lembramos ainda do tradutor italiano de *Verdade e Método*, Gianni Vattimo, que associou o pensamento de Gadamer a um niilismo feliz.

Acrescente-se o trabalho que R. Rorty faz com as ideias gadamerianas a estabelecer caminhos com vias diretas do pragmatismo norte-americano e a hermenêutica.

São discussões travadas no contexto da modernidade (pós) do século XX que poderão gerar frutos teóricos e metodológicos frente às relações de pensamento e reprodução do "real" inconstante, na atualidade, e de seus efeitos no Outro, centro de interesse da hermenêutica com as teorias do diálogo, da compreensão e da interpretação. É a relação do Eu com o Outro que na verdade é a essência da comunicação.

SÉTIMO PASSO

Bases e reconfigurações conceituais: a servidão voluntária nas teorias da comunicação na América latina.

A interpretação da nossa realidade a
partir de esquemas alheios só contribui
para tornar-nos cada vez mais

desconhecidos, cada vez menos livres,
cada vez mais solitários.
Gabriel García Márques

Introdução

Em sua etimologia, o conceito de *theoria* se transmutou do sentido religioso como procissão e cortejo para o contemplativo, pressupondo não somente uma especulação abstrata, mas uma sustentação a partir de elementos presentes em qualquer contexto histórico, cultural e geográfico. Processo fundamental para se entender hoje as práticas e usos de teorias que, em sua maioria, europeia e estadunidense, justificam o uso do conceito de servidão voluntária, diante das poucas tentativas de se fazer teorias no continente latino-americano. Objetiva-se nesta pesquisa buscar uma sustentação diversa da usual, por meio das ideias de Boétie para discutir a falta de teorias da comunicação na América Latina, analisando as configurações impostas pelos meios de comunicação a partir da observação de que os efeitos das culturas nas relações comunicacionais produzem fragmentações, esquecimentos, descasos, principalmente, quando se pensa nas imagens que refletem não o que somos, mas o que gostaríamos de vir a ser. Propõe-se analisar o uso das teorias da comunicação como processos que se transmutam com a mesma velocidade das tecnologias que nelas interferem para, não somente entender as estratégias de sobrevivência da comunicação constantemente interligada às culturas, mas também verificar no processo servil um aliar-se de si mesmo como um desejo de ser o outro. O resultado é aferido nas ideias levantadas por diferentes pesquisadores sobre os conceitos alienígenas usados, sem as devidas atualizações para o novo contexto geográfico e outros tantos necessários e não construídos, que em sua inexistência, impõe na comunicação e na cultura da América Latina, um modo de ver, pensar, ser e agir, mais dependente e menos livre.

A Comunicação como conceito ambíguo, complexo e por isso mesmo difícil, necessita constantemente ser atualizado, principalmente, por conta das questões culturais e históricas específicas relacionadas à América Latina. Isto porque as práticas comunicacionais não estão isoladas de todo um conjunto de outras práticas e processos, como aquelas de relações entre humanos que envolvem a produção, transmissão e recepção dos conteúdos de mensagens, incluindo, por exemplo, as novas tecnologias de comunicação. No entanto, essa ordem linear é

apenas uma maneira didática de nominar uma ordem que está na maioria das vezes em desordem o que faz crescer entropicamente sua complexidade.

Em uma longa introdução à reedição de seu livro "Ensaios sobre o conceito de Cultura" (2012), Bauman tenta atualizar não só o conceito, mas também suas ideias, amadurecidas nos últimos trinta anos, que, como ele diz, estão sob o impacto da obsolescência filha da instantânea mutação. Ademais, sugere-se que talvez seja este o estado inconstante do conceito que vive entre a velocidade e as reciclagens impostas pelas modas, como ele mesmo diz: "[...] ponderar o que o autor teria alterado no texto caso o estivesse escrevendo pela primeira vez (p. 7)". Devido aos acontecimentos dos últimos trinta anos, obviamente, o autor só agora parece ter se dado conta de todas as mudanças ocorridas, pensando, principalmente, na avalanche tecnológica. E menos ainda, o quanto as relações entre pessoas as pessoas e com o mundo mudaram.

Nosso objetivo neste ensaio é discutir questões relacionadas à comunicação na América Latina que não podem ser dissociadas de seus processos históricos, da produção de conteúdos simbólicos, dos sistemas culturais e sociais e dos meios de comunicação como instituições dedicadas *a priori* a esse fim. Neste conjunto de questões, faz-se necessário acrescentar o nosso propósito principal, que é o de analisar a falta de teorias em nosso contexto centradas na realidade ou mesmo de propostas teóricas que discutam a comunicação em nosso continente, juntamente com todos os problemas que vêm desde a colonização.

No entanto, acreditamos que não se pode dizer, de maneira generalizante, que todas as produções de bens imateriais têm uma relação imediata com os *media,* mesmo reconhecendo que são usados nas mais simples relações interpessoais. Isto implica reconhecer a restrição à ação dos meios artificiais de comunicação que de forma paradoxal - mesmo quando se pensa em sua veloz evolução - ainda é limitada, e que esta é uma realidade a ser pensada preferencialmente em longo prazo. Sabemos ser o desenvolvimento cultural e social refém de aparatos tecnológicos, muito embora haja o reconhecimento de que as culturas inventam mecanismos de sobrevivência. Estes seriam as estratégias legitimadas e empreendidas por grandes pesquisadores dedicados a esmiuçar as culturas ou mais especificamente dos antropólogos culturais preocupados com os ambientes construídos pelo homem e o quê este mesmo homem faz de si mesmo e com os outros.

Importa dizer que as relações humanas ainda definem o emprego e atualização de suas ações, seja como tradição, civilização ou conduta habitual. O homem contemporâneo enfrenta ao mesmo tempo o meio natural e o ambiente social para se proteger do esquecimento

e de alguma maneira continuar a manter viva a sua lembrança. Não é simplesmente por instinto de preservação. É das relações sociais que vem a justificativa de como um indivíduo absorve os acontecimentos do presente e ao mesmo tempo em que preserva a sua herança pessoal inalienável.

Nestes processos de troca, intercâmbio, ações e interações, é nosso propósito entender como a comunicação constrói novos comportamentos carregados de valores estranhos às experiências contemporâneas e também daquelas acumuladas historicamente, por meio de ações e interações mediadas de maneira alternada, ou mesmo não mediadas. Impõe-se para o homem um novo ambiente, a abrigar novos tipos de relações.

O tema da servidão voluntária de La Boétie, pensado no contexto das teorias da comunicação da América Latina, parece oferecer subsídios suficientes para uma análise do uso espontâneo de autores, como verdadeiros senhores, e práticas teóricas nem sempre condizentes com as nossas próprias práticas e vivências. É interessante repensar a história da colonização dos países da América Latina através de autores como Octavio Paz, Gabriel García Márques, Carlos Fuentes e Eduardo Galeano para ver na comunicação e ainda na inexistência de teorias como o processo de enraizamento continua a produzir resultados. Basta comparar o jornalismo que é feito em nossos dias como o exemplo de que somos o que produzimos.

A pergunta atualizada e contextualizada de La Boétie continua: É bom ou mal ter vários senhores? "[...] é a maior desgraça estar sujeito a um soberano de cuja bondade nunca pode ter certeza e que tem sempre o poder de ser mal quando quiser. E ter vários senhores é ser tantas outras vezes extremamente infeliz (LA BOÉTIE, 2009, p.31)".

No caso específico das teorias da comunicação, a relação de dependência, subserviência e servidão parecem mostrar as nossas vertigens diante dos senhores e justificar as repetições, faltas e usos.

RECONFIGURAÇÕES E SOBREPOSIÇÕES DOS CONCEITOS

No contexto tecnológico deste século, quando a comunicação ganha outras dimensões, resultando em produções mediadas, Ciro Marcondes Filho (2002, p.15-90), ao mostrar uma evolução e atualização do conceito de comunicação, retoma a filosofia da linguagem, para situar a comunicação e os processos cambiantes entre comunicações conscientes e inconscientes, não apenas como enigma, mas como algo impalpável que está sempre em crise e em estado de

guerras, diante das transformações impostas que mudam e interferem nos conceitos. São modelos parciais e enganosos, pois não dão conta de tudo que envolve a comunicação como processo. As oscilações, contradições e ambiguidades abrem caminho e sugerem respostas às práticas que vão muito além do comum ou do que se almeja comum. Este processo é construído socialmente com a participação efetiva e desequilibrada dos meios de comunicação de massa, como justifica Eagleton: "diversos modos de viver juntos", sem confundir os problemas sociais com cultura, sendo irrelevante a contribuição dada pelos teóricos culturais neste aspecto (2005, p. 183).

Tanto o conceito de comunicação como o conceito de cultura leva em conta uma vida em comunidade, uma relação do indivíduo em sociedade que atribui significados e dá sentidos subjetivos à sua conduta em relação à conduta dos outros. No entanto, o que mais importa para a construção do conceito são os processos. O simples fato de transmitir e compartilhar valores e crenças não significa comunicar. Do mesmo modo, construir representações do mundo e comunicá-las aos outros também não resolve todos os problemas do processo comunicacional. Na melhor das hipóteses, pode-se construir perigosamente uma sociedade sincronizada, não entrópica a custo da eleição de um pensamento único, como tem sugerido os fenômenos das redes sociais ou da própria televisão. Por outro lado, o caminhar solitário e os poucos recursos teóricos disponíveis não conseguem resolver a complexidade do processo comunicacional do continente Latino Americano. Em outro sentido, pode-se pensar na hipótese idealista da teoria das mediações de Jesús Martin-Barbero como um sistema social fechado, cujo destino seria a sua própria morte, insistirá em uma relação dos indivíduos com os meios de comunicação, sem qualquer pensamento dissonante, a rotular o próprio indivíduo como aquele que faz ações mediadoras com tudo. No entanto, a fragilidade da condição humana impõe a necessidade de relações de troca fora da esfera da razão ou de outro tipo de razão, caracterizado por Marcondes Filho como "coisas que não são visíveis e que comunicam". Por exemplo, o invisível não é um mero processo natural quando o seu sentir provoca a emoção ou sensação. A comunicação compreendida como ausência ou isolamento no mundo não significa ser visível, mas ser percebido. O indivíduo, por isso mesmo, se crê inserido em um grupo, uma causa, além do limite imposto pelo sistema ou pela própria sociedade, acreditando no rótulo do acesso às mensagens em quantidade.

É neste contexto que o conceito de comunicação deveria transitar entre comunicação e cultura mediada, provocando uma aproximação entre as duas frentes, tornando-as praticamente indissociáveis – comunicação e cultura numa estreita relação biunívoca. A ponto de podermos

dizer não ser possível a existência de uma cultura aos arrepios da comunicação, sendo esta a substância catalisadora nas relações entre humanos cuja resultante seria a primeira. A clássica frase de Gerbner em que conceitua a comunicação como "a interação social através da mensagem" comprova isso, deixando explícito que se trata de uma comunicação mediática com características próprias, e como deve ser analisada em seu contexto social (1972, p. 39). O "através" diz muita coisa: traduz representações, codificações e significações compartilhadas numa cultura em que as produções têm a finalidade de evocar significações e mais ainda, um distanciamento próprio dessa nova cultura.

Para Alfred Schutz, atuamos não somente no mundo, mas sobre o mundo para interpretá-lo, compreendê-lo, efetuar trocas (2008, p. 35). Este é o "mundo da vida" onde se dá a intersubjetividade, a interação que se produz nas relações entre pessoas.

Seriam os processos em que os indivíduos adquirem e armazenam experiências. São repertórios de situações que sugerem aos indivíduos realizar ações rotineiras e também reagir àquelas imprevistas. Estas reflexões presentes na obra de Schutz permitem aplicações no mundo da cultura e também em reconceituações para diferenciar os modos próprios dos países da América Latina de fazer comunicação.

Neste mundo, torna-se necessário observar as relações interpessoais indiretas e especialmente as anônimas em diversos graus: com o mundo dos nossos antepassados e com o mundo dos nossos sucessores, a sugerir uma união quântica e indissolúvel por superposição entre os conceitos de passado e presente e futuro.

A partir das ideias de Schutz, pode-se compreender que o mundo da cultura se caracteriza pelo conjunto do *habitus* e de condutas, estando presente em suas principais preocupações sobre as atividades humanas em sociedade. Os indivíduos repetem essas mesmas condutas e hábitos, seguindo uma receita de introjeção de resultados que são frutos de sua experiência.

A comunicação e a cultura estão em processo contínuo de transformação. O transformado se sobrepõe ao formado, ao "original". E é deste modo que as atividades humanas se caracterizam por simbolizar ideias a ações.

Há uma mistura de experiências com aquilo que recebemos através das impressões sensíveis, que gera conhecimento neste mundo transformado pela comunicação, entendido em sentido amplo, experiências que permitem ações, interações e troca e ainda consciência dessas transformações (KANT, 2007, p.36). Comparativamente, a comunicação pressupõe elaboração

e codificação consciente e intencionada de mensagens, em que, no modelo clássico, participam jogadores que compartilhem o mesmo código.

Na atualidade, os processos como elementos essenciais na construção e reconfiguração dos conceitos estão vinculados à produção e distribuição de conteúdos simbólicos pelos meios de comunicação. Por isso há novas formas de ação e interação no mundo social (THOMPSON, 1995, p. 286). O mais importante é que há rupturas entre os processos, modificando as práticas sociais como consequência, com predominância, inclusive de técnicas.

O aumento do fluxo de informação, que antes era de mão única, e que agora com as redes sociais se devolve concomitantemente, e supostamente em consonância à capacidade do receptor de intervir, influenciar ou mudar de posição, interfere com a mesma dinâmica na redefinição dos conceitos comunicacionais.

A comunicação, neste estágio característico de nossa atualidade, sofre os efeitos do instantâneo, com transformações momentâneas e contínuas, mais efêmeras e pouco duradouras. Deste modo, as características dos modos de comunicação de massa através dos meios técnicos tornam-se fluidas e se alteram, alterando também as ações e interações, reestruturando *ad aeternum* as relações sociais.

Observa-se que as interações se dinamizam, os agentes se modificam em função de suas ações, reações e respostas. Constitui-se um tipo de cultura fugaz ao sabor de modismos, como as rápidas mutações das formas das nuvens impelidas e ao sabor dos ventos.

Segundo Schutz o modo de vida, a cultura do cotidiano, não é o mundo privado, é o mundo "intersubjetivo, compartilhado com os semelhantes, experimentado e interpretado por outros" (2012, p. 179). Este é o mundo da comunicação, o mundo comum onde possivelmente pode haver comunhão, mas não necessariamente, pois o ser humana permanece intransponível, mesmo diante da necessidade de comunicar.

No entanto, esse mundo das realidades 'face a face', dinamicamente sofreu alterações, mais que isso, sofreu mutações. A realidade é a das trocas mediatizadas, em que o conhecimento do indivíduo se dá através da voz, texto e imagem, todas mediadas tecnicamente. É nesse processo em que o corpo não é o corpo, mas a sensação com sentidos do corpo. É a contínua percepção visual acoplada às outras formas de apreensões sensoriais. É o sentido da presença. São outras construções físicas, psicológicas, visuais e mentais que compõem agora a cultura.

Desse modo, o relacionar com o outro não necessita do ambiente para ter sentido de comunidade e de cultura. É puramente a compreensão mútua que motiva atividades. É desse ambiente "comunicativo compartilhado" de Schutz que surge a cultura como um agora

fenomênico: “As pessoas que participam desse ambiente comunicativo são dadas umas às outras, não como objetos, mas como contrassujeitos, como consócios (participantes de uma mesma comunidade), em uma comunidade societária de pessoas” (p. 181).

As relações interativas pensadas por Schutz seriam ou não verdadeiras construções comunicacionais? Trata-se de uma comunicação composta de relações intersubjetivas em que o semelhante ocupa um valor presença onde se dá as trocas de experiências e o encontro de mundos. Para ele, cada pessoa é um mundo e é do encontro desses vários mundos que aparecem formas diferentes de comunidades e de culturas.

Neste contexto teórico é que as ambiguidades dos conceitos podem ser justificadas. A comunicação adquire significado a partir do encontro com o outro, do compreender ou tentar compreender o outro. É o diálogo no sentido gadameriano referente a alguém que se abre para outro, se entrega ao outro de maneira fluida e livremente. É o modo de ultrapassar a estreiteza de nossos próprios preconceitos (GADAMER, 2005). Neste sentido, o conceito de diálogo tem o mesmo sentido de troca e compartilhamento e adquire uma dimensão infinita. São mundos que se encontram em horizontes do supostamente “real”.

As ambiguidades nessas relações são muitas e dependentes também da compreensão dos signos/sinais que estão sendo utilizados. Neste aspecto, sabemos dos problemas que envolvem as dimensões sígnicas como espelhos das dimensões comunicacionais.

A comunicação e interação ganham importância e aproximação nestes processos de compreensão subjetiva, objetiva e intersubjetiva. É difícil perceber as nuanças em todo o processo. Do mesmo modo, torna-se inseparável à comunicação do entendimento. Os debates são intermináveis a esse respeito e as confusões se multiplicam ainda mais quando resgatamos o longo trabalho de autores como Gadamer que buscam referência na tradição.

Por exemplo, Bauman (2012) citando Lévi-Strauss define as mudanças incorporadas e atualizadas pela comunicação como uma série infindável de permutas. Dispensa-se a análise de sentido etnológico das relações em que há permutas. E seria redundante e dispensável analisar também o sentido etimológico. Em todo caso, permanece o sentido clássico de fundo como troca, intercâmbio e suas variantes conceituais.

De todo modo, as ideias de Schutz formam um arcabouço teórico em que os processos de permuta, empréstimos e sobreposições se misturam e não se diferenciam dos comunicacionais. São justificados tendo como base a teoria fenomenológica de Husserl, aproximando a processos sígnicos do visual, verbal, oral, gestual, culminando com a da

comunicação entre consciências presentes nas relações indiretas que premonitoriamente serviria ao jogo dos *media* e ainda à reconceituação (p. 236-240).

Nesta mesma direção, acompanhando um discurso sincronizado com a atualidade, Thompson (1995) desenvolve em suas teorias conceitos amplos de cultura, de ideologia para discutir a cultura como transmissão, em substituição aos processos amplos, sutis e subjetivos a trocas.

Obviamente que o conceito de transmissão envolve uma revisão histórica do desenvolvimento dos meios de comunicação como indústrias, sem esquecer, por exemplo, da escrita impressa e da notícia como comércio e antes ainda as relações de troca corpo a corpo/face a face até chegar à contemporaneidade com as trocas culturais mercantis.

O conceito de comunicação mediada de Thompson, de certa forma, prepara uma base argumentativa e teórica para o que se discute hoje como cultura dos *media* ou dos meios, considerando esses mesmos meios de comunicação como característica essencial de comunicação moderna. Portanto, mudam-se os processos de troca, de transmissão que culminaram com a circulação generalizada de bens simbólicos, impondo ou forjando uma nova cultura.

Nestas mudanças, carece serem encontrados e propostos novos procedimentos para se lidar com o racional, com o emocional e o afetivo, no sentido metodológico e teórico. A ideia é configurar as intersecções e detectar ou provocar rupturas. Rupturas que focalizem a comunicação em processo contínuo de trocas e saneamentos de faltas e preenchimento de lacunas.

Trata-se de reescrever os processos contemporâneos, utilizando o método descritivo bachelardiano (2004) como forma, para atingir o conhecimento despretensioso, com a intenção de apenas aproximar, assumindo a dificuldade nas ciências humanas de se lidar com o absoluto.

Deste modo, invisivelmente, convivemos com o novo e a tradição juntos, estabelecendo pontes e a cultura viva faz forjadamente as relações interculturais (GADAMER, 2005). Os produtos circulam com a velocidade do tempo tocada ao máximo, ao simultâneo. A fragmentação torna-se o paradoxo ou mesmo uma “desconstrução” involuntária. A fragilidade dos conceitos que envolvem o reconfigurar da comunicação se faz visível. É a mesma fragilidade humana. Não há como mascará-la. O modelo cognitivo cartesiano certamente dará lugar a modelos forjados pelo homem “multiforma, instável e desestabilizante, caprichoso e cheio de surpresas” (BAUMAN, 2012, p. 13).

Portanto, comunicação não significa mais regularidade e padrão, como queriam os primeiros pesquisadores do século XX. Há que se pensar sobre os rompimentos, as repetições e as reproduções imprevisíveis nos quinze anos desta nova era comunicacional.

Muitos veem este estágio como um impulso negativo. Os conceitos são vistos como um conjunto de conceituações e reconfigurações a partir da base tecnológica. Fala-se em inúmeras mediações: mediações físicas – 'face a face', mediações mentais e de culturas mediadas por *hardwares*. Processos, interações e comunicações mediadas simbolicamente, mas que permitem incontáveis práticas.

Assim, há que se construir uma metodologia que dê conta dos conceitos de continuidade e descontinuidade, isolados ou conjuntamente. Paralelamente o mesmo deveria acontecer com as teorias, sem esquecer as origens do conceito de teoria que inicialmente tem valor de contemplação, ligando os elementos às experimentações, práxis e ao conhecimento.

PERORAÇÕES: SÍNTESES CIRCUNSTANCIAIS

O nosso propósito neste trabalho foi o de mostrar que vivemos uma crise de conceitos e consequentemente uma crise nas teorias. Esta crise transforma-se em dilema quando nos deparamos com o problema do conhecimento e sua aplicabilidade nesta contínua e perpétua construção. Mais ainda na América Latina sentimos vertigens diante de necessidades de se pensar nossa "realidade" centrada nela mesma, em nosso passado, em nossa trágica história de países dominados e colonizados que ainda sofrem os feitos e efeitos de uma oligarquia perpetuada nos meios de comunicação que continua a defender as mesmas ideias e os mesmos ideais dos colonizadores de antes e dos novos.

Quando falamos crise de conceitos, nos referimos aos conceitos comunicação e de suas imbricações. A comunicação, embora parecesse consolidada como conceito, principalmente pelos pesquisadores no século passado e na atualidade pelas práticas comunicacionais, carece também de reconceituação constante. Mudaram os modos de fazer, de apreender, de trocar, compartilhar, mudaram-se consequentemente as pessoas diante das avalanches tecnológicas e imposições mercantis.

Os trabalhos revistos e reavaliados dos grandes teóricos mostram aspectos importantes dessa vertigem existencial dos pesquisadores em relação à construção de conhecimentos. Tudo requer base filosófica, principalmente as teorias. Basta citar uma simples frase de Freud para que se possa avaliar a complexidade: "[...] Eu com o mundo em torno" (2010, p. 19). Em termos

gerais existe o problema da comunicação que tenta explicar a relação entre as pessoas e coisas e entre objetos do mundo: o Eu e o outro, o Eu e os outros, os Eus e os outros. “Nosso sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente” [...] (*ibidem*). São desdobramentos circunstanciais, pois do mesmo modo que o mundo é inconstante o “ser” também é instável no tempo e no espaço.

O sentimento de apropriação ou de demarcação de fronteiras do campo da comunicação nos impede de ver as aproximações e relações entre os vários mundos: o mundo da vida, o mundo da cultura e o mundo da comunicação, por exemplo. O mais interessante é o paradoxo segundo Freud: O Eu se desliga do mundo externo ou abarca tudo. Há o problema da verdade absoluta que, em uma área em processo, não consegue lidar por variar à mercê de suas flutuações. Como diria Prigogine (2001), o nosso tempo é o tempo das flutuações.

Paradoxalmente, no caso específico da comunicação, ainda não há consenso sobre o conceito de comunicação muito embora nos seja impossível dela prescindir visto que atados todos somos uns aos outros por liames e vínculos no mais das vezes invisíveis e imunes do sentir. Presos na teia das redes.

As flutuações e o não equilíbrio surgem para negar o determinismo e insistir na criatividade. A trajetória da comunicação como processos se multiplica em ramos em que tudo é possível. As comunidades, sinônimo de produtos comunicacionais, são criadas em sucessão, traduzindo o estado inconstante do próprio mundo.

Há a ideia do múltiplo: múltiplos sujeitos, múltiplos universos, múltiplas sociedades e cabe a nós ligar as coisas, fazer as relações. O caminho é longo e o campo da área está em construção, sem delimitação de fronteiras; será mesmo possível delimitá-las? Todos podem participar dele, e dele participam de uma ou outra forma, inda que não queiram já que o contexto histórico nos proíbe o isolamento.

É essa fragmentação que tudo multiplica que poderá ou não levar ao nada? Ao vazio?

ORELHA
RAQUEL PAIVA

Este trabalho de Osvando de Morais tem a virtude, entre outras, de chamar a atenção para a importância da obra (lida e debatida no círculo filosófico, porém um tanto esquecida nas atuais referências comunicacionais) do filósofo alemão Hans Georg Gadamer, discípulo de Heidegger e mestre do ainda muito ativo pensador italiano Gianni Vattimo. Gadamer, sabe-se, teve existência longeva (viveu 102 anos), desfrutou de grande reconhecimento acadêmico na Europa, mas a sua divulgação mais extensa se deve à ação de Vattimo, responsável pela tradução da parte mais notória de sua obra.

Neste livro, Osvando reivindica a as ideias gadamerianas de interpretação e compreensão no pressuposto de que "a comunicação, em sua dinâmica, pode ser compreendida também como questão filosófica, dado que os eventos e as ações, como matrizes centrais no processo comunicacional, seriam imperceptíveis por sua condição subjacente nas relações sociais, combinando aspectos culturais, temporais e subjetivos".

Caracterizando o seu trabalho como "de pesquisador para pesquisadores", ele sugere que se repense a comunicação como um complexo de "linguagens autogeradoras de sentidos indeterminados, sígnicas e imprevisíveis". Para isso, seria preciso inscrevê-la mais profundamente no campo da filosofia e dar especial atenção às suas criações originais no espaço latino-americano.

4ª capa
Maria Érica de Oliveira Lima

Professora Associada do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFC

Fluxos culturais e conexões midiáticas ou comunicação e filosofia é uma das competências mais herméticas do nosso campo e poucos sabem, realmente, com mestria, fazer um liame das duas ciências.

Há tempos precisamos de um livro que de maneira particular buscasse reviver reflexões à luz das teorias da comunicação e da filosofia – neste caso, o destaque para Hans-Georg Gadamer – cujos capítulos propelem mais que olhares ou pressuposições. Estamos diante de importante desassossego do autor que se transforma em nupérrimos textos, e Graduações e Pós-

graduações precisam perceber. Com formação desde às Letras, passando pela Literatura, na Faculdade de Filosofia da USP, doutorado em Comunicação e pós doutorado em Teorias da Comunicação e Hermenêutica, o nosso escritor e pensador, Osvando Morais, vem preencher um vácuo que poucos percorrem. Compartilhar saberes é uma grande generosidade. Obrigada por sua obra e por lembrar que necessitamos dessa matriz.

Referências gerais

ASSUNTO, Rosario (org). *L´estetica de Immanuel Kant*. Torino/Itália: Soc. Ed. Subalpina, 1971.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. Ofício de Sociólogo-metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DROYSEN, Johann Gustav. Manual de Teoria da História. Petrópolis, RJ, Vozes, 2009.

FERNANDES, Florestan. Fundamentos Empíricos da Explicação Sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. Porto Alegre, RS. L&PM, 2010.

GOODE, William J.; HATT, Paul K. Métodos em Pesquisa Social. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

GRONDIN, Jean. Hermenêutica. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HALL, Edward T. e HALL, Mildred Reed. *Understanding Cultural Differences – Germans, French and Americans*. Yarmouth, Maine/USA: Intercultural Press, 1990.

HALL, Edward T. A dimensão oculta. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HALL, Edward T. *Le langage silencieux*. França: Éditions du Seuil, 1984.

JAKOBSON, Roman. *Saggi di Linguistica Generale*. Milano, Feltrinelli, 1996.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo, Cultrix, 1995.

JOHNSON, Steven. Emergência – a dinâmica de rede ou formigas, cérebros, cidade e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KRISTEVA, Julia. História da Linguagem. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2003.

MOLES, Abraham A. Sociodinâmica da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NANCY, J.-L. *La comunità Inoperosa*. Nápoles: Cronopio, 1992.

NANCY, J.-L. *Un pensiero finito*. Milão: Marcos y Marcos, 1992.

PEARCE, B.W. *Comunicazione e Condizione Umana*. Milão: Franco Angeli, 1993.

PETRI, C.A. "*Comunication Disciplines*". In: P. SHAW (Ed), *Computing System Design*. Newcastle Upon Tune, University of Newcastle upon Tyne, p. 131-169, 1976.

PETRI, C.A. *Modeling as a Comunication Discipline*. In: H. Beilner, F. Gelenbe (org). *Measuring, Modeling and Evaluating Computer Systens*. Noth Roland: Amsterdã, 1977.

POSTMAN, Neil. Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia. São Paulo: Nobel, 1994.

POSTMAN, Neil. *Technopoly*: *The Surrender of Culture to Technology*. Nova Iorque: Vintage Books, 1992.

RICOEUR, Paul. *Etica y Cultura*. Buenos Aires/Argentina. Editorial DOCENCIA, 1994.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOUER, Paul. Interpretação e Ideologias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

RICOUER, Paul. Teoria da Interpretação. Lisboa, Edições 70, 2000.

RICOUER, Paul. O Si-mesmo como outro. Campinas/SP: Papirus Editora, 1991.

SANSONETTI, Giuliano. *Il pensiero di Gadamer*. Brescia, Itália: Morcelliana, 1988.

SARTRE, Jean-Paul. Esboço para uma teoria das emoções. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

SAUTU, Ruth; BONIOLO, Paula; DALLE, Pablo; ELBERT, Rodolfo. Manual de Metodología. Buenos Aires, Argentina. CLACSO, 2005.

SCHLEIRMACHER, Friedrich D. E. Hermenêutica-Arte e técnica da interpretação. Petrópolis-RJ, Vozes; São Paulo, Editora Universitária São Francisco, 2012.

SHANNON, C.E. *A Mathematical Theory of Communication*. The Bell System Technical Journal. Julho/Outubro, 1948, Vol. 27.

SHANNON, C.E. e WEAVER, W. *The Mathematical Theory of Communication*. URBANA: University of Illinois Press, 1949.

SODRÉ, Muniz. A Verdade Seduzida: por um conceito de cultura no Brasil. Rio de Janeiro, CODECRI, 1983.

SODRÉ, Muniz. A Máquina de Narciso. São Paulo, Cortez, 1992.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho. Petrópolis, Vozes, 2001.

SODRÈ, Muniz. Reinventando a Cultura. Petrópolis, Vozes, 2001

WEBER, Max. Metodologia das Ciências Sociais (2v). São Paulo: Cortez; campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

WINKIN, Yves. A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo. Campinas/SP: Papirus Editora, 1998.

Referências específicas:

Bibliografia de GADAMER

GADAMER, Hans-Georg. *La actualidad de lo bello*. Barcelona, Espanha: PAIDÓS, 1991.

GADAMER, Hans-Georg. Elogio da Teoria. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. A Ideia do Bem entre Platão e Aristóteles. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. Quem sou eu, quem és tu? Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. Hermenêutica em Retrospectiva (5V) – Heidegger em retrospectiva (vI); A virada hermenêutica (vII); Hermenêutica e a filosofia prática (vIII); A posição da filosofia na sociedade (vIV); Encontros filosóficos (vV). Petrópolis, RJ: Vozes, 2007/2008.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método (2v) – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica (vI). 7ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária S.Francisco, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Métodos (2v) – Complementos e Índice (vII). Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: 2ª edição. Editora Universitária São Francisco, 2002.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Método* (2v). VOLUME I, 12ª edición. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y Método* (2v); VOLUME II, 8ª edición. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme S.A.U., 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *VERITÀ e METODO* (2v). Volume I, 15ª edizione. Milano, Itália: STUDI BOMPIANI, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *VERITÀ e METODO* (2v). Volume II, 2ª edizione. Milano, Itália: STUDI BOMPIANI, 2010.

GADAMER, Hans-Georg; VOGLER, P. (orgs). NOVA ANTROPOLOGIA (7v). VI – Antropologia Biológica – I; vII Antropologia Biológica II; vIII – Antropologia Social; vIV – Antropologia Cultural; vV – Antropologia Psicológica; vVI – Antropologia Filosófica-I; vVII – Antropologia Filosófica – II. São Paulo: EPU/EDUSP, 1977.